

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES.
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Círculos Operários no Ceará: “Instruindo, educando,
orientando, moralizando”.**

(1915-1963)

Jovelina Silva Santos.

**Fortaleza
Novembro de 2004.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES.
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Círculos Operários no Ceará: “Instruindo, educando,
orientando, moralizando”.**

(1915-1963)

Jovelina Silva Santos.

Dissertação apresentada como exigência parcial
para a obtenção do grau de mestre em História
à Comissão Julgadora da Universidade Federal
do Ceará, sob a orientação da Prof^a. Dr^a.
Adelaide Maria Gonçalves Pereira.

Fortaleza
Novembro de 2004.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES.
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Círculos Operários no Ceará: “Instruindo, educando,
orientando, moralizando”.**

(1915-1963)

Jovelina Silva Santos

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo orientador e banca examinadora composta pelos seguintes membros:

**Fortaleza
Novembro de 2004.**

FICHA CATALOGRÁFICA

S 233c	Santos, Jovelina Silva
educando,	Círculos Operários no Ceará: “instruindo, orientando, moralizando” (1915 – 1963) / Jovelina Silva
Silva	Santos. – Fortaleza, 2004. 267 p.
	Dissertação Mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará. Orientadora: Prof ^a . Dr ^a . Adelaide Maria Gonçalves Pereira.
Adelaide	1. Círculos Operários – Ceará – 1915 – 1963 2. Igreja e sociedade – Ceará I. Gonçalves, II. Universidade Federal do Ceará. Mestrado em História Social. III. Título

A todos e todas que, posicionando-se ante as lutas e os projetos sociais em confronto, enfrentam as dores do tempo presente, desafiando a indiferença e o comodismo.

Agradecimentos

O trabalho que resultou neste estudo recebeu generosas contribuições. Ao longo de sua elaboração, contraí dívidas de gratidão com muitas pessoas, que prodigamente ofereceram-me sugestões, subsídios, ajuda e apoio. Neste momento em especial, perfilam na memória os gestos solidários, a acolhida animadora. E então percebe-se que jamais estamos a sós, embora em alguns momentos, em decorrência das adversidades, duvidemos.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Adelaide Gonçalves, por ser a pessoa extraordinária que para mim revelou-se. Refiro-me não apenas à orientação profissional, mas especialmente por manter a coerência entre teoria e prática.

Aos professores da Pós-Graduação pelas necessárias sugestões e reflexões. Aos colegas mestrandos, aos préstimos atenciosos de Regina Jucá, Secretária da Pós-Graduação. Ao Prof. Dr. Eurípedes Funes, pela contribuição relevante na etapa final desse percurso.

A João Mafaldo e Lúcia Helena, pela generosidade, ao acompanharem de perto este trabalho, demonstrando extremada solicitude e, especial, por terem se transformado em “mecenas” dos peregrinos.

Aos companheiros, por compreenderem a ausência em momentos importantes da caminhada. À colegas de trabalho do Ginásio Diocesano Padre Anchieta, pela solidariedade e apoio.

Reconhecidamente, agradeço a minha família, pelo estímulo constante e pela colaboração valiosa. Em particular, manifesto minha gratidão a Jônatas e João Carlos e Ronaldo Jr. por terem sido tão indulgentes e pelo carinhoso incentivo. A Rogaciano e Aurélia, que cuidaram com dedicação abnegada das fotografias e revisão, respectivamente.

Manifesto meus agradecimentos ao apoio institucional da Funcap, pela concessão da bolsa de pesquisa.

Resumo

O estudo aborda os Círculos Operários no Ceará, no período que compreende a fundação do Círculo de Operários e Trabalhadores Cristãos de Fortaleza em 1915 e o I Congresso Regional Norte e Nordeste dos Círculos Operários no ano de 1963. Na primeira parte, analiso a organização circulista enquanto projeto político-teológico e como instrumento da Igreja Católica para sua inserção no mundo do trabalho. Faz ainda um breve diálogo com a historiografia circulista, observando os enfoques dessa produção e os matizes da experiência circulista em diferentes espaços. Na segunda parte analiso a organização circulista no Ceará, buscando entender os vínculos estabelecidos com os sindicatos e outras organizações. Na terceira parte, o enfoque é para o projeto pedagógico dos círculos operários compreendido na dimensão de um trabalho voltado para a instrução e doutrinação dos trabalhadores cearenses em seus espaços diversos. A quarta parte, debruça-se sobre a imprensa circulista cearense como instrumento informativo e formativo, observando a função doutrinária desta imprensa.

Palavras-chave: círculos operários – catolicismo social – imprensa circulista

Abstract

The study accosts the Circle of Workmen in Ceará in the period that comprehends the foundation of the Circle of Christian Workman and Labourers of Fortaleza in 1915 and he First Regional Congress North and Northeast of the Workmen's Circle in the year of 1963. The 1st part analyses the circle's organization as a theological-politic project and as an instrument of the Catholic Church for her insertion in the world of work. It still makes a brief dialogue with the historiography of the circles in different spaces. The second part analyses the circle's organization in Ceará, seeking to understand the estabilized relation with the syndicates and other organization. In the third part the focus is for education project of the workmen's Circle comprehended in the dimension of a job turned toward the instruction and doctriation of the cearense workers in their diverse spaces. The fourth part visualizes over the cearense circles press like an informative and formative instrument, observing doctriary function of this press.

Key –words: circle of Workmen – social Catholicism – circles press

SUMÁRIO

Lista de Siglas e Abreviaturas	08
Lista de Figuras	10
Introdução.....	11
Primeira Parte – A Questão Social e a posição da Sé Católica	17
1 – O Projeto político-teológico dos Círculos Operários.....	19
2 – Reorganização da Igreja no Brasil.....	27
3 – O Circulismo no Brasil: um diálogo historiográfico	38
Segunda Parte – O circulismo no Ceará	59
1 – Circulismo cearense: progênie e credenciamento de um projeto	67
2 – Atuação circulista no meio rural: rumo à sindicalização	87
3 – Circulismo e Sindicalismo no Ceará	99
Terceira Parte – O Projeto Pedagógico dos Círculos Operários	124
1 – A Formação Circulista: “ <i>instruindo, educando, orientando,</i> <i>moralizando</i>	137
2 – Festas, campanhas e celebrações	151
3 – As reuniões e os passeios circulistas: unir e confraternizar	156
4 – As Páscoas coletivas	160
5 – Ritos de consagração ao circulismo	165
6 – O Primeiro de maio circulista.....	170
Quarta Parte – A Imprensa circulista como centro aglutinador.....	188
1 – Missão do circulismo : unir e congregar	200
2 – O combate ao “inimigo vermelho”	206
Considerações finais	231
Fontes	
Arquivos.....	240
Jornais	241
Documentos	242
Bibliografia	245
Anexos	251

Lista de siglas e abreviaturas

AC – Ação Católica
ACB – Ação Católica Brasileira
ADCE – Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas
AP – Ação Popular
BNB – Banco do Nordeste do Brasil
CE – Ceará
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNCO – Confederação Nacional dos Círculos Operários
CNOOC – Confederação Nacional dos Operários Católicos.
CNTI – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria
COI- Circulo Operário de Ijuí
DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
DRT – Delegacia Regional do Trabalho
ELIRUR – Escola de Líderes Rurais
ELO – Escola de Líderes Operários
FALTAC – Federação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará
FCOC – Federação dos Círculos Operários do Ceará
FNT – Frente Nacional do Trabalho
HAC – Homens da Ação Católica
JAFC – Juventude Agrária Feminina Católica
JEC – Juventude Estudantil Católica
JECF – Juventude Estudantil Católica Feminina
JFC – Juventude Feminina Católica
JIC – Juventude Independente Católica
JICF – Juventude Independente Católica Feminina
JMC – Juventude Masculina Católica
JOC – Juventude Operária Católica
JOFC – Juventude Operária Católica Feminina
JUC – Juventude Universitária Católica
JUCF – Juventude Universitária Católica Feminina
LAGF – Liga Agrária Católica Feminina
LCT – Legião Cearense do Trabalho
LEC – Liga Eleitoral Católica
LFAC – Liga Feminina da Ação Católica
LICF – Liga Independente Católica Feminina
LOCF – Liga Operária Católica Feminina
LUC – Liga Universitária Católica
LUCF – Liga Universitária Católica Feminina
MEB – Movimento de Educação de Base
MOS – Movimento de Orientação Sindical
MSD – Movimento Sindical Democrático
MTIC – Ministério do Trabalho Indústria e Comércio
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PSD – Partido Social Democrático
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
RDETRAL – Resistência Democrática de Trabalhadores Livres
RVC – Rede de Viação Cearense
SAPS – Serviço de Alimentação da Previdência Social

SESI – Serviço Social da Indústria

SUDENE – Superintendência Desenvolvimento do Nordeste

TU – Trabalhador Unido

UDN – União Democrática Nacional

UMC – União da Mocidade Católica

Lista de Figuras

Figura 1 – Padre Guilherme Waessen.....	63A
Figura 2 – Padre Leopoldo Brentano.....	63A
Figura 3 – Diretoria da Federação dos Círculos Operários do Ceará.....	63A
Figura 4 – Charge satirizando Kruschev.....	63A
Figura 5 – Primeira página do jornal <i>A Fortaleza</i>	173A
Figura 6 – Concentração operária circulista – Primeiro de Maio de 1959.....	227A
Figura 7 – Concentração circulista saudando a “ <i>Mater et Magistra</i> ”.....	227A
Figura 8 – Desfile circulista em Fortaleza.....	227A

Introdução

Este estudo aborda as organizações circulistas no Ceará, no período compreendido entre 1915 e 1963. O marco inicial – 1915 – justifica-se pelo fato de ter sido fundado neste ano o primeiro círculo operário cearense, o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos, no município de Fortaleza. Já o segundo recorte – 1963 – demarca uma inflexão na trajetória dos círculos operários cearenses, processo que culminou com o I Encontro Regional Norte e Nordeste, ocorrido em Fortaleza no segundo semestre de 1963.

O conclave define oficialmente as estratégias do movimento circulista no campo social. Devido à ação do Partido Comunista, investindo na organização sindical, as diretrizes traçadas por ocasião do encontro, reafirmam a premente necessidade de fundar sindicatos orientados pelos circulistas, sejam nos centros urbanos ou nas áreas rurais.

A pesquisa tenciona, sobretudo, alargar a visão sobre a história operária cearense, na medida em que visibiliza a experiência circulista, praticamente ignorada pela História Social do Trabalho neste Estado.

Apreende que o circulismo foi uma proposta da Igreja Católica num momento em que esta busca ofensivamente incorporar vários segmentos sociais na constituição da neocristandade, caracterizando-o essencialmente como um projeto político e teológico.¹ Contudo, considero importante assinalar que as ações circulistas ganharam contornos próprios, desafiando, em alguns aspectos, os planos traçados pela hierarquia católica.

A concepção da Igreja Católica, como aparelho ideológico do Estado, empobrece a compreensão da natureza complexa e multifacetada de sua obra. Em contrapartida, observar os círculos operários apenas como instrumentos passivos dos propósitos da Ação Católica, pode nos dizer pouco sobre suas trajetórias, mudanças e permanências.

¹ A definição de projeto teológico-político para conceituar a ação da Igreja Católica, foi inaugurada por Roberto Romano em seu trabalho, **Brasil: Igreja contra Estado (uma crítica ao populismo católico)**. São Paulo: Kairós, 1979. Posteriormente Jessie Jane (2002) também a adota. Esse conceito será igualmente assumido nesta pesquisa sobre o circulismo cearense, por compreender que os projetos desenvolvidos pela Igreja Católica tinham fins no campo do transcendente, e que ao serem circunscritos exclusivamente à esfera política, se obscurece elementos importantes que dão significado a sua essência.

O circulismo em sua fase expansionista, na década de 1930, atuava com maior vigor no eixo sul/sudeste, onde a presença do operário fabril era bastante significativa, concorrendo para que as estratégias montadas, visando o disciplinamento dos trabalhadores, focalizassem mais intensamente essas regiões.

Não obstante, atenta às especificidades da experiência circulista no Ceará, ressalto que não há qualquer intenção de ajustar a experiência local àquelas que se desenvolveram nestes centros, tomando-os como referência. Também não se trata de dissociá-la dos processos globais em que estava inserida, pois, certamente, ela perderia muito de seus significados. Neste aspecto, atentamos para as reflexões de Sílvia Petersen, quando observa que:

Tal perspectiva foi particularmente empobrecedora da história local; os trabalhos regionais ficaram muito condicionados por modelos externos. Encontramos trabalhos que pretendiam escrever a história dos trabalhadores em nível regional, mas após breves considerações teóricas limitavam-se praticamente a descobrir no estudo local os “equivalentes” à história dos trabalhadores em São Paulo.

.....

Por outro lado, em vários aspectos, parece não ser possível conceber a história operária como uma “história regional”, pois há processos e acontecimentos que, circunscritos à dimensão regional, não conseguem receber significados pelos pesquisadores.²

Foi seguindo alguns dos muitos caminhos trilhados pelos circulistas cearenses, sem necessariamente condicioná-los às experiências externas, mas também não perdendo de vista sua articulação em âmbito nacional, que procurei indicar algumas de suas nuances e de como suas ações estavam conectadas em um projeto mais global.

Pesquisar a organização circulista cearense significa abrir caminhos na busca de descobrir outra forma de associativismo entre os trabalhadores que permaneceu silenciosa ou à sombra da Ação Católica neste Estado. E essa lacuna na historiografia operária cearense é, sob alguns aspectos, desconfortante, tendo em vista que o Ceará, além de pioneiro na criação dos

Círculos Operários, registrando em meados da década de 1950 o maior número de entidades circulistas, agregou em suas fileiras dezenas de milhares de trabalhadores, o que significativamente aponta para a existência de um movimento de largas proporções.

No levantamento e análise da produção que versa sobre temáticas afins, encontro apenas esparsas referências aos Círculos Operários. Abre-se um parêntese para a pesquisa de Agenor Júnior³ que, ao estudar a ação da Igreja Católica junto aos trabalhadores urbanos de Sobral – Ceará, focaliza em um dos capítulos, a organização circulista naquele Município.

A ausência de pesquisas tratando dessa temática na historiografia cearense, e ainda, o interesse em observar as abordagens sobre o circulismo, impeliram-me ao estudo e análise de algumas das pesquisas sobre o tema, localizadas em outras regiões. A contribuição destas pesquisas para a compreensão do movimento é vultosa. Contudo, apresento apreciações sobre vieses que acompanham essa historiografia, entendendo que alguns destes comprometem severamente sua história.

Quem eram e como se organizaram os circulistas no Ceará? De que maneira a Igreja Católica interviu em sua organização? Que propósitos orientavam suas práticas? Que mudanças ocorreram em sua trajetória histórica, quando a hierarquia católica decidiu unificar as organizações circulistas em todo o país, estatuindo uma rígida hierarquia? Como se deu a disputa com os socialistas, libertários e comunistas pela organização dos trabalhadores? Que nuances apresentou o circulismo cearense e que interconexões estabeleceu com o movimento em âmbito nacional? Como projeto político e teológico que propostas implementaram?

Buscando respostas para estas indagações, empreendi este trabalho de pesquisa, acompanhando as nuances do movimento que congregou em seu período áureo, um grande contingente de trabalhadores cearenses, nas áreas rurais e urbanas. Os matizes do circulismo cearense manifestam-se não

² PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Cruzando Fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: ARAÚJO, Ângela M.C. (org.) **Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira**. São Paulo: Scritta, 1997. pp. 85-103.

³ JÚNIOR, Agenor Soares e Silva. **“A cidade disciplinada”: a Igreja Católica e os trabalhadores urbanos em Sobral – Ceará (1920-1925)**. Recife, 2002. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco.

apenas em relação à organização em outras regiões do país, mas, também, entre as próprias unidades circulistas neste Estado. Para confirmar a assertiva, apresento de início um exemplo que atesta uma das especificidades do circulismo cearense. A Confederação Nacional dos Círculos Operários havia determinado em relação à estruturação hierárquica dos círculos, que em cada município ou capital seria organizado apenas uma unidade circulista composta de zonas e núcleos, se necessário. Os Círculos se filiariam à Federação, no Estado, e esta por sua vez à Confederação. Essa orientação não é acatada pelo circulismo cearense, um vez que, em Fortaleza, foram registrados nos primeiros anos de 1950, dezoito Círculos Operários, fugindo ao enquadramento proposto pela CNOC. Não encontrei indicações que em outra capital ou município verificou-se tal fato.⁴

Sobre a pesquisa documental, asseguro que não foi sem surpresa que encontrei farto e variado material. Cabe informar que trata-se principalmente, de fontes oficiais do circulismo: documentos eclesiais (cartas episcopais e outros), documentos das próprias organizações circulistas, tais como: estatutos, cartilha, hinos, panfletos, atas, boletins, relatórios e fotografias. Ressalto que dentre eles o jornal do circulismo cearense - *A Fortaleza* - apresenta-se como um forte suporte documental para a pesquisa. Para os anos posteriores a 1950, foi basicamente através d'*A Fortaleza* que pude acompanhar a trajetória dos Círculos Operários, o trabalho de doutrinação dos trabalhadores, a divulgação das práticas circulistas e os desdobramentos dessas atividades. Consultei também outro órgão de imprensa, de orientação católica que, fundamentalmente, visava enaltecer a ação circulista.⁵

Encontro ainda em um jornal operário de orientação anarquista, os embates entre circulistas e socialistas libertários, onde pude observar outra visão sobre os Círculos Operários.⁶

Quatro partes compõem essa dissertação. Em a questão social e a posição da Sé Católica, trabalho com três questões, a saber: procuro, inicialmente, apresentar de maneira panorâmica algumas questões acerca das

⁴ **A Fortaleza**, ano I, nº 20, 27/01/51.

⁵ Trata-se do jornal **O Nordeste**, fundado em 1922, sob os auspícios da Arquidiocese de Fortaleza.

mudanças ocorridas nos projetos da Sé Católica, em relação ao ultramontanismo e as novas diretrizes sobre a questão social, as ressonâncias que se fizeram sentir na Igreja Católica brasileira como desdobramentos das diretrizes romanizadoras e de cunho doutrinário; os Círculos Operários enquanto projeto político-teológico e por último, busco empreender um diálogo com a produção historiográfica sobre os Círculos Operários.

A segunda parte enfoca a organização dos Círculos Operários no Ceará, abordando o processo de estruturação, sua trajetória histórica, e as especificidades do circulismo cearense. Ainda neste capítulo, discuto a atuação circulista no meio rural e a proposta de fomentar a sindicalização dos trabalhadores, elaborando um programa de formação para as lideranças sindicais.

A terceira parte procura analisar o projeto político-pedagógico dos Círculos Operários assentado nos valores cristãos propugnados nas encíclicas papais. Assinalo como relevante neste projeto, não apenas o programa de educação formal oferecido pelas escolas circulistas, mas um conjunto de atividades voltadas para a instrução e formação dos trabalhadores situadas em diferentes momentos da vivência circulista.

A última parte focaliza a imprensa circulista cearense em sua função arregimentadora e de orientação doutrinária. O jornal *A Fortaleza*, órgão da Federação dos Círculos Operários no Ceará, foi nesta perspectiva, o documento que forneceu suporte para a análise dos projetos do movimento no Ceará. Outro aspecto que se insere de forma contundente na discussão apresentada neste capítulo é o ferrenho combate ao comunismo, sustentado pelas organizações circulistas.

É necessário levantar preliminarmente algumas questões sobre o jornal *A Fortaleza*, uma vez que esta fonte foi largamente pesquisada na realização desse estudo. Trata-se de um documento oficial do circulismo cearense, que embora apresente-se como um jornal a serviço da classe operária, expressava inequivocamente os interesses do laicato católico e o projeto de recristianização da sociedade proposto pela Igreja. Outro aspecto

⁶ **VOZ DO GRÁFICO** (Órgão da Associação Gráfica do Ceará). Edição fac-similar. In: GONÇALVES, Adelaide e SILVA, Jorge E. (orgs.). **A IMPRENSA LIBERTÁRIA NO CEARÁ (1908-1922)**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

não menos relevante é o caráter doutrinário desta folha. Pouco ocupada em denunciar a situação dos trabalhadores e bastante diligente em promover a sua disciplina, *A Fortaleza*, pugnou pela conciliação entre as classes, amortecendo os conflitos que vinham à tona cotidianamente.

Foi o órgão que implacavelmente combateu o comunismo, apresentando-o como principal adversário dos trabalhadores cristãos. Nessa perspectiva sua face conservadora é visível em todas as páginas do semanário. Sua ação doutrinária revela o conteúdo de um projeto político-teológico formulado pela Igreja Católica, como instrumento de controle e disciplina com o fim de organizar os trabalhadores nos moldes traçados pelas encíclicas sociais.

As fontes primárias consultadas, mostraram não somente a complexidade do movimento circulista no Ceará como indicaram a existência de um rico e potencial material que pode ser investigado em novas pesquisas sobre o circulismo e outras temáticas vinculadas ao fazer da classe trabalhadora cearense.

Esse universo multifacetado da classe operária pode ser visto por ângulos diversos a partir do variado material que se dispõe. Leituras várias e novas interpretações da experiência dos trabalhadores cearenses, sejam eles circulistas ou sindicalistas, anarquistas, ou comunistas, são possibilidades que se apresentam como contribuição relevante à História Social do Trabalho no Ceará.

De maneira geral, esse estudo busca apresentar uma forma de associativismo entre os trabalhadores e operários cearenses, cujas raízes se encontram na década de 1910. Foi indubitavelmente um projeto formulado pelo clero cearense no intuito de agregar os trabalhadores sob a bandeira do cristianismo, e neste se desvela não apenas o projeto católico, mas as disputas no meio operário por grupos de diferentes orientações ideológicas.

Primeira Parte – A Questão Social e a posição da Sé Católica.

Nesta primeira parte, apresento a posição assumida pela Igreja Católica frente aos problemas oriundos das novas relações no mundo trabalho. O circulismo é aqui entendido como uma das propostas de intervenção da Igreja Católica neste campo, concebendo a questão social como uma enfermidade que desordenava as relações de trabalho e punha em perigo a ordem social. Era necessário a construção de um projeto que pudesse refrear os ímpetus de uma massa que achava-se despossuída, estatuindo mecanismos para sua disciplina e meios adequados ao seu controle. A proposta circulista alimentava-se nos valores cristãos de harmonia e justiça social acentuados na encíclica *Rerum Novarum*, cujas matrizes teológicas apontavam para a premente exigência de pensar a problemática social à luz da doutrina cristã, definindo a propriedade como elemento constituinte do bem comum.

Início com um recuo no tempo, acompanhando alguns dos caminhos trilhados pela Igreja Católica, especificamente a partir da década de 90 do século XIX, quando essa instituição busca respostas e alternativa para os problemas postos pela modernidade, especificamente àqueles resultantes das relações de trabalho inauguradas com a industrialização.

Dentre os desafios que se impõem ao Catolicismo nesta conjuntura estão o combate ao liberalismo e ao socialismo. A questão operária é vista como filha desses projetos em disputa pela organização da sociedade. A Igreja Católica empenha-se na construção de propostas que façam frente aos problemas do mundo moderno e os Círculos Operários apresentavam um potencial canalizador das perspectivas da Igreja em seu propósito de ordenamento social. As classes trabalhadoras o experienciaram como instrumento que lhes permitia mover-se na busca de soluções para os problemas relacionados à sobrevivência e como possibilidade de construção de um novo modelo de sociedade, ancorado numa lógica transcendental.

A matriz norteadora desse projeto, vamos encontrá-la inicialmente, na Encíclica *Rerum Novarum*, entendida como a síntese dos mais diversos programas do Catolicismo Social e das experiências em andamento, fundamentada nestas idéias à época.

Jackson Lima, intelectual católico, articulista d'*O Trabalho*⁷, em artigo tratando do *problema operário moderno e sua solução*⁸, afirma que a ação social da Igreja junto ao operariado, em diversos países europeus, teve início antes do Papa Leão XIII, embora - reclama o articulista - pouca atenção tenha sido dada a esse fato. Certamente, houve registros de várias experiências católicas que ofereciam ao operariado assistência material e espiritual, no intuito de atenuar a situação de extrema penúria em que viviam, resultado do estabelecimento das novas relações de trabalho no mundo fabril. No entanto, essas experiências ocorriam se encontravam isoladas, sem que houvesse uma orientação programática da Santa Sé no sentido de coordená-las e articulá-las. Porém durante o pontificado de Leão XIII, a Igreja Católica resolve encarar decisivamente a modernidade, propondo soluções para os “males” dela oriundos.

Leão XIII havia, através de outras encíclicas⁹, abordado questões correlatas àquelas já discutidas pela *Rerum Novarum*. Esta encíclica publicada em 15 de maio de 1891, tratando da condição operária, é composta de 85 pontos que vão desde a crítica e negação do socialismo, a defesa da propriedade, restauração dos costumes, e até uma acanhada reivindicação da intervenção do Estado na questão social. O Papa conclui, exortando que:

Façam os governantes uso da autoridade protetora das leis e das instituições; lembrem-se os ricos e os patrões dos seus deveres; tratem os operários, cuja sorte está em jogo, dos seus interesses pelas vias legítimas; e, visto que só a

⁷ . *O Trabalho* era o jornal do movimento circulista rio-grandense, mais precisamente da Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul (FCORS). Muitos de seus artigos foram incorporados ao Manual do Círculo Operário, organizado e publicado pela Confederação Nacional dos Operários Católicos.

⁸ **Manual do Círculo Operário**. CNOOC, Petrópolis: Vozes, 1939.

⁹ As encíclicas do pontificado de Leão XIII, que antecederam a *Rerum Novarum* e trataram de problemas que aludem à necessidade de interferência da Igreja para restituir a ordem social e a moral cristã nas instituições sociais são: Encíclica *Sapientiae Christianae* (1890), que advertia os cristãos de seus deveres como cidadãos; Encíclica *Quod Apóstolici Muneris* (1878), uma severa objeção aos princípios do socialismo; Encíclica *Libertas* (1888), ataque aos princípios que defendiam a liberdade humana.

religião, como dissemos a princípio, é capaz de arrancar o mal pela raiz, lembrem-se todos de que a primeira coisa a fazer é a restauração dos costumes cristãos, sem os quais os meios mais eficazes sugeridos pela prudência humana serão pouco aptos para produzir salutareos resultados.¹⁰

As preocupações do Pontífice do clero e dos leigos católicos, com a situação do operariado em face dos conflitos com os patrões, giravam em torno da inserção das proposições socialistas no meio operário, pondo em perigo a ordem social estabelecida, ameaçando a propriedade privada, defendida pela Igreja como direito natural, contra o qual não poderia atentar o indivíduo ou o Estado.

Embora combatesse a concepção do liberalismo em relação à função do Estado e houvesse elaborado críticas à ganância desenfreada em busca do lucro, também como resultado do liberalismo econômico, o alvo da Igreja e portanto, das determinações da *Rerum Novarum* era o socialismo ateu. Urgia combatê-lo, negar veementemente os fundamentos de suas propostas, visto que este ao buscar alternativas ao problema social, estava semeando maiores males:

(...) semelhante teoria, longe de ser capaz de pôr termo ao conflito, prejudicaria o operário se fosse posta em prática. Outrossim, é sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a subversão completa do edifício social.¹¹

1 – O Projeto político-teológico dos Círculos Operários

Na primeira parte deste capítulo, revisitando os preceitos da *Rerum Novarum*, enfatizo aqueles em que o Sumo Pontífice examina a problemática social e aponta para a urgência da restauração dos costumes cristãos como “*único remédio capaz de sanar os males sociais*”, restabelecendo a ordem e a harmonia social.

¹⁰ LEÃO XIII- **Encíclica Rerum Novarum - Sobre a condição dos operários.** In: Documentos Pontifícios Sobre Questões Sociais. Câmara dos Deputados, Brasília, 1967,p.294.

¹¹ Id. Ibid. p. 11.

Para compreender a experiência circulista no Ceará, adoto a concepção de projeto político-teológico formulada inicialmente em Roberto Romano¹² e posteriormente em Jessie Jane, para designar a ação da Igreja Católica, partilhando a idéia de que:

Esse projeto não pode ser apreendido na política imediata, mas sim na tradição teológica da Igreja, que se move no tempo com sentido de permanência e que incorpora à sua tradição doutrinária os novos desafios impostos pelo temporal.¹³

Ainda nessa perspectiva, entendo que o estudo sobre os Círculos Operários, estritamente como ação política, poderia perder a compreensão de aspectos de sua organização, pois que este modelo de associativismo é parte integrante do “projeto político-teológico” da Igreja Católica.

Os Círculos Operários devem, portanto, ser apreendidos também, em sua dimensão cultural, sem que sejam negligenciadas as disputas políticas na organização do operariado, nas quais os Círculos Operários foram instrumentalizados pela Igreja Católica para, principalmente, servir como anteparo às infiltrações das idéias e propostas socialistas em um sentido, e noutro, tomando o caso brasileiro como exemplo, como canal de interlocução entre a Igreja e o Estado, especialmente, mas não exclusivamente, no pós-30, durante o governo de Getúlio Vargas.

Numa análise sobre Igreja e Estado no Brasil, Oscar Beozzo indica que no início do Estado Novo, os Círculos Operários tinham em torno de trinta mil filiados e este número sobe para trezentos mil durante a ditadura Vargas. Estes indicadores oferecem importantes pistas da articulação entre o poder temporal e espiritual na elaboração de estratégias de controle dos trabalhadores. Indica, outrossim, os níveis de relações entre as duas instituições durante o Estado Novo, tendo nos Círculos Operários a base desta interconexão de interesses. Para Beozzo, ao dissolver os sindicatos ligados ao Ministério do Trabalho e liquidar as lideranças operárias mais importantes, o governo *“se apóia nos Círculos Operários Católicos, que vão ser a presença oficiosa do governo e da*

¹² ROMANO, Roberto. Brasil: **Igreja contra Estado (uma crítica ao populismo católico)**. São Paulo: Kairós, 1979.

¹³ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do**

Igreja no seio da classe operária.¹⁴ A estreita colaboração entre Estado e Igreja, com o propósito de exercer o domínio e a disciplina sobre os trabalhadores, manifestava-se via Círculos Operários, pois que através destes “*se repassam comida, roupa, assistência aos operários. Tudo que o Estado destina aos operários vai pelos Círculos Operários Católicos*”¹⁵

É no contexto das agitações sociais que tem como epicentro as classes subalternas que se estabelece o novo pacto entre Igreja Católica e Estado no Brasil. Envolta com os problemas do mundo moderno, a Igreja vai enfrentá-los ocupando-se tanto das questões de natureza material, quanto as de ordem espiritual, como explicita Leão XIII:

Nem se pense que a Igreja se deixa absorver de tal modo pelo cuidado das almas, que põe de parte o que se relaciona com a vida terrestre e mortal. (...) além disso, provê também diretamente à felicidade das classes deserdadas, pela fundação e sustentação de instituições que ela julga próprias para aliviar a sua miséria; e, mesmo neste gênero de benefícios, ela tem sobressaído de tal modo, que os seus próprios inimigos não feito o seu elogio.¹⁶

No entanto, o olhar da Igreja para os problemas do tempo presente está sempre ancorado nas tradições cristãs do passado. A respeito das atitudes assumidas pelos chefes da Igreja, Jessie Jane afirma que:

Os direitos e deveres de seus ministérios são-lhes fixados pela crença de que além e acima do mundo das sensações paira a existência divina, e que cabe ao sucessor de Pedro representar essa ordem sobrenatural no domínio do terreno, a fim de conciliar o dogma religioso com as idéias modernas e, ao mesmo tempo, extinguir os antagonismos.¹⁷

O caráter transcendental da Igreja Católica, a obrigação de defender sua estrutura organizacional e os encargos com o trabalho salvacionista,

trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

¹⁴ BEOZZO, Pe. Oscar. **Igreja e Estado no Brasil.** In: FLEURI, Matias Reinaldo (org.). Movimento Popular, Política e Religião. Edições Loyola, São Paulo, 1985. (pp. 41-63

¹⁵ Idem, ibidem.

¹⁶ LEÃO XIII, **Encíclica Rerum Novarum - Sobre as condições dos operários.** In: Documentos Pontifícios. Câmara dos Deputados, Brasília, 1967, p.24.

¹⁷ SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.

passíveis de atitudes ambíguas, transparece de forma inequívoca nas posições do papado. Na opinião de Scott Mainwaring:

A tendência de proteger interesses organizacionais tem sido e continuará sendo, dessa forma, um elemento chave no envolvimento da Igreja Católica na política. (...) O compromisso tradicional da Igreja com a salvação universal (em oposição à salvação de poucos eleitos) é fundamental em sua tentativa de incluir em si todas as classes sociais e indivíduos de credos políticos extremamente diversos. (...) A Igreja sempre marginalizou os movimentos que ameacem a sua capacidade de atrair pessoas de diferentes classes e de grande variedade de crenças religiosa e políticas.¹⁸

Vários são os pesquisadores do circulismo que analisaram a *Rerum Novarum* para compreender a posição da Igreja frente ao liberalismo e ao comunismo e as alternativas a esses modelos, considerados como ameaças aos princípios cristãos, seja pela adoção do individualismo ou coletivismo presentes em suas doutrinas.

Na análise de Portelli, a Igreja vive um “conflito triangular” tendo que paralelamente opor-se ao liberalismo e ao socialismo. Segundo o autor, embora mantivesse a proposta de autonomia frente às duas correntes, neste contexto, estrategicamente:

(...) a Igreja poderá permitir alianças momentâneas entre católicos e liberais no terreno político, para combater os socialistas (na Bélgica, na Itália depois da supressão do “non- expedit”) ou entre sindicalistas cristãos e não-cristãos para melhor enfrentar o patronato liberal no terreno social.¹⁹

¹⁸ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916 - 1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989. Neste estudo sobre a Igreja Católica e sua relação com a política, parte do pressuposto que, em trabalhos desta natureza é imprescindível que não se perca de vista o caráter institucional da Igreja. O autor partilha de muitas das análises institucionais, diferindo destas quando “...substima os conflitos entre as diferentes concepções dos objetivos institucionais, ou seja, os diferentes modelos de Igreja.” Neste aspecto Mainwaring enfocar os diferentes objetivos dos diversos modelos, reveladores dos conflitos políticos dentro da Instituição. Partindo da análise acima, pode-se encontrar num dado momento de sua história um projeto que privilegia a aproximação com a elite e num outro momento com as camadas populares, dependendo do modelo e dos objetivos a serem alcançados.

¹⁹ PORTELLI, Hugues. **Os socialismos no discurso social católico**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

Ainda sobre a posição da Igreja relacionada ao liberalismo na análise de Jessie Jane sobre o conceito de bem comum tratado pela Igreja, tendo o indivíduo como centro de sua atenção, a autora observa que esta concepção aproxima-se do liberalismo e considera compreensível a abordagem da Igreja tomando como fundamento o fato de que esta recusa o socialismo por razões várias e dentre estas, no tocante a defesa da propriedade como direito natural.

Alguns estudos concebem a *Rerum Novarum* como a tardia investida da Igreja no mundo do trabalho. Portelli faz referência ao “atraso” da Igreja no combate ao socialismo, sendo todavia esta corrente social e política cuja “*presença ameaçadora*” instiga o conflito, que obriga a Igreja a redefinir suas posições nos aspectos políticos e doutrinários. Contrários a esse pensamento estão intelectuais católicos e outros estudiosos do catolicismo social.²⁰

Jessie Jane após profunda análise da *Rerum Novarum*, trabalho de referência para os estudiosos da temática, ao comparar esta encíclica com a *Quadragesimo Anno* do papa Pio XI, conclui que:

Pio XI buscava não somente analisar criticamente a situação, como fez Leão XIII com a *Rerum Novarum*, mas também mostrar a necessidade de restauração da ordem social, propondo ao mesmo tempo, a reforma das estruturas e mudanças nos costumes a fim de que tal processo se pudesse tornar realidade.²¹

Certamente o contexto da *Quadragesimo Anno* propiciou uma defesa mais contundente por parte de Pio XI no tocante a intervenção do Estado. Contudo, na *Rerum Novarum* há uma explícita orientação de ações práticas no sentido de combater a corrupção dos costumes, aliviar as tensões entre

²⁰ LIMA, Jackson. (Valério Alberton) em artigo intitulado “*O problema operário Moderno e sua solução*”, publicado no **Manual do Círculo Operário**, adverte que: “Muitos julgam, erradamente, que, para tratar dessa grave questão, a Igreja só despertou com Leão XIII, quando assustado pelos clamores revolucionários do socialismo.” Prossegue enumerando uma série de ações desenvolvidas em países europeus e nos Estados Unidos, onde o clero associado ao laicato funda associações de defesa dos interesses operários com fundamento nos princípios cristãos. Também corroborando essa idéia Langlois (Apud, Jessie Jane, 2002) em seu trabalho sobre a Doutrina social da Igreja recua ainda mais no tempo para afirmar a preocupação da Igreja com a questão social. A confirmação de tal assertiva reside no fato de que “... o que, na América Latina, é chamado de opção preferencial pelos pobres já estava contido no magistério do século XVIII no que diz respeito aos índios do Continente, por meio do papa Bento XIV.” (Jessie Jane, 2002, p. 97)

²¹ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

operários e patrões com o fim de restabelecer a ordem social. Concebo que mesmo timidamente, a *Rerum Novarum* vai além da crítica quando propõe a intervenção do Estado na questão social. Numa análise comparativa entre as duas encíclicas, Damião Farias considera que:

(...) Aqui notam-se mudanças significativas entre uma e outra encíclica. Na *Rerum Novarum* verificamos uma solicitação da intervenção do Estado, notadamente na questão do trabalho; porém seria ainda uma intervenção tímida, fruto das influências dos primeiros ataques sofridos pelo liberalismo clássico.

.....

Já na encíclica *Quadragesimo Anno* ocorre uma mudança significativa no papel atribuído ao Estado: um papel mais ativo, a tudo ordenando e controlando, uma proposta organicista e corporativa que abre brechas para a concepção fascista²².

Leão XIII tratando na *Rerum Novarum* da “Força das Instituições Cristãs” não faz outra coisa senão reafirmar a importância de sua revitalização como remédio eficaz que, atuando primeiro através da educação e instrução, molda o caráter, as convicções e os desejos com fundamento na doutrina cristã e conseqüentemente “...esforça-se por penetrar nas almas e por obter das vontades que se deixem conduzir e governar pela regra dos preceitos divinos.”²³

O Sumo Pontífice reforça a necessidade de regenerar a sociedade pelo retorno aos princípios cristãos. Como a questão operária e os conflitos sociais são um dos pontos centrais da *Rerum Novarum*, o Papa propõe a “*fundação e sustentação de instituições que ela julga próprias para aliviar a sua miséria*”. Para confirmar a relevância dessa proposta, Leão XIII volta-se para o passado lembrando o papel destas instituições no cuidado com os “deserdados da

²² FARIAS, Damião Duque de. **Em defesa da ordem: aspectos e práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998. Neste trabalho, o autor dedica o capítulo terceiro ao estudo dos Círculos Operários em São Paulo. Dentre outros objetivos busca compreender a doutrina social católica analisando as encíclicas acima mencionadas como fundamental para a consecução do projeto católico. O estudo então dá ênfase ao contexto da publicação de cada uma delas e parte para uma análise comparativa entre uma e outra considerando cinco temas essenciais: “...a defesa da propriedade privada, o papel do Estado, a questão do socialismo, o princípio da colaboração de classes, o papel da Igreja na sociedade moderna e a organização do operariado”

²³ LEÃO XIII, **Encíclica Rerum Novarum – Sobre as condições dos operários**. In: Documentos Pontifícios. Câmara dos Deputados, Brasília, 1967, p.23.

fortuna”, enaltecendo a caridade como um de seus princípios instituidores e virtude primordial.

Já no final da Encíclica, ao tratar da colaboração entre patrões e operários, saúda as medievais corporações de ofício, mas compreende que a nova era requer uma reformulação deste modelo associacionista. Defende, com base nesta compreensão, a formação de associações operárias ou mistas, constituindo-se de patrões e operários. As proposições do Papa não se resumem à indicação dos modelos de associação e tratam também dos meios de organização e da adoção de um programa de ação.

Nos últimos pontos da *Rerum Novarum*, é evidente a matriz das inúmeras associações de inspiração católica, dentre estas os Círculos Operários. Nesses pontos, o documento discorre sobre a existência de grupos de intelectuais católicos, que preocupados com a questão social, reúnem-se para discutir e elaborar propostas a serem implementadas no terreno prático. Discute também a participação de outros colaboradores que são responsáveis pela organização das corporações e onde “...*Os bispos, por seu lado, animam esses esforços e os colocam sob a sua proteção: por sua autoridade e sob os seus auspícios, membros do clero tanto secular como regular se dedicam, em grande número, aos interesses espirituais das corporações.*”²⁴ Ainda sobre a fundação dessas associações, Leão XIII frisa com veemência que a finalidade destas “...*consiste no maior aumento possível dos bens do corpo, do espírito e da fortuna.*”

Insisto na idéia de que a *Rerum Novarum* esboçou um projeto prático de intervenção na questão social, indo além da crítica aos problemas sociais. Reconheço as proposições desta encíclica espelhadas nos Círculos Operários. Os registros das primeiras experiências de organização católica operária, se encontram na Alemanha, em 1846, sob a coordenação do Pe. Kolping.²⁵ Na França, os “Círculos Operários” se organizam em 1871, como aplicação prática da Escola Social Francesa, que tinha La Tour du Pin e Albert de Mun como expoentes. As iniciais experiências “circulistas”, antecedem a *Rerum Novarum* em quase meio século. É necessário contudo, esclarecer que ao propor a

²⁴ Idem, p.27

²⁵ Sobre o assunto ver Jackson Lima: *O problema operário moderno e sua solução*. In: **Manual do Circulo Operário**, CNOC, Rio de Janeiro, Vozes, 1939.

relação entre essas experiências e as proposições da *Rerum Novarum* tomo como fundamento o fato de que :

Essa encíclica é, portanto, resultado de múltiplas iniciativas e controvérsias que, em geral, desenvolveram-se fora de Roma, com a participação fundamental do laicato. Representa também a síntese da aspiração e formulação nascidas no seio da própria instituição, que, dessa forma, buscava em si mesma o vigor doutrinário e a necessária autoridade para impor uma verdade que a consagrava como centro irradiador das verdades reveladas.²⁶

Retomo outra uma vez as análises de Jessie Jane sobre o movimento católico italiano, o catolicismo social na França e Alemanha e outros países europeus, dos quais a *Rerum Novarum* é tributária, para reforçar a idéia da encíclica como síntese dos diversos projetos católicos que, em busca de solução para a questão social, “...*terminaram por forjar uma circularidade cultural importante, realizada por intermédio das diversas publicações e dos contatos entre eles, que ocorriam principalmente em Roma, onde fora constituído um grupo de estudos sociais apoiado pelo papa Leão XIII*”²⁷

Quanto ao movimento católico italiano, é imperioso que façamos aqui uma menção especial a esse grupo, com destaque para a figura de Giuseppe Toniolo cuja fórmula “ *O trabalho cada vez mais dominante; A natureza cada vez mais dominada; O capital cada vez mais proporcionado*” foi instituída como um dos seis princípios da organização circulista no Brasil. Jessie Jane afirma que esse movimento

(...) que cresceu durante o pontificado de Leão XIII e que há pouco foi redescoberto pelos historiadores, não se impôs por causa da influência dos principais dirigentes da *opera*, opositores da idéia de que a democracia política fosse fundamental para que as reformas sociais se efetivassem.²⁸

Os intelectuais da Ação Católica no Brasil fundamentam a opção pela fórmula de Toniolo como um dos princípios basilares do circulismo afirmando

²⁶ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

²⁷ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. op. cit., p. 79-80.

²⁸ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. Op. cit., p.77.

que: “...Adotamos esta fórmula do grande sociólogo italiano... porque encerra, em poucas palavras, a solução cristã do problema social”²⁹.

Não obstante, o fato das experiências “circulistas”, em seus primórdios, florescerem de forma isolada, sem que houvesse ocorrido à época qualquer manifestação da Santa Sé em apoio a este ou qualquer outro modelo associacionista para o operariado, e ainda sofrendo o repúdio daqueles que as consideraram reacionárias, elas sobreviveram nos programas doutrinários e foram implementadas, no caso do Brasil, inicialmente na década de 1910 do século XIX³⁰. A *Rerum Novarum* como documento pontifício será de vital importância para o seu fortalecimento, bem como para a formação e expansão de outras organizações católicas que iriam atuar nas diversas esferas da sociedade.

Podemos, conforme disse anteriormente, reivindicar a organização dos Círculos Operários como inspiração e realização prática da *Rerum Novarum*. De outro ângulo, é possível cogitar que essas experiências tenham de alguma forma inspirado esta Encíclica no tocante às propostas de Leão XIII para a organização operária.

2 - Reorganização da Igreja Católica no Brasil.

O objetivo dessa discussão é evidenciar como as mudanças ocorridas na Igreja Católica no âmbito universal, com sede no Vaticano, impactaram a Igreja Católica no Brasil. Indo além, pode-se observar como as alterações provocadas com o rompimento entre a Igreja e o Estado no Brasil, forçam a reorganização do catolicismo brasileiro em novos moldes.

Na época em que Leão XIII publica a *Rerum Novarum*, a Igreja Católica brasileira vivencia o impacto de um processo de rupturas iniciado com a chamada Questão Religiosa em 1874 e concluído com a instituição da República em 1889.

²⁹ **Manual do Círculo Operário**. CNOG. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939.

³⁰ O Círculo Operário de Fortaleza foi fundado em 1915, no arquiépiscopado de D. Manuel da Silva Gomes.

A instauração do conflito ocorreu durante o pontificado de Pio IX “...considerado o mais famoso porta-voz do ultramontanismo porque exigiu a centralização da Igreja em questão de doutrina e de governo eclesiástico”³¹

Faz-se necessário contextualizar a Igreja Católica brasileira no momento em que a Santa Sé se pronuncia a respeito do mundo moderno, especialmente no tocante às questões do mundo do trabalho. Seguramente, não há qualquer intento em descrever e analisar os problemas entre a Igreja e o Estado ou mesmo as questões de natureza eclesiástica. Conquanto há aquelas em que as exigências deste trabalho colocam como relevantes e nos obrigam à abordá-las para melhor entendimento da proposta. Neste aspecto, encontro referências especialmente nas obras de Thomas Bruneau e Scott Mainwaring³² como trabalhos relevantes neste campo. Mainwaring, apóia-se na idéia de que é importante analisar os conflitos entre os modelos de Igreja, pois que:

A defesa dos projetos de Igreja inclui objetivos tão potencialmente contraditórios como o de encorajar um alto grau de atendimento, combater o comunismo, lutar em prol da justiça social e promover um relacionamento de proximidade com a elite.³³

Para muitos membros do clero, a exclusão da Igreja do domínio público, devido a instauração do regime republicano, havia causado o desnorteamento de seu trabalho pastoral vinculado durante quatrocentos anos ao poder estatal. Essa opinião não era unânime. Na Carta Pastoral de 1890, os bispos reconheciam o saldo negativo do regime de Padroado que havia fragilizado a Igreja no Brasil. O padre Júlio Maria considerado precursor do

³¹ BRUNEAU, Thomas. **O catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

³² BRUNEAU Op. cit. Neste trabalho o autor elabora uma profunda análise da Igreja Brasileira em suas múltiplas relações internas e externas. Abrangendo um largo período, constitui um trabalho de envergadura, que se propõe a investigar a natureza, dimensão e profundidade das mudanças vivenciadas pela Igreja no período em abordagem. Scott Mainwaring também se debruça sobre as mudanças ocorridas na Igreja brasileira. Na periodização(1916-1985) que inicia com a chamada Igreja da neocristandade indo até a construção da Igreja Popular. Pretende compreender as mudanças na Igreja no Brasil considerando as transformações ocorridas na Igreja Internacional e as experienciadas pela sociedade e projetos políticos no Brasil. O trabalho está também centrado na análise de quatro modelos “do que deveria ser a Igreja”. São eles: a neocristandade, modernizadora, reformista e popular.

³³ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

projeto de reforma social no catolicismo brasileiro e que “*assume no Brasil uma posição de vanguarda, de aceitação do mundo moderno, de integração social, de participação efetiva no processo político-social*”³⁴ é um dos primeiros a manifestar sua posição favorável ao divórcio entre Igreja e Estado. Afirma que “*Quaisquer que sejam os erros da República, é certo que ela deu à Igreja a liberdade*”³⁵

Sem sombra de dúvidas, a Igreja enfrenta um duplo desafio: alinhar-se às diretrizes ultramontanas e, paralelamente, promover a reestruturação interna da instituição que, livre das amarras do Estado, encontrava extrema dificuldade para mover-se sem este aparato. Num outro discurso de Júlio Maria, evidenciam-se as dificuldades vivenciadas pelo clero nesse momento, não somente em consequência da ruptura com o Estado, mas também pela incapacidade deste em adaptar-se aos novos tempos:

Que falta aos católicos brasileiros? , pergunta ele. A resolução para o combate. E acrescenta: Este é o dever que grande parte do clero não compreendeu ainda no Brasil, onde, no regime da liberdade, em vez de pugna valorosa, que poderia ser travada para dar a Igreja brasileira o lugar que lhe cabe em nosso movimento social, não vemos infelizmente senão uma devoção mórbida, sem virilidade cristã, uma piedade assustadiça, que se espanta de todos os movimentos do século e foge covardemente desanimada de tantos combates, em que os interesses do catolicismo, para triunfar, dependem apenas que desfraldemos com ardor religioso e intrepidez cívica o estandarte de nossa fé.³⁶

Como crítico severo do catolicismo de seu tempo, Júlio Maria percebeu a apostasia do clero, a distância da Igreja dos desafios do mundo moderno e a urgência de uma proposta que a aproximasse da sociedade civil, especialmente do povo. Ele reivindica uma Igreja autônoma frente ao poder temporal mas, comprometida política e socialmente para pesar “na balança da opinião” no que diz respeito à direção dos rumos da nação.

Apresento outros argumentos do Pe. Júlio Maria por considerar que foi um dos pioneiros no lançamento da doutrina social católica no Brasil,

³⁴ VILLAÇA, Antônio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1975.

³⁵ VILLAÇA, Antônio Carlos, op. cit., p. 74.

³⁶ VILLAÇA, Antônio Carlos, op. cit., p.75.

fundamentada na *Rerum Novarum* e na democracia cristã. Seus argumentos representam um apelo ao clero para que renuncie a posição de indiferença e assuma o compromisso com o novo tempo. São a semente da Ação Católica lançada no início dos últimos anos do século XIX e que irá florescer ainda nas duas primeiras décadas do século seguinte, para agigantar-se no pós-30, numa conjuntura diferenciada.

Júlio Maria expressa na *Gazeta de Notícias* (16 de março de 1898) os temores e as perspectivas de uma Igreja em processo de renovação. Conclama o clero a abdicar dos privilégios com que eram agraciados no governo imperial, alerta os governos e o parlamento que atentem para a “*questão social, que é a questão por excelência porque afeta os interesses fundamentais do homem, da sociedade,...*”.³⁷ Júlio Maria exige que a Igreja Católica, assuma o compromisso com os pobres, com os proletários, como Igreja do povo. Todavia, ressalva que os poderosos e ricos também têm lugar nesta Igreja, conquanto estejam imbuídos do espírito de misericórdia e aceitem a sujeição do despotismo do capital aos princípios da justiça, da equidade. Não propõe aos ricos ações meramente caritativas, “*mas a justiça, a que tem direito o trabalho, dignificar o trabalhador, cristianizar a oficina...*”.³⁸ Dissonando dos discursos da época diante do rompimento entre o trono e o altar, apresenta a aliança entre a Igreja e o povo. Eleva sua voz em defesa desse novo projeto cujo pacto deveria ser estabelecido com o povo, afirmando ser imperioso “*...(...) proclamar bem alto a dignidade do operário na cidade de Deus, que Jesus Cristo fundou na Terra, não com as castas, as aristocracias, as burguesias ou as dinastias, mas com o povo e para o povo.*”³⁹

Enquanto católico, Júlio Maria centrou-se no combate ao beatismo, ao confinamento do clero à sacristia, vislumbrando que “*uma missão nova é imposta ao clero, o qual não é um instrumento de reino ou um apoio dinástico, mas uma força social*”. Sua atitude reivindicava uma reação católica frente aos problemas de ordem temporal e espiritual. Essa reação seria efetivada de forma programática e incisiva anos depois, porém suas pertinentes

³⁷ Apud. VILLAÇA, Antônio Carlos, op. cit., p. 72-73

³⁸ Idem.

³⁹ Idem, ibidem.

argumentações ressoaram em dois importantes documentos do episcopado brasileiro nos anos de 1915 e 1916.

A Carta Pastoral Coletiva de 1915 e a Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme em 1916, são, na opinião de autores que estudaram a Igreja Católica no Brasil,⁴⁰ relevantes marcos na caminhada desta Igreja na construção de um novo modelo: a neocristandade. No primeiro documento, os bispos declaram que os governantes apelam para a Igreja em busca de auxílio para promover o apaziguamento dos conflitos sociais, melhor dizendo, da relação capital/trabalho. No segundo, D. Leme reafirma as críticas já elaboradas por Júlio Maria a respeito da falta de vigor da Igreja, do clero e do laicato. D. Leme também convoca a reação católica e propugna um projeto de renovação das instituições cristãs. Na concepção de Mainwaring nesse momento:

(...) A nova missão da Igreja era cristianizar a sociedade conquistando maiores espaços dentro das principais instituições e imbuindo todas as organizações sociais e práticas pessoais de um espírito católico. (...) A forma de influenciar a sociedade da Igreja da neocristandade era triunfalista. A Igreja queria “conquistar” o mundo. A missão da Ação Católica era de restituir a Nosso Senhor Jesus Cristo o mundo moderno.⁴¹

Na segunda década do século vinte, ocorre uma arregimentação mais efetiva das classes médias pela Igreja. A partir dos anos vinte, reunidos em torno do Centro Dom Vital, intelectuais católicos⁴² colocam-se a serviço do catolicismo reformado, essencialmente conservador, preocupado com a cristianização das instituições. Nos primeiros anos da década de 1920,

⁴⁰ Para discutir essa questão ver: Villaça (1975) e Mainwaring (1989). Júnior(2002). Segundo Villaça a Carta Pastoral de D. Leme “confirma ponto por ponto no mesmo ano de 1916 as linhas fundamentais da crítica de Júlio Maria ao catolicismo dos brasileiros” (Villaça, op. Cit., p. 77)

⁴¹ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1975.

⁴² Sobre esse assunto consultar Villaça (1975); Lúcia Lippi, Mônica Velloso e Ângela de Castro Gomes (1982); Neste último trabalho três vertentes do pensamento intelectual católico, com eixo no elitismo, conservadorismo e autoritarismo são tomados como base para o estudo. O estudo de Villaça analisa Jackson de Figueiredo, Jônatas Serrano, Alceu Amoroso Lima, Leonel Franca, Pandiá Calógeras, dentre outros não menos importante para a compreensão do pensamento católico, principalmente em sua fase mais polêmica.

direcionam sua ação para o combate ao comunismo ateu e o laicismo enquanto expandem a influência da Igreja sobre as instituições sociais.

A Igreja preocupada com a instrumentalização de intelectuais leigos, busca dar concretude ao projeto de mobilização da sociedade, ampliando o leque de sua influência em diversos setores.

(...) a Igreja da neocristandade mobilizou centenas de milhares de pessoas e organizou movimentos leigos, particularmente entre a classe média urbana. A União Popular (Minas, 1909), a Liga Brasileira das Senhoras Católicas (1910), a Congregação Mariana (1924), os Círculos Operários (1930), a Juventude Universitária Católica (1930) e a Ação Católica Brasileira (1935) foram importantes movimentos criados durante esse período.⁴³

As três primeiras décadas do século XX são marcantes para a Igreja Católica no Brasil. Esse período é assinalado pela afirmação da Igreja na construção de diferentes organizações sociais, com a participação conjunta do clero e dos leigos na luta para inserir-se nos setores dos quais se viu afastada por ocasião da dissolução dos laços com o poder temporal, como é o caso da educação. É pela reaproximação com esse poder que serão redefinidas as estratégias da Igreja para interpor-se de forma decisiva no mundo do trabalho.

É comum encontrarmos interpretações que colocam a Igreja numa posição subalterna ao Estado, e uma sociedade passiva diante das estratégias das duas esferas. Alguns eventos que são marcos na história da Igreja no Brasil e que ecoaram nas esferas do poder e junto a vários segmentos sociais, negam essas suposições.

Em 1931, um acontecimento de grande magnitude marca o projeto da neocristandade e ilustra o empenho da Igreja Católica no processo de aproximação com as camadas populares. Durante os primeiros trinta anos da República, a Igreja Católica manteve os mesmos padroeiros do Império: Nossa Senhora da Glória e São Pedro de Alcântara. Vinculados a família imperial, os dois padroeiros não eram populares e tampouco bem aceitos entre os católicos, especialmente as camadas mais pobres. O fato que transmuta radicalmente a devoção católica é a substituição desses dois padroeiros por

Nossa Senhora Aparecida ,uma santa negra reverenciada pelo povo. Analisando os significados desse evento não apenas como expressão da religiosidade popular, mas como um momento em que a Igreja Católica visibiliza a ampliação de sua base social e apresenta-se para o Estado como autoridade a ser considerada na balança de opinião e na tomada de decisões e Oscar Beozzo afirma que :

A Igreja usa o capital das classes populares (que no período anterior era desqualificado, pois a religião do povo era vista como superstição. (...) Nossa Senhora Aparecida é o instrumento para a modificação. Sua imagem, trazida para o Rio de Janeiro a 31 de março de 1931, bota meio milhão de pessoas na rua. Não vamos buscar no estrangeiro, vamos buscar lá no Vale do Paraíba a imagem de uma santa de cor. Com meio milhão de pessoas na rua, corpo diplomático e ministério de Getúlio Vargas convidados para essa procissão, o cardeal D. Sebastião Leme diz: “Ou a Revolução fica com a religião do povo ou o povo não aceita esse governo que esta aí.”⁴⁴

Além desse evento, outro fato marca de forma significativa o processo de recristianização da sociedade brasileira e a reaproximação entre a Igreja e o Estado. A inauguração do Cristo Redentor no Corcovado, em 12 de outubro de 1931, que no calendário eclesiástico marca os festejos em homenagem a padroeira do Brasil, mobilizou a população e pôs lado a lado os poderes temporal e espiritual. O acontecimento se revestiu de uma simbologia que expressava e fortalecia o projeto da neocristandade proposto pelo poder eclesiástico. Segundo Farias, a imprensa católica projetou a solenidade “*como o momento de reconhecimento da superioridade do império de Cristo sobre o império temporal*”.⁴⁵

A mudança na estratégia da Igreja é um exemplo da redefinição de posições diante de um quadro esboçado no pós 1930. O Estado também traça um projeto político com vistas à incorporação dos diferentes setores sociais, incluindo a intervenção nas organizações sindicais com a elaboração de uma

⁴³ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1975.

⁴⁴ BEOZZO, Pe. Oscar. *Igreja e Estado no Brasil*. In: FLEURI, Matias Reinaldo (org.). **Movimento Popular, Política e Religião**. Edições Loyola, São Paulo, 1985.

⁴⁵ FARIAS, Damião Duque de. **Em defesa da ordem: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930 – 1945)**. Editora Hucitec, São Paulo, 1998.

legislação trabalhista que propiciava o intento do governo Vargas. A questão nova que se coloca é que, na confluência dos interesses das duas esferas, os trabalhadores se apresentam como sujeitos de suas ações, potencializando a luta de classes, e portanto, assustando as elites do país. Nem a Igreja e tampouco o Estado negligenciavam o perigo que essa classe representava.

O Estado necessitava restabelecer a ordem e acena para a Igreja com a possibilidade de uma nova aliança. Questões que diziam respeito a salvaguarda de seus interesses institucionais e o fortalecimento de seu projeto doutrinário, tornaram-se objeto de preocupações dos grupos que embora divergissem, pensavam o ordenamento da Igreja e os caminhos para o êxito de seus propósitos. Para alcançar esses objetivos, construíram alianças políticas com as elites e em nível institucional com o Estado. As estratégias por ela elaboradas têm um forte conteúdo político-teológico. Portanto, ao aceitar a aliança com o Estado, os objetivos da Igreja não podem resumir-se à dimensão política. E a respeito da nova relação estabelecida entre as duas instituições no período, não pressupunha a subordinação de uma a outra. Nesse momento, o Estado nacionalista ansioso por abarcar diferentes segmentos sociais, e a Igreja carecendo do apoio estatal para patrocinar e legalizar suas ações no campo social, firmam um acordo de cooperação mútua.

A *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII advertira o clero e os leigos católicos sobre os perigos das organizações operárias influenciadas pelos princípios comunistas, para a religião. A preocupação da Igreja é política e teológica. O fim último de sua ação é a salvação das almas. De todas as almas. Sejam ricos ou pobres, a mensagem religiosa que a Igreja Católica considera-se portadora, não reconhece as diferenças de classes e, portanto, a luta de classes dos programas socialistas e comunistas deveria ser recusada e combatida pela Igreja e pelos fiéis.

No acordo estabelecido, o movimento circulista tem um papel sumamente importante para atender os interesses de ambas as partes. Para corroborar a assertiva, basta lembrar que em 1933, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio reconhece os Círculos Operários como órgãos de utilidade pública, e através do Decreto-lei nº 7.164, de 12 de maio de 1941, essas organizações passam a ser órgãos consultivos do MTIC. Traçando um paralelo entre as organizações circulistas e os sindicatos na relação como o

MTIC, o circulismo admite a ligação com o MTIC, explicitando porém que os Círculos Operários encontram-se numa posição privilegiada, uma vez que não têm nenhuma dependência, direito ou outra relação de ordem jurídica com o Ministério. Ressaltam ainda que os sindicatos estão numa posição contrária, subordinados a autoridade civil pois, *“uma vez reconhecidos pelo Ministério do Trabalho, ficam sujeitos ao seu controle em troca de certas prerrogativas”*.⁴⁶

Os Círculos Operários desfrutam de certas prerrogativas sem no entanto submeterem-se legalmente ao Ministério. São colaboradores no processo de disciplina dos trabalhadores, atuando como mediadores e apaziguadores de conflitos entre patrões e operários. Propagam e exaltam a política executada pelo Ministério do Trabalho e vêm-se como protagonizadores de primeira ordem na marcha empreendida para salvaguardar os operários das idéias perniciosas e encaminhá-los rumo ao progresso material, espiritual e cultural:

(...) os CC.OO., desde o início, têm estado em contato com esse Ministério, tanto com os próprios ministros como com os funcionários, por meio de uma colaboração de grande eficiência, promovendo a fundação e reconhecimento de sindicatos, prestigiando as leis sociais e a ação do Ministério, rebatendo os ataques feitos a ele pelos comunistas, conciliando divergências e criando um ambiente de mútua compreensão e harmonia entre operários e patrões, enfim, realizando a elevação cultural e espiritual do operariado, sem o que a melhoria econômica, trazida pelas leis sociais, pouco aproveitaria ao trabalhador.⁴⁷

Quando a organização circulista ressalta a autonomia dos Círculos Operários frente ao MTIC, intenta obter a atenção do operariado para as vantagens do círculo, fazendo a defesa dessa forma de associação operária, que recebe auxílios e proventos dos órgãos públicos sem contudo sofrer às interferências do Ministério, como era o caso dos sindicatos oficiais.

No trabalho de Luiz Werneck Vianna sobre o sindicalismo no Brasil, especialmente sobre o período compreendido entre 1930- 1933, quando o Estado elabora uma estrutura corporativa à qual deveriam se enquadrar os

⁴⁶ **MANUAL DO CÍRCULO OPERÁRIO** – CNOC, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939, p. 67-68.

⁴⁷ Idem, *ibidem*.

sindicatos, observamos uma clara exposição da relação subalterna dos sindicatos junto ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio:

O reconhecimento sindical pelo Ministério do Trabalho previa o atendimento de uma série de exigências, que completavam esse processo com um verdadeiro expurgo dos sindicalistas orientados para a consecução de fins específicos à sua classe.(...) Logo que incluídos na estrutura corporativa, os sindicatos estavam sujeitos à permanente vigilância estatal por meio de representantes do Ministério do Trabalho, que detinham a faculdade de assistir às assembleias e o poder de polícia de investigar sua contabilidade.⁴⁸

As ligações dos Círculos Operários com as instâncias do poder estatuíram uma troca de serviços, que se concretizava com o repasse de verbas públicas para o financiamento das obras circulistas e, em contrapartida, o Estado recebia amplo apoio do circulismo no combate ao sindicalismo vermelho. Os Círculos Operários foram, portanto, parceiros do poder estatal nesse processo de enquadramento dos trabalhadores à proposta corporativa. O Ministério do Trabalho reconhecendo a relevância desta parceria para efetivar o controle sobre os trabalhadores, justificando que a solução para a questão social era de ordem moral, conforme a concepção do catolicismo social vigente à época, encontra nessas organizações a legitimação e cooperação para os projetos que visavam exaurir a possibilidade dos trabalhadores se organizarem autonomamente. Para Salgado Filho que ocupou o MTIC logo após Lindolfo Collor, durante o primeiro governo Vargas, os Círculos Operários ofereceriam aos sócios a orientação espiritual essencial à harmonização social, sendo necessário que os filiados aos sindicatos também se associassem nestas organizações cristãs, uma vez que:

Criando os sindicatos profissionais, o governo não impediu, nem poderá impedir, que estes mesmos sócios se congreguem em associações dirigentes ou tendentes a dirigir as inclinações espirituais e, pelo contrário, aconselha mesmo a que assim se organizem, porque- eu agora falo pessoalmente- estou convencido de que é o único meio de

⁴⁸ VIANNA, Luiz Werneck. **Liberalismo e Sindicato no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 185.

lhes dar uma feição cristã, quer dizer, de amor recíproco aos seus semelhantes.⁴⁹

Outros membros titulares do Ministério do Trabalho, como é o caso de Agamemnon Magalhães e Valdemar Falcão, manifestaram apreço a “salutar” colaboração dos Círculos Operários para atenuar os conflitos sociais, impingindo nos espíritos recalcitrantes, as virtudes cristãs que lhes quebrantassem os propósitos da luta de classes. O ministro Valdemar Falcão assevera que os Círculos Operários agiam com precisão na solução dos problemas sociais, pois se inspiravam na doutrina cristã católica:

Enquadrando suas diretrizes nos luminosos preceitos do Evangelho, que Pio XI tão bem salientou em sua *Quadragesimo Anno*, quando indicou ao mundo inquieto e inseguro a solução de sua inquietude e o fundamento de sua segurança, têm os Círculos Operários a certeza de que não erram na maneira como procuram conceber o problema social em nosso país.⁵⁰

Por parte da Igreja, vários são os depoimentos que enaltecem a aliança com o poder estatal. O Pe. Leopoldo Brentano, figura de destaque no movimento circulista brasileiro, explicando a relação entre os Círculos e o MTIC, destaca os ganhos obtidos por este Ministério ao contar com essa colaboração, bem como os benefícios para os trabalhadores, oriundos da obra social desenvolvida pelo MTIC e Círculos Operários, quando ambos agindo com autonomia, conjugavam suas ações sobre o mesmo campo de interesses:

(...) Grandes e vários são os benefícios e garantias que o operariado já goza, de fato, em virtude das leis e providências desse Ministério.(...) O Círculo Operário, com o método que lhe é peculiar, a sua ação orientadora e cultural, cria o ambiente propício à execução das leis sociais; neutraliza a ação comunista, educando o operário para a genuína solidariedade, prepara-o para formar um sindicato de caráter construtivo; remove os preconceitos do elemento empregador; prestigia e auxilia ação dos funcionários do Ministério do Trabalho na execução das leis; e além disto,

⁴⁹ Discurso do Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, Salgado Filho, In: **Manual do Círculo Operário**, Confederação Nacional dos Operários Católicos. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939.(p.68)

⁵⁰ Discurso de Valdemar Falcão enquanto Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio. In: **Manual do Círculo Operário**. Confederação Nacional dos Operários Católicos. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939.(pp 68-69).

presta a seus associados, nas diversas situações da vida, um sem número de serviços individuais e imediatos que escapam ao programa e à ação desse Ministério”⁵¹

Embora, para a Igreja Católica, o Círculo Operário não fosse a única via para sua inserção no mundo do trabalho no Brasil, obteve a preferência da hierarquia eclesiástica, tornando-se um dos principais instrumentos da Ação Católica na organização dos trabalhadores. A singularidade dos Círculos Operários para o projeto de cristianização do mundo do trabalho é que estes estatuíram em sua doutrina, uma ação voltada para a assistência material e moral e espiritual: “*instruindo, educando, orientando, moralizando*”.

Elaboraram uma proposta que visava combater os propósitos dos socialistas e comunistas, apontando outros caminhos a serem trilhados para melhorar a sorte material dos trabalhadores, sem contudo, abandonar as necessidades espirituais, como salientavam constantemente. Legitimavam sua ação fundamentando-se no apostolado de Jesus Cristo que: “*(...) primeiro remediava os males corporais e temporais, para conquistar a simpatia, os corações. Depois ensinava a doutrina do reino dos céus.*”⁵²

Os estudos sobre a organização circulista, vêm sobremaneira contribuindo para a constituição de um campo de pesquisa relevante para a compreensão do universo do trabalho no Brasil e do catolicismo social como elemento significativo na construção de um projeto político-cultural, formulado pela hierarquia eclesiástica em conjunto com os intelectuais católicos atendendo às especificidades locais, para responder aos desafios da modernidade, em particular a “questão social”. O exame de alguns desses trabalhos possibilitou especialmente, compreender as nuances dos Círculos Operários do Ceará ao passo que indicou questões a serem investigadas com maior acuidade no interior deste estudo.

3- O Circulismo no Brasil: um diálogo historiográfico.

⁵¹ Pe. Leopoldo Brentano. In: **Manual do Círculo Operário**. Confederação Nacional dos Operários Católicos. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939. (p. 109).

⁵² Idem.

Introduzo essa discussão em torno da produção historiográfica sobre o circulismo, com um breve olhar sobre a historiografia da classe operária no Brasil, até mesmo para melhor compreender as razões dessa produção ter subestimado a importância da organização circulista na própria formação da classe trabalhadora neste país.

No estudo de Cláudio Batalha⁵³ sobre a historiografia da classe operária no Brasil, estão expostos alguns dos caminhos desta produção que, antes mesmo de chegar ao espaço acadêmico e ser escrita por historiadores, estava a cargo, inicialmente, dos militantes e, posteriormente, de outros cientistas sociais. Convém explicitar que Batalha ao analisar a produção militante ou sociológica aponta para a contribuição e o valor dessas obras como também as limitações destas, considerando a renovação historiográfica operada nas últimas décadas, que nos permite repensar os vieses dessa produção.

Segundo o autor, a recente produção historiográfica, tomando como marco os anos 1980, passou por um processo de “*ampliação, fragmentação e crise*”. Para compreender todo esse processo, Batalha pontua sua análise numa conjuntura em que se conjugam pelo menos três fatores considerados impulsionadores da história operária acadêmica: a revitalização das lutas operárias, a abertura democrática, como resultado de pressões populares, construindo um terreno de maior liberdade acadêmica e editorial, e por último, com grande peso, a influência da historiografia marxista inglesa, que tem Eric J. Hobsbawn, E. P. Thompson como principais influências no Brasil.

As mudanças foram bastante significativas. Ocorreu uma expansão no campo de estudo com a exploração de novos temas e utilização de novas fontes até então ausentes como instrumentos no ofício do historiador. De acordo com Batalha, a fragmentação e a crise que se seguiram geraram um certo desinteresse dos historiadores em tomar a classe operária como objeto de investigação.

Ainda de acordo com esse autor, a crise da historiografia operária apresenta-se em dois planos: o primeiro, como reflexão dos problemas internos

⁵³ BATALHA, Cláudio H. M. **A Historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências**. In: FREITAS, Marcos César de. (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, pp. 145-182.

da disciplina, conseqüente da sua fragmentação; e o segundo, situado para além das fronteiras nacionais, numa conjuntura política que expressava as transformações ocorridas no mundo do trabalho, o avanço das forças conservadoras e o declínio da esquerda. O autor ainda ressalva que “*para uns, esta é antes de tudo uma crise de paradigmas*” como também interpretou Emília Viotti da Costa, para quem, os cientistas sociais foram do extremo “reducionismo econômico ao reducionismo cultural”⁵⁴.

A denominada “crise dos paradigmas” associada à crise política da esquerda contribuíram para o recuo da produção historiográfica do movimento operário, evidenciado no final dos anos 1980. No entanto, os avanços em termos de análise teórica e procedimentos metodológicos têm enriquecido o campo de estudo da temática, o que conduz outros pesquisadores a observarem sob um ângulo diferenciado as perspectivas que se abriram durante esse percurso. Nesta linha de abordagem reporto-me ao trabalho de Adelaide Gonçalves que, inserido na temática História e Imprensa, constrói um novo diálogo com a imprensa operária considerando que: “*(...) os jornais operários constituem hoje uma rica possibilidades de leituras, posto que significam uma produção simbólica de homens e mulheres no seu tempo, a partir de suas lutas, derrotas, disputa de projetos políticos, construção de suas histórias*”.⁵⁵ A autora introduz a discussão do movimento operário como objeto de estudo, apresentando a proficuidade do debate acadêmico em direção ao revigoramento da produção historiográfica, onde situa seu trabalho:

O estudo do movimento operário no Brasil, nos últimos vinte anos, se processa dentro de um quadro de deslocamento teórico e renovação analítica, fruto da intensificação do debate acadêmico, da cooperação interdisciplinar e da inspiração em estudos que revigoraram esse campo de estudos: Georges Haupt, Edward Thompson, Eric Hobsbawn, Michelle Perrot, Richard Hoggart, para citar

⁵⁴ COSTA, Emília Viotti da. **Novos públicos, novas políticas, novas histórias: do reducionismo econômico ao reducionismo cultural: em busca da dialética**. In: Anos 90. Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 10, dez., p. 07-21 de 1998. Porto Alegre: UFRGS, 1998

⁵⁵ GONÇALVES, Adelaide. **A Imprensa dos Trabalhadores do Ceará, de 1862 aos anos de 1920**. Florianópolis, 2001. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Neste trabalho a autora elege a *imprensa operária* como objeto do conhecimento, desvelando as singularidades desta imprensa e as múltiplas experiências vivenciadas pelos trabalhadores cearenses, os projetos políticos em disputa, além da riqueza dos projetos educativos propostos pela classe para promover sua auto-educação

alguns de reconhecida influência. Ainda que óbvio, é preciso destacar que essa renovação teórico-metodológica foi acompanhada da alteração de perspectiva em relação às fontes, compondo, sistematizando e ampliando um novo repertório àquelas fontes já incorporadas. A imprensa operária é certamente um desses exemplos.⁵⁶

Sílvia Petersen,⁵⁷ numa abordagem crítica dos problemas da historiografia tradicional do movimento operário, assevera a atualidade da temática sob duas perspectivas: uma de ordem histórica e outra de cunho epistemológico. Ao tratar das novas perspectivas dessa historiografia operária, duas considerações relevantes são abordadas pela autora.

A primeira questão diz respeito à impossibilidade de “*pensar o movimento operário dissociado de suas instituições e associações*”. Se parte significativa dessa produção historiográfica tomou a associação em lugar da classe, privilegiando neste aspecto o partido ou o sindicato e fazendo frutificar a apologia às instituições ou a ideologia, gerando pouco conhecimento a respeito da classe mesma, isso não pode nos afastar da possibilidade de entendê-la dentro de suas organizações, que são construções da classe no enfrentamento de problemas que dizem respeito à sobrevivência, ao fortalecimento político, entre outras variáveis.

No outro ângulo dessa questão, a autora assevera que não há incompatibilidade entre estrutura e experiência, ao contrário, há uma necessária complementariedade. Ressalta ainda que os estudos das instituições vêm sendo reavaliados. As novas propostas incluem desde um novo tratamento das fontes até outros recortes e diferentes problematizações. Se não se pode reduzir a ação dos sujeitos a determinados projetos políticos ou ideológicos do sindicato ou partido ou a “acontecimentos excepcionais” também é verdade que não devemos tomar essas ações isoladas das instituições que lhes conferem significados. Sílvia Petersen propõe, num esforço de síntese, uma arguta observação metodológica:

⁵⁶ GONÇALVES, Adelaide, op. cit., p. 16.

⁵⁷ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Ainda o movimento operário como objeto historiográfico**. In: Anos 90. Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 8, dez., p. 62-78. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

Não se pode perder de vista que a história operária é a história da formação de uma classe, história, portanto, de experiências e ações comuns e coletivas. Associações, partidos, greves, formas mais ou menos institucionalizadas do movimento são, pois, elementos constitutivos deste objeto e não podem ser simplesmente descartados pela historiografia.⁵⁸

Ainda sobre a visão de complementaridade entre “estrutura e experiência”, Daniel James⁵⁹ adverte para o fato de ter ocorrido um falso debate que opunha estrutura e experiência. Em suma, produzir uma história dos trabalhadores “*estruturalmente condicionada e dotada de agentes*” é uma tarefa nem sempre fácil.

Sem desconsiderar a contribuição da produção militante sobre a história operária, atento para as reflexões feitas por Eric Hobsbawn sobre o caráter e os fins destes trabalhos que via de regra, descuraram de aspectos importantes para a compreensão da classe operária. O que caracteriza tal produção é a ênfase nas instituições, dirigentes, correntes ideológicas e momentos particulares de disputa política. Em contrapartida, a classe, outros espaços de sociabilidade (além da fábrica e do sindicato), como os bairros operários, a residência, a família e aspectos como o lazer e a cultura foram negligenciados. A respeito desta discussão, Hobsbawn analisa que:

(...) a história operária é por tradição um tema altamente politizado e durante muito tempo foi feita em grande parte fora das universidades. Todos os estudos sobre o trabalho eram obviamente políticos.

.....

A história operária tendeu, portanto, a identificar-se com a história dos movimentos operários, se não até com a história da ideologia desses movimentos. (...) Assim sendo, ela negligenciou a história das próprias classes trabalhadoras, na medida em que estas não puderam ser subsumidas às das organizações, o mesmo acontecendo com relação às bases, enquanto distintas de seus líderes.⁶⁰

⁵⁸ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz, op. cit., p. 65.

⁵⁹ JAMES, Daniel. O que há de velho? Os parâmetros Emergentes da História do Trabalho latino-americana. IN: ARAÚJO, A. (org.) **Trabalho, cultura e cidadania**. São Paulo: Scritta, 1997.

⁶⁰ HOBBSAWN, Eric. **Mundos do Trabalho. Novos estudos sobre história operária**. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedram. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

Sobre as distorções, esquecimentos ou indiferenças presentes na escrita da história do movimento operário, é válido recorrer a advertência de Petersen “(...) *de que aquela história não é só a de suas conquistas, mas também de seus fracassos que, via de regra, não são reconhecidos*”.⁶¹ Aproveito o ensejo para reafirmar que o pesquisador da história operária, interessado no estudo da classe e suas formas de organização, deve considerar relevante para a interpretação histórica não somente aquelas de “potencial revolucionário” como também as que apresentam matizes conservadoras, visto que também são expressões da classe.

Outra questão que tem feito parte dos debates sobre a produção histórica diz respeito à “*tendência dos pesquisadores estenderem ao Brasil o que na verdade correspondeu a Rio e São Paulo*”⁶². Como o processo de industrialização teve início no sudeste, que inclusive já havia se tornado um centro de grande importância econômica para o país, a região concentrou o maior contingente operário e passou a ser referência nos estudos da classe operária e de seus movimentos.

O eixo Rio-São Paulo é tomado como paradigma explicativo para todo o país. As sugestões metodológicas de Sílvia Petersen para superação dessa limitação é de que as pesquisas regionais ultrapassem suas fronteiras para “(...) *descobrir vínculos múltiplos perdidos que podem enriquecer o perfil de processos e atores sociais já tão descaracterizados na memória historiográfica*”⁶³. Para reafirmar a pertinência dessa discussão, trago ainda uma outra observação de Sílvia Petersen na qual a autora propõe a superação desse paradigma e indica a “*articulação dos resultados das pesquisas regionais*” como um recurso metodológico que poderia possibilitar uma outra dimensão de análise da história operária no Brasil:

Se for verdade que o crescimento econômico e social pode ser impulsionado por um eixo específico (setor industrial,

⁶¹ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Ainda o movimento operário como objeto historiográfico**. In: Anos 90. Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 8, dez., p. 62-78. Porto Alegre: UFRGS, 1997

⁶² PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz, op. cit., p. 69.

⁶³ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Cruzando Fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira**. In: Gomes, Ângela Maria Castro (org.) Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira. São Paulo: Scritta, 1997 pp. 85-103.

região ou categorias específicas), o entendimento do processo não se dá com análise exclusiva desse eixo.

.....
 Assim estender ao Brasil os resultados de um estudo regional baseado nos casos do Rio de Janeiro ou São Paulo tem escasso valor para o entendimento dos matizes regionais. A prática da história regional [...] pode servir para destruir concepções gerais que parecem definitivas e que foram incorporadas a tantos livros, artigos e conferências.

.....
 Em suma, quero explorar as virtualidades do caminho que cruza a fronteira dos estudos regionais, tanto para perceber a especificidade desses casos, no sentido do próprio estabelecimento de diferenças, como fazer aparecer processos mais globais, cuja percepção se dilui nas análises simplesmente regionais, questões que tomadas no âmbito regional perdem seu possível significado.⁶⁴

As observações de Sílvia Petersen são importantes para a reflexão do trabalho historiográfico sobre os Círculos Operários na medida em que esta produção está centrada nas regiões sul e sudeste. Encontro, num artigo de Álvaro Barreto, um proficiente balanço da historiografia circulista, analisando quatorze trabalhos, incluindo artigos, dissertações e teses.⁶⁵ O recorte espacial

⁶⁴ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz, op. cit., pp. 89-90.

⁶⁵ BARRETO, Álvaro. **Uma avaliação da produção historiográfica sobre os Círculos Operários**. In: Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 7, julho, pp. 127 –147. Porto Alegre: UFRGS, 1997. As pesquisas analisadas por Barreto neste balanço historiográfico são as seguintes: ALMEIDA, Paulo Roberto. **Círculos Operários Católicos: práticas de assistência e de controle no Brasil**. São Paulo, 1992. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; BARBIAN, Hilário. **Círculo Operário e sindicalismo em Ijuí-RS (1932-1946)**. Florianópolis, 1991. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Santa Catarina; BARRETO, Álvaro. **O movimento operário rio-grandense e a intervenção estatal: a FORGS e os círculos operários (1932-35)**. Porto Alegre, 1996. Dissertação de mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; _____ **Propostas e contradições dos círculos operários**. Pelotas: UFPEL, 1995; BRANDÃO, Berenice. **O movimento católico leigo no Brasil: as relações entre Igreja e Estado 1930-37**. Rio de Janeiro, 1975. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense; DIEHL, Astor Antônio. **Círculos Operários no Rio Grande do Sul: um projeto social-político (dos anos 30 a 1964)** Porto Alegre: Edipucrs, 1990; _____ **Os Círculos Operários: um projeto entre a modernidade e a tradição**. Veritas. Porto Alegre: PUCRS, v. 37, n. 148, dez. 1992; LAUSCHMER, Roque. **A nova carta de princípios doutrinários e programáticos do movimento circulista e a Doutrina Social da Igreja**. In: SCHÜHLY, Günther / KÖNIG, Hans Joachim / SCHNEIDER, José Odelso. **Consciência social – a história de um processo através da doutrina social da Igreja**. São Leopoldo: Unisinos, 1995; MIRANDA, Carlos. **A questão social e os círculos operários do Recife**. Clio. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. n. 16, 1996; RAUCH, Urbano. **Formação de lideranças entre os trabalhadores. Os Círculos Operários**. In: SCHÜHLY, Günther / KÖNIG, Hans Joachim / SCHNEIDER, José Odelso. **Consciência social – a história de um processo através da doutrina social da Igreja**. São Leopoldo: Unisinos, 1995; SCHNEIDER, José

das pesquisas referendam a assertiva em torno das regiões sul e sudeste como centros hegemônicos da produção historiográfica sobre o circulismo.

Outro elemento significativo nesse balanço historiográfico é a caracterização do âmbito dessas pesquisas. Para que se compreenda suas tendências de abordagem, Álvaro Barreto classifica-as em três grupos de acordo com as proposições dos trabalhos, observando que:

(...) os estudos podem ser subdivididos em três tipos de objetos: os que analisam o movimento circulista em geral, caso de Scheneider, Tambara, Brandão, Rauch e Lauschmer; aqueles que também propõem uma investigação generalizante, mas a fazem a partir de uma entidade municipal ou estadual específica, caso de Barreto(1996) e Dihel, os quais estudam o circulismo rio-grandense, Almeida que o faz em Jundiá (SP), Souza em Volta Redonda (RJ), Barreto (1995) em Pelotas (RS), Wiarda em Belo Horizonte (MG) e Miranda em Recife (PE). O terceiro grupo não tenta globalizar a interpretação do circulismo, mas se preocupa com a trajetória de uma entidade específica e a relaciona não com o contexto nacional, o Estado ou a Igreja, mas com o panorama local, fazendo da cidade, mais do que o Círculo Operário, o foco primordial. Nesse caso, inclui-se o estudo de Barbian sobre o Círculo Operário de Ijuí (RS).⁶⁶

As reflexões de Álvaro Barreto atentam especificamente para a análise estrutural das pesquisas e a localização temporal dessas, em vista que a predominância é o período compreendido entre 1930 e 1945, fundamentadas em acontecimentos nacionais marcantes. Barreto aponta algumas das “carências da análise estrutural” dos Círculos Operários notadamente “(...) *pela insuficiência teórica da afirmação majoritária de que 1932-1945 foi um período específico da sua trajetória e o mais significativo da mesma*”.⁶⁷ Além desta questão, o autor ressalva que:

Odelso. **O operariado brasileiro e os círculos operários**. Síntese Política Econômica Social. São Paulo: Loyola, v. 7, n. 27, jul. set. 1965; SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Valentim, o guardião da memória circulista (1947-1958)**. Campinas, 1992. Dissertação de mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas; TAMBARA, Elomar. **Círculo Operário e Igreja: a formação da classe trabalhadora**. In: GHIGGI, Gumerindo / TAMBARA, Elomar / HYPOLITO, Álvaro. **Trabalho, conhecimento e formação do trabalhador**. Pelotas: UFPEL/Mundial, 1993; WIARDA, Howard. **O movimento operário católico brasileiro: os dilemas do desenvolvimento nacional**. Rio de Janeiro: Centro João XXIII, 1974. [Mimeog.]

⁶⁶ BARRETO, Álvaro, op. cit., p. 129.

⁶⁷ BARRETO, Álvaro, op. cit., p. 143

Enquanto a ênfase aos aspectos estruturais faz com que tenhamos uma riqueza de análises e matizes do que significa ou significou o circulismo no contexto nacional, perdeu-se de vista muito da sua trajetória ou dos aspectos factuais de sua existência. Por exemplo: pouco se sabe sobre sua expansão, consolidação e decadência (quando for o caso) do circulismo no país; se a mesma seguiu algum plano prévio ou se deu ao sabor dos acontecimentos; se a Igreja teve um papel decisivo ou não nesse processo.⁶⁸

Analisei ainda outras três recentes pesquisas sobre os Círculos Operários que não constam no balanço da literatura circulista produzida por Barreto. O primeiro deles é o trabalho de George Evergton sobre o Círculo Operário da Bahia, o segundo é o de Damião Farias que discute os Círculos Operários em São Paulo e o terceiro, o mais recente trabalho de Jessie Jane, abordando as estratégias elaboradas pela Igreja para garantir sua inserção no mundo do trabalho.⁶⁹

As pesquisas realizadas sobre a organização circulista contribuíram sobremaneira para alargar o entendimento deste projeto que implementado em todo o país, mobilizou centenas de milhares de trabalhadores, a cúpula eclesiástica, elementos das camadas médias e o próprio Estado, embora os objetivos que os motivaram possam ser de natureza diferenciada. Não obstante, a produção historiográfica do movimento circulista negligenciou pelo menos um aspecto relevante para o conhecimento de sua trajetória histórica a saber: as experiências circulistas que antecederam o ano de 1932, considerado pelos estudiosos da temática como o marco inicial da organização circulista no Brasil.

Para os pesquisadores, o primeiro Círculo Operário nasce no Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas no ano de 1932. No entanto, a investigação de documentos sobre a organização circulista no Ceará nos levou a repensar esse marco já cristalizado nos trabalhos que tratam dos Círculos Operários. Através destes, apresentamos a organização circulista no Ceará, iniciada em 1915, com a criação em sua capital, do Círculo de Operários e

⁶⁸ BARRETO, Álvaro, op. cit., p. 135.

⁶⁹ SOUSA, George Evergton Sales. **Entre o Religioso e o Político: uma história do Círculo Operário da Bahia**. Salvador, 1996. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal da Bahia; FARIAS, Damião Duque de. **Em defesa da ordem: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)**. São Paulo: Editora

Trabalhadores Católicos⁷⁰, durante o episcopado de D. Manuel da Silva Gomes, primeiro arcebispo deste Estado⁷¹.

O Pe. Leopoldo Brentano, apresentado pela historiografia circulista como o fundador do primeiro Círculo Operário no Brasil, reconhece a existência de importantes experiências de organizações operárias católicas em outros lugares do país. Conquanto, ele adverte sobre as limitações destas organizações operárias de orientação católica antes dos anos trinta, tendo em vista que suas ações não estavam coordenadas em nível nacional, portanto sem a devida articulação em sua estrutura, o que, em sua opinião comprometia o sucesso do circulismo como projeto arregimentador das massas:

Temos ainda numerosos movimentos que têm realizado obras verdadeiramente valiosas, por exemplo: no norte, as “União Operárias”, em Campina Grande, Areia, Guarabira, no Estado da Paraíba, e as “Legiões do Trabalho” em diversos Estados. No Ceará e em outros Estados do Norte, temos os “Círculos Católicos de Operários e Trabalhadores de São José”, que são muito numerosos.

.....
Entretanto, geralmente estas obras limitaram seu raio de ação a um determinado lugar, quando muito a um Estado. Outras se petrificaram, cessando o progresso e o entusiasmo inicial. Embora estas organizações tenham prestado uma grande soma de benefícios individuais a seus associados, e mesmo exercido uma certa influência orientadora sobre o operariado local, todavia, não conseguiram cristalizar-se num movimento geral, coordenado e vencedor, capaz de transformar as grandes massas.⁷²

O argumento de Brentano tem um forte viés político, pois ele tenciona demarcar uma nova forma orgânica nacional e programática. Por esta razão, não enfatiza os processos anteriores e, ao contrário, tende a minimizá-los e mesmo a criticar sua “eficácia”, por considerar que seu raio de ação estava restrito a uma região ou localidade. Ocorre que a historiografia longe de investigar essas outras experiências, “comodamente”, partiu da periodização

Hucitec,1998; SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

⁷⁰ STUDART, Barão de. **Datas e factos para a História do Ceará**. Edição fac-similar.- Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

⁷¹ Em 1915, por decreto do Papa Bento XV o bispado do Ceará é elevado a arcebispado. O mesmo documento cria o bispado de Sobral, sufragâneo de Fortaleza. O bispado do Crato, antes sufragâneo de Olinda, passa a ser sufragâneo de Fortaleza.

formulada por ele. O que apresento é uma outra periodização consubstanciada na organização circulista no Ceará.

Compreendo que, embora essa experiência iniciada em 1915 não tenha transposto os limites geográficos desse Estado, credenciou-se como projeto e demarcou um espaço significativo de atuação entre os trabalhadores cearenses. Neste sentido, desloco o período que assinala o surgimento dos Círculos Operários no Brasil para o ano de 1915.

A propósito da progressão do circulismo no Ceará, questão que será aprofundada posteriormente, podemos antecipar que esta não sofreu nenhuma estagnação ou mesmo redução do “entusiasmo inicial” no período que antecedeu o processo de unificação. Antes de 1930, encontramos Círculos Operários em vários municípios do Estado.⁷³ A ação desenvolvida por estes círculos não difere dos objetivos instituídos posteriormente, por ocasião da padronização estabelecida no Congresso Operário de 1937. A exemplo disso, podemos citar as diversas atividades do Círculo de Operários de Fortaleza, que oferecia escolas de alfabetização e formação profissional para os trabalhadores circulistas, caixa de socorro para sustento dos operários inválidos, caixa de sinistro e mutuaría e mantinha uma banda de música com aulas teóricas e práticas, cooperativa de consumo, oficinas diversas e um cinema.

O ano de 1932 assinala o nascimento do Círculo Operário de Pelotas e a partir daí a expansão de outras organizações circulistas no Rio Grande do Sul. A década de trinta é singular na trajetória do circulismo no Brasil por ter ocorrido nesse momento histórico, a unificação e hierarquização dos círculos, contribuindo significativamente para expansão e fortalecimento do movimento. É nesse período que se organiza o movimento circulista em âmbito nacional. Leopoldo Brentano trata de articular as organizações operárias de orientação católica em todo o Brasil, visando a unificação destas. Para tal empreitada, dialoga com Tristão de Ataíde que projetava, desde 1931, a constituição de uma Confederação Nacional de Operários Católicos.

O Congresso Eucarístico em Belo Horizonte realizado em 1936 foi o primeiro grande passo rumo à unificação. Dentre as deliberações do

⁷² **Manual do Círculo Operário**. CNOC, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939, p. 23.

⁷³ Aracati(1920); Limoeiro(1928); Baturité(1924); Sobral(1921); Redenção(1925); dos bairros de Fortaleza, temos antes de 1930, o registro do Círculo de Parangaba(1923);

Congresso que proporcionaram a convergência das organizações operárias para a unificação temos: a fundação de Círculos Operários nos principais centros de trabalho, a realização, no ano de 1937, de um Congresso Operário Católico e a transferência do pe. Leopoldo Brentano para o Rio de Janeiro onde pudesse melhor coordenar e encaminhar essas resoluções.

No Congresso Operário Católico ocorrido em novembro de 1937, no Rio de Janeiro, o maior obstáculo a ser vencido era convencer as organizações católicas presentes⁷⁴ a superarem o regionalismo, renunciar aos moldes de sua entidade e se adaptarem a um modelo único de organização, cujos moldes deveriam ser escolhidos no Congresso, para que, a partir deste, as organizações assumissem a mesma denominação, estatuto, símbolos, programa, estrutura, métodos de ação, unificação externa e interna, enfim. Não há dúvidas de que houve resistência por parte das organizações presentes, já que elas teriam que integrar-se a uma proposta unificadora. Nas palavras do pe. Leopoldo Brentano esse processo de unificação ganha uma certa visibilidade:

O que consola e nos enche de esperança é a grande elevação de vistas e o desejo ardente de união e uniformidade em todos os sentidos. Este espírito que presidiu a todos os trabalhos foi se acentuando mais e mais e acabou por vencer resolutamente todos os interesses particulares e regionalistas.

.....
Foram corajosa e energeticamente vencidos os preconceitos e sentimentos acanhados do egoísmo coletivo, que se chama regionalismo e bairrismo, para o bem geral dos trabalhadores de todo o Brasil. Todas as organizações tiveram que sacrificar alguma coisa, na estrutura, no nome, nos símbolos ou em qualquer outro ponto.⁷⁵

O que se observa no discurso de Brentano é que há uma disputa latente em busca da hegemonia de um certo modelo para a organização circulista no Brasil. O ponto de partida para a constituição desse novo modelo não era acolher as experiências anteriores, restritas, parcelares, mas sacrificá-las em nome do grande projeto nacional. Embora o novo modelo tenha

⁷⁴ Neste Congresso Operário Católico estiveram presentes 31 delegados representando cerca de 40 organizações operárias católicas, dentre elas 34 círculos operários.

⁷⁵ **Manual do Círculo Operário**. CNOC, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939, p. 28.

recebido a contribuição das outras organizações circulistas em face da longa experiência destas organizações, Brentano enfatiza ter tomado como referência o Círculo Operário de Pelotas, indicando que essa organização circulista dispunha de elementos que o qualificava como exemplo a ser seguido pelas demais. *A Fortaleza*, jornal da Federação dos Círculos Operários do Ceará versa sobre a questão, salientando a contribuição de outras unidades circulistas que já dispunham de larga experiência:

Os Estatutos dos Círculos Operários que constam no manual, tomaram como paradigma o do Círculo Operário de Pelotas, acrescidos e aperfeiçoados, levando em conta as sugestões apresentadas e as experiências de muitos anos.⁷⁶

As deliberações do Congresso de 1937 consolidaram o projeto de um movimento operário católico em âmbito nacional, capacitado para disputar com os comunistas a orientação ideológica das classes trabalhadoras e fortalecer a Ação Católica em seu meio. Apontamos algumas dessas deliberações para visualizar o plano de ação traçado pelos congressistas com o objetivo de expandir e fortalecer o circulismo no Brasil, mas principalmente com vistas à efetivação das decisões tomadas por ocasião do Congresso:

- As organizações operárias de orientação católica já existentes e os Círculos Operários a serem fundados adotarão os moldes de denominação, estatutos, métodos e símbolos oficializados pelo congresso, de modo que terão a mesma bandeira, distintivo, hino, etc.;
- Os Círculos Operários de cada estado unir-se-ão em federações estaduais, as quais filiar-se-ão à confederação;
- A C. N. O. C. e suas organizações serão aderentes à Ação Católica por intermédio do Secretariado Econômico Social da mesma A.C.;
- Ação intensa na esfera sindical, para que todos os sócios dos CC. OO. estejam sob o amparo das leis sociais e possam colaborar para a prosperidade dos sindicatos e imprimir-lhes uma orientação construtora;⁷⁷

É relevante para a compreensão do projeto circulista no Brasil, observar como ocorreu o processo em que várias entidades operárias

⁷⁶ **A Fortaleza**, ano I, nº 19, 20/01/51. Fortaleza.

⁷⁷ **Manual do Círculo Operário**. CNOG. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939, p.27.

católicas⁷⁸, incluindo aí os Círculos Operários já existentes antes de 1932, aderiram a uma proposta unificadora e uniformizadora consolidada em 1937, que veio a constituir o grande movimento circulista.

O estabelecimento de marcos ou periodizações generalizantes em estudos desta natureza são passíveis de equívocos, muitas vezes comprometedores, tendo em vista a parcialidade dos dados e informações que dispomos. No Manual do Círculo Operário, o pe. Leopoldo Brentano distingue quatro marcos da trajetória circulista: o primeiro vai de 1932 a 1936, com a expansão dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul; o segundo é marcado pelas decisões do Congresso Eucarístico de Belo Horizonte em 1936; o terceiro pela execução das propostas do Congresso Eucarístico de Belo Horizonte e as ações aprovadas no Congresso Operário Católico realizado no Rio de Janeiro em 1937 e o último pela efetivação das resoluções do Congresso no pós- 37.⁷⁹

O marco inicial apresentado por Brentano é o mesmo em todas as pesquisas sobre o circulismo, por mim consultadas, ou seja, a fundação do Círculo Operário de Pelotas e a difusão dos círculos no Rio Grande do Sul. Quanto aos outros marcos do circulismo, o pe. Leopoldo Brentano vincula-os aos eventos católicos, dada a importância que eles tiveram como espaço de articulação de uma estratégia que visava a incorporação da proposta circulista pela cúpula eclesiástica e a consolidação do projeto unificador.

Jessie Jane⁸⁰ apresenta, em seu trabalho que enfoca o Círculo Operário de Volta Redonda, cinco períodos para a história do circulismo. O primeiro período é o mesmo estabelecido pelo Pe. Brentano; o segundo está circunscrito entre 1936 e 1945, assinalado pela expansão do movimento e nas relações firmadas com o Estado; o terceiro compreende os anos de 1946 a 1964, o qual ela interpreta como o “mais promissor do circulismo”; o quarto vai

⁷⁸ Dentre as organizações operárias de orientação católica que transformaram-se em círculos operários, a partir do I Congresso Operário Católico em 1937, podemos citar: a **Liga Operária Católica** de Goiás, as **Unões Operárias** de Campina Grande, Guarabira e Areia na Paraíba, os **Centros Operários Católicos** de São Paulo, Curitiba e Campinas, a **União Operária São Francisco**, na Bahia. Todas essas organizações fizeram adaptação aos moldes circulistas no ano de 1938.

⁷⁹ **Manual do Círculo Operário**. CNOC. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939.

⁸⁰ SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Valentim, o guardião da memória circulista (1947-1958)**. Campinas, 1992. 151 p. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas.

de 1964 a 1976, quando os Círculos Operários formam dirigentes para a organização sindical, que inclusive é marcado por uma crise na organização circulista; o quinto período é o da reorganização circulista e sua aliança com outras organizações operárias, compreendendo os anos de 1976 a 1992. A periodização de Jessie Jane abrange precisamente seis décadas. Alguns períodos estão relacionados a acontecimentos políticos de âmbito nacional, outro é um evento eclesialístico e 1976 não vincula-se a nenhuma das duas perspectivas.

Para o entendimento das raízes do circulismo no Brasil, deve-se situá-lo inicialmente junto as primeiras experiências de organizações católicas no meio operário, nas primeiras décadas do século XX. Essas experiências floresceram de forma isolada, seguindo porém as orientações da encíclica de Leão XIII. Embora adotassem diferentes denominações, em essência, perseguiram os objetivos traçados na *Rerum Novarum*, sendo provavelmente uma das razões que propiciaram a posterior unificação destas, congregadas sob a mesma bandeira: a dos Círculos Operários.

Foram portanto, essas organizações operárias católicas, experiências dispersas em vários estados do país, que unificadas e hierarquizadas em níveis estadual e nacional, deram corpo ao triunfante movimento circulista no pós-1937.

Como divisor de águas, proponho dois momentos distintos da história das organizações operárias de orientação católica. O primeiro compreende os anos de 1906 à 1936, onde localizamos a existência destas organizações, incluindo os Círculos de Operários. Neste período, verifica-se o surgimento dos Centros Operários, desenvolvidos principalmente em São Paulo. No Nordeste, o florescimento das Uniões Operárias na Paraíba; os Círculos de Operários e Trabalhadores Católicos no Ceará; e no Rio Grande do Sul, a formação dos Círculos Operários a partir de 1932.

O ano de 1936 assinala o término dessa fase tendo em vista as redefinições das estratégias da Igreja Católica para o mundo do trabalho com as resoluções do Congresso Eucarístico ocorrido em Belo Horizonte. O que de fato caracteriza esse período é que as organizações operárias católicas se desenvolveram com uma certa independência em relação à hierarquia eclesialística. Não estavam submetidas e enquadradas a um modelo uniforme,

reduzidor das diferenças. Os hinos e as bandeiras eram construídos pelos seus membros. Veja-se por exemplo o caso dos Círculos Operários no Ceará: embora Fortaleza tivesse sido o primeiro município a organizar um Círculo Operário e as outras unidades circulistas a se constituírem posteriormente adotassem o modelo deste Círculo, os hinos e canções circulistas se diferenciavam, pois até então não havia a imposição de um modelo a ser rigorosamente copiado.

O segundo momento tem como marco o ano de 1937 e é caracterizado pelo projeto unificador com forte peso hierárquico, onde as organizações operárias de orientação católica adotam o modelo dos Círculos Operários e estes tornam-se instrumentos da Igreja Católica para promover a cristianização das classes trabalhadoras.

A efetivação das resoluções do I Congresso Operário Católico, foi de significativa relevância para a expansão do circulismo no Brasil. A cúpula eclesiástica ao escolher os Círculos Operários como caminho para aproximar-se das classes trabalhadoras, orientava o clero no sentido de fundar organizações circulistas e adaptar ao modelo dos círculos operários, as associações já existentes. Assim é que as Uniões Operárias, Centros Operários e congêneres assumiram no plano externo e interno o modelo dos Círculos Operários.

Os Círculos Operários desenvolvendo um amplo projeto de cunho político e teológico, eram predominantemente as organizações de orientação católica presentes entre as classes trabalhadoras. Contudo, verifica-se a assistência de outras entidades católicas que disputaram com os Círculos Operários a orientação dos trabalhadores. Tal é o caso da Juventude Operária Católica e Ação Católica Operária.

Nos anos posteriores a 1945, as organizações operárias católicas se fortaleceram, buscaram alinhar-se num mesmo bloco e, apesar de assumirem posições políticas diferenciadas, tinham em comum a luta contra o comunismo e o propósito de oferecer uma feição cristã às reivindicações operárias. Tratando desse assunto, Jessie Jane comenta que:

Os grupos católicos ganharam força a partir de 1956 e, apesar das diferenças existentes entre eles, de uma forma

ou de outra uniram-se no MSD (Movimento Sindical Democrático). Dentre os grupos católicos, existia aqueles identificados com as orientações da esquerda independente, como a JOC, a JUC e o MEB, e aqueles articulados pelo alto clero, de tendência conservadora, como os circulistas.⁸¹

A propósito da dinâmica do movimento circulista no pós-1945, observamos que a esse respeito, alguns trabalhos acadêmicos apresentam a visão de que após o Estado Novo o circulismo fragiliza-se. Essa concepção parte da premissa que os Círculos Operários estavam de tal forma vinculados ao Estado Novo que não conseguiram adequar-se às mudanças conjunturais. Encontramos em produções que versam sobre temáticas afins, algumas referências à organização circulista no período posterior a 1945. No entanto, esses trabalhos apresentam conclusões apressadas, visto que concebem o movimento circulista como apêndice de um projeto da Igreja Católica para articular-se com o Estado, portanto uma organização sem expressão própria, sujeita exclusivamente as mudanças conjunturais e que não conseguiram impor uma dinâmica própria para superação das crises.

No trabalho de Ângela de Castro Gomes sobre o trabalhismo, a referência aos Círculos Operários limita a existência destas organizações ao período do Estado Novo. Acredito pois, que tal concepção é fruto da carência de pesquisas que propusessem ultrapassar esses marcos, aprofundando o conhecimento acerca do circulismo, o que possibilitaria confrontar diferentes olhares sobre este. Ângela C. Gomes relaciona as mudanças que se operaram no movimento circulista no pós-1945 à nova conjuntura política que demarcou esse período. A elaboração do conceito sobre o circulismo, referenda-se na vinculação desse projeto ao Estado Novo:

Profundamente assistencialista, a proposta circulista vinculou-se a um clima político de intenso combate ao comunismo e de grande simpatia por um Estado Autoritário, com estas características marcantes, tornou-se incômoda quando os ventos da política internacional e nacional começaram a soprar em outra direção.⁸²

⁸¹ Idem, p. 252.

⁸² GOMES, Ângela M. de Castro. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice, 1988.

Semelhante formulação sobre a atuação dos Círculos Operários é feita por Thomas Bruneau. Para este autor, havia um forte vínculo entre os Círculos e o Estado Novo, de modo que, “*Tão ligado a esse sistema era o movimento que ficou mal adaptado depois da morte de Vargas*”⁸³ Ainda acerca do caráter do circulismo, Bruneau tece outras considerações que reduzem o movimento circulista a uma proposta meramente caritativa, obscurecendo sua dinâmica no plano organizacional, político e sindical, cujas propostas redefinidoras foram traçadas durante o IV Congresso Nacional em 1945⁸⁴. Assim, apressadamente conclui que após a morte de Vargas:

Os Círculos Operários continuaram a se preocupar com questões de catequese, moralismo, o avanço da secularização e a distribuição de esmolas. Ficaram, não há dúvidas nenhuma, alienados dos elementos dinâmicos que atuavam dentro do movimento trabalhista, e se tornaram cada vez mais irrelevantes para a sociedade.⁸⁵

Ralph Della Cava também partilha a idéia da transitoriedade dos Círculos Operários. Associando o nascimento destes às orientações da Encíclica *Quadragesimo Anno* e sua expansão ao Estado Novo, Della Cava afirma que:

(...) a última organização é a dos Círculos Operários, fundada em 1932, um ano após a promulgação da *Quadragesimo Anno* de Pio XII, e que só se tornaria de âmbito nacional com o estabelecimento do Estado Novo, tendo um florescimento apenas efêmero.⁸⁶

Com base na trajetória do circulismo no Estado do Ceará, bem como no seu desempenho em nível nacional, corroboro as afirmações de Jessie Jane

⁸³ BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo Brasileiro em Época de Transição**. São Paulo: Loyola, 1974. (Temas brasileiros, 3). Tradução de Margarida Oliva.

⁸⁴ Sobre o assunto consultar SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

⁸⁵ BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo Brasileiro em Época de Transição**. São Paulo: Loyola, 1974. (Temas brasileiros, 3). Tradução de Margarida Oliva. p. 165.

⁸⁶ DELLA CAVA, Ralph. **Igreja e Estado no Brasil do século XX**. In: Estudos CEBRAP, nº 12, Edições Cebrap, São Paulo, 1975. BARRETO, Álvaro. **Uma avaliação da produção historiográfica sobre os Círculos Operários**. In: Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 7, julho, pp. 127-147. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

para quem, 1946-1964 representa o “*período mais promissor do circulismo*”⁸⁷. O VI CONGRESSO NACIONAL DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS realizado no Rio de Janeiro de 19 a 25 de junho de 1950, apresentou um significativo crescimento dos Círculos Operários no Brasil. Os relatórios do VI CONGRESSO apontam que, no período de 1946 a 1950 haviam surgido quatro novas federações e as organizações circulistas passaram de 221 para 275.⁸⁸ Creio portanto, que não é válida a generalização de 1945 como o ano da ruptura, seguido da decadência do circulismo no Brasil.

Encontramos decerto alguns estudos que evidenciam o declínio da organização circulista com o fim do Estado Novo. Alguns destes são abordagens generalizantes como é o caso do estudo de Wiarda, no qual afirma que “...*depois da queda de Vargas em 1945, o movimento operário católico entrou em declínio, do qual somente agora começa a se recuperar*”.⁸⁹ Outros, porém, são pesquisas realizadas em âmbito municipal, como o estudo sobre o Círculo Operário do Recife, no qual Miranda defende a idéia de que a decadência do circulismo estava associada à desestruturação do Estado Novo. Concluindo, o autor apresenta a contínua redução das atividades circulistas no Recife, entre 1944 e 1946.⁹⁰

Não obstante, registre-se o insucesso de algumas organizações circulistas em determinados locais, temos outras realidades que apontam uma

⁸⁷ SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Valentim, o guardião da memória circulista** (1947-1958). Campinas, 1992. 151 p. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas

⁸⁸ Pesquisando no semanário circulista **A Fortaleza**, Ano I, nº 25, 03/03/51, encontrei uma análise do desenvolvimento dos Círculos Operários no Brasil, que referenciando-se nos relatórios do VI CONGRESSO NACIONAL DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS, realizado no Rio de Janeiro, de 19 a 25 de junho de 1950, afirma o crescimento do movimento no período de 1946 a 1950.

⁸⁹ WIARDA, Howard. **O movimento operário católico brasileiro: os dilemas do desenvolvimento nacional**. Rio de Janeiro: Centro João XXIII, 1974. [Mimeog.]. Apud BARRETO, Álvaro. **Uma avaliação da produção historiográfica sobre os Círculos Operários**. In: Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 7, julho, pp. 127-147. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

⁹⁰ MIRANDA, Carlos. **A questão social e os Círculos Operários do Recife**. Clio. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Série História do Nordeste, Nº 16, 1996. Observa-se nesta passagem o definhamento dos Círculos Operários na capital pernambucana: “De acordo com o relatório da Assembléia Geral do COR, realizada em janeiro de 1944, e apresentada por seu presidente, Severino Venceslau da Silva, constata-se o declínio das atividades circulistas, com o fechamento dos Núcleos de Tejipió, Torre, Iputinga e suas respectivas escolas de assistência educacional. Evidencia-se, mais ainda, a queda dos CCOO, no relatório de 1946 do COR, apresentado pelo seu presidente, quando do fechamento dos Núcleos de Tamarineira, Gameleira e Campo Grande, juntamente com suas respectivas escolas, restando em atividade, apenas, o Núcleo do Prado.”(p. 37)

trajetória inversa, ou seja, da continuada ascensão dos Círculos Operários após o fim do Estado Novo. O Ceará é, pois, um exemplo desse processo de expansão circulista. A organização circulista cearense promove não somente o surgimento de novas unidades e núcleos circulistas, mas, também, a ampliação desse projeto e o fortalecimento de sua base de atuação, com o estabelecimento de uma complexa rede de colaboração e parcerias nas diversas instâncias do poder estatal, bem como as relações com organizações civis e religiosas.

Outro aspecto que pode ser considerado como uma lacuna na historiografia circulista é o fato de que as pesquisas concentram-se nas regiões industrializadas. Decerto que o alvo principal do circulismo foram os locais de maior agrupamento de operários, onde a Igreja tentava por “*um dique à infiltração comunista*”.⁹¹ Todavia, no caso do Ceará, a proposta circulista se estendeu ao interior do Estado, onde predominava a atividade agrícola, sendo, portanto, a maioria de seus associados composta por trabalhadores rurais. No ano de 1953, a Federação dos Círculos Operários do Ceará divulga uma relação dos Círculos Operários deste Estado. Era um total de 88 Círculos Operários: 18 Círculos Operários na Capital e os outros localizados em 70 municípios.⁹²

Compreendo, portanto, que os vieses da produção sobre o circulismo indicam lacunas que somente serão supridas a partir de novas pesquisas sobre o tema. A ampliação dessas pesquisas e a “inter-relação dos estudos regionais” ou melhor dizendo, “*um cruzamento dos resultados dessas pesquisas*”⁹³, poderá proporcionar o alargamento da visão que temos do circulismo não somente como forma de associativismo entre os trabalhadores, mas também enquanto projeto de intervenção da Igreja Católica no movimento operário.

Apesar da existência de um número significativo de pesquisas sobre o tema, é inegável que o Círculo Operário, como forma de associativismo entre

⁹¹ **MANUAL DO CIRCULO OPERÁRIO.** Documento da CNOC que contém os princípios e orientações do circulismo. Consta também documentos de várias organizações, depoimentos e discursos proferidos por autoridades civis e eclesiásticas em prol do circulismo.

⁹² **A FORTALEZA**, ano III, nº 139, 26/07/53.

⁹³ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Cruzando Fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira.** In: Gomes, Ângela Maria Castro (org.) Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira. São Paulo: Scritta, 1997 pp. 85-103.

os trabalhadores, configura-se como um exemplo de organização que não despertou grande interesse dos pesquisadores e tampouco dos militantes. Sobre o “*silêncio*” em torno do circulismo Jessie Jane profere de forma lacônica que: “*O Circulismo é um movimento que ficou no esquecimento, um fato mantido em um passado que não deve ser lembrado. Sua história não interessa a ninguém.*”⁹⁴

Considero de relevante importância os estudos sobre os Círculos Operários para a compreensão da história dos trabalhadores no Brasil, uma vez que estes foram experienciados por uma parcela significativa da classe trabalhadora em todo o país. Os circulistas mantinham ainda estreitos vínculos com outras entidades – leigas, eclesiais e sindicais - construindo relações ricas e complexas, que podem nos oferecer uma melhor visão, em extensão e profundidade, da história dos trabalhadores nos seus múltiplos espaços. O circulismo apresenta-se inequivocamente como um tema com diversas possibilidades de realização de muitas descobertas sobre suas origens, o controle, a ação da Igreja e do Estado, sua trajetória, especificidades regionais, seus sujeitos históricos, mediações com outras organizações dos trabalhadores e ações no campo da cultura.

Esse estudo busca evidenciar a existência de experiências circulistas que antecederam o processo de irradiação do circulismo no Brasil. Procura ainda compreender como ocorreu o processo de uniformização das organizações operárias católicas sob a bandeira do circulismo, ancorado na proposição de um novo modelo que se pretendia hegemônico, enquanto minimizava a importância dessas experiências, descredenciando-as. Outro aspecto que apresento como relevante é a visibilidade da atuação circulista nos municípios onde a mão-de-obra fabril não era predominante, ou seja, no mundo rural onde as demandas desses trabalhadores sensivelmente se diferenciavam do operário. A concretização de futuras pesquisas sobre o circulismo, com novos recortes (cronológicos e geográficos) permitirá interpretar com mais clareza os seus significados para os trabalhadores da época, bem como, os câmbios pelos quais passou o movimento.

⁹⁴ SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p.279.

Segunda Parte - O Circulismo no Ceará

O circulismo cearense transformou-se num dos mais vigorosos em todo o país. No ano de 1950, o Ceará era um dos Estados com maior número de Círculos Operários⁹⁵. Apesar disso, encontramos apenas esparsas referências à organização circulista no Ceará, com exceção para o trabalho de Agenor Júnior, que realizou um estudo sobre a atuação da Igreja Católica junto aos trabalhadores urbanos no município de Sobral, onde aborda a organização circulista local.⁹⁶

Considero que essa temática, como campo de estudos, apresenta-se plena de possibilidades e enriquecerá sobremaneira a História Social do Trabalho no Ceará, tendo em vista que até o momento foi abordada apenas tangencialmente.

Assim, apresento algumas breves considerações sobre trabalhos que, embora não tratem dos Círculos Operários no Ceará como objeto de investigação, versam sobre temáticas correlatas. Analisei alguns estudos, dentre eles o trabalho de Júlia Miranda, sobre a ação da Igreja Católica brasileira, especialmente o catolicismo cearense, com ênfase na análise do discurso católico. Neste trabalho os Círculos Operários aparecem como uma importante proposta elaborada e levada à cabo pelo clero cearense, com o propósito de recristianizar a sociedade. No entanto, apesar da autora considerar relevante a criação dos Círculos Operários como forma de inserção da Igreja no campo do trabalho, apenas o seu aspecto caritativo foi enfatizado.⁹⁷

Apesar de encontrar em Júlia Miranda⁹⁸ indicações sobre alguma relação entre os Círculos de Operários e Trabalhadores Católicos e a Legião

⁹⁵ **A FORTALEZA** ano II, nº 52, 29/09/51. O jornal divulga os dados colhidos do Mapa estatístico organizado pela CNOC em 1950: em 1º lugar: São Paulo – 53 CC.OO; 2º lugar: Rio Grande do Sul – 33 CC.OO; 3º lugar: Ceará – 30 CC.OO. Ocorre que o Ceará tinha em 1950, 78 Círculos Operários, no entanto apenas 30 preencheram o Mapa e remeteram a tempo de figurar na resenha da CNOC.

⁹⁶ JÚNIOR, Agenor Soares e Silva. “**A cidade disciplinada**”: a Igreja Católica e os trabalhadores urbanos em Sobral – Ceará (1920-1925). Recife, 2002. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco.

⁹⁷ MIRANDA, Júlia. **O Poder e a Fé: discurso e prática católicos**. Fortaleza, Edições UFC, 1987

⁹⁸ Idem, p. 81.

Cearense do Trabalho, e ainda ter analisado um documento episcopal que estabelecia regras a serem respeitadas pelos circulistas que aderiam ao projeto legionário, causa estranheza que em dois importantes trabalhos de João Alfredo de Sousa Montenegro⁹⁹ que tratam do catolicismo cearense em seu aspecto conservador e sua preocupação social, não se visualize referências ao circulismo local. Apesar da ausência do circulismo cearense em sua relação com o integralismo local, Montenegro, ao enfatizar o relevante trabalho de Severino Sombra na organização da L.C.T, leva a crer que o nascimento dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul foi influenciado pelo programa legionário cearense ao explicitar que:

Foi algo que realmente projetou o ilustre cearense no plano nacional. Exemplo frisante disso é a correspondência que recebe do Padre Brentano, grande animador do circulismo, o qual, no Rio Grande do Sul, se mostrava interessado em ter em mãos os documentos a conterem o ideário e a organização da L.C.T.

.....
Disso resultaria a fundação pelo sacerdote em apreço dos Círculos Operários naquele Estado.¹⁰⁰

No estudo de Adelaide Gonçalves, uma investigação sobre a imprensa dos trabalhadores no Ceará, que encontro a presença circulista. No capítulo que trata da *“Educação e controle social”*, a autora compreende ser importante *“...trazer à cena alguns experimentos relevantes porque demonstrativos da elaboração de projetos de educação e formação profissional destinados à população pobre e trabalhadora em sua face de controle social”*¹⁰¹. Nesta abordagem, os circulistas aparecem como protagonistas de um projeto que, embora estando sob a direção da hierarquia católica, embalou significativa parcela de trabalhadores e operários, pois acreditavam numa utopia: construir uma realidade social mais justa e edificá-la harmonicamente, sem conflito social. Ainda neste trabalho, observamos os embates entre a imprensa

⁹⁹ MONTENEGRO. João Alfredo de Sousa. **O Integralismo no Ceará: variações ideológicas. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986;** _____ **O Trono e o Altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978).** Fortaleza, BNB, 1992.

¹⁰⁰ MONTENEGRO. João Alfredo de Sousa. **O Integralismo no Ceará: variações ideológicas.** Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986. p.24.

socialista libertária e a imprensa católica. Os socialistas libertários, ao apresentarem seus princípios e programa, rebatiam as críticas da imprensa católica e seu projeto social, contrapondo-se diretamente ao trabalho desenvolvido pelos circulistas, a quem alcunhavam de “*carneirada do circo*”. Essa é uma questão que trataremos posteriormente com mais profundidade.

Para aprofundar a discussão sobre a organização circulista no Ceará, focalizo inicialmente o trabalho pastoral de D. Manuel da Silva Gomes, terceiro bispo do Ceará, que assume suas funções em 1912 e já encontra a Igreja Católica cearense adaptada aos moldes da reforma tridentina, portanto com o clero fortalecido, ocupando os cargos de direção nas irmandades, confrarias e santuários. Sua ação pastoral no campo social segue as orientações da *Rerum Novarum*. Logo em 1913, funda o Círculo Católico de Fortaleza que abriga indivíduos das classes médias¹⁰². Sem descurar da questão social, organiza o Círculo de Trabalhadores Católicos de São José, visando arregimentar os trabalhadores de diferentes categorias sócio-profissionais, para oferecer-lhes assistência material e espiritual, fundamentado no princípio da caridade e ideal cristão de harmonia social.

Se o início do movimento circulista em outras regiões do país “enfrentou a desconfiança da própria Igreja”¹⁰³, o mesmo não ocorreu no Ceará, pois um dos fatores preponderantes para o sucesso da organização circulista cearense é que ela contava, desde o seu nascimento, com o apoio significativo do arcebispo D. Manoel da Silva Gomes.

Desde cedo, D. Manoel fez da *Rerum Novarum* o guia na elaboração de propostas para as questões sociais e nas relações com o Estado. Em sua Carta Pastoral de 08 de dezembro de 1912, aponta para os propósitos de sua ação eclesial e de como estabeleceria, no plano político, estratégias que aproximassem a Igreja do poder temporal, objetivando exercer alguma influência sobre este, além de receber favores e benefícios. Afirmando a necessidade da convergência dos dois poderes em vistas da similitude de

¹⁰¹ GONÇALVES, Adelaide Maria Pereira. **A Imprensa dos Trabalhadores do Ceará, de 1862 aos anos de 1920**. Florianópolis, 2001. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina

¹⁰² Sobre o assunto consultar MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. **O Trono e o Altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)**. Fortaleza, BNB, 1992.

alguns de seus objetivos, o arcebispo dirige-se, em 1912, ao tenente coronel Marcos Franco Rabelo, então Presidente do Ceará:

Somos colaboradores na mesma obra, artífices da mesma empresa, o engrandecimento do Ceará. (...) V. Exa. provê-lhe o bem-estar na terra, e nós, sem descurarmos deste, apontamo-nos sobretudo para a felicidade do céu. Mas, ambos trabalhamos para fazer feliz o mesmo povo. Somos, portanto, colaboradores, e, ainda que em esferas distintas, nossa ação deve ser comum e harmônica.¹⁰⁴

Ainda para corroborar a assertiva, trago um fato bastante elucidativo: em 1922, a Assembléia Legislativa aprovou emenda tributando cooperativas e organizações congêneres. D. Manoel recorre ao governo do Estado, solicitando isenção do imposto para o Crédito Popular São José - Sociedade Cooperativa coordenada pela Arquidiocese. O governo *“fez passar na Assembléia uma subemenda isentando o Crédito Popular São José”*¹⁰⁵, fato que demonstra o prestígio político da Arquidiocese e os estreitos laços com o poder estatal.

É nesse contexto que efetiva-se a proposta circulista no Ceará, em 14 de fevereiro de 1915, nos primeiros anos do episcopado de D. Manoel. As fontes consultadas atribuem ao arcebispo e, especialmente, ao Pe. Guilherme Waessen, primeiro Assistente Eclesiástico do Círculo, a responsabilidade pela organização e implantação do circulismo em Fortaleza.

Por ocasião de seu 25º ano de apostolado episcopal, Dom Manoel da Silva Gomes recebeu numerosas saudações, com ênfase e destaque para o trabalho desenvolvido pelo religioso junto ao operariado cearense, preparando-o e arregimentando-o, no intuito de solidificar os princípios cristãos para torná-lo “imune” às idéias subversivas:

D. Manoel trouxe para o Ceará a Ação Católica, num tempo em que os deveres eclesiais se limitavam, em nosso país, ao campo religioso e a sociedade vivia ao lado da Igreja mas em simples regime de vizinhança. O bispo jovem... inspirado nas novas lições fundamentais de Leão

¹⁰³ BARRETO, Álvaro. **Uma avaliação da produção historiográfica sobre os Círculos Operários**. In: Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 7, julho, pp. 127 –147. Porto Alegre: UFRGS, 1997. p. 137.

¹⁰⁴ **Carta Pastoral de D. Manoel da Silva Gomes – Saudando seus Diocesanos** – 08 de dezembro de 1912. Arquivos do Seminário da Prainha.

¹⁰⁵ **O Nordeste**, ano I, 05/07/22.

XIII, lançou os seus olhos para a vida e, mais cedo do que muitos outros, preparou o Ceará para as tempestades, que somente depois haveriam de por em risco as bases do mundo cristão. Eis porque as comoções desta última década já encontraram o operariado cearense arregimentado e imune das seduções de doutrina contrária à fé católica.¹⁰⁶

Para auxiliá-lo na Diocese, D. Manuel convida o vigário de Tauá, Monsenhor Joaquim Ferreira de Mello, para assumir em Fortaleza o cargo de vigário geral, e o Pe. Guilherme Waessen para reitor do Seminário.¹⁰⁷ Monsenhor Joaquim Ferreira de Mello permaneceu em Fortaleza, como vigário geral, de 1914 a 1921, quando teve que assumir o bispado de Pelotas (RS).

Foi no bispado de D. Joaquim Ferreira de Melo que nasceu em 1932, o Círculo Operário de Pelotas, considerado o primeiro Círculo Operário no Brasil, pela historiografia circulista. É emblemático que a criação do primeiro Círculo Operário do Rio Grande do Sul tenha ocorrido na jurisdição Diocesana de Pelotas, cujo bispo havia presenciado e experienciado a organização circulista no Ceará. Partindo dessa premissa, pode-se considerar a hipótese de que os Círculos Operários no Ceará inspiraram a fundação de outras organizações circulistas no sul do país.

No aniversário do primeiro ano de episcopado de D. Joaquim Ferreira de Melo, na Diocese de Pelotas, *O Nordeste*, jornal cearense de orientação católica, publica em seu Editorial, uma matéria sobre o trabalho desenvolvido

¹⁰⁶ **Diário da Noite**, 27 de outubro de 1936. (Austregésilo de Athayde)

¹⁰⁷ Nos Arquivos do Seminário da Prainha, em Fortaleza, encontrei uma pequena biografia do padre Guilherme Waessen. **A Fortaleza**, ano VIII, nº 394, 29/01/1959, publica um artigo intitulado, *Padre Guilherme Waessen – Pioneiro do Circulismo no Brasil*, apresentando alguns dados biográficos e parte de sua história missionária. Guilherme Waessen nasceu em Hoensbrock – Holanda, em 23 de maio de 1873. Ordenou-se em junho de 1898 em seu país natal. Iniciou o noviciado na Congregação das Missões em julho de 1892. Fazia parte da Congregação dos Filhos de São Vicente. Veio para o Brasil em julho de 1898 e neste mesmo ano começou a lecionar no Seminário da Prainha em Fortaleza. De 1901 a 1910 organizou missões nos sertões baianos, vales e montes mineiros e nas caatingas de Pernambuco. Retorna ao Ceará onde promove a Missão e assume o cargo de Reitor do Seminário da Prainha, no período de 1914 a 1927. Em 1915 organiza os Serviços aos Flagelados e torna-se o primeiro assistente eclesiástico do Círculo de Operários e Trabalhadores Cristãos de Fortaleza. Faleceu em 12 de janeiro de 1965 em Fortaleza. Publicou algumas obras de sua autoria: *Conferências para Missionários; Vida de São Vicente de Paulo; Pequeno Missionário; Vida de Santa Terezinha; As grandes pecadoras; Um calvário na China; Vida de Santa Catarina; Porque me confesso, vou à missa, comungo e Uma flor serrana.*

por D. Joaquim Ferreira de Mello, na Diocese de Pelotas, afirmando que o bispo é responsável por “*um intenso movimento religioso na cidade*”.¹⁰⁸

Se a ação pastoral de D. Joaquim Ferreira de Melo concorreu de maneira significativa para a fundação do C.O de Pelotas, é um assunto ainda obscuro. O padre Leopoldo Brentano foi sem dúvida um dos grandes articuladores do movimento circulista em âmbito nacional e um dos responsáveis pela unificação dos círculos e outras organizações congêneres a uma proposta homogeneizadora, que privilegiou a estrutura organizacional e o programa dos Círculos Operários como modelo. Sobre o seu pioneirismo na fundação do primeiro Círculo Operário, acredito que a assertiva é válida para o Rio Grande do Sul e não deve generalizar-se para o Brasil, pois como já apresentei, o nascimento do primeiro Círculo Operário no Ceará data de 1915, corroborando esta proposição.

Nas datas festivas, o circulismo cearense era sempre enaltecido com especial relevo para o fato de ter sido essa experiência, pioneira no Brasil. Assim, é que nas comemorações do aniversário do Círculo Operário de Fortaleza, em 14 de fevereiro, o orador oficial faz o histórico da agremiação, sem esquecer os agradecimentos a D. Manoel e o padre Guilherme Waessen, primeiro Assistente Eclesiástico deste Círculo e, na opinião de alguns, “*o fundador do Círculo Operário mais antigo do Brasil*”.¹⁰⁹ No 38º aniversário do Círculo Operário de Fortaleza, Tito Brito, orador oficial, assim se manifestou:

(...) o Ceará que se há colocado a vanguarda das boas iniciativas, pioneiro nas conquistas das causas justas e populares, teve a primazia entre os estados da Federação de ser o berço do circulismo. (...) Para assinalar as atividades circulistas de então, bastaria enumerar por exemplo, a edificação de sua sede própria, à Praça Cristo Redentor, vindo após a instalação de escolas profissionais de sapataria, carpintaria, marmoaria, de alfabetização para menores e adultos, banda de música e cinema e ainda, um conjunto teatral.¹¹⁰

Os circulistas cearenses jamais aceitaram a idéia cristalizada e difundida dentro do movimento circulista em esfera nacional, que o primeiro

¹⁰⁸ **O Nordeste**, ano I, nº ,18/09/1922.

¹⁰⁹ **A Fortaleza**, ano I, nº 12, 02/12/1950.

¹¹⁰ **A Fortaleza**, ano III, nº 117, 15/02/1950.

Círculo Operário fundado no Brasil tenha sido o de Pelotas. Convidados a participar do *II Congresso Circulista* em Pernambuco, os Círculos Operários cearenses anunciam que reivindicarão neste evento a primazia na criação das dessas entidades no Ceará. O Congresso agendado para julho de 1957, inseria-se nas atividades comemorativas do “*Ano Jubilar Circulista*”, tendo como base a fundação do C.O de Pelotas em 1932. Para fundamentar a reivindicação apresentam as justificativas pronunciadas em outros discursos. A prova inconteste era a fundação do Círculo Operário de Fortaleza, em 1915 e de outros que antecederam o Círculo pelotense. Se durante anos a divergência com o marco histórico que datava a origem dos Círculos Operários no Brasil em 1932 foi objeto de discussão interna entre os circulistas cearenses, eles pretendiam no Ano Jubilar tornar pública essa objeção:

(...) anunciaremos a todos os circulistas, que o nosso Estado foi o primeiro a instalar um Círculo Operário. O Círculo Operário de Fortaleza foi fundado pelo Pe. Guilherme Waessen, hoje capelão da Santa Casa, com os seus 82 anos bem vividos, ainda recorda aqueles momentos quando o ideal circulista penetrou em muitos corações de operários e trabalhadores. Antes de 1932 outros círculos operários foram instalados no Ceará. (...) Se tomarmos por base a fundação do Círculo Operário de Fortaleza, contaremos 41 anos de existência de um Círculo Operário, portanto, temos o direito de batalharmos pelo nosso ideal, pela nossa causa circulista e dizermos ao país inteiro – fomos nós, os primeiros a levar avante o ideal circulista.¹¹¹

Como entender as razões do surgimento da organização circulista no Ceará em 1915? É possível que o Arcebispo houvesse prognosticado as agitações no mundo do trabalho nos anos posteriores como disse Austregésilo de Athayde? Ou tratava-se de promover a associação dos trabalhadores numa entidade que lhes prestasse assistência material e espiritual, socorrendo-os nos momentos de dificuldades? Esclareço de antemão que não encontrei documentos que elucidassem com clareza os interesses que motivaram sua fundação.

Embora longo, apresento o depoimento daquele que é considerado pelos circulistas cearenses, o fundador do primeiro Círculo no Brasil, padre

¹¹¹ **A Fortaleza**, ano VII, 24/11/1956.

Guilherme Waessen. Trata-se de uma fecunda entrevista concedida *A Fortaleza*, por ocasião da outorga do título de cidadão fortalezense ao Pe. Guilherme Waessen em setembro de 1960:

Em 1915 foi pregada uma missão na praça do Seminário pelo Pe. Frei Eduardo Helberhold e por mim. Foi a primeira missão pregada em praça pública e por isso abalou muito a cidade. Naquele tempo contando talvez de 70 a 80 mil habitantes. Acabada a missão o Sr. Arcebispo, Dom Manuel da Silva Gomes, me perguntou sobre os meios de conservar os frutos colhidos. Ficou logo resolvida a fundação de um Circulo de Operários. Fui incumbido de elaborar os estatutos. Marcou-se o dia 14 de fevereiro para uma reunião, presidida pelo Sr. Arcebispo no prédio Vicentino. Na mesma ocasião, foi proclamado primeiro presidente do Circulo o Sr. José da Silva Marcos. Este, por causa da sua idade, dentro de pouco tempo pediu sua exoneração, e foi eleito o Sr. José Agostinho da Silva. Foi devido a este que o Circulo em pouco se desenvolveu e progrediu de modo extraordinário.

(...) Todos os domingos às duas horas da tarde havia sessão, com meia hora de instrução religiosa, aula de higiene e civilidade, além do expediente. Logo ficaram fundadas as caixas de socorro de enterro e de pecúlio. Duas vezes por semana, havia cinema, cujo ingresso custava dois tostões. Enquanto aos domingos os homens assistiam à sessão, o Sr. Pe. Gumercindo Sampaio reunia os meninos com uma dedicação admirável. Havia escola noturna, e nesta se dedicou por muito tempo o Sr. Carolino de Aquino, secretário do Circulo. Havia banda de música que às vezes tocava no passeio Público sob a direção do Sr. José Vicente. Foram inauguradas também naquele tempo as oficinas de carpintaria e sapataria e máquina de imprimir.

Em 1921 foi construído o Circulo atual e em 1922 a coluna do Cristo Redentor, com o fim patriótico de comemorar o Centenário da Independência. Pela mesma época o Circulo adquiriu uma quadra no Cemitério e construiu cerca de 40 túmulos. Para isto recebeu um donativo do Sr. Raimundo Frota. O prédio do Circulo Operário e a Coluna do Cristo Redentor foram feitos sem subvenção de espécie alguma, nem federal, nem municipal, e o que é mais admirável, sem engenheiro. A coluna, considerada pelo Clube de Engenharia do Rio de Janeiro como uma obra prima, foi construída por três pedreiros, Antonio Machado, Domingos Reis e Raimundo Severino, incluída também a estátua de Cristo.(...)¹¹²

¹¹² **A Fortaleza**, ano IX, nº 464, 30/10/1960. O Projeto Lei n. 168/60 que requeria outorga do título de cidadão de Fortaleza ao Pe. Guilherme Waessen, foi apresentado na Câmara Municipal de Fortaleza pelo Vereador Walter Cavalcante Sá, Presidente do C. O de Monte Castelo. A lei foi sancionada em 23 de setembro de 1960.

É possível que a constituição do Círculo de Operários e Trabalhadores e Operários Católicos de Fortaleza tenha tido uma motivação não relacionada à questão social? Que estivesse vinculada apenas a aspiração cristã de minimizar o sofrimento dos trabalhadores através de uma ação caritativa? Se assim fosse, não seria suficiente o programa Vicentino? Para muitos circulistas que vivenciavam as turbulências políticas e sociais dos anos de 1960, a ação do Pe. Guilherme Waessen foi profética e oportuna, uma vez que:

(...) prevendo que o comunismo teria fatalmente de introduzir-se aqui, se não se apontasse a verdadeira solução para a questão social, tomou para si a tarefa de evitá-lo fundando no Ceará o Círculo de Operários Católicos de São José, que tem sido, na realidade, o núcleo de toda resistência contra as investidas do socialismo ateu e comunista.¹¹³

Em nenhum momento o padre Guilherme Waessen faz qualquer alusão a questão social como sendo a razão motivadora para a criação do Círculo de Operários em Fortaleza no ano de 1915. Não obstante, os discursos posteriores reportando-se a essa iniciativa dão ênfase aos problemas no mundo do trabalho como elemento propulsor do projeto circulista no Ceará.

1 – Progênie e credenciamento de um projeto.

Enquanto nas décadas de dez e vinte, os Círculos Operários ainda não haviam se projetado em outras regiões do país, no Ceará, essas organizações assumiam importância significativa, expandindo-se para as cidades interioranas e fortalecendo-se nas alianças com outras agremiações católicas, bem como articulando-se com os sindicatos. Sob a coordenação do padre Guilherme Waessen, tinha início um projeto para congregar as classes trabalhadoras do Ceará, filiadas aos mais diferentes organismos associativos, numa mesma entidade que lhes conferissem uma identidade comum, ou seja, de trabalhadores cristãos cujas práticas estavam assentadas nos princípios cristãos. Sobre o assunto, Júlia Miranda afirma:

¹¹³ Idem, artigo **Homenagem Merecida**, p.3.

A fundação do Círculo de Trabalhadores Católicos de São José representa a mais significativa iniciativa da Igreja, no sentido de abrir espaço entre o operariado cearense. Seu diretor, padre Guilherme Vaessen, consegue se articular com os sindicatos e prepara o caminho para a criação, em 1925, da Federação Operária Cearense, precursora da Legião Cearense do Trabalho, que será criada em 1931 pelo tenente Severino Sombra e contando com a liderança incontestada do padre Helder Câmara.¹¹⁴

A forte ligação entre os Círculos Operários no Ceará e a Legião do Trabalho, embora sem esvaziar o Círculo de seu caráter identitário, forneceu-lhes matizes integralistas. Para assegurar que os Círculos preservariam seu caráter social, o Arcebispo de Fortaleza, D. Manoel da Silva Gomes, resolve intervir na regulamentação da filiação de circulistas ao movimento legionário. A concepção de que no Ceará as organizações operárias assumiram a feição integralista foi divulgada no trabalho de Jessie Jane, na fala de um de seus entrevistados, que, informando sobre a expansão do circulismo em âmbito nacional e a estruturação da Confederação Nacional dos Círculos Operários, afirma que o padre Brentano:

(...) começou a aproveitar algumas associações operárias que já existiam. Por exemplo, no Ceará, já existia um grande trabalho de operários católicos que era muito integralista. Então padre Brentano entrou lá, mas não continuou com aquela orientação integralista e fez com que todas aquelas associações no Ceará se transformassem em Círculos Operários. E assim ele foi indo e fez uma confederação forte.¹¹⁵

Além de reforçar a idéia de que a organização do movimento circulista era praticamente obra de um só homem - no caso, o padre Leopoldo Brentano - o padre Velloso fala que no Ceará havia organizações de “operários católicos”, sem no entanto, denominá-las. Observa-se assim que o sacerdote parece desconhecer a existência de organizações circulistas no Ceará antes da década de 1930. O fato de Brentano ter proposto a transformação de todas as organizações de operários católicos em Círculos Operários, merece ainda uma

¹¹⁴ MIRANDA, Júlia. **O Poder e a Fé: discurso e prática católicos**. Fortaleza, Edições UFC, 1987.

¹¹⁵ Pe. Velloso, Apud. SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Valentim, o guardião da memória circulista** (1947-1958). Campinas, 1992.

outra observação. Embora a Confederação Nacional dos Círculos Operários aspirasse a padronização (denominação, estatuto, símbolos, métodos) de todas as organizações circunistas, no Ceará, muitos Círculos continuaram com a denominação original, qual seja, Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos, mesmo após o ano de 1940, quando ocorreu o Primeiro Congresso Circulista do Ceará.

Neste Primeiro Congresso, estiveram presentes muitos membros organizadores do movimento circulista no Brasil. Dentre eles o cônego José Távora, chefiando a delegação dos Círculos Operários de Pernambuco e o padre Brentano representando a Confederação Nacional dos Círculos Operários. Duas importantes resoluções foram aprovadas: a criação da Federação dos Círculos Operários do Ceará e a adesão destes ao movimento circulista nacional. A decisão implicava mudanças relevantes para as organizações circunistas cearenses, pois significava a aceitação de um modelo padronizado de organização, fato que não encontrou apoio em muitos dos associados.

Sobre a alteração da denominação da entidade, de modo particular, muitos dos fundadores do Círculo de Operários e Trabalhadores Cristãos de Fortaleza, ficaram insatisfeitos com a decisão¹¹⁶. Em artigo divulgado n'A *Fortaleza*, homenageando o 41º aniversário do Círculo Operário de Fortaleza, o articulista faz memória da trajetória histórica da entidade, elucida o processo de adesão dos Círculos cearenses ao movimento circulista nacional e manifesta as impressões e sentimentos de alguns circunistas:

(...) após os debates, o Revmo. Pe. Brentano fez larga explanação da nova doutrinação circulista programada à luz do evangelho e consoante os postulados das “encíclicas sociais” dos Santos Papas Leão XIII e Pio XI. Conhecida a amplitude do movimento e sua receptividade nas diversas esferas da Federação, portanto de âmbito nacional, os Círculos Operários do Ceará, nas palavras de seus líderes, sr. Arcebispo D. Manuel e Pe. Guilherme Vaessen aderiram sem restrições, de vez que as suas diretrizes vinham ao encontro das aspirações dos trabalhadores. Da fusão circulista houve duas modalidades a saber: a criação da

¹¹⁶ A primeira Direção do Círculo de Operário e Trabalhadores Católicos de Fortaleza era composta por: Marcos da Silva – Presidente; Tobias Soares – Secretário; Martinho José de Sousa – Tesoureiro; José Caetano, João Apolônio e Raimundo Severino de Moura – Diretores; Pe. Guilherme Vaessen – Assistente Eclesiástico.

Federação dos Círculos Operários do Ceará e o primeiro “Círculo” que se fundou no Brasil, sofreu a mudança de seu nome de origem, passando a chamar-se Círculo Operário de Fortaleza, ainda lamentado por seus fundadores sobreviventes.¹¹⁷

As principais decisões da organização circulista estavam a cargo da hierarquia eclesiástica, conforme atestam os documentos pesquisados. À revelia dos associados muitas determinações eram aprovadas. No entanto, a hierarquia enfrentava dificuldades na implementação destas. A decisão do arcebispo e do assistente eclesiástico em alterar a denominação dos Círculos Operários encontra resistência em algumas entidades cearenses que continuaram com a denominação original, não obedecendo às deliberações do I congresso circulista nesse Estado em 1940.

Transcorrida uma década e meia do I Congresso Circulista no Ceará, encontro n’A *Fortaleza*, a relação das entidades beneficiadas com as subvenções ordinárias e extraordinárias para 1955, e que ainda conservavam a denominação anterior a esse Congresso.¹¹⁸ Outras associações não alteraram a denominação, e apenas acrescentaram o título de Círculo Operário ao nome original, como foi o caso da União Popular Cristo Rei, fundada em 1931 e filiada ao movimento circulista a partir de 1943, passando a chamar-se Círculo Operário União Popular Cristo Rei.¹¹⁹

Outro interessante aspecto da organização circulista no Ceará reside no fato de que algumas destas entidades congregavam basicamente trabalhadores de uma mesma categoria profissional, como é o caso do Círculo Operário Ferroviário, cujos membros, como o próprio nome indica, eram majoritariamente trabalhadores da Rede Viação Cearense (RVC). O Círculo Operário de Mucuripe compunha-se de pescadores, e nos municípios interioranos onde predominava os trabalhadores do setor agrícola, alguns

¹¹⁷ **A Fortaleza**, ano VI, nº 265, 11/02/1956.

¹¹⁸ **A Fortaleza**, ano V, nº 211, 08/01/1955, divulga que o Ministério da Educação, Saúde e Justiça envia subvenções do montante de Cr\$ 1. 815.000,00 para dezenas de organizações circulistas cearenses. Para ilustrar a questão abordada, da relação publicada no jornal, assinalo apenas àquelas organizações que mantiveram a denominação original: Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José de Barbalha, Círculo de Operários e Agricultores Católicos São José de Acaraú, Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José de Juazeiro do Norte, Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José de Lavras da Mangabeira, Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José de Maranguape.

¹¹⁹ **A Fortaleza**, ano VII, nº 290, 07/09/1956.

Círculos Operários reivindicavam a denominação de agricultores para o Círculo Operário, a exemplo, mencionamos o *Círculo de Operários e Agricultores Católicos São José de Acaraú*.

Os Círculos Operários cearenses ressaltam a preocupação com o propósito de recristianizar os trabalhadores, seguindo a orientação da Igreja no projeto de neocristianização. Com essa preocupação, combatem qualquer entidade que desfralde a bandeira da luta de classes. Os embates entre o movimento circulista e as entidades que seguiam orientação socialista ou anarquista é veiculado tanto através da imprensa católica, quanto por meio da imprensa libertária. Os ataques são veementes e, de um lado e de outro, duras críticas são veiculadas nos jornais. Os socialistas, que pejorativamente, alcunhavam os circulistas de “carneirada do circo”¹²⁰, os vêem como uma massa inconsciente, manipulada pela Igreja. Em resposta às críticas formuladas pelos circulistas, especialmente aos padres que orientavam a organização, os editores da *Voz do Gráfico* manifestam que são:

(...) obrigados a vir defender o nosso ideal que, nesse momento, está sendo ridicularizado e combatido pela carneirada inconsciente do Circo de Operários e Trabalhadores São José, a qual não peja de andar pelas ruas da cidade, conforme registramos em número anterior, cantando uma versalhada toda mal começada e mal acabada, sem beleza, sem arte, sem métrica e, pior que tudo isso, sem verdade.¹²¹

No sétimo aniversário do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de Fortaleza, a *Voz do Gráfico*, órgão da Associação Gráfica do Ceará, imprensa de orientação socialista, fez um irônico comentário acerca do caráter das comemorações, reafirmando que o trabalho desenvolvido pelos padres, mantém os operários sob o poder da Igreja. Apresentou ainda a visão de que o trabalhador circulista compunha uma massa inconsciente e, por isso, repreendeu energicamente a atitude dos padres, vista como mantenedora da falta de consciência de classe dos trabalhadores e orientadores circulistas:

¹²⁰ **VOZ DO GRÁFICO**, ano II, nº 18, 28/01/22.

¹²¹ Idem. A “versalhada” que o jornal se refere é o Hino dos Sindicatos Cristãos, sempre entoado nas passeatas circulistas. Ainda neste mesmo número o jornal publica o Hino e uma paródia que objetiva rebater às críticas e apresentar os princípios defendidos pelos libertários.

A 14 do corrente mês, em um dia de terça-feira, à luz de miríades de lâmpadas elétricas bafejadas pelo esplendor do *Santíssimo Espírito Santo*, que baixou dos céus à terra para assistir à solenidade que esta *benemeretíssima e humanitária* (vôte) sociedade operária fez, teve lugar, para satisfação e orgulho de quantos acreditam ainda na grandeza de seu futuro, a comemoração de mais um dos seus aniversários nos anais da vida associativa de Fortaleza. (...) Usando da palavra, o padre Zaul Pedreira (...) teve a idéia de bordar comentários a respeito da nossa atitude, por que não nos sujeitamos ao guante dos seus caprichos e ao arrocho de suas explorações...

.....
 Queremos, sim, que os senhores padres e as outras castas exploradoras deixem de explorar as massas inconscientes que, infelizmente, ainda acreditam na sua adocicada cantiga, indo ao campo trabalhar, e que demais classes produtoras compreendam qual seja a nossa vontade e o nosso desejo.¹²²

Em 1922, os circulistas enfrentaram em parceria com as *Filhas de Maria*, do Colégio da Imaculada Conceição e a *Liga das Senhoras Católicas* e outras organizações, uma grande empreitada: construir a coluna do Cristo Redentor. A idéia de construir uma estátua em homenagem ao Cristo Redentor era alimentada no Brasil desde o início do século XX, mas, somente na década de vinte, a idéia ganhou força. Em 1925, D. Sebastião Leme compõe juntamente com Hélio Silva Costa, engenheiro arquiteto do Projeto, a comissão que iria desenvolver os trabalhos para a construção do Cristo Redentor no Corcovado.¹²³

No Ceará, a benção da pedra fundamental da Coluna do Cristo Redentor ocorre em 23 de julho de 1922, na antiga Praça Senador Machado ou Largo da Prainha.¹²⁴ O evento contou com a participação de autoridades civis, eclesiásticas e a presença maciça de circulistas. A obra que é concluída ainda

¹²² **A VOZ DO GRÁFICO**, ano II, nº 20, 25/02/22.

¹²³ Sobre a importância simbólica do Cristo Redentor no Corcovado, ver FARIAS, Damião Duque de. **Em defesa da ordem: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998, onde observa que “O erguimento do Cristo Redentor é a face pública de um movimento mais abrangente que a Igreja Católica articula visando a recristianização do país, conseguindo com isso manter seus privilégios e sua supremacia religiosa sobre a sociedade nacional. Este movimento penetrou todos os poros da sociedade, atingindo a vida pública e privada dos brasileiros, exercendo aí o seu controle.

¹²⁴ **O Nordeste**, ano I, nº 22, 24/07/22.

em 1922, inclui-se nos pontos altos das comemorações do centenário da independência.

Ao incentivar a construção da coluna do Cristo Redentor, a Igreja cearense, por meio das classes trabalhadoras, demonstra o porte da ação católica neste Estado, saudando Jesus Cristo como o “Senhor das Nações”. Situada entre a Sede do Círculo de Operários e Trabalhadores Cristãos e o Seminário da Prainha, simboliza a força da Igreja na arregimentação dos trabalhadores e a vitória de um ideário que recoloca a presença de Cristo como exemplo, guia e fonte de inspiração para os trabalhadores cearenses. Acerca da construção do monumento, *O Nordeste*, assim manifesta-se: “*Bravos, o Ceará vae comemorar acertadamente a grande data de nossa emancipação política com uma homenagem imperecedora ao Senhor das Nações.*”¹²⁵

Em 1925, no décimo aniversário do Círculo de Operários e Trabalhadores Cristãos de Fortaleza, os circulistas comemoraram as principais atividades realizadas e os projetos em andamento. O suntuoso edifício-sede do Círculo e a coluna do Cristo Redentor estavam entre os projetos que mais exigiram esforços dos circulistas. Orgulhavam-se os sócios do Círculo de terem fundado o 2º cinema católico do Brasil, o Cine São José.¹²⁶ Em 18 de janeiro deste mesmo ano, ocorreram as eleições para a nova Direção do Círculo. Na posse, em 17 de fevereiro, o Círculo apresentou um balanço de suas ações onde constava: a manutenção de Caixa de Socorro sustentando nove pessoas inválidas; Caixa de Sinistro e Mutuaria; Escola noturna para os filhos dos operários, no bairro do Outeiro, com matrícula de 59 alunos neste mesmo ano, sendo que os professores eram os próprios operários, pois aqueles que já haviam recebido instrução escolar, ocupavam-se da alfabetização dos demais; mantinham uma banda de música com aulas teóricas e práticas, pelo menos três vezes por semana e para um grupo de 20 pessoas; no ensino profissional, o Círculo oferecia duas escola-oficinas: a de carpintaria e sapataria, ambas inauguradas em 24 de julho de 1922. As oficinas recebiam subvenções federais para custeio das despesas com equipamentos e matéria-prima.

¹²⁵ **O Nordeste**, ano I, nº 14, 14/07/22.

¹²⁶ **O Nordeste**, ano IV, nº , 20/01/1925. Segundo o Jornal o 1º cinema católico é em São Jerônimo na Bahia.

Analisando o amplo trabalho desenvolvido pelo o Círculo na educação moral, capaz de alterar o espírito das pessoas, pacificando-as, *O Nordeste* noticia que: “*O Círculo Operário teve por sede o conhecido e perigoso bairro do Outeiro, célebre pelas façanhas ali ocorridas, e conseguiu com suas sãs doutrinas, modificar o antigo regime pelo atual*”¹²⁷

Sobre a proposta circulista para a formação dos filhos de operários que ainda não tinham idade para filiareem-se ao movimento, o Círculo criou o aspirantado, que congregava os menores de 16 anos. Os aspirantes podiam assistir as sessões circulistas, porém, sem direito a voz e voto. A principal atividade dos aspirantes era a participação nos cursos e aulas que os preparavam para, no futuro, serem bons circulistas e homens úteis a sociedade. O proselitismo dos padres instituiu a visão de que o bom circulista era o trabalhador ordeiro, pacífico, que assumia sua condição sem fraquejar, porque inspirava-se na sagrada família, no labor incansável de São José operário e no sofrimento resignado de Cristo.

Esse trabalho doutrinário junto às crianças e adolescentes, filhos de operários era demasiado importante na formação moral dos trabalhadores, nos moldes que a Igreja Católica definia como essencial para a vitória do projeto cristianizador. O padre Gumercindo Sampaio, diretor dos aspirantes, ressalta a relevância desse trabalho educativo com as crianças “*para se tornarem homens úteis à sociedade, à pátria, à religião e à família.*”¹²⁸ Posteriormente, com a mudança no Estatuto, os aspirantes passaram a ser os menores de 14 anos.

Ainda em decorrência das atividades comemorativas, em alusão ao décimo aniversário do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de São José de Fortaleza, foi realizada uma conferência com o tema: “*Formação Católica com fator de Paz Social*”. O conferencista, Andrade Furtado, ex-presidente do Centro Católico de Fortaleza, exaltou o trabalho de cunho educacional e moral, desenvolvido pelo Círculo. *O Nordeste*, expressando as considerações de Andrade Furtado, divulga que o conferencista:

¹²⁷ *O Nordeste*, ano IV, nº 859, 09/05/25.

¹²⁸ *O Nordeste*, ano IV, nº 859, 09/05/25.

Fez notar que, ao lado do cultivo das virtudes, havia ali uma escola, onde se aprendia a ler, a escrever, a contar, a amar a pátria; a ser cidadão digno desta Terra de Santa Cruz, que os maus políticos querem arrastar à anarquia e ao esfacelamento. “Mostrou com a autoridade de Leão XIII, que não há solução para o problema social fora dos ensinamentos da Igreja.”¹²⁹

Em dez anos, o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de Fortaleza contava com a filiação de onze outras organizações circunistas, algumas situadas na capital e outras no interior. Esse fato permite afirmar que, no Ceará, o nascimento dos Círculos não está condicionado às regiões industrializadas deste Estado. Embora alguns desses Círculos estivessem localizados em municípios em franco desenvolvimento comercial e com significativo número de estabelecimentos fabris, em muitas outras localidades não havia sequer um incipiente operariado fabril. Os municípios de Sobral e Aracati são exemplos do primeiro caso. Segundo Agenor Júnior, o fato de Sobral localizar-se entre Fortaleza e Camocim, duas cidades portuárias e donde afluíam as idéias socialistas, estimulou o bispo, D. José Tupinambá da Frota, *“a tomar uma posição enérgica, elaborando políticas sociais que visavam inculcar nos trabalhadores a harmonia entre as classes”*.¹³⁰ O *Correio da Semana*, jornal sobralense de orientação católica, divulga a necessidade da implantação do Círculo em Sobral, diante do perigo que representavam as idéias socialistas para o operariado, que, nesta cidade, encontrava-se “esquecido” requerendo da Igreja *“por meio das organizações sociais, desviá-lo das doutrinas perigosas do socialismo rubro que o quer tragar”*¹³¹

A organização de uma ação pastoral voltada para as questões sociais na Diocese de Sobral, é fortemente estimulada pelo desenvolvimento dessas práticas na Arquidiocese de Fortaleza, da qual esta é sufragânea. Além do Círculo Operário fundado em 1921, consta ainda a criação de um *Banco*

¹²⁹ **O Nordeste**, ano IV, nº 794, 19/02/25.

¹³⁰ JÚNIOR, Agenor Soares e Silva. **“A cidade disciplinada”: a Igreja Católica e os trabalhadores urbanos em Sobral – Ceará (1920-1925)**. Recife, 2002. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco.

¹³¹ **Correio da Semana**, 01 de Janeiro de 1921, Em torno do operariado. Apud JÚNIOR, Agenor Soares e Silva. *“A cidade disciplinada”: a Igreja Católica e os trabalhadores urbanos em Sobral – Ceará (1920-1925)*. Recife, 2002. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco.(apud?)

Popular, uma Santa Casa de Misericórdia e outras obras de cunho assistencial.¹³²

Na região do Vale do Jaguaribe, até o final dos anos vinte, são fundados dois Círculos de Operários e Trabalhadores Católicos São José. O primeiro no município de Aracati, em 1920, e o segundo em Limoeiro do Norte, no ano de 1928. O Círculo de Limoeiro do Norte teve duração efêmera, sendo que, sua reorganização em 1941, deve-se, em parte, à ação pastoral desenvolvida pelo bispo D. Aureliano Matos, à frente da Diocese de Limoeiro do Norte.¹³³

Assim como as outras Dioceses, a de Limoeiro ocupou-se em instituir vários núcleos da Ação Católica. Respondendo aos problemas de caráter vário, o bispado cuida também de reunir os trabalhadores na organização circulista que vinha obtendo êxito em todo o Estado, garantindo um projeto assistencial amplo, custeado pelas subvenções federais e estaduais.

O Círculo Operário de Limoeiro do Norte fundou escolas de alfabetização para um público adulto e infantil, algumas delas instaladas na área rural do município; cursos profissionalizantes (corte e costura e datilografia); oferecia ainda assistência médico-odontológica e caixa de socorro e mutuária. Em 1949, foi fundada uma Cooperativa de Consumo, vendendo gêneros de primeira necessidade, com descontos de até 15% dos preços de mercado.¹³⁴

Um de seus maiores empreendimentos foi a construção do Liceu de Artes e Ofícios. Em 1950, o Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra, autoriza o repasse de duzentos mil cruzeiros ao Círculo Operário de Limoeiro do Norte, destinado à fundação do Liceu de Artes e Ofícios, que, por muito tempo, funcionou como sede do Círculo. À época, o presidente do Círculo era Aristides Braga, que recebeu telegrama do Deputado Raul Barbosa, comunicando a liberação da verba, ficando responsáveis pela administração da construção, o senhor José Osterne e o Assistente Eclesiástico, p Misael Alves de Sousa.¹³⁵

¹³² Idem, p.179.

¹³³ A Diocese de Limoeiro foi canonicamente instalada em 29 de setembro de 1938. O bispo assume a Diocese somente dois anos depois, precisamente em 29 de setembro de 1940.

¹³⁴ **A Fortaleza**, ano I, nº 15, 24/12/50.

¹³⁵ **A Fortaleza**, ano I, nº 11, 25/11/1950.

As disputas pelas verbas terminaram por gerar uma grande crise entre o Assistente Eclesiástico do Círculo, o pe. Misael Alves de Souza e os circulistas. O conflito chegou ao final quando a autoridade diocesana resolveu intervir firmemente na questão, tentando salvaguardar a imagem do padre e apaziguar os circulistas que se sentiam lesados. O bispo assume o compromisso de construir uma nova sede para o Círculo e, aparentemente, o problema foi solucionado. Essa nova sede circulista é atualmente, a Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte, entidade que recebeu muitos dos bens móveis e imóveis do antigo Círculo Operário de Limoeiro do Norte.

Sob a orientação do bispado, o Círculo Operário de Limoeiro do Norte, a exemplo de outros Círculos, fundou vários departamentos, assentando sua ação na área assistencial e formativa, tendo vida ativa até o final da década de 1970.

A rigor, os Círculos Operários no Ceará não seguiram as orientações da Confederação Nacional dos Círculos Operários, especialmente, no que diz respeito a sua estruturação hierárquica. De acordo com a orientação da Confederação, nos municípios e capitais deveria existir apenas um Círculo Operário, formado de vários núcleos correspondentes às várias comunidades rurais, distritos ou bairros, respectivamente. Os Círculos se filiariam à Federação no Estado e essa, por sua vez, à Confederação que representaria, em nível nacional, o movimento circulista. Ocorre que, em Fortaleza, havia em 1951, dezesseis Círculos Operários, distribuídos pelos bairros e subúrbios da Capital. Alguns deles chegavam a contar com até dez núcleos circulistas.

Essa descentralização no Ceará preocupava a Federação cearense que, embora planejasse incansavelmente a unificação dos Círculos na Capital, jamais obteve êxito nesse empreendimento. Revelando inconformismo com a situação, José Aarão Cysne, presidente do Círculo Operário de Fortaleza, manifestou seu interesse na organização do *“GRANDE CÍRCULO, com um grande exército de doze mil circulistas”*, fundamentando-se nos benefícios que a unificação poderia trazer para todos, expondo que: *“Sabemos que a união geral em um só círculo na Capital, como é em todas as capitais do Brasil, vem consideravelmente melhorar a nossa assistência social.”* Concluindo, José Aarão, acenou para a possibilidade da construção de um hospital e uma

imobiliária circulista, que corresponderia a enormes ganhos para a causa circulista caso se efetivasse a tão sonhada unificação.

Outro fator indicativo da descentralização no circulismo cearense foi a forte tendência à nucleação. A estrutura hierárquica indicava a criação de núcleos vinculados ao Círculo Operário, desde que houvesse a necessidade de melhor desenvolver as atividades circulistas. A título de exemplo, o Círculo Operário de Parangaba, bairro de Fortaleza, que contava com 1200 sócios no ano de 1952, possuía 12 núcleos. Já o Círculo Operário de Mulungu com apenas 632 sócios neste mesmo ano de 1952, criou 35 núcleos.

Essa nucleação de Mulungu foi baseada no critério de gênero: eram 24 núcleos masculinos e 11 núcleos femininos. Não encontrei documentos que justificassem a nucleação por gênero. Deparei-me com uma nota feita por um circulista de Parangaba, endereçada aos circulistas de Mulungu, aconselhando-os a tomarem cuidado com a nucleação exagerada. Afirmando falar por experiência própria, o circulista advertia que tal processo gerava conflitos e muitas dores de cabeça¹³⁶.

O Círculo Operário de Itapipoca, município cearense, figura entre os mais desenvolvidos em todo o Estado. Um extraordinário número de 40 núcleos constituíam, em 1956, o Círculo dessa localidade. Essa organização circulista era considerada pela imprensa do movimento, uma das melhores no Estado, em termos de estrutura e atuação social. Originalmente, era a Associação Beneficente Monsenhor Tabosa, transformada em Círculo Operário em face do processo de transmutação dessas organizações durante o processo de unificação mencionado anteriormente.

No ano de 1956, seu quadro social era composto por 4.300 associados. A título de exemplo, informo que nesta época estavam em pleno funcionamento os quatro grandes departamentos: cooperativista, ensino e educação, beneficência e defesa e departamento de saúde. O programa desse educativo desse Círculo organizou 52 escolas, destas, 45 estavam direcionadas a alfabetização de crianças e adultos. O número de matriculados nas escolas circulistas de Itapipoca alcançou em 1956 o número de 2.830

¹³⁶ **A Fortaleza**, ano II, nº 89, 02/08/1952.

alunos na faixa etária entre seis e dezoito anos. Nesse mesmo período foi implantado o ensino supletivo.

Não obstante os atraentes apelos, os Círculos Operários em Fortaleza não se unificaram. Esse fato demonstra uma das especificidades do circulismo no Ceará. A idéia de padronização no movimento circulista foi alvo de contestação em diferentes momentos. Ao adotarem diferentes normas de funcionamento, os Círculos Operários criaram obstáculos ao controle que a Federação queria exercer sobre as organizações.

Ao longo da pesquisa, deparei-me com algumas das estratégias traçadas pela Federação dos Círculos Operários no Ceará, no trabalho de articulação dos diversos Círculos espalhados na capital e interior. Tais estratégias visavam uniformizar ao máximo as ações destes Círculos, mantendo a disciplina hierárquica do movimento, estabelecida no Estatuto da Confederação dos Círculos Operários, a qual estavam subordinadas às diversas federações e círculos operários. Compreender as formas de realização e o alcance dessas estratégias, constitui um outro objetivo deste estudo.

Por ocasião do III Congresso dos Círculos Operários do Ceará, ocorrido entre 18 e 21 de dezembro de 1952, foi proposta e aprovada a unificação da mensalidade a ser paga pelos circulistas. Ocorre que, cada Círculo Operário, dependendo da situação sócio-econômica de seus sócios, estabelecia de forma autônoma o valor da mensalidade. A determinação da taxa unificada era não somente uma violação à autonomia dos Círculos, como evidenciava a falta de sensibilidade ou desconhecimento da realidade social de cada unidade circulista.

A resolução, embora aprovada em Congresso, não foi aceita por todos os circulistas. Joaquim Nogueira Dantas, do Círculo Operário da Piedade, bairro de Fortaleza, evidencia seu descontentamento acerca do que fora firmado. Ao escrever para o jornal *A Fortaleza*, esclarece que pelo fato de não ter tido a oportunidade de falar no Congresso, vem questionar através da imprensa circulista a unificação da taxa, com argumentos fundados na realidade em que vive, e na sua visão do que seja o Círculo Operário:

O Círculo da Piedade por exemplo, onde existem circulistas indigentes, vivendo até da mendicância, mas que querem assegurar apenas o seu enterro, poderá aumentar a mensalidade de 3,00 para CR\$5,00? (...) Eu sou do parecer que uma instituição pobre como é o circulismo no Ceará, deve o nosso sócio contribuir com o mínimo e receber muitos benefícios, porque essa é a obra de Deus. E o pouco com Deus, é muito.¹³⁷

Essa unificação da mensalidade parece ter sido forçada pela cúpula do movimento circulista, contando com a anuência dos dirigentes de Círculos Operários. É também mais um exemplo da prática de controle e disciplina que não funcionou a contento da cúpula dirigente.

O florescimento vertiginoso dos Círculos Operários no Ceará no pós-1945, fenômeno que ocorre de maneira inversa em outros locais, em face da nova conjuntura política, era visto de maneira auspiciosa pelas lideranças circulistas. Para Eusébio Mota de Alencar, Presidente da Federação dos Círculos Operários do Ceará, a expansão dos Círculos era importante e salutar, conquanto estavam “... *surgindo, em conseqüência, múltiplos problemas de organização e que, só em conjunto, devem ser estudados a fim de que encontremos a melhor solução para os mesmos*”.¹³⁸ Esse crescimento, embora profícuo, trazia em seu bojo problemas de ordem administrativa que preocupava a Federação. Foi portanto a necessidade de melhor organizar os Círculos Operários no Ceará e apresentar um programa de trabalho a ser discutido e encaminhado pelas unidades circulistas neste estado, que a Federação convocou o III Congresso.

Três temas foram agendados para discussão no III Congresso: os Círculos Operários e a Reforma Agrária; os Círculos Operários e os Sindicatos; os Círculos Operários e a assistência social. As resoluções do Congresso demonstram a preocupação com o fortalecimento do movimento circulista no Estado.

A realização dos congressos estaduais parece não obedecer a nenhuma calendarização estatutária. No período em estudo, ocorreram quatro congressos no Ceará nos anos de 1940, 1945, 1952 e 1959. A Federação, responsável pela articulação de eventos de grande porte, cuidava também da

¹³⁷ Coluna Opinião. **A Fortaleza**, ano III, nº 110, 27/12/52.

¹³⁸ **A Fortaleza**, ano III, nº 109, 21/12/52.

organização de Encontros e Assembléias que tinham como objetivo promover o intercâmbio entre as unidades circulistas, contribuir para a formação de suas lideranças e propiciar o fortalecimento das lutas e campanhas empreendidas pelo circulismo cearense.

A experiência circulista no Ceará é levada a outros estados através de prelados que aqui atuaram nessas organizações. Exemplo disso foi a fundação do primeiro Círculo Operário de Mato Grosso sob orientação de D. Antônio Campelo, bispo auxiliar de Cuiabá. D. Antônio havia fundado em 1949 o Círculo Operário de Piedade, bairro de Fortaleza e ainda fora seu primeiro assistente eclesiástico. Noticiando o trabalho social desenvolvido pelo bispo auxiliar, *A Fortaleza* informa sobre a situação em que se encontravam a população na capital matogrossense e a alternativa que eficazmente resolveria tão diversos e numerosos problemas:

Quando D. Antônio chegou a Mato Grosso encontrou pequeno número de sacerdotes e havia uma imensa população a ser catequisada, amparada e assistida. O comunismo assim não perdia tempo, desenvolvendo um grande trabalho de doutrinação nos meios operários e rurais. Lembrou –se S. Excia, que só havia um caminho para isso: fundar círculos operários.¹³⁹

Além de focar o desamparo material e espiritual em que se encontravam os trabalhadores nessa região, o jornal aponta também para as atividades comunistas no seio das classes trabalhadoras. Para todos esses “males” o Círculo Operário seria a resposta satisfatória. Assim, o fato de nascer uma organização circulista em outra unidade da Federação, estimulada de alguma forma pelo circulismo cearense, cumulava de satisfação os circulistas deste Estado. A razão para tanto orgulho é que creditavam ao entusiasmo e êxito do circulismo nesta terra, o empenho em disseminá-lo em outras paragens, por parte de quem o vivenciara.

Para facilitar o trabalho organizativo, dinamizar suas atividades ou mesmo cuidar do futuro do movimento, os Círculos Operários eram orientados pela Federação a constituir diferentes alas. Eram elas: a de aspirantes, a feminina e a moça. Aconselhava a constituição da Ala feminina especialmente

¹³⁹ **A Fortaleza**, ano IV, nº 166, 07/02/1954.

por sua forte colaboração no trabalho de propaganda das atividades circunistas. Além do mais a presença da mulher nos Círculos Operários havia se transformado mesmo numa necessidade pois eram consideradas “insubstituíveis” na organização de festas e outros eventos.

Num breve relato do IV Congresso Circulista do Ceará, J.M Dantas - Círculo Operário de Piedade (Fortaleza) - escreve artigo sobre alguns temas que considerou de maior importância para o desenvolvimento dos Círculos Operários. Dentre esses temas, inclui-se a formação da Ala Feminina. Para o articulista, essa se tornava mais relevante tendo em vista que seus préstimos não se firmavam “*em interesses pecuniários*”.¹⁴⁰

A presença feminina no Círculo Operário não representava o interesse em integrá-la como força política que pudesse contribuir para a dinâmica do movimento. Trazê-la para o movimento patenteava a intenção de atribuir-lhe apenas as tarefas domésticas, para as quais elas já normalmente desempenhavam com eficiência, de acordo com a concepção vigente entre os dirigentes. Observando a composição das diretorias de Círculos Operários, nota-se que era rara a presença de mulheres e ainda que, nessas poucas exceções elas ocupavam cargos de menor importância. Apenas nas diretorias dos núcleos era menos incomum encontrar algumas mulheres nas funções de secretárias. Afirmo que, salvo exceção para o *Círculo Operário Sindicalização Operária Feminina Católica*, não encontrei nenhuma mulher candidata a presidência de qualquer outro Círculo.

O fato peculiar ocorre quando a Sindicalização Operária Feminina Católica, entidade constituída por lavadeiras, engomadeiras e domésticas, integra o circulismo, ao filiar-se a Federação dos Círculos Operários em 24 de agosto de 1953. A partir dessa data, passa a denominar-se Círculo Operário da Sindicalização Operária Feminina Católica. A direção desse novo Círculo era composta apenas por mulheres, sendo o assistente eclesiástico a única presença masculina no órgão.¹⁴¹ Apenas no tocante à mudanças dessa

¹⁴⁰ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 396, 07/02/1959.

¹⁴¹ **A Fortaleza**, ano III, nº 144, 30/08/1953. O semanário divulgou a composição da Diretoria que ficou assim constituída: Presidente – Narcisa Araújo; vice-presidente – Edetrudes Cordeiro Almeida; Secretárias – Olívia Fontenelle Almeida e Ana Bezerra Lima; Tesoureiras – Zuila Barbosa Lina e Zilá Santiago Lima; Delegada Geral – Maria de Jesus Melo; Assistente Eclesiástico – Pe. Jonas Barro.

natureza ou quando da ocorrência de novas eleições é que pude encontrar algumas referências a essa agremiação circulista.

O trabalho desenvolvido por esse atípico Círculo Operário ainda está mergulhado no anonimato. Através d'A *Fortaleza*, localizei o registro de que no ano de 1953 a entidade contabilizou um total de 600 sócias e que estas compunham, anteriormente, a Ala Feminina dos Círculos Operários em Fortaleza.

As mulheres circulistas foram incumbidas das tarefas realizadas nos bastidores. De maneira geral, os dirigentes viam-nas como as sócias carentes da assistência educacional direcionada para o aperfeiçoamento das virtudes que deveriam estatuir o caráter da boa mãe e esposa dedicada. Os cursos destinados às mulheres indicam essa preocupação. Contudo, eram elas que majoritariamente compunham o quadro de educadoras circulistas nos programas de alfabetização.

Algumas de tal maneira aceitaram a condição de sócia de segunda classe que em um artigo escrito por Joselita Parente Camelo, do Círculo Operário de Otávio Bonfim, tratando sobre como as mulheres poderiam ajudar na organização, a circulista enfatiza as qualidades femininas no que diz respeito à solicitude, compreensão e espírito abnegado. A atitude mais edificante seria não atrapalhar o marido nas responsabilidades com o Círculo Operário. Para auxiliá-lo, *“vai a esposa desembaraçá-lo, servindo-lhe com presteza admirável a refeição, nem lhe perguntando sequer a hora de regressar da sessão, sempre com o semblante alegre das mulheres sábias.”*¹⁴² Uma outra tarefa importante, na opinião da articulista, seria estar atenta ao pagamento das mensalidades dos filhos e criados, pois enquanto ordenadora das lides domésticas essas eram atribuições de sua responsabilidade. Dessa forma a presença da mulher circulista é vista de forma secundária. Tal como os aspirantes e moços, havia o cuidado em vigiar-lhe as atitudes, em moldar-lhe o caráter, em fazê-la aceitar sua “menoridade” política.

A Ala Moça era concebida como instrumento capaz de salvaguardar a juventude da “corrupção moral” e dos “maus costumes”. Igualmente viam nos

¹⁴² **A Fortaleza**, ano I, nº 20, 27/01/1951.

moços o potencial criador capaz de vivificar o circulismo, quando bem orientados para a prática sadia do lazer e das atividades culturais.

Justo Geraldo da Silva, membro do Círculo Operário de Otávio Bonfim (Fortaleza) e orientador da Ala Moça desse Círculo, cuidou da fundação de centros e grêmios culturais, promovendo festivais que encheram de orgulho os circulistas deste bairro. Seu trabalho junto a Ala Moça ganhou notoriedade quando divulgado pela imprensa circulista, que conclamava outros Círculos Operários a seguirem o exemplo, pois esse projeto *“cria novos horizontes para a mocidade e meça alçar vôos no campo da política e da religião ao lado da Igreja”*.¹⁴³ É perceptível o vivaz interesse em moralizar a conduta dos jovens, segmento constantemente acusado de desregramento moral e passíveis da corrupção dos costumes. A juventude, portadora de uma força potente, necessitava de disciplina e controle. Encaminhá-la para as atividades que cultivassem os valores e a moral cristã católica era o baluarte seguro que garantiria a formação de homens e mulheres úteis.

A Ala de aspirantes dos Círculos Operários era recomendada como meio de preservação do movimento circulista. O Seminário Circulista em Garanhuns (PE), contou com a participação de circulistas cearenses que defenderam a criação dessa Ala como sendo a base do movimento no futuro. O Círculo Operário de Fortaleza foi uma das organizações circulistas cearenses que mais se empenhou na organização do quadro de aspirantes. O Círculo Operário de Aerolândia (Fortaleza) tinha nesta ala, 250 aspirantes no ano de 1963. Afirmando sua importância indagaram: *“Que será de um C.O que não tem aspirantes? Está destinado a acabar-se quando os atuais circulistas, seus verdadeiros baluartes do presente tiverem de ir prestar contas a Deus de sua vida terrena”*.¹⁴⁴

Não foi apenas por preocupar-se com o futuro do circulismo que os dirigentes canalizaram tanto esforço na organização das alas de aspirantes. O que de fato estava em jogo e punha-se como relevante era o programa educativo e instrutivo de longo prazo. Os circulistas tinham uma visão larga de

¹⁴³ **A Fortaleza**, ano IX, nº 430, 12/09/1959.

¹⁴⁴ **A Fortaleza**, ano XII, nº 539, 23/06/1963.

seu projeto, tanto é evidente que ao fundamentar a criação dessa ala afirmavam que “*os costumes adquiridos na infância só a sepultura tira*”.¹⁴⁵

Os Círculos Operários no Ceará congregando na primeira metade dos anos de 1950, mais de quarenta e cinco mil trabalhadores, construíram um movimento dinâmico, porque não arrefeceram diante da nova conjuntura política do pós-1945. Nos projetos que empreenderam, beneficiaram-se com as alianças feitas com diversas organizações, fossem leigas ou eclesiásticas. Elaboraram propostas para a alfabetização de crianças e adultos, cursos profissionalizantes direcionados aos trabalhadores; cursos de educação doméstica; intervenção nos programas de sindicalização rural, com a organização da ELIRUR (Escola de Líderes Rurais), e essencialmente promoveram um combate sistemático às idéias comunistas.

Propugnavam implementar o projeto político-teológico proposto pela Igreja Católica, cujas fontes inspiradoras eram as encíclicas sociais. Porém, tão forte quanto o projeto de cristianização, era a necessidade material. E o que atraía tantos trabalhadores para a organização circulista? Comida, assistência médico-hospitalar, auxílio doença, auxílio-invalidez, funeral, pecúlio, escola para os filhos. Essa situação evidenciava a indigência material em que se encontravam os trabalhadores no Ceará. A “ausência do Estado” na implementação de políticas públicas forneceram aos Círculos Operários a oportunidade de pôr em prática os programas de escolarização e assistência, constituindo-os fortes anteparos no processo de controle e disciplina exercido sobre os trabalhadores, afastando-os da possibilidade reivindicatória.

Dentre os colaboradores do circulismo cearense, destaca-se o Serviço Social da Indústria (SESI). O objetivo era somar forças com os Círculos para disciplinar os trabalhadores, fazê-los dobrar-se ante o programa assistencial promovido pelas duas entidades. Em alguns locais, os postos do SESI eram instalados nas sedes dos Círculos Operários. Esse trabalho estava centrado em Fortaleza, por aglutinar o maior número de indústrias. Contudo, verifiquei sua presença em municípios interioranos onde a produção industrial não era tão marcante.

¹⁴⁵ **A Fortaleza**, ano X, nº 467, 12/02/1961.

Diferentes programas foram montados pelo SESI em colaboração com as unidades circulistas. Nesta parceria o Serviço Social da Indústria fornecia a infra-estrutura necessária e os Círculos Operários cuidavam da arrecimação dos trabalhadores. Cursos populares na área de saúde, educação, prevenção de acidentes nos locais de trabalho, lactário para filhos de operários das indústrias e assistência médico-odontológica integravam o conjunto de serviços oferecidos pelo SESI, em cooperação com os Círculos Operários, aos trabalhadores cearenses. Para maior clareza do significado e da razão dessa parceria, empresto a palavra ao Diretor Geral do SESI, engenheiro Waldir Diogo de Siqueira:

(...) Também com os círculos operários não nos podemos excusar de cooperar, tendo em vista o papel saliente que o movimento circulista desempenha no meio industrial de Fortaleza. Aliás essa cooperação já é efetiva, pois que o SESI mantém consultórios médicos e dentários e também escolas, junto a vários círculos operários.¹⁴⁶

O Círculo Operário tornou-se a base sobre a qual se fortalecia o “paternalismo” do patronato e de suas formas de aliciamento e controle dos trabalhadores. Operava ainda na perspectiva de esvaziar o sentido da luta de classes na medida em que apresentava a necessidade de uma precípua colaboração entre patrões e trabalhadores, consubstanciada na cristianização das relações de trabalho. No jornal *A Fortaleza* havia uma página destinada à divulgação da ação social do SESI, abordando as atividades assistenciais, cursos, locais de atendimento ao operário, incluindo também matérias sobre temas sociais. Em 1955, é reservado um outro espaço no jornal para o *Boletim do Núcleo Social de Parangaba*, tratando especificamente do trabalho desenvolvido pelo SESI nesse bairro.

Nos momentos festivos, especialmente dia das mães e Natal, nos locais onde os laços entre o Círculo Operário e o SESI eram mais fortes, observa-se que a programação comemorativa era elaborada em conjunto. O jornal circulista noticia por ocasião dessas festividades o nome das empresas “*amigas do operário*”.¹⁴⁷

¹⁴⁶ **A Fortaleza**, ano III, nº 94, 06/06/1952.

¹⁴⁷ Em 1954, para a comemoração do dia das mães no Núcleo Social de Parangaba, as

A JOC também figura entre as entidades parceiras dos Círculos Operário no Ceará. Embora houvesse se estabelecido no Brasil desde os primeiros anos da década de 1930, e a Ação Católica Brasileira tivesse divulgado um Boletim em 1938¹⁴⁸ orientando a cooperação mútua entre jocistas e circulistas, no Ceará, a articulação somente se concretizaria oficialmente a partir de 1952, por ocasião do III Congresso dos Círculos Operários em fins de desse ano.¹⁴⁹

Para viabilizar a proposta, deliberaram os congressistas sobre a criação, junto a Secretaria de Estudos e Assistência Social da Federação dos Círculos Operários do Ceará, de um Departamento de Organização Operária e Cooperativismo. Além de administrar a cooperação entre Círculos Operários e JOC, uma outra finalidade do recém-criado Departamento era, especialmente, auxiliar e orientar os circulistas do campo. Os Círculos queriam colaboradores para melhor atuarem no meio operário. A JOC tanto poderia disputar com os Círculos, quanto poderia oferecer-lhe sócios preparados em suas fileiras.

2 - Atuação circulista no meio rural: rumo à sindicalização

Nos trabalhos sobre os Círculos Operários como objeto de estudo, observa-se que a investigação incide sobre as regiões que apresentam um certo nível de industrialização.

A historiografia circulista evidencia que as pesquisas detiveram-se preferencialmente sobre os Círculos Operários localizados em um meio caracterizado pela produção industrial, mesmo que incipiente. Isso não significa que essas organizações tenham se desenvolvido apenas nos grandes centros urbanos e nos municípios onde se verificasse o desenvolvimento da atividade fabril. No entanto, como explicar essa preferência entre os pesquisadores? Não se trata aqui de buscar justificativas para os recortes espaciais das pesquisas realizadas sobre essa temática. Entendo que empenhamos esforços no sentido de compreender melhor e mais profundamente o objeto sobre o qual nos

empresas: Cotonifício Leite Barbosa, Usina Everest, Indústria de Vidros, Fábrica de Louças e Nestlé são apresentadas como financiadoras do evento. **A Fortaleza**, ano IV, nº 176, 09/05/1954.

¹⁴⁸ MANUAL DO CÍRCULO OPERÁRIO. CNOC. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939. p. 86.

debruçamos, e o que sugiro é uma reflexão acerca da questão, pois esta deixa na penumbra experiências que possibilitariam entender as nuances do movimento no meio rural.

Neste aspecto, analiso ser essencial abrir um parêntese para a constituição dos Círculos Operários situados nos municípios do interior cearense, onde, em sua grande maioria, não se pode falar sequer em indústria incipiente, pelo menos para as décadas de 1920 e estendendo-se até 1950. Qual seria então o objetivo de criar Círculos Operários nesses municípios? E não havendo nestas localidades “inimigos vermelhos” a combater, que discursos elaboraram ?

Parto do pressuposto que a fundação do primeiro Círculo Operário no Ceará, o Círculo de Operários e Trabalhadores Cristãos de Fortaleza, em 1915, não obedecia a essa lógica. Inicialmente não constituiu-se como um “*dique*” destinado a impedir a infiltração comunista no meio operário, mas fundamentalmente, como expressão do poder de arregimentação e controle social da Igreja Católica, propondo-se a auxiliar uma imensa massa de trabalhadores desassistidos pelo Estado.

Embora os documentos consultados se refiram a criação desse Círculo como projeto da ação social desenvolvida pela arquidiocese de Fortaleza, antevendo o agravamento da questão social, observo que esses discursos são elaborados a partir de uma nova conjuntura caracterizada pelo embate sistemático entre as classes sociais. Em suma, foi somente a partir da década de 1920, com a constituição de grupos vinculados ao ideário comunista ou mesmo ao socialismo libertário que os Círculos Operários no Ceará arregimentaram-se para combatê-los.

Estendo a concepção de uma organização circulista com propósito essencialmente assistencialista no âmbito material e espiritual, sem objetivar contrapor-se ao projeto comunista, para os municípios interioranos onde a mão-de-obra era majoritariamente constituída de trabalhadores rurais. Ressalto que a concepção prevalece como válida apenas para os Círculos constituídos no período que se estende até 1950. Destes, convém excetuar-se o Círculo Operário de Chaval, distrito de Camocim e o Círculo Operário de Sobral.

¹⁴⁹ Segundo **A Fortaleza**, ano III, nº 126, 26/04/53, a JOC chegou ao Ceará em 1951, desenvolvendo-se em Fortaleza e nas Dioceses de Sobral e Limoeiro do Norte.

Em Camocim, município portuário, já se presenciava em fins de 1920 a circulação das idéias anarquistas e comunistas entre os trabalhadores. O estudo de Carlos Augusto sobre a militância comunista em Camocim aponta o surgimento do Círculo Operário “*como uma opção organizativa do operariado “cristão”, disputando os trabalhadores com os sindicatos onde se desenvolvia uma base da militância comunista*”¹⁵⁰. Como foi abordado anteriormente, para Agenor Soares, o surgimento do Círculo em Sobral em 1921, está associado a relação entre esse município e o porto de Camocim, fato que propiciava o intercâmbio e a disseminação das idéias comunistas e anarquistas. Agenor explica que tal situação era motivo de grande preocupação para a Igreja Católica, instigando-a para a fundação do Círculo Operário. No entendimento e perspectiva do clero local, esta organização cuidaria da disciplina dos trabalhadores locais, inculcando-lhes valores morais e fornecendo-lhes assistência material de modo a mantê-los afastados da “perniciosa” ideologia comunista.¹⁵¹

Logo nos primeiros anos da década de 1950, encontro registros da intensa atividade anticomunista desenvolvida pelos Círculos Operários em todo Estado, sob a coordenação da FCOC. É também em 1950 que surge o jornal circulista *A Fortaleza*, sendo pois através deste órgão que a Federação chega aos mais distantes Círculos Operários. Nessa perspectiva as organizações circulistas, orientadas a assinarem o jornal, passam a comungar no nível político, das preocupações, diretrizes e programas agendados pela FCOC, cujo alvo de combate eram os comunistas.

Retomo agora a discussão sobre o projeto circulista para um meio constituído majoritariamente por trabalhadores rurais. Verifico que, para essa categoria de trabalhadores, constantemente prostrada pelas secas, sem acesso à educação, saúde e outros serviços básicos, os Círculos Operários elaboraram um programa assistencialista assentado na caridade e no ideal de justiça cristã. Estabeleceram com o Estado uma articulação similar a que foi

¹⁵⁰ SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim – Ce. 1927 – 1950**. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 160 p.

¹⁵¹ JÚNIOR, Agenor Soares e Silva. “**A cidade disciplinada**”: a Igreja Católica e os trabalhadores urbanos em Sobral – Ceará (1920-1925). Recife, 2002. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco.

constituída entre este e os círculos encravados nas grandes cidades industrializadas ou em processo de industrialização.

Nestas localidades, os Círculos guardavam a especificidade de não compor com o governo uma frente anticomunista, pelo menos até meados da década de 1950. Favorecidos com a lacuna deixada pelo Estado e apresentando-se como uma extensão deste, articularam um amplo programa assistencialista e de forte conteúdo doutrinário para uma grande massa de analfabetos, enfermos e agricultores desamparados.

Decerto que essa colaboração com o Estado foi imprescindível para que as elites locais pudessem se fortalecer no poder. Indicados como “*beneméritos*” do circulismo em vista das verbas públicas que carreavam para os Círculos e que apareciam como obra desinteressada daqueles que queriam o progresso dos trabalhadores, ganharam a confiança dos circulistas. Com base nesse programa assistencial, as elites elaboraram um discurso político assentado no trabalho beneficente prestado pelos “*amigos do circulismo*”, aos trabalhadores cearenses. Esse discurso foi veiculado tanto pelos Círculos do interior quanto pelas unidades da capital, que terminou por favorecer candidatos a cargos eletivos em todas as instâncias do poder.

Como se vê, o discurso político não voltava-se contra o comunismo, pura e simplesmente pela ausência desses grupos nesses municípios. No entanto, estava a serviço das elites defensoras do *status quo* e que num âmbito global elaboravam as estratégias para a derrocada do “*inimigo vermelho*”.

A crescente preocupação com os trabalhadores circulistas das áreas rurais nos primeiros anos da década de 1950 era notória. Para tanto, uma das resoluções do III Congresso firmava que os Círculos deveriam cooperar com o governo na fase de preparação e execução da reforma agrária por meio de inquéritos, cursos de informação, pleiteando junto aos legisladores, a exploração das terras irrigáveis nas bacias dos açudes públicos.

A inquietação com os problemas que afligiam a área rural era decorrente principalmente da ausência de um projeto governamental que pudesse, se não solucionar, ao menos minimizar os infortúnios que se abatiam inclementes sobre os trabalhadores, em consequência das secas. Além da migração, os moradores das cidades, principalmente os de Fortaleza, temiam a invasão dos flagelados.

Atinando para a gravidade da situação, que angustiava não somente os trabalhadores do campo, os Círculos Operários dirigiam-se as autoridades, clamando insistentemente por alimentos que deveriam ser distribuídos pela CAN (*Comissão de Abastecimento do Nordeste*) e pela instalação de frentes de serviço que mantivessem as pessoas diretamente atingidas pelas secas, em seus municípios de origem. Alertavam que “...se as providências indispensáveis tardarem a ser postas em prática nós habitantes de Fortaleza devemos ficar prevenidos para qualquer marcha de fome dos flagelados”¹⁵²

Os longos períodos de estiagem instigavam os trabalhadores a reivindicar um outro olhar para as regiões mais afetadas, propondo a adoção de políticas públicas voltadas para o interesse dos trabalhadores do campo. O depoimento do presidente do Círculo Operário de Porangabuçu, Manuel Cavalcante, indica a preocupação com a política governamental em vigor e a crescente necessidade de alterar-lhe o rumo. Na matéria intitulada “*O nordeste não pede esmolas*” o circulista indaga:

O que adianta se construir açudes, se não há irrigação, e se este tem peixe, não se deixa o povo pescar, fazer estradas e não conservá-las, muitas vezes deixando-as por terminar. Incentivar as plantações pelos agricultores pobres, se não lhes dão as sementes e as ferramentas?¹⁵³

O depoimento é um demonstrativo da noção que os trabalhadores tinham acerca dos programas governamentais destinados às regiões afetadas pela seca. As chamadas “*frentes de serviço*”, que com míseros salários, ocupavam os trabalhadores na construção de estradas e açudes, não tinham outro objetivo senão favorecer as propriedades dos fazendeiros com obras financiadas pelos cofres públicos e evitar que a grande massa de flagelados, atingidos pela fome, violasse a propriedade e alterasse a ordem pública.

Além de criticar a falta de políticas públicas voltadas para os problemas do homem do campo, os Círculos reclamavam, com insistência, a implantação de um plano de assistência previdenciária que contemplasse os trabalhadores rurais, com a aprovação de leis que os protegessem da superexploração e os

¹⁵² **A Fortaleza**, ano III, nº 118, 22/02/1953.

¹⁵³ **A Fortaleza**, ano III, nº 121, 19/03/1953.

amparassem quando na ocorrência do desemprego ou mesmo quando estivessem enfermos.

Os Círculos faziam a denúncia do alto custo de vida, considerando que a gravidade da situação assemelhava-se a uma “*servidão pior do que a característica da Idade Média, quando o sistema econômico era outro*”. Num artigo que apresentava o trabalhador rural como “*Homem-chave*”¹⁵⁴ no desenvolvimento econômico do país, o êxodo rural era concebido como conseqüência nefasta da “servidão” e o pauperismo impostos aos trabalhadores do campo. Lamentando a inércia dos governantes, o articulista alerta que em face do êxodo, as atividades rurais entram em decadência jogando na miséria um grande contingente de seres humanos.

Firmados nos princípios cristãos, os Círculos Operários não se eximiam do dever de denunciar as condições miseráveis em que se encontravam os trabalhadores nos serviços de emergência e dos que sem esperança, migravam para a Amazônia e outros estados, buscando melhores meios de sobrevivência. Eram atos de solidariedade entrelaçados com reivindicações endereçadas aos poderes públicos. Um circulista de Morada Nova, município situado no Vale do Jaguaribe, em carta publicada n’*A Fortaleza*, exprime sua indignação ao relatar a situação dos trabalhadores nos programas de emergência do Estado. Para dar força a denúncia vale-se das “*imagens aterradoras*” dos campos de trabalho forçado na Rússia. Essas imagens eram constantemente veiculadas pelos movimentos conservadores, para que os trabalhadores repudiassem o regime comunista. Valendo-se desse instrumento veja-se o teor de sua declaração:

(...) Existe um serviço de emergência da rodovia de Morada Nova a Cristais, mas é considerado como sendo pior do que um campo de concentração da Rússia Soviética. Os operários são uns miseráveis indefesos, seus gemidos ficaram sucumbidos entre quatro paredes. Os prisioneiros de um campo de concentração moscovita são mais bem tratados que nossos irmãos¹⁵⁵.

Para confirmar a fidedignidade das informações contidas na denúncia, o circulista informa que elas se baseiam nos depoimentos de pessoas

¹⁵⁴ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 381, 18/10/1958.

associadas ao Círculo e que trabalham no serviço de emergência. Ao comparar os acampamentos e a situação em que se encontravam os trabalhadores cearenses com os “*campos de concentração da Rússia Soviética*”, pretendia sensibilizar a opinião pública ante o sofrimento por ele retratado, e ao mesmo tempo disseminar a propaganda anticomunista.

Além da preocupação com o êxodo e as “*marchas de fome*”, as organizações circulistas inquietavam-se com a penetração dos comunistas no interior do Estado. A investida comunista apresentava a reforma agrária como programa de luta, atraindo, para o seu seio, os trabalhadores do campo. Freqüentemente encontrava-se n’A *Fortaleza*, notas convocatórias aos circulistas do sertão para lutarem contra os comunistas nos municípios interioranos. Afirmavam os editores do jornal que os comunistas aproveitavam a situação da seca para “...*incitarem o ódio*”¹⁵⁶ e queixavam-se da falta de atitude do governo, pois 1953 era o terceiro ano de seca consecutiva, criando assim, na opinião dos dirigentes circulistas, um clima propício ao estabelecimento da desordem que seria incitada pelos “*vermelhos*”.

Insistindo sobre o perigo que representavam os propósitos comunistas e procurando instigar o governo a tomar atitudes cada vez mais repressivas, A *Fortaleza* divulga um documento cuja autoria é atribuída aos comunistas. No *Boletim Comunista aos trabalhadores do campo, vítimas da seca e de outros flagelos*, encontra-se:

Vosso caminho só pode ser o caminho das lutas, o caminho dos camponeses de Uruoca que atacaram um trem e tiraram dezenas de sacos para saciar a fome de suas famílias. O caminho dos trabalhadores de Tauá, Pedra Branca e outros municípios que se uniram e obrigaram as autoridades e os coronéis a lhes dar alimentos e trabalho remunerado. (...) não deveis ficar esperando por promessas, se os “coronéis”, os prefeitos municipais e chefes de serviços não vos atenderem com a rapidez que a vossa fome exige, deveis passar imediatamente a agir com vossas próprias forças, tomando alimentos, tecidos, remédios e outros recursos dos grandes comerciantes do lugar dos “coronéis” e do próprio prefeito.¹⁵⁷

¹⁵⁵ A *Fortaleza*, ano IV, nº 166, 07/02/1954.

¹⁵⁶ A *Fortaleza*, ano III, nº 119, 01/03/53.

¹⁵⁷ A *Fortaleza*, ano III, nº 125, 21/04/1953.

Se o boletim foi realmente produzido pelos comunistas, não encontrei confirmação. Contudo o que mais interessa neste fato é compreender os interesses envolvidos na sua divulgação. Os Círculos exigiam dos governos, providências que pudessem solucionar os problemas dos agricultores atingidos pelas secas. Para fundamentar a urgência na adoção dessas medidas e justificar a preocupação dos dirigentes circulistas, apontaram para o “*perigo vermelho*” que, aproximando-se dos trabalhadores do campo, incitavam-no à luta, à atentarem contra a propriedade e a promoverem a desordem. Alertam também para o fato de que os comunistas mudam de tática, saindo dos grandes centros urbanos e indo para a zona rural, utilizando a luta pela reforma agrária como catalisador. Assim, aproveitando-se das precárias condições em que se encontravam os trabalhadores do campo, punham em prática o programa comunista.

Diante de qualquer agravamento da crise econômica, os circulistas mostravam-se temerosos com a possibilidade de agitações sociais. Em fins de 1958, a situação no país era bastante crítica. No caso do Ceará que atravessava uma seca das mais dramáticas, os problemas sociais eram ainda mais assustadores. Retratando a situação da época e comparando a crise econômica a uma “*doença pertinaz*”, um articulista d’*A Fortaleza* escreve, que no Ceará , havia um ambiente irrespirável, pelas conseqüências da seca que ainda perdurava, pois embora o governo federal tivesse vindo em socorro com obras de emergência “... *com um terço da população reduzida a condição de flagelados, é impossível evitar o espectro da miséria, que pode ser sentido nas ruas centrais de Fortaleza, onde famílias inteiras se abrigam e vivem à sombra de ficus benjamins*”¹⁵⁸

As majorações dos preços do pão e das passagens nos transportes coletivos, em fins de 1958, trouxeram, em marcha, estudantes e entidades sindicais para as ruas de Fortaleza. As manifestações culminaram com depredações de estabelecimentos de panificação e transportes coletivos. Defronte à Assembléia Legislativa os manifestantes pretenderam levar aos deputados as reivindicações do povo, mas foram violentamente barrados pela polícia. A Federação dos Círculos Operários em nota oficial justifica a

¹⁵⁸ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 384, 08/11/1954.

insatisfação popular, contudo alerta que o povo está sendo insuflado por “*elementos comunistas*” que primam pela desordem social. Solicitando providências ao presidente da República e aos representantes do povo, os assinantes da Nota - Eusébio Mota Alencar e Pe. Arimatéia Diniz – respectivamente, presidente e assistente eclesiástico da Federação, concluem convocando os circulistas a não apoiar as “*medidas violentas*” e pacificamente, aguardar as providências dos poderes públicos.¹⁵⁹

Noticiando e denunciando a situação dos trabalhadores em vários municípios, os Círculos Operários, através de sua imprensa, intentavam criar uma rede de solidariedade, fortalecer o movimento, ou pelo menos, mantê-lo em atividade, haja vista que com a crise, conforme indiquei antes, os Círculos ficavam com um reduzido número de sócios e muitos dos programas sociais inativos. Para sensibilizar os governantes, circulistas dos municípios interioranos, os que mais duramente foram penalizados pela seca, fazem longa narrativa da situação dos trabalhadores e suas famílias. A fome, a indignação e a penúria permeavam a descrição do quadro social que tomava a aparência de uma grande tragédia humana. Um circulista de Sobral assim descreve a situação do povo nesse município, já em fins de 1958:

O povo está esfomeado, sub-alimentado, entregue a própria sorte, sem recurso algum para minorar a aflitiva situação em que se encontra. (...) o drama violento se desenrola nos casebres infectos onde vegetam criancinhas inocentes, sujas, esquálidas, doentes, sem pão e sem leite, chorando com fome.¹⁶⁰

Embora compreendendo que o povo vivenciava uma situação dramática, e mesmo assentindo que a crise econômica tenha levado a população a atos extremos, a hierarquia circulista em nenhum momento apóia tais manifestações. Ao contrário, sua posição encontra eco junto a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, representada no Ceará pelo delegado Antônio Alves Costa. Esta entidade, também em nota oficial, desaprova o ato promovido por estudantes e sindicalistas, e informa que há um memorial subscrito por vários sindicatos, que dirigindo-se aos órgãos

¹⁵⁹ Nota Oficial da Federação: *A crise econômica e os trabalhadores*. Arquivo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

competentes pedem providência para sanar a situação. Entendendo que esta é a única via de reivindicação, a CNTI afirma que essas ações são anti-patrióticas e comprometem o nome dos órgãos sindicais e o “*conceito ordeiro dos trabalhadores cearenses*”.¹⁶¹

Os conflitos sociais neste período causaram uma grande apreensão. No semanário circulista não faltavam artigos tratando da “*sublevação das massas*”, da “*desmoralização das autoridades*” e do “*descrédito das instituições*”. O jornal veiculava ainda informações acerca da situação em nível nacional, registrando a mobilização dos trabalhadores em defesa do congelamento dos preços. Reforçando o perigo que se instalara frente ao agravamento dos problemas sociais, *A Fortaleza* alerta que os acontecimentos do momento estão deixando atônitos todos que desejam a paz social, pelas conseqüências imprevisíveis que podem ter, porque:

Por incrível que pareça, chegou-se mesmo à concitar oficiais e praças da Polícia Militar a sair às ruas, de armas nas mãos, para derrubar o governo! Conclamou-se ao levante, onze mil flagelados, abrigados na Hospedaria Getúlio Vargas, numa irresponsabilidade estarrecedora.¹⁶²

Tendo em vista a ofensiva comunista no meio operário, o III Congresso direciona-se também para a sindicalização dos trabalhadores circulistas. A recomendação do arcebispo D. Antônio de Almeida Lustosa era possibilitar a formação de Círculos Operários em todas as paróquias, pois, adverte o arcebispo:

Em torno do operário agitam-se numerosos e graves problemas. Alguns desses problemas interessam sobretudo ao próprio operariado; outros são do interesse da coletividade. Problemas domésticos e sociais. Problemas que não passam além do bairro proletário, algumas vezes, mas que tomam caráter internacional, outras vezes.¹⁶³

¹⁶⁰ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 389, 13/12/1958

¹⁶¹ Nota Oficial da CNTI, assinada por Antônio Alves Costa – Delegado da entidade no Ceará. A nota foi divulgada n’**A Fortaleza**, ano VIII, nº 386, 22/11/1958.

¹⁶² **A Fortaleza**, ano VIII, nº 388, 06/12/1958.

¹⁶³ CIRCULAR Nº 110 de D. Antônio de Almeida Lustosa, por ocasião do III Congresso dos Círculos Operários no Ceará. Divulgada n’**A Fortaleza**, ano III, nº 109, 21/12/52. Suplemento.

Em 1953 as organizações vinculadas à Igreja Católica no Ceará, aderiram à Cruzada Brasileira Anti-Comunista, dirigida, em âmbito nacional, pelo Almirante Carlos Penha Botto, congregando militares, civis e eclesiásticos. Os Círculos Operários prepararam protestos e passeatas anticomunistas. O auge dessas atividades foi o dia 25 de março, quando a Federação dos Círculos Operários do Ceará orientou os circunistas a organizarem festejos em comemoração à libertação dos negros escravos no Ceará, e promoverem atos em prol do expurgo do comunismo que, para eles, significava a escravidão da pátria.¹⁶⁴ O órgão da imprensa circunista cearense ufana-se com a adesão que vem recebendo a campanha no Ceará, afirmando que:

Os circunistas de todo o Brasil e, sobretudo, os do Ceará, inscrevem-se, sem a menor dúvida, na vanguarda deste exército de salvação nacional, na certeza de que estarão cumprindo para com a terra do seu berço o mais sério e mais sagrado dos deveres.¹⁶⁵

A tática para afastar os trabalhadores do comunismo era essencialmente simples. A arregimentação seria em duas etapas: primeiro trazê-los para o Círculo Operário, onde construiriam e fortaleceriam uma formação moral, baseada nos valores cristãos, para, em seguida, levá-los ao Sindicato, já “imunes” aos princípios defendidos pelos “seguidores de Moscou”. Para incutir no espírito dos trabalhadores a idéia de que o sindicato poderia e deveria ser uma organização seguidora dos preceitos cristãos, divulgavam continuamente a mesma mensagem: “o *SEU SINDICATO só poderá representar SEU PENSAMENTO, se você fizer ouvir a SUA VOZ dentro dele. Circunista, ingresse em seu sindicato.*”¹⁶⁶

Os últimos anos da década de 1950 já prenunciavam as agitações políticas verificadas nos anos posteriores. A seca de 1958 abalou severamente o quadro social das unidades circunistas, principalmente as que se localizavam

¹⁶⁴ **A FORTALEZA**, ano II, nº 76, 05/04/52. A Federação dos Círculos Operários recebeu telegramas confirmando a realização do ato em comemoração a libertação dos escravos e repúdio ao comunismo, dos seguintes Círculos do interior do Estado: São Benedito, Sobral, Tauá, Chaval, Cariús, Acaraú, Barbalha, Ipueiras, Santanópole, Lavras da Mangabeira, Limoeiro do Norte, Campos Sales, Acopiara, Juazeiro, Redenção, Pacajús, Icó, Licânia,, Solonópole, Massapé, Jaguaribe, Inhuçu, Coreaú, Jardim, Tianguá e Maranguape.

¹⁶⁵ **A FORTALEZA**, ano II, nº 76, 05/04/52.

¹⁶⁶ **A Fortaleza**, ano IV, nº 164, 24/01/54.

no interior do Estado. Em algumas ocasiões, observei queixas, lamentos e reclamos sobre a situação dos trabalhadores do campo. Os relatórios anuais enviados pelos Círculos Operários à Federação, revelavam redução do número de associados, inadimplência, redução dos serviços assistenciais prestados aos sócios e fechamento de núcleos circulistas.

Mesmo em face da sombria realidade vivenciada pelas unidades circulistas no Ceará nos períodos de grave crise econômica, não há prenúncio de falência do movimento. Observando a ação circulista nestes momentos, percebe-se com nitidez o redobrado esforço dos circulistas para manter as organizações em funcionamento, mesmo que de forma precária. Várias são as atividades revitalizadoras do circulismo programadas para dar uma resposta contundente aos desafios que enfrentam no plano externo e interno. Exemplo disso foi a realização do *Tríduo Circulista no Crato*, entre os dias 11 e 13 de dezembro de 1958, com a finalidade de “*dar maior incremento a vida circulista e estudar renovações a ser introduzidas nos seus quadros sociais.*”¹⁶⁷

O VII Congresso Nacional dos Círculos Operários, realizado em 1957 reflete o redirecionamento do programa circulista cerense para o meio rural. A tese “*Desenvolvimento do CC.OO. rurais*”, apresentada pela Federação do CC.OO do Ceará, neste Congresso ganhou adesão de outras federações e resultou na aprovação de resoluções que requeriam mudança na regulamentação de unidades circulistas rurais pela CNCO, uma vez que essa era uma nova modalidade de Círculos Operários. Da tese sobre Círculos Operários rurais, o Congresso resolveu dentre outras questões:

- 1 – Aconselhar a incentivar a formação, com urgência, dos círculos ou núcleos rurais, atendendo sempre as particularidades regionais; regendo-se aos mesmos círculos rurais de acordo com os estatutos dos círculos operários.
- 2 – Autorizar a Confederação Nacional dos círculos operários a regulamentar as particularidades dos círculos rurais, de acordo com a tese e com outras propostas encaminhadas a mesa do congresso.¹⁶⁸

¹⁶⁷ A Fortaleza, ano VIII, nº 388, 06/12/1958.

¹⁶⁸ **Conclusões das Teses do VII Congresso Nacional dos Círculos Operários – CNCO.** Arquivos: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

O VII Congresso Nacional apresentou as novas demandas do circulismo e a crescente necessidade de inserir o movimento nos debates sobre os problemas que afligiam os trabalhadores, especialmente aqueles que viviam no meio rural. A reforma agrária foi não apenas abordada, mas definiu-se uma posição em sua defesa como meio de promover a justiça social, libertando os trabalhadores do campo de um “*regime quase serviil*”. Outro ponto de grande interesse dos congressistas era a criação de cursos para a formação de líderes. Os cursos deveriam ter uma parte técnica e outra formativa. Nesta última, seriam instruídos na “*prática de liderança, noções de economia política, noções de direito constitucional, e política internacional, prática de democracia, sindicalismo, doutrina social e moral, técnica de jornalismo, crítica ao marxismo e comunismo.*”¹⁶⁹

O que se presenciava, neste contexto da década de 1950 era uma mudança de rumo nos projetos da Igreja Católica no campo social. Essa transformação era bastante visível no Nordeste, quando os bispos da região passaram a discutir programas de desenvolvimento econômico para a região, reforma agrária, projetos de educação para reduzir o analfabetismo e sindicalização rural.

Para Scott Mainwaring, a Igreja assume nesse momento um projeto reformista, fruto das transformações ocorridas tanto no Brasil quanto no plano internacional, com os novos posicionamentos da Sé Católica, especialmente no pontificado de João XIII que põe a Igreja Católica “... *mais em sintonia com o mundo secular moderno, comprometida em melhorar os destinos dos seres humanos na Terra e em promover a justiça social*”.¹⁷⁰

Embora não seja preocupação da pesquisa perscrutar as transformações históricas pelas quais passou a Igreja Católica, concebo que não é possível compreender a ação circulista e as alterações em sua trajetória, desvinculando-a da instituição que lhe forneceu as matrizes doutrinárias e orientou sua práxis no meio operário. Assim, ao tratar da preocupação do circulismo com o movimento sindical, enfocando a década imediatamente anterior ao golpe de 1964 é necessário sobretudo compreender as mudanças

¹⁶⁹ **Conclusões das Teses do VII Congresso Nacional dos Círculos Operários – CNCO.** Arquivos: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

que vinham se processando na Igreja Católica no tocante a visão sobre o mundo do trabalho e a questão social, acentuando e exacerbando o tom anticomunista de sua ação político-pastoral.

3 – Circulismo e Sindicalismo no Ceará.

Logo no início da formação dos Círculos, a preparação dos trabalhadores para o ingresso no sindicato figurava nos estatutos como uma das finalidades dessas entidades. Nas décadas de 1930 e 1940, verifica-se a presença circulista na disputa pela organização de sindicatos cristãos. Hilário Barbian analisando a relação Círculo Operário e sindicato neste período no município de Ijuí – Rio Grande do Sul, assegura que a fundação do COI (Círculo Operário de Ijuí), em 1936, motivou as lideranças a dobrar a pressão sobre os trabalhadores, buscando “...fazer com que o trabalhador se associasse ao sindicato e também ao COI.”¹⁷¹

Neste mesmo período, encontra-se semelhante preocupação dos circulistas cearenses com a constituição de sindicatos orientados pelos mesmos princípios do circulismo. Contudo, é a partir da década de 1950 que os Círculos Operários deste estado investem de forma planejada e coordenada no processo de sindicalização dos trabalhadores urbanos e rurais. É importante ressaltar que essa ação intensifica-se no primeiro triênio da década de 1960, em decorrência da disputa com os grupos de esquerda na organização dos sindicatos.

A discussão sobre circulismo e sindicalismo, abordada no III Congresso Estadual realizado em fins de 1952, indica sobretudo que os Círculos Operários pretendiam atuar neste campo de maneira organizada e planejada, pois o propósito de elaborar uma política sindical, estabelecer a aproximação com as entidades sindicais existentes, instrumentalizar as possíveis lideranças que atuavam na organização de sindicatos urbanos e rurais já se configurava desde o início de 1952.

¹⁷⁰ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. Trad. Heloisa Braz de Oliveira Prieto, p. 62.

¹⁷¹ BARBIAN, Hilário. **Círculo Operário e sindicalismo em Ijuí-RS (1932-1946)**. Florianópolis, 1991. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Santa Catarina

Esse Congresso representou o início de um trabalho em prol da sindicalização dos trabalhadores vinculados aos Círculos Operários. Era uma importante estratégia do circulismo visando a cristianização das organizações operárias. Acreditavam os circulistas que ao levar para o sindicato o trabalhador informado pelos princípios cristãos que orientavam o movimento, a organização sindical tomaria uma outra feição, assemelhando-se em sua forma de atuar e nos fundamentos de sua ação, aos Círculos Operários.

Havia uma grande preocupação dos circulistas com a formação das lideranças que atuariam no meio operário pela via sindical. No primeiro de maio de 1952, a 1ª Turma de Líderes Sindicais recebe diploma no Teatro José de Alencar. O curso que havia iniciado em fevereiro de 1951 e mantido pela Comissão de Fundo Sindical, era administrado por Ubirajara Índio do Ceará, Mozart Soriano Aderaldo e Lauro Maciel. Estas pessoas estiveram historicamente vinculadas a movimentos conservadores no Ceará. Eram integralistas convictos e sempre mantiveram uma estreita colaboração com o circulismo local.

No final de 1952, foi diplomada a 1ª Turma de Líderes Rurais, ocasião em que o arcebispo de Fortaleza, D. Antônio de Almeida Lustosa, afirma que a Igreja provará ao governo que “...*é capaz de desincumbir-se com galhardia de todas as missões que lhe são confiadas*”.¹⁷²

Observo que no final da década de 1950, intensificava-se um processo que tornava cada vez mais clara a distinção entre as organizações circulistas das áreas onde predominava a agricultura e aqueles localizados num meio onde a atividade fabril era significativa. A diferença era notória no que diz respeito ao programa de ação das unidades circulistas. Enquanto os Círculos Operários das áreas com maior índice de industrialização ocupavam-se especialmente com a situação dos trabalhadores nos locais de trabalho, reivindicando melhorias salariais e paralelamente buscavam harmonizar-se com a classe patronal, os circulistas rurais debatiam-se na luta pela instituição de leis que protegessem o trabalhador rural e na aquisição de verbas públicas que garantissem o plantio, a colheita e o armazenamento da produção.

¹⁷² **A Fortaleza**, ano III, nº 110, 27/12/1952. Na solenidade de entrega dos diplomas aos líderes rurais, presentes estavam a cúpula eclesiástica do Ceará, representantes do governo

Encontro em vários documentos do Círculo Operário de Limoeiro do Norte, dirigidos ao Ministério da Agricultura e a Secretaria de Agricultura do Estado, a solicitação de verbas para manutenção de serviços de assistência aos trabalhadores rurais, tendo em vista serem eles a imensa maioria dos associados. As verbas eram gastas na compra de instrumentos agrícolas, inseticidas, materiais para armazenamento de grãos (silos) e na formação técnica dos agricultores através do Aprendizado Agrícola São José, mantido pelo Círculo Operário desse município.

A criação do Serviço Social Rural em 1958, oferecendo aos Círculos Operários localizados no interior do Estado, educação técnica e profissional para os trabalhadores rurais, foi uma das razões para que algumas unidades circulistas reformulassem o estatuto alterando a denominação da entidade. O Círculo Operário do município de Morada Nova foi o primeiro no Ceará a fazer a conversão para Círculo Operário Rural. Como a quase totalidade dos sócios das unidades circulistas interioranas eram trabalhadores rurais, na qualidade de pequenos proprietários, meeiros ou parceiros, os Círculos buscavam apoio nas entidades ou órgãos onde pudessem encontrar algum amparo a categoria.

Embora aparentemente o Serviço Social Rural parecesse ser apenas um órgão destinado a fornecer orientações profissionais aos trabalhadores do campo, havia um objetivo de cunho político, qual seja, a vigilância sobre esses trabalhadores, realizada de forma preventiva em face da possibilidade de agitações no meio rural. Sobre a importância desse órgão vejamos o que *A Fortaleza*:

(...) redutor de conflitos sociais e amortecedor de veleidades subversivas, porventura aninhadas nesses tempos de propaganda revolucionária nos nossos sertões profundos. O patronato rural deve apoiar, pois esse é um instrumento de “paz social”.¹⁷³

No IV Congresso dos Círculos Operários do Ceará, realizado entre 29 de janeiro e 1º de fevereiro de 1959, o Círculo Operário de Morada Nova apresentou a tese “*Como organizar e manter os círculos operários do interior*”.

estadual, professores do Centro de Treinamento Rural de Jarandragoeira e membros da Federação dos Círculos Operários do Ceará.

¹⁷³ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 376, 13/09/1958.

Dentre os diversos pontos propostos pelos circulistas moradanovenses, e defendidos como instrumentos que proporcionariam o êxito dessas unidades circulistas, cito dois que se sobressaem pela especificidade como se relacionam com o quadro social da entidade:

XI - Assistência ao agricultor: construir silos de zinco ou ferro para armazenar cereais selecionados, destinados ao plantio; adquirir material agrícola, como seja, arados, cultivadores, pulverizadores, extintores, enxadas. Para revenda a longo prazo, com reserva de domínio, distribuir inseticidas e fungicidas para o combate às pragas daninhas à lavoura, etc.

XII – Sistema de unificação. Os círculos operários do interior devem alterar a denominação para Círculo Operário Rural – sem prejuízo, pois amparado no Manual – II parte – cap. IV, Proteção aos trabalhadores rurais.¹⁷⁴

Neste Congresso, os delegados de Círculos Operários do interior reivindicaram junto à coordenação do evento o comparecimento do Secretário de Agricultura do Estado. Diante do Secretário, os circulistas narraram a situação dos trabalhadores do campo, buscando sensibilizá-lo e por fim pressionaram para que houvesse a entrega das sementes que seriam distribuídas aos agricultores pobres através dos Círculos Operários. A aceitação da proposta dos circulistas rurais abriu um canal de negociação direto entre os Círculos Operários e o governo do Estado. Nos anos subseqüentes, as lideranças circulistas percorriam o mesmo caminho, reivindicando não apenas sementes, mas instrumentos de trabalho, defensivos agrícolas e gêneros de primeira necessidade para serem vendidos por preços abaixo do mercado, nos armazéns e cooperativas circulistas aos seus associados.

O olhar para o cotidiano dos trabalhadores rurais, suas dificuldades, possíveis projetos e as atividades desenvolvidas no meio rural foi ganhando maior importância. Essa mudança se fez notar também no jornal circulista A Fortaleza, que passou a editar em 1958, a *Página do Agricultor* destinada a abordagem dessas questões.

¹⁷⁴ **Teses para o IV Congresso dos Círculos Operários do Ceará** – 29 de Janeiro a 1º de Fevereiro de 1959. Documento. Arquivo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

Na Assembléia Geral dos Círculos Operários do Ceará ocorrida entre 24 e 26 de fevereiro de 1961, além da eleição da nova diretoria da FCOC¹⁷⁵, três importantes resoluções são aprovadas: Círculos e Federação trabalhariam em conjunto para promover no mais curto espaço de tempo a sindicalização dos sócios circulistas; realização de cursos intensivos nas diversas regiões, visando a formação de líderes circulistas e por último, a canalização de esforços para instituir Departamentos rurais nos círculos operários.

Das deliberações da Assembléia, depreende-se que o movimento circulista cearense centrava, nesse momento, seus esforços em duas frentes: a sindicalização dos trabalhadores e o acompanhamento sistemático das organizações circulistas do meio rural. Mesmo os Círculos Operários situados na Capital, demonstrando preocupação com o trabalhador rural, criam núcleos onde pudessem agremiar os sócios circulistas que desenvolviam atividades no campo. Em junho de 1961, o Círculo Operário de Antônio Bezerra (bairro de Fortaleza) funda o seu Núcleo Rural.

A Federação resolve intensificar o trabalho do Departamento Sindical para promover a sindicalização dos trabalhadores rurais. *A Fortaleza*, com o propósito de pôr em guarda as lideranças do movimento e ainda contar com o apoio dos patrões, alardeia sobre os perigo das ligas camponesas orientadas por Francisco Julião estenderem seu raio de ação a outros estados do nordeste, no processo de arregimentação dos trabalhadores rurais. Era pois necessário e urgente que os sindicatos que porventura viessem a se constituir, estivessem sob a orientação “*cristã e sadia*” do circulismo. Nas Dioceses eram escolhidos os vigários que cuidariam da sindicalização rural, de forma que, em todo o Estado, os “*partidários de Moscou*” encontrariam fortes obstáculos a organização de sindicatos.¹⁷⁶

¹⁷⁵ A nova Diretoria da FCOC foi constituída pelos seguintes membros: Presidente – Aduato Fernandes de Oliveira; Vice-Presidente – Cristóvam Fonseca; Secretário Geral – Jerônimo Pereira da Costa; Secretário de Estudos e Assistência Social – Antônio Camelo de Araújo; Secretário de Finanças – José Aarão Cysne; Assistentes Eclesiásticos – Pe. Arimatéia Diniz e Pe. Tarcísio Santiago.

¹⁷⁶ Na Diocese de Limoeiro do Norte, o Pe. João Mendes, vigário de São João do Jaguaribe, encarrega-se do Movimento de Sindicalização Rural.

A pesquisa de Ochoa,¹⁷⁷ tratando a respeito da sindicalização dos trabalhadores rurais no Ceará, aborda a participação de diferentes grupos que disputavam a organização desses sindicatos. Nesse trabalho, os depoimentos de lideranças que atuavam no movimento sindical fornece indícios significativos do trabalho desenvolvido pela Igreja Católica através dos Círculos Operários no processo de sindicalização. Os Círculos participaram ativamente dos eventos que objetivavam articular o projeto de sindicalização dos trabalhadores rurais. Por ocasião do I Congresso de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, realizado em Belo Horizonte em 1961, delegados de Círculos Operários e da FALTAC (Federação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará) estiveram representando os trabalhadores cearenses. O resultado mais visível desse encontro foi o fortalecimento do movimento em prol da sindicalização rural. A participação dos circulistas no conclave evidencia a influência e o peso das organizações circulistas junto aos trabalhadores.

Apesar da necessidade de aliança entre os Círculos Operários e a FALTAC, havia uma mútua desconfiança em torno dos interesses e rumos que cada uma das organizações pretendia dar ao movimento sindical rural. Os Círculos primavam pela constituição de sindicatos que fossem receptivos aos princípios cristãos, congregando todos os *“homens de boa vontade”*. Por outro lado, as associações que integravam a FALTAC não viam com bons olhos a presença de grandes proprietários de terra nos Círculos Operários e temiam a influência dessas pessoas na organização dos sindicatos.

A correlação de forças demonstra no âmbito institucional o poder que a Igreja Católica detinha junto aos órgãos governamentais. Quando o presidente João Goulart entregou o Ministério do Trabalho ao Deputado Franco Montoro, os sindicatos que estavam sob a influência da Igreja, recebiam sem maiores obstáculos o reconhecimento legal. Conquanto, os sindicatos que recebiam orientação de esquerda encontraram fortes barreiras no processo de legalização. Esse quadro de dificuldade é atenuado quando Almino Afonso substituiu Franco Montoro no Ministério do Trabalho. O depoimento de José

¹⁷⁷ OCHOA, Maria Glória Wormald. **As origens do movimento sindical de trabalhadores rurais no Ceará 1954-1964.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/ Stylus Comunicações, 1989.

Leandro mostra o diferenciado tratamento que os dois ministros dispensaram aos sindicatos orientados pela Igreja e aqueles organizados pela FALTAC:

(...) Nós sabíamos que o clero, a Igreja, os padres aqui fundaram 14 sindicatos e fundaram mais um grande número de sindicatos em outras paragens. E nós só chegamos a fundar sindicatos quando entrou no Ministério do Trabalho o Ministro Almino Afonso, foi ele quem publicou uma portaria facilitando, com todas as facilidades para a fundação dos sindicatos das Federações e Confederações.¹⁷⁸

O jornal *A Fortaleza* divulga que o I Congresso de Trabalhadores Rurais do Norte e Nordeste, realizado em 1962, em Itabuna – Bahia, teve importantes desdobramentos. Os congressistas aprovaram uma Carta de Princípios na qual os camponeses reivindicavam serem ouvidos na elaboração e aprovação da reforma agrária e ainda “...à *necessidade urgente da sindicalização rural como última esperança de libertação do homem do campo.*”¹⁷⁹

Embora o ministro Franco Montoro não tenha comparecido ao evento, enviou representante do Ministério, conduzindo 23 cartas sindicais, reconhecendo as entidades de camponeses já existentes. O artigo evidencia que havia uma expectativa dos congressistas acerca da portaria “...*que viria enquadrar esses sindicatos em pé de igualdade com os trabalhadores urbanos, dando-lhes ampla autonomia - exatamente o que os trabalhadores rurais defendem na Carta de Princípios*”.¹⁸⁰

Para executar o projeto de sindicalização dos trabalhadores rurais a ação circulista era demasiado intensa e articulava diversas organizações que comungavam com os princípios basilares de sua doutrina. Não se tratava, nesse momento, de investir na fundação de Círculos Operários, pois o número dessas organizações no Ceará colocava o circulismo numa posição bastante confortável. Era imperioso e vital fortalecê-los e instruir suas lideranças para a arregimentação dos trabalhadores no sindicato, pois que, neste momento o

¹⁷⁸ Apud. OCHOA, Maria Glória Wormald. **As origens do movimento sindical de trabalhadores rurais no Ceará 1954-1964.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/ Stylus Comunicações, 1989.

¹⁷⁹ **A Fortaleza**, ano XI, nº 493, 03/06/1962.

¹⁸⁰ Idem.

sindicato era concebido como a via de libertação dos trabalhadores, instrumento capaz de assegurar direitos trabalhistas que possibilitaria resgatá-los da situação de miséria em que viviam. Partindo dessa compreensão, os Círculos Operários no Ceará promoveram junto com sindicatos, associações e agremiações de orientação católica, grandes eventos públicos para assinalar o início de “*uma nova era*” na organização dos trabalhadores.

Uma grande concentração na tarde de 31 de maio de 1962 marca o lançamento de um movimento que vinha se constituindo gradativamente, e cuja articulação estava a cargo da Federação dos Círculos Operários. Esse movimento que recebeu a significativa denominação *Trabalhador Unido*, reuniu ainda em 1962, 141 entidades entre sindicatos, associações profissionais e Círculos Operários. Embora congregasse além dos Círculos Operários, sindicatos e outras organizações congêneres, a direção do *Trabalhador Unido* ficou a cargo do Departamento Sindical da Federação dos Círculos Operários do Ceará. Para conferir respaldo ao ato e ainda tornar pública a intenção de agir com respeito à ordem social, colaborando com as autoridades na sua manutenção, a Federação convidou autoridades civis, militares e eclesiásticas para tomarem parte no evento. O jornal *A Fortaleza* registrou a presença do governador Parsifal Barroso; do prefeito de Fortaleza, General Manuel Cordeiro Neto; do Bispo Auxiliar de Fortaleza, Dom Raimundo Castro e Silva e de um representante do Comando da Décima Região Militar.

Um dos momentos marcantes da concentração foi o lançamento do *Manifesto dos Trabalhadores*. A coordenação do evento convidou todos a ficarem de pé para prestarem um juramento “...*de tudo fazer para a observância e o cumprimento do manifesto,*” explicando que a partir desse momento tinha início “... *um movimento que visa apresentar o espírito cristão do trabalhador cearense, conferindo-lhe a autenticidade de classe integrada na fé e nas tradições de todo o povo brasileiro.*”¹⁸¹

O Trabalhador Unido surge num período em que as lutas entre os grupos que disputavam o movimento sindical se tornavam cada vez mais acirradas. Porém o fator que especialmente concorreu para a sua criação foi o anticomunismo propagado pelos setores conservadores, que almejava alcançar

¹⁸¹ Idem.

dois principais objetivos: congregar diferentes agremiações cumulando forças para disputar com os grupos de esquerda o movimento de sindicalização urbana e rural e, formar uma frente ampla que deveria atuar como trincheira de combate ao comunismo.

No Manifesto aos Trabalhadores o TU apresenta uma análise da situação social e política nacional, conclamando os trabalhadores cristãos a se unirem sob uma bandeira “...destinada a ajudar na construção da paz e de uma pátria engrandecida, sob o império da justiça social.”¹⁸² Os quatorze pontos que compõem o Manifesto,¹⁸³ expressam o repúdio a luta de classes, tecem críticas ao liberalismo econômico e ao capitalismo em razão da acumulação de riquezas nas mãos de uma minoria, repudiam o socialismo considerado “...um monstro mais terrível” que o capitalismo, afirmam-se nas encíclicas sociais como fundamento que norteará a ação do TU e por fim proclamam que *A Grande Causa* deve ser abraçada por todos os trabalhadores:

(...) Unamo-nos e associemo-nos em nossas sociedades, em nossos clubes, em nossos sindicatos e batalhemos pela causa comum. (...) No meio dessas angústias, nós, os trabalhadores do Ceará, ouvimos o apelo dos pontífices. Então por intermédio da Federação dos Círculos Operários, conclamamos para uma nova cruzada todos os homens e mulheres que trabalham. Lutemos pela nova ordem social e cristã! Bem sabeis o que vos aguarda. Haverá duros embates, mas as bênçãos de Deus transformarão os nossos e os vossos sofrimentos em galardão. Assim como de hidras e quasímodos o Gênio faz obras de beleza monumental, assim as nossas dores e humilhações serão transformadas, algum dia, no esplendor de uma Grande Aurora. Trabalhadores de todas as profissões, unamo-nos em defesa da Grande Causa.¹⁸⁴

Nesse momento, os Círculos Operários iniciam uma marcha junto com outras agremiações sob a insígnia do TU, objetivando principalmente fortalecer o anticomunismo. Convém assinalar que os Círculos não apenas compuseram

¹⁸² **Manifesto dos Trabalhadores – Federação dos Círculos Operários do Ceará** . Em 31 de Maio de 1962. Arquivo – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

¹⁸³ O Manifesto inicia com um apelo aos *Trabalhadores do Ceará*, em seguida aborda os seguintes temas: *Ciência e Consciência, O pensamento Cristão, As Encíclicas, Unidade do Pensamento Pontifício, Liberalismo Econômico e Capitalismo, O Socialismo, O Indivíduo e a Sociedade, Família e Divórcio, O Homem e a Empresa, Desníveis da Estrutura Social, Reforma Agrária e Propriedade Privada, Compromisso Social Cristão e A Grande Causa.*

¹⁸⁴ Idem, p. 09.

o movimento, mas deram-lhe orientação e direção. Outra inferência que se pode fazer, após observar a articulação desse novo movimento gestado sob a direção da FCOC, é que a Igreja Católica fortalece sua ação junto às classes trabalhadoras via Círculos Operários.

Para dar maior visibilidade ao movimento no Ceará e articular-se com outras organizações em nível nacional, o TU envia dois representantes para o II Encontro Sindical Nacional de Trabalhadores Democráticos, no Rio de Janeiro, no segundo semestre de 1962.¹⁸⁵ Os delegados do TU foram ainda incumbidos da missão de apresentar no Encontro, o Manifesto aos Trabalhadores lançado em 31 de maio e divulgar o jornal *A Fortaleza*. No mesmo período, ocorre em São Paulo a IV Convenção Sindical Nacional, organizada por entidades de orientação nacionalista e outras vinculadas aos socialistas e comunistas do PCB. Acusados pela Convenção Sindical Nacional de promoverem a divisão entre os trabalhadores, os congressistas se defenderam apresentando as razões do Encontro e suas finalidades. Manoel Cavalcante, dirigente da *União dos Presidentes Circulistas de Fortaleza* e um dos representantes do TU, assim se manifestou acerca do evento:

O Encontro representa o fortalecimento dos ideais democráticos da maioria esmagadora do operariado brasileiro orientado para sua unificação nacional e não para sua divisão, como foi acusado pelos comunistas que promoveram simultaneamente um encontro em São Paulo. O Congresso significa uma repulsa ao comunismo, representa o ideal de separar o joio do trigo, foi a demonstração de que os trabalhadores têm a consciência de não ter nada a ver com a ideologia contrária ao espírito cristão e democrático do povo.¹⁸⁶

O ano de 1962 foi marcante para os Círculos Operários cearenses. A participação em eventos estaduais e nacionais é um demonstrativo da efervescência do movimento e do empenho em pôr em execução um novo programa junto às classes trabalhadoras. Esse novo programa exigia novas práticas e formas de atuação. Requeria a constituição de alianças,

¹⁸⁵ Neste Encontro Sindical representavam o Trabalhador Unido: Antônio Alves Costa – Presidente da Federação dos Sindicatos de Trabalhadores na Indústria no Ceará e Vice-Presidente do TU e Manoel Cavalcante – representante do Sindicato da Orla Marítima e da Federação dos Círculos Operários do Ceará.

¹⁸⁶ **A Fortaleza**, ano XI, nº 496, 01/09/1962.

fortalecimento das bases circulistas e maior preparo das lideranças. A participação no VIII Congresso dos Círculos Operários em São Paulo em julho de 1962, reforçou a necessidade de discutir os problemas enfrentados pelos trabalhadores, mas, para além do debate, era imperioso apresentar soluções factíveis e que não se desviassem dos ensinamentos doutrinários das encíclicas sociais.

No final do Congresso, foram aprovados e divulgados os seguintes documentos: a *Declaração de Princípios*, um *Programa de Reivindicações* e um *Plano de Ação* que deveriam fundamentar e nortear a ação circulista em todo país. Especificamente sobre a questão sindical e a relação sindicato e Círculos Operários foi definido no Programa de Reivindicações que:

Tendo os CC.OO. como finalidade primordial a promoção da classe trabalhadora, seria inconcebível o seu alheamento dos sindicatos que são, por força de lei, os órgãos representativos das diversas categorias profissionais. Assim sendo, recomendamos que os CC.OO. promovam campanhas no sentido de sindicalizar os trabalhadores circulistas. Estes deverão ser preparados a fim de explicarem nos seus sindicatos os postulados fundamentais da Doutrina Social Cristã, única bandeira segura e democrática para a redenção da classe trabalhadora.¹⁸⁷

As orientações não se resumem à sindicalização dos circulistas. Impõem a necessidade de instruí-los nos mesmos postulados cristãos que subsidiavam os Círculos. Não se tratava de constituir sindicatos confessionais, mas formar as lideranças para atuar em seu meio.

Preparando-se para a luta ideológica o TU, estimulado pelas determinações do VIII Congresso, organiza um Curso de Líderes Democráticos, instalado na primeira quinzena de outubro de 1962. Ainda em outubro deste ano, o pe. Pedro Veloso, Assistente Eclesiástico da CNCO, veio à Fortaleza para contactar todos os Círculos Operários e planejar a execução das deliberações do VIII Congresso. Percebe-se pois, que no caso do Ceará, o Plano de Ação aprovado pelo Congresso entraria em pleno funcionamento em face não apenas do vigor dos círculos operários deste Estado, como do interesse da CNCO em dinamizá-lo.

A FCOC e o TU encetam uma campanha contra William Nogueira Sá, secretário-geral do Partido Comunista em Fortaleza, que, apoiado por sindicatos e pela União Estudantil, pleiteava o cargo de delegado da Delegacia Regional do Trabalho. Denunciaram que os comunistas estavam tentando se apoderar das posições-chaves da administração pública e que William Sá era “... *um rapasola de idéias subversivas e conhecido elemento agitador em movimentos sempre tendenciosos, como enviado de Moscou*”. Na opinião da FCOC e do TU, o nome ideal para assumir a DRT deveria ser alguém com qualidades semelhantes a Amadeu Arrais que, a frente da Delegacia demonstrara assumir compromisso com os princípios democráticos cristãos.¹⁸⁸ Com a renúncia de Amadeu Arrais, assume a Delegacia, Francisco Soares, e segundo *A Fortaleza*, o novo delegado daria continuidade ao trabalho de Amadeu Arrais. William Sá fora derrotado pelas forças conservadoras que punham-se em vigília contra os “*vermelhos*”.

Enquanto explodiam greves nas fábricas de tecidos e de extração de óleos vegetais de Fortaleza, com manifestações e passeatas organizadas pelas entidades sindicais solicitando o apoio da sociedade civil aos grevistas, a FCOC e o TU realizavam Encontros de Confraternização entre patrões e operários, para instaurar um clima de “*cordialidade e compreensão*” entre as classes. A imprensa circulista propaga que o TU penetra de maneira intensa e positiva na opinião pública, e a expectativa do movimento é “...*alargar o raio de sua influência, de modo a estreitar cada vez mais patrões e operários na solução dos problemas comuns, soerguendo bem alto o lábaro augusto da fraternidade cristã em bem da pátria e da religião.*”¹⁸⁹

Além do TU, uma outra organização instala-se no Ceará para fortalecer a atuação dos grupos conservadores no meio operário. O Plano de Ação do VIII Congresso dos Círculos Operários, recomenda que o trabalho sindical a ser desenvolvido pelo Círculo Operário “*poderá*” ficar a cargo do MOS (Movimento de Orientação Sindical), com a finalidade interna de “...*aperfeiçoar a técnica de liderança aprendida nos cursos da ELO*”, e externamente, preparar

¹⁸⁷ **VIII Congresso Nacional dos Círculos Operários – Programa de Reivindicações.** Arquivo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

¹⁸⁸ **A Fortaleza**, ano XII, nº 519, 03/02/1963.

¹⁸⁹ **A Fortaleza**, ano XII, nº 520, 10/02/1963

as lideranças para atuarem nas “*Assembléias Sindicais, Eleições Sindicais e Sindicalização em massa dos trabalhadores cristãos*”.¹⁹⁰

Assim como o TU (Trabalhador Unido) e a RDETRAL (Resistência Democrática de Trabalhadores Livres), o MOS integrava o MSD (Movimento Social Democrático). Jessie Jane informa que o MSD “... *tinha uma proposta semelhante à do movimento sindical norte-americano*”. Acrescenta ainda, que esses grupos identificavam-se pelo caráter anticomunista e estavam vinculados na proposta de “...*luta por um Brasil cristão-democrático*”.¹⁹¹

Dando continuidade ao proselitismo anticomunista, *A Fortaleza* tece considerações encomiásticas à atuação do MOS, como uma reação do operariado a sovietação do Brasil. Provisoriamente, o MOS no Ceará fica sob a direção do presidente do Círculo Operário de Parangaba (bairro de Fortaleza), que dedicou-se a promoção de sessões domingueiras com o objetivo de discutir as reformas de base, instruindo as lideranças circulistas para intervirem no movimento sindical.¹⁹²

Os Círculos Operários no Ceará irão executar as deliberações do VIII Congresso, especificamente o Plano de Ação, em conjunto com o TU e o MOS. Há portanto, a intenção de construir um cerco visando a preponderância sobre o meio operário com a finalidade de impedir que outras correntes pudessem orientá-lo. Apenas para exemplificar essa parceria, cito a Campanha pró-salário família, proposta pelo VIII Congresso e lançada pela CNCO junto com organizações classistas, em 19 de abril de 1963, e que no Ceará é dirigida em conjunto por essas entidades.

Se a presença de outras organizações atuando no meio operário sob a direção da FCOC é um indicativo do fortalecimento do circulismo no Ceará, por outro lado observa-se que há um declínio das atividades de alguns Círculos, em especial, senão exclusivamente, no interior do Estado. Esse fato torna-se público quando a Federação dos Círculos Operários cria uma nova coluna n’*A Fortaleza*, intitulada *Observador Circulista*. A coluna direcionava comentários exclusivamente para as organizações circulistas do interior que haviam deixado

¹⁹⁰ **Plano de Ação.** VIII Congresso dos Círculos Operários – CNCO. Arquivos: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

¹⁹¹ SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

de informar a Federação sobre suas atividades. Indo além, o colunista admitia a possibilidade de que algumas tivessem deixado de existir. Contudo, o interesse maior era revitalizar os Círculos que porventura se encontrassem inativos ou desenvolvendo um trabalho de pouca expressividade em vista da urgência de uma ação intensa e maciça junto aos trabalhadores. Com o propósito de “*umentar a cooperação e o intercâmbio entre as Federações e os Círculos Operários*”, dentre outras finalidades tão relevantes quanto essa, foi idealizado o I Encontro Regional dos Círculos Operários do Norte e Nordeste.

A proposta de um Congresso Regional a ser realizado em 1963, onde seriam discutidos os problemas da classe trabalhadora na região e aprovado um programa de ação contemplando especificamente essas questões, foi um dos principais resultados do VIII Congresso Nacional dos Círculos Operários para os circulistas do nordeste. A idéia do congresso regional nasceu do encontro entre presidentes das federações circulistas de Alagoas, Bahia, Sergipe, Ceará e Pernambuco, oportunizada pelo VIII Congresso.

Em novembro de 1962, aconteceu o 1º Encontro Preparatório que definiu Recife como local e a última semana de julho como data do evento. A esse primeiro encontro sucederam-se outros. Logo em dezembro deste mesmo ano, os dirigentes das Federações do Norte e Nordeste encontraram-se em Maceió para discutir as diretrizes do temário. Quatro temáticas foram aprovadas: *Reforma Agrária no Norte e Nordeste; Industrialização e Reforma Estrutural da Empresa; Plano da Sudene para o desenvolvimento do Norte e Nordeste e Habitação, Saúde e Salário no Norte e Nordeste.*

Na II Reunião Plenária realizada em Fortaleza, entre 30 e 31 de março de 1963, com a presença de representantes do Piauí, Sergipe, Bahia, Alagoas, Rio Grande do Norte e membros da CNCO, ocorreu a mudança de local do Congresso. A anterior escolha de Recife para sediar o encontro, deu-se em razão de sua localização no “...*Estado-centro, não só demograficamente como sobretudo, pelo estado permanente de inquietação social porque vive a sua gente*”. Contudo, na II Reunião, Fortaleza foi indicada para nova sede do Congresso. No semanário circulista a justificativa apresentada para essa

¹⁹² N^o **A Fortaleza**, ano XII, n^o 541, 07/07/1963, há a informação que o MOS tem filiado ao movimento 1326 entidades, entre sindicatos e federações.

alteração não é clara, resumindo-se a informar que diante dos “*obstáculos surgidos*” não havia possibilidade do evento ocorrer em Recife.¹⁹³

Da apresentação do temário e das teses do Congresso, pode-se inferir que há uma mudança significativa na plataforma circulista. A preocupação dos circulistas direciona-se neste momento para a intervenção decisiva no plano político e econômico, reivindicando as reformas sociais de base como caminho para o estabelecimento da justiça social. Mesmo considerados um dos setores mais conservadores vinculados a Igreja Católica, os Círculos Operários tinham clareza da necessidade de promover mudanças que possibilitassem minorar o sofrimento das classes menos favorecidas. O que decididamente não aceitavam, era que o percurso a ser trilhado para alcançar essas mudanças, fosse radicalizado e pusesse em perigo a ordem social.

Firmados na proposta de impulsionar a evolução social, refutavam a idéia de revolução propugnada pelos setores radicais que atuavam no meio operário. Para os circulistas, as reformas sociais não poderiam ser encaminhadas de forma violenta, abalando os alicerces da ordem social. Nos discursos proferidos em manifestações e nos artigos da imprensa circulista, afirmam o desejo de mudança social e atestam que o caminho da evolução era superior a revolução, pois:

(...) A ordem social pode transformar-se sem deixar de existir. Mas, em certas circunstâncias, as alterações são tão radicais, violentas, que, durante um certo período, os seus elementos essenciais cessam de funcionar. A ordem social, desaparece.

.....
Quando, pelo contrário, as alterações da ordem social respeitam as funções fundamentais, principalmente as do direito e da ordem pública, diz-se que há uma evolução, por mais radicais que sejam as mudanças e transformações do sistema.¹⁹⁴

¹⁹³ **A Fortaleza**, ano XII, 01/05/1963. Na sessão de Maceió foram aprovadas as seguintes teses para o Congresso: Estrutura Agrária adequada para a região Norte e Nordeste; Sindicalismo rural; Estrutura Industrial para a região Norte e Nordeste e Plano de Ação para a região.

¹⁹⁴ **A Fortaleza**, ano IX, nº 429, 05/09/1959. **As modalidades da reforma social** – Doutrina Social da Igreja.

Para impedir que se alastrasse o programa dos partidários da mudança social pela via revolucionária, os circulistas compreenderam a emergência de uma ação específica junto aos trabalhadores camponeses, em vista que, este era um setor arduamente disputado pela esquerda, numa época em que a reforma agrária vinha mobilizando forças de diferentes tendências ideológicas. Era um novo tempo e exigia uma nova forma de atuação.

A hierarquia circulista nacional, através de circular enviada a todos os Círculos Operários informa sobre as deliberações aprovadas na reunião dos presidentes e assistentes eclesiásticos, realizada no Rio de Janeiro nos dias 22 e 23 de junho de 1963, tratando do sindicalismo rural. O Manifesto da CNCO e uma Declaração para orientação dos Círculos Operários sobre a reforma agrária, o sindicalismo rural e as centrais sindicais são os documentos elaborados por ocasião dessa reunião.

A circular esclarece que as resoluções aprovadas não se tornariam públicas, contudo, “...*devem ser conhecidas pelas Federações e Círculos Operários*”. Analisando o documento, fica evidente que os critérios estabelecidos pela CNCO para a ação circulista no campo da sindicalização rural, obedecia as determinações da hierarquia eclesiástica, através da CNBB. Veja-se pois o que estabelece:

- 1- Nas diversas Dioceses em que os senhores Bispos derem liberdade aos Círculos Operários para fundar sindicatos rurais, devem fundá-los;
- 2- Onde os senhores Bispos se encarregam desta fundação por meio de Comissões especiais ou por meio do responsável da sindicalização rural da Comissão Regional do Plano de Emergência, os Círculos Operários, se solicitados, colaborarão;
- 3- Sem autorização dos Bispos os Círculos Operários, apoiando os sindicatos rurais criados com orientação cristã, não devem tomar a iniciativa dessas fundações;
- 4- Sempre os Círculos Operários procurarão fundar Círculos Operários na zona rural que ajudem os sindicatos e preparem bons sindicalistas rurais para atuarem dentro dos sindicatos.¹⁹⁵

Está claramente expresso que os Círculos Operários não tinham autonomia para fundar sindicatos rurais. A CNBB havia criado comissões

especiais para realizar a sindicalização rural. Após longo e intenso trabalho de preparação das lideranças e realização de campanhas em favor da sindicalização, os Círculos Operários viam sua ação neste setor, limitada pela hierarquia eclesiástica.

Embora os Círculos Operários tenham se dedicado intensamente a formação de líderes para atuarem no meio operário urbano através da ELO (Escola de Líderes Operários) e junto aos trabalhadores rurais via ELIRUR (Escola de Líderes Rurais), foram, de certa forma, preteridos no processo de sindicalização. Mesmo o programa educacional circulista, um dos setores mais dinâmicos do movimento, já não respondia satisfatoriamente as exigências da época. A criação do MEB (Movimento de Educação de Base) em 1961 é um demonstrativo da nova demanda no campo social colocada para a Igreja.¹⁹⁶

Como os Círculos Operários eram organizações reconhecidas apenas pelo Código Civil sem gozar as prerrogativas dos sindicatos, asseguradas pelo Código Trabalhista, é possível que muitos membros da hierarquia católica, não os vissem mais como instrumentos de intervenção da Igreja no mundo do trabalho, posto que outrora ocuparam com o apoio da elite católica leiga e eclesiástica. Os circulistas tinham noção da circunscrição da ação que poderiam desenvolver junto às classes trabalhadoras. Em vários documentos declararam a importância dos sindicatos e explicitaram as prerrogativas que teriam os trabalhadores ao sindicalizarem-se, ao firmarem que:

Estas associações, não só representam uma garantia para os trabalhadores, pois são órgãos oficiais para a defesa dos seus direitos, mas também desempenham na conjuntura brasileira papel importantíssimo.

(...) Os sindicatos falam em nome deles, por imperativo da lei. Não é admissível que os trabalhadores cristãos, os circulistas se omitam numa hora tão grave e não influam na colaboração que os sindicatos dão à construção do futuro do Brasil.¹⁹⁷

¹⁹⁵ **Circular enviada aos Círculos Operários. CNCO.** Rio de Janeiro, 1º de julho de 1963. Arquivo: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

¹⁹⁶ Sobre o assunto ver BRUNEAU, Thomás C. **Catolicismo Brasileiro em Época de Transição.** São Paulo: Edições Loyola, 1974. Trad. Margarida Oliva. Na análise de Bruneau o MEB “...foi o programa mais vasto feito, no Brasil, no campo da educação de base. A Educação de Base, tal como era entendida pelo MEB, não visava apenas a alfabetização, mas principalmente, a mobilização social, ou politização, através do conceito de “conscientização”. P. 156.

¹⁹⁷ **CNCO** – Declaração de orientação uniforme para os Circulistas – Reunião dos Presidentes

Os circulistas bem compreendiam a situação do movimento nesse novo contexto. Para justificar a importância dos Círculos Operários na orientação dos trabalhadores, anunciaram as razões de sua existência, fazendo um paralelo com o sindicalismo. Na concepção dos circulistas, os sindicatos eram relevantes para a elevação do trabalhador, contudo não substituíam nem tornavam prescindíveis os Círculos Operários.

Em entrevista publicada n' *A Fortaleza*, Carlos Kraemer Haesbaert, vice-presidente da Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul, versa sobre o assunto, antecipando de início que não há antagonismo entre circulismo e sindicalismo visto que “...*grande número de sindicatos instalados neste ou em outros Estados, nestes últimos cinco lustros, foram suscitados por iniciativa e ação dedicada dos círculos operários*”. Prosseguindo, apresenta no intuito de reforçar o papel dos Círculos junto aos trabalhadores e demarcar o espaço de atuação circulista, as seguintes indagações:

Poderá o Sindicato fazer a pregação, a defesa do Evangelho no regime de independência e separação entre ele e a Religião? Poderá alcançar com seus recursos e com seus serviços da mesma forma a todos a quantos atingem os recursos e os serviços dos Círculos Operários? Poderá o Sindicato manter-se imune à ação de corvejantamento de tantos políticos e governantes para os quais o movimento sindical não representa senão um poderio eleitoral? Poderá suprir a assistência e a formação espiritual e cultural que dá o movimento circulista aos seus associados? Enfim, poderá o sindicalismo do Estado, como o temos em nosso meio, tornar sem razão as razões do circulismo?¹⁹⁸

Expressando firme e claramente a atuação circulista no campo da cultura, o movimento delineava incisivamente o lugar que desde sempre fora seu alvo, estremando o raio de sua atuação em relação ao sindicalismo. Nessa perspectiva, indicava que suas preocupações iam além dos objetivos do sindicato. Entendiam que sua missão, junto aos trabalhadores, ultrapassavam as reivindicações materiais destes. Pretendiam sua ascensão moral, cultural e espiritual. Sem esses avanços, o progresso material teria seu significado

e Assistentes Eclesiásticos. Rio de Janeiro – junho de 1963. Arquivo: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

¹⁹⁸ **A Fortaleza**, ano XII, nº 543, 21/07/1963.

limitado, uma vez que o trabalhador não é apenas “*um elemento de produção*”, mas uma pessoa humana composta de “*corpo e alma*”. A proposta circulista busca alcançar o progresso que contemple todos esses aspectos que “... *finalmente, tendo em vista o bem comum, a elevação da classe operária, em harmonia e colaboração com as outras classes sociais, subordinar-se-á a ele, sendo pois extensiva a toda a sociedade*”.¹⁹⁹

Retomando a discussão sobre a posição dos Círculos Operários no processo de organização sindical, é importante ressaltar que eles estavam vinculados mais estreitamente aos setores conservadores da Igreja, fato que também pode ter contribuído para o seu deslocamento, em vista que neste período, grupos católicos alinhados às posições da esquerda, identificados como elementos mais dinâmicos e em sintonia com as aspirações sociais das classes trabalhadoras na perspectiva de uma ação mais radical, pudessem oferecer maiores possibilidades de inserção da Igreja no processo de sindicalização no meio operário e rural.²⁰⁰

Apesar das restrições impostas a sua atuação no campo da sindicalização, O Congresso Regional realizado em Fortaleza, em outubro de 1963, ratificou a posição dos Círculos Operários da região em defesa da sindicalização rural. A tese sobre *Sindicalismo Rural*, apresentada pela Federação dos Círculos Operários de Alagoas, propunha:

Apelar aos BISPOS DO BRASIL para que despertem as consciências dos cristãos ainda omissos diante de tão graves problemas, e promovam a unificação das forças que se encontram dispersas, objetivamente formar uma frente única das diversas instituições cristãs, para neutralizar a atuação perniciosa das diversas forças opressoras, de direita e da esquerda, ambas oriundas de potências estrangeiras.²⁰¹

Os circulistas do nordeste entendiam que os problemas enfrentados pelos trabalhadores na região guardavam algumas especificidades em relação

¹⁹⁹ **A Fortaleza**, Ano VIII, nº 419, 06/06/1959.

²⁰⁰ Refiro-me a atuação do MEB, JOC, JEC, JUC e posteriormente a Ação Popular (AP). Ressalte-se também a atuação da Frente Nacional do Trabalho (FNT), fundada em 1960 que também disputará com os círculos operários a orientação no movimento sindical.

²⁰¹ **Sindicalismo Rural** – Tese apresentada no I Congresso Regional Circulista Norte / Nordeste. Federação dos Círculos Operários de Alagoas. Arquivo: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

ao restante do país. O Nordeste figurava entre as regiões mais pobres. O índice de analfabetismo atingia níveis astronômicos e a situação de penúria em que se encontravam os trabalhadores era dramática. Além disso, a atuação dos grupos de esquerda nas áreas rurais do Nordeste assustava não apenas os grandes proprietários. A Igreja Católica ingressava cada vez mais no debate e na articulação de projetos que pretendiam oferecer alternativa a esses problemas.²⁰²

Os Círculos Operários da região tencionavam, nesse contexto, buscar apoio junto às dioceses e arquidioceses e traçar uma proposta de unificação das forças circulistas em conjunto com outras organizações que defendiam a democracia cristã com fundamento nas encíclicas sociais.

Em troca do apoio à manutenção da ordem, a FCOC e as unidades circulistas desfrutavam de algumas vantagens concedidas pelos governos municipal e estadual. Com a aproximação do Congresso Regional, o prefeito de Fortaleza Murilo Borges, anunciou a construção do Largo da Medianeira, obra que seria inaugurada no momento da instalação do Congresso. O Largo era uma homenagem a padroeira do circulismo, tendo portanto, um significado simbólico relevante para os circulistas e representava ainda a patente colaboração entre o circulismo e o Estado.²⁰³

Em se tratando do apoio da arquidiocese de Fortaleza e das dioceses sufragâneas, os circulistas cearenses estavam numa posição bastante confortável para dar continuidade ao trabalho de sindicalização. Não podendo se fazer presente ao conclave, o arcebispo D. José Delgado envia carta ao pe. Dourado Colaço, Assistente Eclesiástico da FCOC na qual assegura depositar confiança no trabalho circulista nessa “... *nova fase de realizações de sentido*”

²⁰² A criação da SUDENE é, em larga medida, resultado da atuação dos Bispos do Nordeste. Sobre o assunto ver BRUNEAU, Thomás C. **Catolicismo Brasileiro em Época de Transição**. São Paulo: Edições Loyola, 1974. Trad. Margarida Oliva.

²⁰³ O Largo da Medianeira foi construído no final da Avenida Heráclito Graça. Sua inauguração ocorreu no dia 01 de outubro de 1963, data da instalação do I Congresso Regional Circulista. Na solenidade foi celebrada missa campal que contou com a maciça presença de circulistas e de autoridades civis e eclesiais. **A Fortaleza**, ano XIV, nº 554, 06/10/1963, enfatizou a participação do governador Virgílio Távora, do prefeito de Fortaleza Murilo Borges e do presidente da Assembléia Legislativa do Estado – deputado Mauro Benevides. Este último fora um dos organizadores da União da Mocidade Católica(UMC) no Ceará e colaborador do movimento circulista.

comunitário”, afirmando ainda que “*As atividades sindicais em particular, estão a merecer uma atuação atualizada.*”²⁰⁴

Um dos resultados concretos do evento foi a criação da Regional Circulista do Nordeste, órgão que se incumbiria de articular e pôr em prática as diretrizes e plano de ação para os circulistas da região. A direção do novo órgão ficou a cargo do presidente da Federação dos Círculos Operários de Alagoas, Jorge Cavalcante Moraes. Com a instalação da Regional, os circulistas poderiam debruçar-se sobre seus problemas específicos e ainda possibilitava a unificação do movimento em âmbito regional.

Uma outra aspiração era a criação de uma rede de solidariedade e colaboração entre as federações circulistas da região. Neste particular, a Regional enfrentou desde o seu nascedouro alguns empecilhos. Encontro n’A *Fortaleza*, nota sobre o Congresso, relatando que a Federação de Pernambuco discordava da central circulista, afirmando que, por seu caráter horizontal, a criação da entidade era irregular.²⁰⁵ Contudo, apesar das divergências, a Regional Circulista foi instituída. O estudo não traz informações sobre o trabalho que esse órgão desenvolveu nos anos posteriores. Se seus propósitos foram atingidos, que relação manteve com a CNCO e qual sua trajetória histórica enfim? Embora a dissertação tenha como marco final esse evento, ele é encarado como um referencial, um acontecimento que demarca um processo de mudança na história do circulismo cearense, porém não é a única expressão desse momento. Não encerra em si a essência do processo. Insere-se nesta conjuntura, ilustrando a concepção circulista de que uma nova era estava sendo inaugurada pelo movimento.

Quanto ao trabalho em torno da sindicalização, os circulistas cearenses não encontraram resistência por parte da Arquidiocese de Fortaleza e as dioceses que compunham a província eclesiástica do Ceará. Ao contrário, a imprensa circulista divulgava através da *Coluna Sindical*²⁰⁶ e no *Noticiário*

²⁰⁴ **A Fortaleza**, ano XIV, nº 555, 13/10/1963.

²⁰⁵ **A Fortaleza**, ano XIV, nº 554, 06/10/1963.

²⁰⁶ Essa coluna estava sob a responsabilidade do Assessor Técnico do Departamento Sindical da FCOC- Francisco Tarcísio Leite. A coluna trazia informações sobre direitos trabalhistas e realização de eventos sindicais. Oferecia ainda, orientações sobre o processo de criação de uma entidade sindical e convocava insistentemente os trabalhadores a associarem-se nos sindicatos.

*Circulista*²⁰⁷ informações sobre os Círculos da capital e interior, abordando dentre outras questões, a atuação circulista na constituição de sindicatos e outras associações de classe.

Para a região metropolitana de Fortaleza, o Departamento Sindical da FCOC tinha em meta, traçada no primeiro semestre de 1963, a fundação dos seguintes entidades sindicais: Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Trigo; Sindicato dos Empregados em entidades beneficentes; Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Vidros e Cristais do Ceará e Sindicato dos Empregados em Escritórios Comerciais.²⁰⁸ Em julho de 1963, a FCOC envia ao município de Crateús, o secretário geral deste Departamento para preparar os documentos necessários à petição de reconhecimento como Sindicatos, as Associações Profissionais dos Motoristas e dos Trabalhadores Carregadores de Bagagens e Volumes de Crateús.²⁰⁹

A convite das paróquias e dioceses, o Departamento Sindical da FCOC empreendia todo o esforço necessário à fundação de sindicatos.²¹⁰ Tendo em vista que em praticamente todas as paróquias do Estado havia um Círculo Operário e que a Federação oferecia serviços de orientação sindical, os clérigos apelavam para o apoio da FCOC, pois como a legislação sindical era bastante complexa, a falta de informação poderia resultar no indeferimento da carta sindical. Na *Coluna Sindical*, encontrei solicitações dessa natureza. A exemplo trago a seguinte:

Esteve conosco esta semana o vigário de Guanacés, Pe. Nauri Braga, que deseja ardentemente fundar em sua paróquia o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Acha o Pe. Nauri que é necessário e urgente a criação de entidades sindicais classistas, nas paróquias do interior, não só para evitar a penetração comunista, como para se fazer a promoção operários do campo. Prometemos ao Pe. Nauri ajudá-lo na orientação sindical.²¹¹

²⁰⁷ O Noticiário Circulista dedicava-se a divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelos círculos operários da capital e do interior. Estava sob a responsabilidade do repórter circulista Nunes Chaves e ostentava na epígrafe: “*Tudo pela Prática da Doutrina Social da Igreja, pregada na Mater et Magistra e Paz na Terra, sobre a recente evolução da Questão Social*”.

²⁰⁸ **A Fortaleza**, ano XII, nº 519, 03/02/1963.

²⁰⁹ **A Fortaleza**, ano XII, nº 540, 30/06/1963.

²¹⁰ O Secretário Geral do Departamento Sindical dirigiu-se ao município de Iguatú no ano de 1963, atendendo a solicitação do Pe. Landim, para orientar a fundação dos Sindicatos dos Comerciantes, dos Motoristas e dos Trabalhadores Rurais. **A Fortaleza**, ano XII, nº541, 07/07/1963.

²¹¹ **A Fortaleza**, ano XII, nº 548, 25/08/1963. *Coluna Sindical – (Francisco Tarcísio Leite)*.

Em conformidade com as resoluções da CNBB sobre a criação de órgãos especiais que se encarregassem da sindicalização rural e questões correlatas, o arcebispado de Fortaleza reuniu em setembro de 1963, lideranças sindicais católicas para apresentar e discutir o projeto de criação da Fundação João XXIII.²¹² Como deveria responder pela sindicalização do proletário urbano e rural, o órgão seria constituído de duas divisões: uma urbana e outra rural. Nessa última estaria integrada a Divisão de Sindicalização Rural.

Manifestando o desejo de estabelecer uma parceria com os Círculos Operários no programa de sindicalização, o arcebispo D. José Delgado, em entrevista concedida para o jornal *A Fortaleza*, assim se pronunciou:

Minha esperança relativa à participação dos Círculos Operários do Estado nas tarefas de Sindicalização Rural e de vitalização dos Sindicatos Urbanos, máxime através de uma ação educadora, é das mais robustas e animadoras.²¹³

Com base nessas investigações, nas informações e indícios que apontaram, no que atestaram os documentos consultados, posso aferir que a Igreja Católica teve um peso relevante na organização sindical no Ceará. Ressalvo ainda que sua presença foi seguramente mais marcante no meio rural. No que concerne a entidade propulsora do movimento sindical, como aliada e colaboradora da Igreja Católica no Ceará, destaco a ação dos Círculos Operários. Essas organizações, desenvolvendo um trabalho à longo prazo, especialmente no campo da educação, influíram de maneira peculiar, demonstrando grande habilidade na execução de programas destinados a

²¹² N' **A Fortaleza**, XII, nº 566, 29/12/1963, foi registrada a presença das lideranças: “*Padres Arimatéia Diniz e Joaquim Dourado, Assistentes da FCOC; Adauto Fernandes de Oliveira, Presidente da FCOC; Hermenegildo Barroso de Melo, Presidente do Sindicato dos Comerciantes; José Moreira Leitão, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Curtimento de Couro e Peles; Francisco Pereira de Freitas, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Extração de Sal de Fortaleza; Pedro Guedes, Presidente do Sindicato dos Arrumadores de Carga de Fortaleza; Raimundo Alves de Lima, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Óleos Vegetais; Paulo Martins da Silva e Pedro Monteiro da Silva, Presidente e Tesoureiro, respectivamente, do Sindicato dos Mestres e Contra-Mestres na Indústria de Tecelagem e Fiação de Fortaleza e os representantes dos CC.OO de Fortaleza, Piedade, Nazaré, Antônio Bezerra, Floresta, Porangabuçu, Parangaba e Pirambu.*”

²¹³ **A Fortaleza**, ano XII, nº 565, 22/12/1963.

formação das lideranças que atuariam no movimento sindical nos anos subseqüentes.

Embora sindicatos e Círculos fossem organizações associativas de caráter diferenciado, quanto aos objetivos e métodos, os sindicatos de trabalhadores rurais, especialmente aqueles criados sob a influência dos Círculos, assumiram o caráter assistencialista desses. Em face dessa posição assumida pelos sindicatos, os Círculos vão perdendo significado para os seus filiados. Muitos dos benefícios oferecidos pelos Círculos, como por exemplo, a assistência médico-odontológica, são também propostos pelos sindicatos. O trabalhador tinha, portanto, que contribuir financeiramente com duas entidades que lhes oferecia basicamente a mesma assistência material.

Sugiro que o avanço circulista na fundação de sindicatos rurais, nos municípios interioranos do Ceará, geraram ao longo de duas décadas, o esvaziamento de muitas entidades circulistas. Exemplo comprobatório dessa proposição foi a criação do Sindicato de Trabalhadores Rurais em Limoeiro do Norte, em fins de 1963, sob a orientação e apoio do Círculo Operário deste município. Observei nesse caso, a partir da pesquisa documental, que o descredenciamento do projeto circulista estava bastante vinculado à constituição do referido sindicato.²¹⁴

Embora tenha refutado a idéia de generalização dos acontecimentos, creio que o desfalecimento da organização circulista no Ceará, pode estar de certa forma associado, porém não exclusivamente, a criação e expansão dos sindicatos urbanos e rurais. Partindo desse pressuposto, acredito que 1963 delimita o fim de um percurso ascendente para os Círculos Operários.

²¹⁴ A pesquisa monográfica que realizei na Graduação e que tinha como objeto historiográfico o circulismo em Limoeiro do Norte, indicou um lento processo de esgotamento iniciado após a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. No final da década de 1980 o Círculo de Trabalhadores Cristãos de Limoeiro do Norte já havia praticamente passado todos os seus bens móveis e imóveis para o sindicato. Neste período, as Assembléias do Círculo registravam a presença de um pequeno número de associados, que não ultrapassavam duas dezenas de membros.

Terceira Parte – O Projeto Pedagógico dos Círculos Operários.

Neste capítulo, apresento a proposta educativo-pedagógica dos Círculos Operários, sabendo que, essa área em especial, foi uma das molas mestras do circulismo, constituindo-se no elemento imprescindível para a sua manutenção e fortalecimento.

É importante ressaltar que o estudo não se limita ao trabalho desenvolvido pelas escolas circulistas, através dos cursos de alfabetização para operários e filhos de operários ou aqueles voltados à formação profissional dos circulistas. A atenção incide sobre outros espaços e estratégias elaborados com fins pedagógicos, bem como para os ritos, festas, campanhas e outras atividades de cunho doutrinário.

A educação operária foi disputada por grupos de diferentes filiação ideológica. Elegendo-o como um setor que exigia uma atuação mais incisiva, comunistas, anarquistas e socialistas tornaram o direito à educação uma reivindicação essencial em suas plataformas doutrinárias. Nesse sentido, não esperaram pela ação do Estado, cuja ausência recebeu duras críticas dos socialistas. Elaboraram eles próprios os projetos educativos e instrutivos para as classes obreiras. Os objetivos variavam de acordo com a proposta específica dos grupos.²¹⁵ De maneira geral, essas correntes viam o analfabetismo como entrave nos processos de luta pela emancipação da classe operária.

A inserção da Igreja Católica no campo da educação operária acirra a luta e o debate em torno dos objetivos dos diferentes atores que tencionavam a formação do operariado. Os propósitos do projeto católico, porém, bem diferem das correntes anarquista, socialista ou comunista, quanto a revolucionária transformação da sociedade. Os anarquistas perceberam claramente os

²¹⁵ Sobre o assunto ver: GONÇALVES, Adelaide. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos de 1920**. Florianópolis, 2001, Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina; SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002; GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação e movimento operário no Brasil**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1987; e ALMEIDA, Paulo Roberto. **Círculos Operários Católicos: práticas**

interesses e objetivos da Igreja Católica na formulação de uma proposta educativo-pedagógica para os trabalhadores e denunciaram:

Há por aí um carinho pela instrução popular, um enternecimento doentio pela cultura proletária, pela educação operária que convém ter bem em vista e precaver-se contra ela, ou preservar-se contra a sua influência nociva e desagregadora.
 (...)É uma maneira de inculcar-lhes nos espíritos, pela repetição constante, indireta e manhosa, o respeito pelo patrão, pelo padre, pelo governante, pela polícia, pela Igreja.²¹⁶

Abordando diretamente a temática, pode-se aferir que a Igreja Católica encontra nos Círculos operários um instrumento favorável à intervenção neste campo. Atentemos para o fato de que a proposta pedagógica dos Círculos estava fundamentada nos valores e na moral que a hierarquia católica desejava inculcar no espírito das classes trabalhadoras. Adelaide Gonçalves refere-se a essa questão, afirmando que:

A ação da elite religiosa junto ao operariado, criando escolas, mantendo cursos, organizando bibliotecas para leitura *útil e instrutiva*, recomendando os manuais práticos e os livros instrutivos, afastando-os do que classificam como “leituras perigosas do socialismo e das ideologias subversivas”, é a face visível do controle social exercido pela Igreja.²¹⁷

Para a formação integral dos circulistas, muitos mecanismos foram criados e criteriosamente postos no terreno prático. As escolas de alfabetização e formação profissional, os ritos, as celebrações místicas e a construção de símbolos, propunham estatuir uma identidade cristã católica, instruída nos ideais do catolicismo conservador e capaz de sobrepor-se à identidade classista. No Manual do Círculo Operário esse propósito aparece com nitidez:

de assistência e de controle no Brasil. São Paulo, 1992. Dissertação de mestrado em história. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.z

²¹⁶ Escolas Operárias ou Arapucas burguesas, **A Plebe**, 05/08/1933. São Paulo. Apud ALMEIDA, Paulo Roberto. **Círculos Operários Católicos: práticas de assistência e de controle no Brasil.** São Paulo, 1992. Dissertação de mestrado em história. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 87.

²¹⁷ GONÇALVES, Adelaide. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos de 1920.** Florianópolis, 2001, Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

Os Círculos Operários, congregando todos os trabalhadores de boa vontade, querem, com aulas noturnas, conferências, festivais e cursos especializados sobre a questão social, banir do seio das massas trabalhadoras os germes dos descontentamentos e as desordens, implantando uma nova ordem social, onde se harmonizem e se concretizem todas as aspirações do proletariado brasileiro.²¹⁸

O projeto circulista não vislumbrava apenas a satisfação dos interesses materiais dos sócios. Acreditavam serem construtores de “*um grande porvir*” onde pudessem exterminar “*a opressão, a injustiça e o terror*”.²¹⁹ Para os circulistas, esses males não estavam ligados apenas ao sistema capitalista, mas ao “*socialismo ateu*” que lançava o operariado contra os patrões, gerando conflitos e trazendo infelicidades para todos que abraçassem tais ideais.

O circulismo abraçava um ideal teológico de caráter salvífico universal, dirigido em primeiro plano às classes trabalhadoras, porém sem excluir a classe patronal. Esta última seria salva do egoísmo, da usura, da ambição desmedida que provocava a ruptura na proposta colaboracionista dos Círculos Operários. Investir na formação moral e espiritual dos trabalhadores de acordo com a doutrina social cristã viabilizava o restabelecimento da ordem, porque combatia a luta de classes, tendo como meta a harmonia entre capital e trabalho.

Para soerguer as classes trabalhadoras na dimensão cultural, material e espiritual, entendiam ser necessário a adesão das classes patronais a esse projeto. O estabelecimento da justiça social pela via evolucionista, seguindo as orientações doutrinárias cristã somente seria possível com a colaboração entre patrões e operários. Para este ponto, convergiam as forças do projeto circulista.

Averiguar os diferentes métodos utilizados na construção desse projeto é uma das questões fundamentais para a compreensão do projeto pedagógico circulista. Nessa trajetória, pode-se vislumbrar como entendiam a si mesmos enquanto sujeitos dessa construção, e como viam e combatiam

²¹⁸ Manual do Círculo operário. CNOC. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939.

²¹⁹ Hino dos Trabalhadores Brasileiros. In: Manual do Círculo Operário. CNOC. Rio de Janeiro: Vozes, 1939.

outras propostas dentro do movimento operário, incluindo a organização sindical de orientação comunista, socialista ou anarquista.

Os Círculos Operários ocupavam-se da educação formal ministrada com o fim de livrar crianças, jovens e adultos do analfabetismo. Indo além, esforçavam-se por oferecer aos sócios circulistas uma formação profissionalizante, objetivando torná-los homens úteis ao capital. Preocupavam-se especialmente com a educação moral fundada nos valores do catolicismo. Propunham a erradicação do analfabetismo entre os trabalhadores como passo fundamental para a inserção destes nas atividades políticas. Apresentando o analfabetismo como o “*flagelo que está arruinando o Ceará*”, o jornal *A Fortaleza* transcreveu do *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro uma extensa reportagem sobre o alarmante índice de analfabetismo no Ceará. O eixo da reportagem era demonstrar que a grande bancada do Ceará no Congresso havia sido eleita por uma minoria de letrados, pois “*quase três partes da população cearense são analfabetas*”. Esse fato era exposto como denúncia às bases da democracia no Brasil:

A zona litoral, chamada pelas autoridades estaduais de “melhor nível”, tem 63,47% de analfabetos. A cidade de Fortaleza, rica, com clubes elegantíssimos, conta só 57,78% de alfabetizados (...) Das zonas sertanejas, a mais progressista é a do Jaguaribe com 72,75% de analfabetos. Há cinco municípios em que o número de iletrados chega a 88%. Graças as escolas paroquiais de catequização, o número de alfabetizados cresceu um pouco entre a população feminina. (...) Ainda mais triste é a comparação entre as zonas urbanas e os campos: num Estado onde 75% dos habitantes vivem no campo, apenas 18,85% da população rural sabem ler e escrever – e votam. O Estado do Ceará não será representado na Câmara dos Deputados pelos seus habitantes, mas por uma pequena camada deles. Quanto ao interior do Estado, não votaram os flagelados, mas apenas os que lhes vendem os víveres doados pelo governo.²²⁰

A apreensão dos circulistas cearenses com a alfabetização de crianças e adultos foi alvo de numerosos debates. Os planos estratégicos para este setor visavam principalmente os recursos necessários a implementação das escolas circulistas. Como os Círculos prestavam assistência diversa, não

tinham condições financeiras para montar escolas que atendessem a grande demanda. Nesta situação, requeriam dos parlamentares que apelassem junto aos órgãos públicos, subsídios para as obras circunistas. *A Fortaleza* orientava os Círculos Operários sobre como municiar-se da documentação necessária para pleitear subsídios governamentais. Sempre que havia liberação de verbas ordinárias ou extraordinárias para as entidades circunistas, era feita divulgação através desta imprensa.

Para organizar as atividades desenvolvidas pelo Círculo, a Confederação propunha a criação de quatro departamentos: Cooperativista, Ensino e Educação, Beneficência e Defesa e Departamento de Saúde. O Departamento de Ensino e Educação responsabilizava-se pelo atendimento no jardim de infância, escola primária, escola de aprendizes, artes e ofícios, cursos de alfabetização, cursos de aperfeiçoamento, formação social e moral, imprensa e propaganda.

Embora não fosse possível a todo Círculo oferecer atividades específicas dos quatro departamentos, não havia uma única agremiação circunista que não prestasse variados serviços na área do Departamento de Ensino e Educação, independente do seu porte em termos de número de associados, situação financeira e patrimonial. A prioridade era oferecer aos seus sócios “*cultura moral, intelectual, social e física, pela fundação ou adesão de escolas, pela realização de conferências, pela sã imprensa, pelo rádio, cinema educativo, teatro, esportes, escotismo, etc.*”²²¹

A meta a ser alcançada explica o dispêndio de esforços de cada unidade circunista para montar pelo menos uma escola de alfabetização, e se possível, com uma turma de crianças e uma de adultos. Várias unidades circunistas organizaram cursos profissionalizantes. Em 1951, O Círculo Operário de Limoeiro do Norte construiu com verbas federais²²² o Liceu de

²²⁰ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 388, 06/12/1958. Os editores d'A Fortaleza informam que estes dados estatísticos foram fornecidos pelo IBGE, com base no recenseamento de 1950.

²²¹ Estatuto do Círculo Operário de Piquet Carneiro – Art. 2º. A Confederação Nacional dos Círculos Operários elaborou um modelo de Estatuto que era adotado pelos Círculos Operários. Assim, encontrei o mesmo texto, no Art. 2º dos Estatutos dos círculos operários de Limoeiro do Norte, Aracati, Morada Nova, Fortaleza e outros.

²²² **A Fortaleza**, ano I, nº 11, 25/11/1950. O Jornal divulga que a verba para a construção do Liceu – um montante de 200.000 cruzeiros - foi intermediada pelo Dep. Raul Barbosa. Ainda segundo o semanário, ocupavam-se do assunto, o Pe. Misael Alves de Sousa – Assistente Eclesiástico do C. Operário de Limoeiro do Norte e José Osterne. À época ocupava o cargo de Presidente do C. Operário, Aristides Braga.

Artes e Ofícios, como dito anteriormente. Esse centro de aprendizagem viria a oferecer curso de carpintaria aos sócios. O Círculo Operário de Fortaleza, além do curso de carpintaria, oferecia também curso de sapataria aos associados interessados.

Para as mulheres, os Círculos Operários ofereciam cursos relacionados às prendas domésticas, com o objetivo de torná-las boas esposas e competentes donas de casa. Reforçando os valores tradicionais que delegavam às mulheres a responsabilidade pela criação dos filhos e organização do lar, praticamente não havia preocupação em oferecer-lhes outro aprendizado senão aqueles vinculados diretamente à labuta doméstica. Até mesmo cursos à distância foram destinados a “mulher operária” cearense. Era uma colaboração entre os Círculos e o Departamento Regional do Serviço Social da Indústria de São Paulo, cujo assunto era *Educação para o Casamento e Arte Culinária*²²³.

Em parceria com o SESI, no Ceará, os Círculos Operários ofereceram uma série de cursos destinados a profissionalização da mulher. Entre esses cursos, o de corte e costura aparece como o mais ofertado pelo Serviço Social da Indústria. Para Almeida, esse tipo de curso encontrava-se “...*vinculado a interesses das indústrias onde eram realizados, sendo que essa formação servia de preparação direta para o emprego em tais indústrias*”.²²⁴

É possível que essa seja uma das razões para a oferta de tais cursos nas áreas onde estavam instaladas as indústrias têxteis, incluindo neste caso o município de Fortaleza, onde a grande maioria dos Círculos Operários procuravam estabelecer tais cursos.²²⁵ Contudo, sabe-se que cozinhar, bordar e costurar eram considerados atributos de grande valia para as mulheres, independente do meio em que estavam, fato que explica a existência dessa formação em localidades interioranas onde não havia esse tipo de indústria.

A JOC, entidade que a partir dos anos de 1950 iniciou sua atuação junto aos jovens trabalhadores cearenses, cuja relação com os Círculos era de

²²³ **A Fortaleza**, ano III, nº 116, 07/02/53.

²²⁴ ALMEIDA, Paulo Roberto. **Círculos Operários Católicos: práticas de assistência e de controle no Brasil**. São Paulo, 1992. Dissertação de mestrado em história. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 89.

²²⁵ **N'A Fortaleza**, ano IV, nº 168, 28/02/1954, o SESI divulga o trabalho assistencial junto aos Círculos Operários: Curso de Alfabetização (C.O de Floresta); Cursos de Corte e Costura (C.O

parceria e colaboração, fez várias reflexões em torno da questão do trabalho feminino. *A Fortaleza* publicou numa reportagem que durante a 9ª Sessão da Comissão das Nações Unidas sobre a Condição da Mulher, a jocista Carolina Pezzullo, membro da JOC internacional, reivindica meia jornada de trabalho para as mulheres casadas, justificando que “... cada dia é maior o número de lares onde falta a presença e os cuidados femininos indispensáveis”.²²⁶

Na opinião da jocista, a mulher mantém-se no trabalho após o casamento por dois motivos: complementar o salário do marido e conservar a independência social e econômica. No entanto, ainda segundo a análise da jocista, o resultado da jornada de trabalho para a mulher, especialmente as casadas, tem efeitos negativos.

No lar, a ausência da mulher causava transtornos e perdas pois, enquanto esteio da família, deixava à mercê de outrem os cuidados com os filhos e a administração do lar. Os circulistas estavam de acordo com essas proposições, demonstrando preocupação com a situação das trabalhadoras, especificamente quanto ao desvirtuamento moral da família. O contraditório se verifica quando observamos os discursos que fazem apologia ao trabalho. Num artigo tratando dos *benefícios do trabalho*, o articulista enumera para além da necessidade material, variados aspectos da positividade do trabalho :

(...) Para o corpo, porque o exercício continuado e moderado acelera a circulação do sangue, amplia o processo de assimilação, desenvolve o aparelho locomotor, corrige os defeitos do porte, dando firmeza ao andar e harmonia as atitudes e gestos; para a mente, porque se, de fato, o “trabalho é o exercício das faculdades humanas aplicadas à produção”, pode-se facilmente avaliar o bem imenso que promove à inteligência, à intuição.²²⁷

Ao que parece, apenas ao “*sexo forte*” o trabalho poderia render as “*vantagens físicas e psicológicas*” elencadas pelo articulista, enquanto que para a mulher, o trabalho fora de casa só poderia render frutos danosos. Reforçando a idéia de que a mulher é a guardiã dos costumes e esteio das virtudes,

de Amadeu Furtado, Pirambu, Marupiara, Navegantes e Padre Andrade); Centro de Aprendizado Doméstico (C.O de Navegantes).

²²⁶ **A Fortaleza**, ano VI, nº 269, 17/03/56.

²²⁷ **A Fortaleza**, ano V, nº 225, 01/05/55. Artigo intitulado: Trabalho e Civismo. Escrito por José Airton Saraiva.

salienta-se a necessidade de mantê-la no lar, onde ela seria mais útil e contribuiria com eficiência “... *para maior profundidade da religião.*”²²⁸ Encontro essa mesma preocupação entre os circulistas de Aracatiçú (CE), que organizaram um Centro Social “... *cuja finalidade é educar o homem para o campo, preparando também as esposas e filhos para as lides domésticas*”²²⁹, ancorados na visão dominante de que “... *a mulher foi feita para o lar e é preciso que ela saiba preencher bem o seu tempo no próprio aconchego da família.*”²³⁰

O Círculo Operário de Fortaleza, que mantinha em constante funcionamento a Escola Profissional Pe. Guilherme Waessen com aulas de corte e costura, bordado, pintura e arte culinária, chegou a montar um curso especial com duração de três anos, sob a orientação das Irmãs Missionárias Jesus Crucificado, para uma *Turma de Futuras donas-de-casa*, no qual as moças teriam “*educação doméstica*” e profissional, além de aprenderem a costurar, bordar e cozinhar. Já o Círculo Operário de Pirambu (Fortaleza) em cooperação com o Círculo Operário de Navegantes (Fortaleza), com apoio do SESI, mantinham um Centro de Aprendizado Doméstico com a mesma finalidade.

De grande porte foi o projeto educacional construído pelo Círculo Operário de Itapipoca. Com mais de três mil associados, o Círculo mantinha cinqüenta e duas escolas com dois mil oitocentos e trinta alunos entre seis e dezoito anos. Quarenta e cinco destas escolas destinavam-se à alfabetização e as demais aos cursos supletivos e profissionalizantes.

Localizei a realização de um curso para habilitação de professores promovido pelo Círculo Operário de Itapipoca, em que os organizadores manifestavam interesse em promover uma formação mais ampla, atentando para as necessidades dos trabalhadores nessa localidade. Durante trinta e cinco dias as candidatas receberam “... *aulas práticas sobre alfabetização, noções de agricultura, higiene, moral e cívica e religião.*”²³¹ Em vinte e cinco de fevereiro de 1955, ocorreu o concurso e, das vinte e sete concorrentes, somente uma não foi aprovada. No ano seguinte, divulgando o sucesso da

²²⁸ . **A Fortaleza**, ano VI, nº 269, 17/03/56.

²²⁹ **A Fortaleza**, ano VI, nº 266, 25/02/56.

²³⁰ Idem.

campanha de alfabetização, o Círculo Operário de Itapipoca divulga através do jornal *A Fortaleza* os nomes das professoras circulistas envolvidas na “*cruzada contra a ignorância*”.²³²

Para manter os diversos programas de assistência aos sócios, tais como: assistência médico-odontológica, educação, ambulatórios, natalidade, auxílio pecuniário em caso de doença ou enfermidade, as mensalidades não eram suficientes. Os círculos mantinham taxas diferenciadas de acordo com a situação sócio-econômica da maioria dos sócios. No ano de 1950 elas variavam entre CR\$ 3,00 e CR\$ 5,00. Então para manter tão vasto e dispendioso programa assistencialista de onde provinham os recursos? A questão é abordada pelo Presidente da Federação dos Círculos Operários do Ceará, Eusébio Mota de Alencar em artigo intitulado *Marcha Circulista*, onde responde que:

É fácil dizer: solicitando auxílio dos governos, dos capitalistas, promovendo festas, proventos que são religiosa e honestamente guardados para fazer face às nossas imensas necessidades.²³³

Como os Círculos Operários se tornaram entidades de utilidade pública e também órgãos consultivos do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, as verbas poderiam chegar ao Círculo com mais facilidade, desde que houvesse um deputado federal ou senador interessado em intermediar a reivindicação circulista. No Ceará era comum o governo do Estado subsidiar as agremiações circulistas, principalmente os programas educativos. Nesta situação, a “benemerência” destes era habilmente divulgada pela imprensa, com fins eleitorais. Durante as campanhas eleitorais, o jornal *A Fortaleza* não economizava elogios à ação caritativa dos candidatos considerados “*amigos do circulismo cearense*”.

²³¹ **A Fortaleza**, ano V, nº 219, 19/03/55.

²³² **A Fortaleza**, ano VI, nº 264, 04/02/56. Foram citadas no jornal o nome das professoras: Francisca Pinto de Moraes, Augusta Coelho, Maria Eva Braga, Maria das Dores, Luiza Carneiro, Consuelo Marinho, Altariza Ferreira, Judite Sousa, Maria José Oliveira, Terezinha Ribeiro, Maria Valderina, Francisca Sousa Lima, Maria Alice Viana, Maria Regina, Mariinha Barbosa, Rocilda Pinto, Maria América, Rocilva Montenegro, Maria Nazaré Canuto, Maria Valmira, Teresinha André e outras.

²³³ **A Fortaleza**, ano I, nº 3, 16/09/50.

Durante a campanha eleitoral de 1954, as subvenções federais para os Círculos Operários, cuja obtenção era atribuída aos deputados Armando Falcão e Paulo Sarasate, então candidatos a governador do Ceará, são divulgadas pelo jornal *A Fortaleza*. Contudo, as palavras dirigidas aos deputados não são apenas de agradecimento, mas sobretudo uma manifestação de que sendo o Círculo Operário uma potente organização dos trabalhadores cearenses, a intercessão desses representantes se constitui apenas como uma obrigação, uma vez que:

(...) procedendo desta maneira os senadores, deputados e vereadores estão cumprindo um dever de justiça para com a classe trabalhadora pois, é sabido que os círculos operários do Ceará, congregavam ainda em 1952, cinqüenta mil associados. (...) sem dúvida nenhuma a maior força organizadora do Estado.²³⁴

É interessante perceber que o editor não deixa transparecer nesse momento nenhuma deferência especial a qualquer dos dois deputados, embora Paulo Sarasate tivesse a predileção da cúpula eclesiástica cearense. Isso explica-se pelo fato de que de acordo com o estatuto da CNCO, parágrafo 2º do Art. 53º, “*A Confederação poderá orientar os seus sócios, porém, sempre dentro de um critério apartidário, quanto a nomes de candidatos que tenham prestado serviços relevantes ao movimento circulista.*”²³⁵

A discussão tratando da relação do movimento circulista e a esfera política será apresentada ao longo deste trabalho. No entanto, por considerar que esta é uma questão relevante para o entendimento da posição assumida pelos circulistas durante os processos eleitorais, bem como para a

²³⁴ **A Fortaleza**, ano IV, nº 186, 17/07/54. De acordo com a relação divulgada, o deputado Armando Falcão consegue subvenções da ordem de CR\$ 1.000.000,00, sendo CR\$ 300.000 para a Federação dos Círculos Operários do Ceará e CR\$ 50.000,00 para os seguintes Círculos Operários: Acaraú, Camocim, Chaval, Ibiapina, Ipaumirim, Ipú, Itapipoca, Jaguaribe, Morada Nova, Pacajús, Quixadá, Quixeramobim e Redenção. As subvenções extraordinárias oriundas do Ministério da Educação e Cultura solicitadas pelo deputado Paulo Sarasate somavam um total de CR\$ 280.000,00, distribuídos entre o Círculo Operário Assunção de Itapipoca – CR\$ 30.000,00; Brejo Santo – CR\$ 30.000,00; Maracanaú – CR\$ 20.000,00; Monte Castelo – CR\$ 40.000,00; Monsenhor Tabosa de Itapipoca – CR\$ 30.000,00; Parangaba – CR\$ 30.000,00; Círculo Paroquial de Mauriti – CR\$ 30.000,00; Maranguape – CR\$ 30.000,00; Salette – CR\$ 20.000,00; Palmácia – CR\$ 20.000,00. Do Ministério da Justiça veio a subvenção de CR\$ 200.000,00 destinada ao Patronato do Círculo Operário de Itapipoca.

²³⁵ **A Fortaleza**, ano IV, nº 179, 30/05/54.

compreensão das estratégias elaboradas pelo movimento visando a sua manutenção, trato especificamente do assunto mais adiante.

Sabendo que, de acordo com os princípios traçados em seus estatutos, as organizações circulistas deveriam “*Conservar-se fora e acima da política partidária*”²³⁶, os Círculos Operários enfrentavam tensões e contradições difíceis de superar, o que faz com que se observe com certa acuidade os desdobramentos e o impacto dos processos eleitorais sobre a organização circulista.

Para tratar da preocupação do movimento circulista com a “boa imprensa” é indispensável que relacionemos esta questão à posição assumida pela Igreja Católica neste campo, tendo em vista que não podemos dissociá-las, pelo fato do circulismo receber orientação direta da Igreja Católica nas questões doutrinárias. Essa abordagem será feita no último capítulo desta dissertação, com enfoque para o jornal *A Fortaleza*, órgão de divulgação do circulismo cearense. Neste momento, apresento e analiso outros mecanismos de divulgação, orientação e formação político pedagógica desenvolvida pelos Círculos Operários no Ceará, com vistas à doutrinação dos trabalhadores.

Através do Jornal *A Fortaleza*, a Federação dos Círculos Operários do Ceará divulgava constantemente uma lista de livros considerados “*obras de instrução*”²³⁷ que não poderiam faltar na biblioteca dos Círculos. Alguns desses livros, como a cartilha, apresentada de forma dialogada, o catecismo, com perguntas e respostas claras e objetivas sobre a importância de ser circulista e o ABC do circulismo, elaborado em verso, apresentavam textos simples, e que objetivavam informar e formar o circulista sobre os princípios da organização e

²³⁶ Estatutos dos Círculos Operários - Art. 3º, parágrafo 6º. Não especifico aqui nenhum Círculo Operário tendo em vista que o artigo 3º trata dos princípios dos círculos operários e estes mantinham a padronização estabelecida pela CNCO. Apenas para efeitos comprobatórios, analisei os Estatutos dos Círculos Operários de Limoeiro do Norte, Piquet Carneiro, Morada Nova e Aracati, que apresenta a padronização referida.

²³⁷ **A Fortaleza**, ano I, nº 10, 18/11/50. Consta na lista divulgada pela F.C.O.C, os seguintes livros: Manual do Círculo Operário – 2ª ed. Ampliada, 1949; Cartilha Circulista; Páscoa dos Operários – Plano de Ação; Guia do Sub-delegado; Círculo de Estudos; Código Social de Malines; Formação Social do Clero; O Clero e a Ação Social; Jubileu áureo da Rerum Novarum; Consagração das Famílias Operárias ao Divino Coração; III Congresso Nacional dos Círculos Operários do Brasil; IV Congresso dos Círculos Operários do Brasil; A Rerum Novarum e seu 50º aniversário; Cancioneiro Circulista; Nossa Senhora Medianeira - Padroeira dos Círculos Operários; Heróis e Traidores; Quadragésimo Anno; Catecismo Circulista; ABC do Circulismo; Modelos e Estatutos dos Círculos Operários e Carteira do Dirigente. Todo esse material estava disponível à venda aos sócios. A lista apresentava ainda o preço unitário de cada obra.

os benefícios que o associado poderia obter ao filiar-se ao movimento. Funcionavam também como um veículo de propagação do projeto circulista e como meio para obter a adesão de novos sócios. Dentre esses, analiso o ABC do Circulismo, elaborado pelo pe. Manuel Edmilson Cruz, pároco na Diocese de Sobral – CE. O material foi publicado pela Federação dos Círculos Operários do Ceará. O ABC do Circulismo era constantemente divulgado pelo jornal *A Fortaleza*, sugerindo que, para ser bom circulista era preciso conhecer o movimento, o que era propiciado pelo ABC.

A apresentação realizada pelo o Assistente Eclesiástico da CNCO, pe. Leopoldo Brentano, S.J., expressa nas duas primeiras estrofes que o ABC é uma publicação que segue os moldes da cartilha e do catecismo, diferindo apenas no estilo.

Do circulismo a doutrina
No *Manual* está contida;
Dialogada e resumida
A *Cartilha* no-la ensina;
Catecismo Circulista
Em perguntas e respostas,
Bem precisas e dispostas,
Da *Cartilha* segue a pista.

Um circulista inspirado
Das bandas do Ceará
Melodioso qual sabiá,
Em verso bem cadenciado

O ABC do Circulismo
Agora entoa vibrante,
Modulando em seu descante
A *Cartilha* e o Catecismo.²³⁸

O A.B.C versa sobre a *questão social*, os perigos dos programas comunista, socialista e anarquista, e a pretensão individualista do liberalismo, alertando que : “ ...o vermelho e o socialista confiam demais no Estado, e o Liberal, atilado, só quer pro Capitalista.”²³⁹ Exortando os benefícios que o Círculo Operário traz ao trabalhador, o caráter da organização e o sentimento cristão que faz de cada circulista um respeitador da lei e da ordem, realça que na organização circulista “... o interesse proletário defende quanto convém. Pra

²³⁸ CRUZ, Pe. Manuel Edmilson .**A B C do Circulismo**. Federação dos Círculos Operários do Ceará. Fortaleza, Tipografia América, 1950.

*garantir seus direitos, reúne trabalhadores, da ordem sustentadores, à lei apenas sujeitos.*²⁴⁰ O objetivo era incutir valores sociais caros à sociedade capitalista: ordem e disciplina; reafirmar a moral cristã salientando as virtudes do circulista que *“É homem morigerado, sabe tratar com agrado o pobre e o capitalista.”*²⁴¹ A oposição sistemática a luta de classes também é visível no conteúdo do material dirigido aos circulistas cearenses.

Para a aceitação da doutrina circulista, e como forma de controle, o ABC justifica o emprego de algumas penalidades, já que *“Todos têm regulamentos e, em todos os momentos, gente séria anda na lei.”* Assim é que *“...os indisciplinados e os menos comportados podem sofrer suspensão. É questão de disciplina, quem cumprir nossa doutrina, nada disso sofrerá.”*²⁴²

Observa-se também, nos estatutos e regulamentos, as advertências para aqueles que não respeitassem as normas estabelecidas. Passível de perda dos direitos estava o circulista que por três meses atrasasse o pagamento da mensalidade. De acordo com o estabelecido estava sujeito a suspensão ou exclusão o sócio que *“...se atrasar no pagamento de suas mensalidades por 12 meses seguidos; o que adotar princípios extremistas; o que estiver exercendo misteres contrário a moral pública ou cooperar neles; o que for processado por crime infamante e o que sem autorização escrita e assinada pela Diretoria contrair débitos em nome do Círculo.”*²⁴³

Como já aludida, a proposta educativa-pedagógica dos Círculos Operários não se limitava ao seu aspecto formal. Havia uma preocupação constante com a divulgação do ideário circulista através da “boa imprensa”, com a orientação para a prática do “lazer sadio”, na organização de palestras e conferências que contribuíssem para a formação moral dos associados, alicerçada nos valores cristãos e na construção do “espírito circulista” alimentado e fortalecido pelos ritos, celebrações, festejos, confraternizações e outras práticas operacionalizadas e vivenciadas pelos circulistas, cujo fim era manter viva a chama do movimento. A formação do espírito ou da identidade circulista assentava-se nos valores morais preconizados na doutrina social

²³⁹ Idem, p. 05.

²⁴⁰ Idem, p. 06

²⁴¹ Idem, p. 11.

²⁴² CRUZ, Pe. Manuel Edmilson. **A B C do Circulismo**. Federação dos Círculos Operários do Ceará. Fortaleza, Tipografia América, 1950.

católica É em torno da edificação da identidade circulista, como condição essencial para a solidez da organização, que versará o tópico seguinte.

1 – A formação do espírito circulista: “*instruindo, educando, orientando, moralizando*”.

A abordagem dessa questão propõe a análise do modo de ser circulista, das práticas adotadas para estatuir uma identidade, das estratégias elaboradas para vivificar o movimento. Trato da construção do espírito circulista como sendo a formação da sua identidade, a edificação no plano objetivo e subjetivo de uma rede de signos que deveriam distinguir os circulistas.

Não sendo o Círculo Operário uma associação classista ou religiosa, mas um modelo de associativismo de cunho corporativista, que ocupava-se tanto das necessidades materiais, quanto das de natureza espiritual e moral dos trabalhadores que o compunham, urgia diferenciar o seu caráter em relação às ordens religiosas e o sindicato. A preocupação com a formação da identidade circulista, esteve presente desde os primórdios da organização do circulismo no Ceará.

Em nível nacional, o cuidado com a “*chama do espírito circulista*”, foi adotado como tática organizativa. Para tanto foram elaborados discursos e ações práticas que proporcionassem a internalização dos princípios e valores do circulismo, e mais ainda, para fazer nascer em cada circulista, a vontade de fortalecer e expandir o movimento; introjetar em suas consciências, a necessidade do circulismo, transformá-los em soldados do movimento, animando-os para o exercício das mais diversas atividades que pudessem promover a organização.

O trabalho de elaboração dos discursos e estratégias geralmente estava a cargo dos líderes do movimento circulista: o Assistente Eclesiástico, as pessoas “cultas” que lhes prestavam serviços e os seus diretores. A necessidade de uma formação intelectual especializada para os que dirigiam o

²⁴³. Estatuto do Círculo Operário de Limoeiro do Norte – Cap. VII; Art. 12º.

movimento circulista é enfatizada em muitos documentos. Entendiam àqueles que compunham a hierarquia do movimento circulista em âmbito nacional, que somente com um quadro de dirigentes capacitados e instrumentalizados para os mais diferenciados embates doutrinários, para a tarefa de sensibilizar as massas, pregando a esperança e mobilizando-os para uma nova ordem, que seria estabelecida sem a necessidade de recorrer aos instrumentos propostos pelos socialistas, anarquistas e comunistas. A concretização da justiça social era o sonho alimentado pelo circulismo, razão essencial do movimento. Contudo, ela aconteceria de forma harmoniosa, pois o conagraçamento entre as classes seria promovido pelo circulismo, eliminando os conflitos e tensões no mundo do trabalho.

Daí a importância da formação de hábeis líderes para esse trabalho de formação, orientação e ação prática. Acreditando que a capacitação dos associados, especialmente dos líderes, fosse uma das bases de sustentação do circulismo, a hierarquia do movimento expressa claramente os cuidados com a preparação destes últimos, observando que:

(...) Sem formação intelectual não poderá (o dirigente) avaliar na devida altura as vantagens associativas e, ao mesmo tempo, o alcance que as mesmas têm na sociedade que pertence e cujos fins se propõe defender.

.....
Jamais poderá liderar uma ação, nortear um movimento ou dirigir a vontade geral, porque, sem os atributos intelectuais necessários, coroará com o desânimo completo todos os seus empreendimentos. (...) se a tática bélica muito auxilia os soldados em suas campanhas, ela é de imprescindível necessidade ao oficial que os dirige.²⁴⁴

A liderança circulista deveria conhecer o programa, métodos de ação, e estatuto do circulismo. A instrução doutrinal preparava-o para a defesa dos princípios do movimento e de como elaborar um conjunto de ações junto aos associados que, além de mantê-los coesos, os transformassem em “... *uma elite de trabalhadores impregnados de princípios sólidos e conhecimentos práticos e capacitados...*”²⁴⁵ Estar imbuído desses princípios significava possuir

²⁴⁴ CRUZ, Luiz Abs da. **Formação intelectual dos dirigentes**. In: Manual do Círculo Operário. CNOC. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939.

²⁴⁵ SANTILLI, Pe. Jesuíno. **Diretrizes**. In: Manual do Círculo Operário. CNOC. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939. p. 117.

o *espírito circulista*, ou seja, aquele complexo de atributos e virtudes identificadores do circulista. Na concepção dos orientadores do movimento, a formação e fortalecimento do espírito circulista era a condição necessária para a existência do *Círculo Operário*, pois:

(...) como o mecanismo, por mais genial que seja, sem força motriz não funciona, assim uma associação que tivesse, embora, o nome, a estrutura e os estatutos do *Círculo Operário*, mas não possuísse o espírito circulista, não conseguiria movimentar-se nem realizar o programa circulista, nem seria na verdade um *Círculo Operário*.²⁴⁶

O que caracterizava o espírito circulista? Que elementos identificavam os membros do *Círculo Operário* movidos por esse espírito? No *Manual do Círculo Operário*, estão enumeradas as dez virtudes que identificavam o espírito circulista, quais sejam: *orientação, união, amizade, altivez de trabalhador cristão, dedicação e desprendimento, atividade e eficiência, ordem e método, disciplina, responsabilidade e perseverança*.²⁴⁷ A base do espírito circulista estaria assentada sobre “*a religiosidade sólida*”, fundamento de todas as virtudes. O circulista deveria, através dos métodos de formação, desenvolver práticas que solidificassem o espírito do circulismo. Para fortalecer esse espírito, era preciso viver a fé e aceitar a doutrina cristã “*na oficina, na rua, em casa, nas rodas, em toda parte*...”²⁴⁸

Construir um identidade circulista significava a adoção de um trabalho pedagógico que introjetasse em cada associado o desejo e a necessidade de abraçar a causa do movimento e cultivar a altivez de pertencer a organização circulista, atuando sempre em consonância com os preceitos do cristianismo, porque o que distinguia o circulista dos sócios de quaisquer outra associação era o fato de sua ação estar ancorada na fé. Os dirigentes não negligenciaram a importância desse trabalho de formação, organizando metodicamente ritos, eventos e festividades que propiciassem a construção da identidade circulista.

Durante os primeiros anos da organização circulista no Ceará localizo essas práticas em momentos diversos. Em 1925, o jornal *O Nordeste*, divulga, em nota sobre o *Círculo Operário* de Fortaleza, que o Assistente Eclesiástico

²⁴⁶ **Manual do Círculo Operário**. CNOG. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939. p. 335.

²⁴⁷ Idem, p. 336 – 339.

²⁴⁸ Idem, p. 340.

da entidade – pe. Guilherme Waessen, durante a Assembléia Geral, ocorrida em 17 de maio, após a benção de emblemas e distintivos do Círculo, as distribuiu entre os sócios circulistas. Carregar as insígnias do Círculo Operário tinha duas finalidades : a primeira teria um caráter místico, pois, sendo a organização semeadora dos desígnios de Deus, eram merecedores de suas graças àqueles que as portavam; a segunda atendia as necessidades de cunho social e organizativo do Círculo Operário, visto que *“os sócios ficariam conhecidos, auxiliando-se mutuamente, uns aos outros, devendo portanto respeitar o emblema que é o símbolo da existência social de todos”*²⁴⁹

No jornal *A Fortaleza*, a exaltação a palestra proferida por D. Antônio Campelo, Bispo Auxiliar de Cuiabá, para os circulistas cearenses, reforça a noção de que a ação junto aos sócios circulistas deveria ir além de responder às suas necessidades materiais, mas sobretudo fortalecer-lhes o espírito com a mística circulista, entendida como sendo:

(...) esse desejo ardente de conquista de mais operários para suas fileiras. Essa mística de que fala o antístite é a que deve levar o desassossego ao coração do circulista, por ver um companheiro de trabalho, quer na fábrica, quer na oficina, que ainda não pertença ao sadio movimento a que todos devemos pertencer.²⁵⁰

Entendiam os organizadores dos Círculos Operários que, somente o fortalecimento da mística circulista, seria capaz de dinamizar o movimento, arregimentando outros tantos trabalhadores que estivessem fora de suas fileiras. O circulismo era concebido como um ideal, e somente convertendo os trabalhadores a esse projeto seria possível enfrentar os programas partidários das doutrinas socialistas ou comunistas. Essas propostas eram vistas como enganosas promessas feitas aos operários, pois os “inimigos vermelhos” aproveitavam-se da ingenuidade dos trabalhadores para vender-lhes a ilusão de uma sociedade sem classes. Informados pelo pensamento conservador católico, os circulistas negavam a possibilidade de uma sociedade sem classes, porque esse propósito contrariava as leis naturais, sendo portanto impossível de ser alcançado.

²⁴⁹ **O Nordeste**, ano III, nº 869, 23/05/ 1925.

²⁵⁰ **A Fortaleza**, ano II, nº 67, 26/01/1952.

Para fortalecer o espírito circulista, os discursos não eram suficientes. O desprendimento para abraçar a causa deveria ser desmedido. Escrevendo n' *A Fortaleza*, o pe. João Linhares, assistente eclesiástico do Círculo Operário de Iguatu (CE), delineia o que na sua compreensão deveria ser a tarefa do animador circulista:

(...) é preciso dedicação e desprendimento. A cruzada, diz o Manual, é trabalhadora em si, pelos obstáculos de toda ordem que encontra. Não adianta só projetos e discursos. É preciso agir, trabalhar, providenciar; exige tempo e o tempo é um pedaço de nossa vida que imolamos ao círculo. (...) renuncia-se ao sossego, ao comodismo, aos passatempos. Assistir às reuniões, atender. Despender economias. Executar incumbências. Arquitetar planos. Escrever artigos. Elaborar teses. Despachar correspondências. (...)²⁵¹

O tipo de atividade aludida pelo pe. João Linhares deveria ser assumida pelos dirigentes circulistas, em razão de serem eles formados em matéria de doutrina e conhecimento prático para desempenhá-las. Quanto ao circulista comum, a responsabilidade com o movimento circulista não era menos árdua. O respeito à hierarquia e a disciplina, tendo como parâmetro os valores morais cristãos, eram de tal forma introjetados no espírito do circulista, que não raro encontra-se decálogos constituídos e apresentados por eles próprios, para servirem como preceitos normatizadores de sua conduta e dos demais membros da agremiação.

Bastante ilustrativo foi a elaboração dos *Dez Mandamentos do Circulista*, por José Moreira do Nascimento, delegado geral do C.O de Floresta (Fortaleza). A intenção era estabelecer regras simples que pudessem orientar a ação de cada circulista de forma que cada membro compreendesse a dimensão da mais trivial de suas atitudes quando relacionadas ao Círculo. Partindo desse entendimento e cômico de sua responsabilidade, o circulista agiria de modo a promover o bom desempenho da organização. Inspirado no decálogo bíblico, o circulista estabelece para os demais parceiros de agremiação os preceitos a serem adotados como forma de garantir o êxito do movimento, inculcando seus valores morais e disciplinando-lhes a conduta:

1º Amar a Deus sobre todas as coisas;

²⁵¹ **A Fortaleza**, ano II, nº 71, 01/03/1952.

- 2º Não prestar o compromisso sem poder cumprí-lo;
- 3º Guardar os segredos das sessões e não revelá-los aos comunistas;
- 4º Não matar o tempo das sessões com assuntos estranhos ao movimento circulista;
- 5º Honrar São José nosso Patrono;
- 6º Aceitar qualquer cargo para o qual for eleito ou comissão para que for nomeado;
- 7º Não interromper a marcha de outro sócio que se dirija à sessão;
- 8º Não levantar falso para ser agradável ao círculo a que pertence;
- 9º Não desejar cargo na Diretoria que não possa desempenhá-lo;
- 10º Não se valer da posição que ocupa no Círculo para interesses políticos. Os dez mandamentos se resumem em dois: obedecer os Estatutos e a Federação depois²⁵².

A mensagem elaborada com habilidade não negligenciava qualquer aspecto da vida cotidiana no Círculo Operário. Orientava para a disciplina e lealdade com o movimento, suscitava-os a manterem-se em guarda contra os comunistas, inculcava-lhes o dever de atender ao Círculo em qualquer ocasião, condenava as atitudes “malsãs”, como a inveja, o falso testemunho e reforçava os princípios cristãos, basilares do circulismo.

Outro fato que demonstra a compreensão da hierarquia com a identidade dos Círculos Operários, ocorreu por ocasião das articulações deste com outras entidades, o que terminou por provocar um certo receio na Arquidiocese de Fortaleza. Trata-se neste caso, das filiações de circulistas à Legião Cearense do Trabalho. Essa organização surgiu no Ceará em 1931, sob a orientação do Tenente Severino Sombra e teve como matriz o pensamento reformista católica. Precedeu o movimento Integralista de Plínio Salgado, filiando-se a este posteriormente. Para Raimundo Barroso C. Júnior, a doutrina legionária se distancia do Integralismo “*ao estabelecer os trabalhadores como finalidade política de seu discurso...*”²⁵³, uma vez que a corrente majoritária do Integralismo atribuía a classe média o papel de vanguarda na edificação da nova ordem .

²⁵² **A Fortaleza**, ano IV, nº 172, 04/04/1954.

²⁵³ JÚNIOR, Raimundo Barroso Cordeiro. **A Legião do Trabalho: política e imaginário no Integralismo Cearense**. Fortaleza, 1992. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará. 264 p.

No estudo de Sebastião Rogério da Ponte está expressa a vinculação entre os Círculos e a Legião. Sobre as entidades que congregavam a Legião, Ponte afirma que “*muitas destas associações eram de natureza beneficente, incluindo dezenas de Círculos Operários e Trabalhadores Católicos*”.²⁵⁴

Embora a Legião professasse uma doutrina influenciada pelo catolicismo conservador, tinha objetivos específicos e, por essa razão, temiam o Arcebispo e o Assistente Eclesiástico do Círculo, que houvesse uma dispersão da organização circulista. Para impedir a descaracterização do Círculo, D. Manoel apresentou um *Acordo entre o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de Fortaleza e demais Círculos filiados e a Legião Cearense do Trabalho*²⁵⁵, estabelecendo critérios que definiam a relação entre os Círculos e a Legião, cujo chefe à época era o Capitão Jeová Mota. O acordo que fora aceito pelas partes, vinha assinado apenas pelo Arcebispo.

Segundo o documento, o acordo decorria da necessidade de se superar os desentendimentos gerados pelas “*exigências e desconfianças*” de parte das duas organizações. No tocante a filiação de circulistas à Legião, essa só poderia ocorrer após prévia autorização do Arcebispo.

Na tentativa de controlar e resguardar a organização circulista, para que, principalmente, ela não perdesse a identidade católica e a orientação política advinda da Igreja, o acordo, composto de seis pontos, assegurava que, em relação às questões de ordem política, os Círculos Operários continuariam obedecendo às ordens da autoridade arquidiocesana, que as transmitiria através da Liga Eleitoral Católica.²⁵⁶ Quanto às questões de ordem econômica e social, os Círculos poderiam acompanhar as diretrizes da Legião, conquanto essas não entrassem em desacordo com os princípios estabelecidos pela doutrina social católica.

²⁵⁴ PONTE, Sebastião Rogério Barros da. A Legião Cearense do Trabalho. In: SOUZA, Simone (coord.). **História do Ceará**. UFC/ Fundação Demócrito Rocha. 1989.

²⁵⁵ **DOCUMENTO EPISCOPAL** – 09 de Dezembro de 1933. DOM MANOEL DA SILVA GOMES – ARCEBISPO. ARQUIVOS DO SEMINÁRIO DA PRAINHA.

²⁵⁶ A Liga Eleitoral Católica foi criada por D. Sebastião Leme em 1932 para orientar os católicos nos processos eleitorais, apresentando os candidatos comprometidos com o programa lequista. A constituição de 1934 incorporou as principais exigências da LEC. A discussão sobre o caráter extra-partidário da Liga e os ganhos que a Igreja Católica obteve com a sua constituição encontra-se em LIMA, Alceu Amoroso. **Indicações Políticas: da Revolução à Constituição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

O que de fato se vislumbra, é que o estabelecimento das normas para a filiação de circulista à Legião Cearense do trabalho, atendia a um objetivo fundamental: a preservação da identidade do movimento, entendida como elemento vital para a existência social da organização. O trabalhador circulista seria identificado pela ação pacífica e ordeira em defesa dos seus direitos, pelo “distanciamento” das agitações operárias e dos partidos políticos. Essa atitude resultaria no credenciamento do movimento circulista junto aos governos e aos patrões, pois não seriam vistos como “inimigos da pátria”, porém como uma organização constituída por trabalhadores que se dispunham a edificar um país onde, embora não se extinguissem as classes, seriam reduzidas as desigualdades sociais.

Cristianizar o mundo do trabalho era a grande meta da Ação Católica com vistas a promoção do estabelecimento de um acordo entre as classes, fundamentado na doutrina cristã. Para tal empreitada, dentre as outras organizações de orientação católica, os Círculos Operários foram, a opção preferencial da hierarquia eclesiástica. De acordo com Jessie Jane tal escolha ocorreu porque o circulismo “...se enquadrava no modelo da Ação Católica e, como tal, encontrava-se em sintonia com um catolicismo romanizado e tridentino, subordinado à hierarquia eclesiástica.”²⁵⁷

Era necessário orientar os trabalhadores e operários para que assumissem uma “conduta reta” em seu posto de trabalho, em seu lar. Modelar suas atitudes não apenas como operário, mas também como chefe de família, como cristão e patriota. Para tanto, elaborou-se um modelo de operário que fosse digno de respeito e consideração, porque servia aos interesses da pátria, dos patrões, da religião, e ainda o engrandecia diante da sociedade. Os conselhos úteis relacionados ao tipo de comportamento a ser adotado pelos operários, por vezes apareciam de forma contundente. Aquele que se enquadrava ou procurava se ajustar ao bom modelo, seria premiado com o êxito em todos os aspectos de sua vida. Já o mau operário, por adotar um tipo de comportamento adverso, era responsável não apenas pela sua desgraça no

²⁵⁷ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 213.

plano pessoal, profissional e espiritual, mas também pela ruína de toda sua família.

Para arraigar no espírito dos trabalhadores, em sua dimensão ampliada, o modelo “operário padrão”, demonstrava-se numa comparação paralela o caráter do bom e do mau operário. As más condições de vida do operário deveriam ser vistas como resultado de sua conduta. Delineava-se então, um perfil onde os prêmios e castigos eram apontados como conseqüência das escolhas feitas pelo bom ou mau operário:

O BOM OPERÁRIO	O MAU OPERÁRIO
1. Pontual e assíduo no serviço.	1. Chega sempre atrasado no serviço e falta muitas vezes.
2. Aspira aperfeiçoar-se e progredir a fim de conquistar uma posição melhor.	2. Não quer aperfeiçoar-se e se torna um operário de qualidade inferior.
3. Executa conscienciosamente seu trabalho, quer fiscalizado, quer sozinho.	3. Procura com objetivos desonestos falsificar no material, a mão-de-obra, o seu trabalho.
4. Impõe-se pela sua conduta e critério, e, serve de modelo aos companheiros.	4. Desmoraliza-se pela sua conduta reprovável e é apontado com um sujeito sem caráter.
5. Não desperdiça seu tempo nem a sua saúde com alguma extravagância ou vício corruptor.	5. Gasta seu tempo e seu dinheiro, e sua saúde, com a corrupção e os vícios nas piores bancas da cidade.
6. É procurado pelos patrões e nunca lhe falta emprego.	6. É detestado e visto com maus olhos pelos patrões, e sempre lhe falta emprego.
7. É bom chefe de família, bom esposo, e bom pai, zeloso com sua casa que procura sempre melhorar e tornar feliz.	7. É mau chefe de família, mau esposo, mau pai, descuidando de sua casa que se torna por fim um antro de infelicidade e ruína.
8. Cumpre os seus deveres sociais e religiosos, como bom patriota e bom cristão.	8. Negligenciando seus deveres sociais e cristãos, torna-se um elemento pernicioso à sociedade e a pátria.
9. Cuida da instrução e educação de seus	9. Deixa que seus filhos cresçam

filhos.	analfabetos, sem religião nem educação.
10. Mantém em equilíbrio sua vida econômica.	10. Esbanja seu salário, vive cheio de dívidas e usando expedientes vergonhosos.
11. Embora modestamente vestido, apresenta-se limpo e bem cuidado.	11. Sujo e mau cheiroso, com o cabelo crescido, a sua pessoa é desagradável e evitada.
12. Vence e prospera na vida realizando o seu ideal de trabalho, de conforto, de independência e paz no mundo de Deus.	12. Acaba vencido e na miséria, crivado de remorsos, sem paz, sem alegria, sem conforto e sem Deus. ²⁵⁸

É importante observar que a elaboração do modelo maniqueísta que contrapunha o bom e o mau operário, esteava-se na formação pelo exemplo, uma estratégia de cunho pedagógico que objetivava moldar o comportamento e as atitudes. Apresentava a miséria como produto das ações individuais, desconsiderando as condições sociais em que se encontravam os trabalhadores. Os problemas sociais são indicados como questões de ordem moral e a conduta do indivíduo era preponderante para o seu êxito ou fracasso.

O bom operário é disciplinado, ordeiro e austero. Sua família está alicerçada em um ideal de felicidade onde ele se destaca como principal provedor; na qualidade de bom cristão e servidor da pátria ressalta-se a disciplina e o respeito à hierarquia; prospera e vence pois é respeitado pelo patronato; introjetou um relógio moral que o disciplina no trabalho sem a necessidade de qualquer vigilância, visto que está cômico de seus deveres. É por fim o modelo que deve inspirar os companheiros de trabalho.

O mau operário é exibido como um fantasma que deve afugentar os que dele desejarem se aproximar. Sua conduta é a de um réprobo. Encontra-se em situação inconciliável com a moral e as virtudes cristãs: desonesto, falsificador, viciado, alcoólatra, pernicioso a sociedade e à pátria, irresponsável com a família, esbanjador, perdulário, negligente. Averso a disciplina é repudiado pelos patrões, razão pela qual vive constantemente desempregado. Para este operário o caminho é o da miséria, solidão e fracasso.

O quadro tenciona não apenas advertir, mas estatuir um tipo ideal de trabalhador adornando-o com as virtudes necessárias, opondo-o diametralmente àquele que estava destituído dessas mesmas virtudes. Indica ainda a intenção de desvincular a concepção da miséria do operário como produto das relações econômicas e sociais estabelecidas no processo de produção, deslocando a necessidade de um programa coletivo reivindicativo, para uma ação individual e particular. Nessa perspectiva, visava enfraquecer a proposta da luta de classes pregada pelos socialistas e comunistas.

Através de um intenso trabalho doutrinário, reforçavam a necessidade da disciplina, do combate ao ócio, aos vícios, e por fim corroboravam um modelo de sociedade onde cada um tem seu lugar definido. Designavam para o operário a mobilização de forças que o tornasse digno de usufruir junto com sua prole, os benefícios advindos desse esforço. Não obstante, criticavam e denunciavam assiduamente a situação de miséria em que se encontravam os trabalhadores. Essa situação só seria revertida com o estabelecimento da justiça social, resultado da cristianização das relações no mundo do trabalho.

A exaltação do trabalho se dava numa perspectiva cristã, como ato humano *“necessário, útil, meritório, honroso e digno, mesmo no mais humilde mister”*²⁵⁹. Buscavam estatuir um conceito de trabalho remido de qualquer noção que o destituísse de sua dignidade. Destarte, tudo que for realizado pelo trabalhador *“...está impregnado da dignidade da pessoa humana. E se é cristão, seus atos transbordam do plano puramente natural, e, modelados no exemplo do divino Operário, ganham as alturas de uma grandeza sobrenatural e divina”*.²⁶⁰

Reafirmavam o compromisso cristão com a dignificação do trabalhador, tomando o exemplo de Jesus Cristo, que nascido de uma família de trabalhadores e se ocupando ele próprio de atividades manuais, constituiu seu colégio apostólico entre os mais simples, lançando as bases da doutrina cristã entre as classes laboriosas.

²⁵⁸ **A Fortaleza**, ano IV, 11/04/1954.

²⁵⁹ **Manual do Círculo Operário**. CNOC, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1939.

²⁶⁰ **A Fortaleza**, ano XI, N^o 491, 13/05/1962.

Concebiam que era através do trabalho que o operário cristão conquistaria seu espaço na sociedade e participaria da construção do plano divino. Contribuiriam deste modo para o engrandecimento da nação, bem como para o seu próprio progresso material, moral e espiritual.

Assumindo o compromisso com a consolidação do ideal circulista, a VIII Assembléia Geral da CNOC realizada no período de 11 a 13 de maio de 1956, aprova a criação do Dia do Circulista, com festejos marcado para o primeiro domingo de outubro. Segundo o jornal *A Fortaleza*, a proposta foi apresentada pelo presidente da Federação dos Círculos Operários do Ceará, Eusébio Mota de Alencar, substituindo a proposição de uma taxa com idêntica finalidade, qual seja, a arrecadação de fundos para manter a Confederação Nacional dos Círculos Operários. Ocorre que o Dia do Circulista ultrapassava os objetivos da taxa, pois além da contribuição financeira, a data propiciava momentos de confraternização, lazer e fortalecimento da mística circulista.

O Dia Nacional do Circulista tinha pelo menos três meses de preparação. Neste ínterim, eram distribuídas as tómbolas entre os Círculos Operários. Cada agremiação circulista deveria receber uma quantidade mínima de bilhetes, porém, nunca inferior ao número de sócios. Era uma verdadeira campanha em prol da CNCO, culminando com os festejos no primeiro domingo de outubro com uma variada programação realizada pelas entidades circulistas. Passeatas, sorteios de brindes entre circulistas e aspirantes, sessões solenes, missa em ação de graças, números artísticos e sessões cinematográficas apareciam como as principais atividades desenvolvidas pelos circulistas cearenses para esse dia. Em 1959, *A Fortaleza* divulgou que 100 mil circulistas operários comemoraram o seu dia, manifestando o espírito de união, abnegação em defesa da causa circulista e conagração entre os sócios.²⁶¹

Como já aludi anteriormente, não havia negligência na formação das crianças, pois acreditavam que o futuro do circulismo estaria assegurado caso fosse feito um trabalho proficiente junto a estas. Alguns Círculos Operários se tornaram diligentes na construção do aspirantado circulista. O Círculo Operário de Fortaleza, elegeu o dia 1º de janeiro para festejar o Dia do Aspirante

²⁶¹ **A Fortaleza**, ano IX, nº 434, 10/10/1959.

Circulista e criou o Departamento de Aspirantes, que organizara como forte atrativo, um clube de futebol, o Juventude Esporte Clube.

A educação de caráter formativo e instrutivo caminhava paralela às atividades que mais fascinavam a garotada: futebol, passeios e excursões. A prática do lazer tornava-se o momento propício à prática de um trabalho pedagógico eficiente, objetivando a adoção de normas de conduta que deveriam formar o caráter das crianças nesse processo. A doutrinação moral dos aspirantes circulistas era levada a sério nesse trabalho, ponderando que os valores incorporados na infância acompanhavam-nas a vida inteira.

Quanto à formação dos dirigentes numerosos eram os cursos e a adoção de instrumentos para orientação à distância. Tem-se como exemplo, a elaboração de cartilhas e manuais. Constantes eram os artigos dos mentores do circulismo, que divulgados n'A *Fortaleza*, dirigiam-se especialmente às lideranças do movimento. A formação de um diretor era diferenciada, por exemplo do sub-delegado, pois este último não era um dirigente circulista, mas um militante. Sua instrução doutrinária era pouco relevante. Enquanto a formação dos dirigentes se apresenta com um conteúdo bastante rico, para o sub-delegado a instrução “*Consiste nas diversas indústrias, das quais o Subdelegado se serve para pôr-se em contato com os sócios e trabalhadores em geral, para conquistar a boa vontade e amizade deles e finalmente adquirir a ascendência sobre os mesmos.*”²⁶²

O Assistente Eclesiástico deveria, não só estar bem informado em torno da doutrina social da Igreja, bem como da ação social do circulismo, seus princípios, propósitos, estatuto, programa, relação com a Ação Católica e outras questões. Os cursos oferecidos pela FCOOC tinham como eixo à capacitação dos dirigentes e colaboradores na tarefa de encaminhar novos sócios, dirigir a entidade.

Muitas foram as táticas, métodos e outras “indústrias” com que se instruíram o circulista militante, capacitando-o para o trabalho de aproximação e persuasão dos trabalhadores. Na *Arte de Conversar*,²⁶³ o articulista

²⁶² **A Fortaleza**, ano VIII, nº 423, 4/7/1959.

²⁶³ **A Fortaleza**, ano XII, nº 490, 18/03/1962. A *Arte de Conversar* foi um artigo escrito pelo pe. Brentano para subsidiar o trabalho desenvolvido pelos líderes articuladores e animadores do movimento.

apresenta não somente táticas mas as qualidades necessárias e a postura adequada para o circulista cuja função é aglutinar pessoas em torno do Círculo Operário. Novamente um decálogo é escrito para apresentar essas instruções práticas:

1- Os homens anseiam por ser conhecidos, até nominalmente, pois o próprio nome é a palavra mais querida da língua, o que vale também para as pessoas humildes de qualquer espécie. Se tiver que conversar com um circulista ou outro operário, procure saber-lhe o nome e ajude no que poderão ajudar os dirigentes ou outra pessoa.

2- A amabilidade vence resistências e conquista corações. O homem é como o espelho: reflete fielmente o que se lhe antepõe; eu sorrio, ele sorri. Os homens são como o eco: responde exatamente ao som e à voz de quem fala: a amabilidade cativa e conquista adesão e colaboração.

3-Fale diretamente ao interlocutor, olhando para o seu semblante, no qual se espelha a alma, e como quem se está comunicando com ele, com afabilidade e benevolência. Isto vale também para a pregação. O encontro dos olhos do orador com os dos ouvintes lhe revelará se está sendo compreendido, se há interesse, entusiasmo; eletriza o orador e a platéia.

4- O operário necessita de encorajamento, pois vive muitas vezes aflito, atribulado e desanimado; os dirigentes circulistas fazem muitos sacrifícios, no desempenho de suas funções. Uma palavra de apreço às boas qualidades do operário o anima e lhe robustece a confiança em si mesmo; e uma palavra de apreço e louvor ao dirigente, reconhecendo-lhe o valor de sua colaboração, grangeia sua estima e afeição e estimula sua atividade.

5-Seja breve. Se formos breves, nosso próximo falará, o que nos dará muitas vantagens.

6-Se formos breves, escutamos o outro, fortalecemos sua confiança própria.

7-Numa situação difícil convém escutar o que os outros tem a dizer a respeito.

8-Se alguém estiver de mau humor ou se sentir infeliz, sejamos breves, convém deixá-lo desabafar, e dissipar o seu mau humor que se sentirá consolado.

9-Se alguém quiser discutir, sejamos breves, escutando, e no final ficaremos com a razão.

10-A arte de fazer perguntas acertadas: — A pergunta abre bem um começo de conversa, e, sabendo fazer perguntas hábeis, resolvemos muitos casos. Uma pergunta ao operário sobre sua saúde, seu trabalho sua família, lhe abre os registros da língua. A um que sofre de complexo de inferioridade, consulte-o perguntando, sobre qualquer coisa do seu mister. A um embirrento peça-lhe um pequeno favor; e deponha a birra.

Veja-se que há uma série de atributos dispostos como eficazes ao trabalho de aproximação com o operariado a fim de conquistar sua confiança para agregá-lo ao movimento. Afabilidade, amabilidade, capacidade de ouvir, conhecer psicologicamente o indivíduo, entrar em seu mundo particular, interessando-se por sua situação familiar, sua saúde, seus problemas, ressaltar-lhe como estímulo, suas qualidades de “bom operário” e encorajá-lo nas situações difíceis.

Essa instrução metódica e rigorosamente planejada deveria ser posta em prática principalmente para trazer de volta o circulista que mantinha-se afastado do Círculo Operário. Todos os momentos são considerados propícios a esse trabalho. Seja “... *por ocasião de reuniões gerais, festas, de assembléia, em concentrações, excursões, etc,*”²⁶⁴ os líderes, subdelegados e delegados deveriam estar sempre prontos e dispostos para a tarefa de agregar, congregar e executar o proselitismo circulista.

2 – Festas, campanhas e celebrações.

Embora o programa assistencialista circulista fosse um dos seus mais fortes pilares e o que mais se evidenciava, tendo em vista a falta de assistência social por parte do Estado, havia objetivos que só seriam alcançados com êxito se ocorresse a mobilização dos circulistas na adoção de projetos para além da assistência material.

Ainda que os princípios doutrinários que integravam o projeto político pedagógico dos Círculos Operários fosse veiculado no material de propaganda e divulgação do ideário circulista, era através da vivência nas diversas atividades que eles assumiam os valores que davam substrato à prática circulista. Eram portanto, as festas, as celebrações, as campanhas e os ritos que consolidavam os valores morais que preconizavam o projeto de recristianização dos trabalhadores. E por meio destas, o circulista construía seu referencial em relação a qualquer outra forma associativista.

Em meio a tantas causas abraçadas pelos circulistas, eles constantemente sentiam-se impelidos a estabelecer a diferença entre, por

²⁶⁴ **A Fortaleza**, ano XII, Nº 489, 01/01/1962.

exemplo, o Círculo e o sindicato. Visto que, em alguns momentos, em defesa dos interesses dos trabalhadores circulistas, podiam confundir-se com o sindicato, trataram imediatamente de elucidar o papel do Círculo Operário ante os trabalhadores, pois apesar de propugnarem a formação de sindicatos e até colaborarem com a sindicalização de circulistas, não pregavam a luta de classes e também não estavam na defesa de uma só classe. Propunham um programa que congregasse o operário e o patrão. Para estabelecer claramente a diferença afirma que:

O Círculo Operário aspira a uma ordem social de perfeita **justiça, caridade e harmonia**, coordenando para as suas atividades todas as pessoas de boa vontade; **age sobre todas as classes sociais**: admite e procura a colaboração geral, pode ter como cooperadores os intelectuais, ricos e até patrões, embora não como dirigentes. Obtém, assim, maiores recursos e ao mesmo tempo concilia e aproxima as classes. O sindicato é **obra dos homens**, com um objetivo principal: solidariedade e defesa de determinados profissionais quanto às condições de trabalho e salário.²⁶⁵

Fundamentados na idéia de que os Círculos Operários “*instruem, educam, orientam, moralizam*”, os circulistas canalizaram esforços na busca de instrumentos que alcançasse o operário em ampla dimensão, pois ele “*...tem uma alma, uma inteligência e uma vontade que exigem instrução, cultura, formação e orientação espiritual, moral, social e cívica.*”²⁶⁶

Nessa perspectiva, foi analisada a proposta pedagógica dos Círculos Operários. Estando corroborada no projeto político-teológico elaborado pela Igreja católica em sua ação cristianizadora, essa proposta inscreveu-se no universo cultural dos trabalhadores, perscrutando seu fazer cotidiano e atenta a todas as possibilidades de inserção em seu mundo. Destarte, os ritos, as comemorações e outros fazeres do cotidiano circulista estão impregnados pela moral cristã católica. Por ela são conduzidos e dela são condutores.

Dentre as datas significativas para o circulismo cearense estavam aquelas de caráter religioso, cívico ou vinculada ao mundo do trabalhador, fosse ele circulista ou não. Assim é que mereciam comemoração especial o dia

²⁶⁵ **Manual do Círculo Operário**. CNOOC, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1939.

²⁶⁶ Idem, p. 110

de São José (19 de março), o Primeiro de Maio, a independência do Brasil e o dia nacional do circulista (primeiro domingo de outubro).

Os santos juninos eram amplamente reverenciados pelos Círculos Operários, conquanto explicitavam o caráter desses festejos para os circulistas. Diferindo da forma como estes ocorriam nos clubes onde “... *o sentido da festa é desvirtuado*”, os Círculos “*procuram incutir nas pessoas essa afeição salutar pelo próximo, empenham-se em preservar, mesmo nos centros mais adiantados, a tradição de um São João familiar...*”.²⁶⁷

Os festejos carnavalescos, considerados mundanos e perniciosos pelos circulistas, eram desaconselhados por representarem a profanação dos ensinamentos religiosos e o retorno ao paganismo imoral. José Antônio da Silva, sócio do C.O de Padre Andrade (Fortaleza), alerta que, o operário habituado apenas ao emprego das forças físicas, “*não reflete sobre as atividades sadias*”, cabendo aos dirigentes circulistas organizar atividades úteis e moralmente sãs para os associados durante o período do carnaval. Como forma de “*combater a depravação moral*” propõe:

(...) que se procure pôr em prática um meio de afastar o operário de tais festas. Uma idéia que se poderia por em prática seria a promoção de reuniões nos CC.OO. Que se organizassem estas reuniões cuidadosamente para tratar de assuntos interessantes da vida operária e palestras sobre a formação social do operário. Para atrair os circulistas recomenda-se uma ou duas comédias sadias.²⁶⁸

No ano de 1959, foi encetada uma verdadeira campanha anticarnaval. Em decorrência da grande seca do ano anterior, a situação de milhares de trabalhadores famintos, alojados em hospedarias do governo, vagando pelas ruas da capital, migrando para outros estados ou submetido às mais duras condições de sobrevivência, atraiu a atenção dos diversos setores sociais. Os depoimentos sobre as condições em que se encontravam os trabalhadores refletiam o sentimento que havia tomado conta da população.

Mesclava-se piedade, medo e indignação. Esses ingredientes foram canalizados pela Arquidiocese de Fortaleza que conclamou todos os cearenses a ficarem alheios ao carnaval “*num gesto de solidariedade cristã aos nossos*

²⁶⁷ **A Fortaleza**, ano I, nº 39, 23/06/1951.

infelizes patrícios, vítimas da seca". Os Círculos Operários cuidaram de fazer ecoar nos locais onde atuavam e através da imprensa circulista, o pedido de abstinência às folias de carnaval. A campanha ganhou adesão até mesmo dos clubes que realizavam tradicionalmente a festa. Em nota enviada a redação d'A *Fortaleza*, o presidente do Ideal Clube, José Aurélio Mota e o secretário do Lions Club, José Fernandes, asseguraram que não abririam os referidos locais em apoio à campanha anticarnaval.²⁶⁹

Via imprensa circulista, por meio de palestras, debates e encenações teatrais os circulistas adotaram campanhas contra o álcool, a jogatina, o divórcio e os filmes imorais. A empresa Cinemar recebeu protestos das organizações circulistas, da Ação Católica(AC) e da União da Mocidade Católica (UMC). Essas entidades acusavam a empresa, mais especificamente o seu diretor, Amadeu Barros Leal, que sendo comunista, não tinha decoro, pois não se furtava em exhibir filmes que feriam valores morais caros à sociedade. O rigor da Arquidiocese com essa modalidade de lazer estendeu-se inclusive aos cines circulistas. A censura recaía sobre os filmes considerados indecorosos, violentos e aqueles que expressassem conduta contrária aos valores e normas católicos.

Quanto às produções que enaltescessem os valores da civilização cristã, não somente eram recomendados, como em momentos especiais, os Círculos recorriam a benevolência do patronato solicitando financiamento que garantisse franca entrada dos trabalhadores circulistas nos cines onde seriam exibidos tais filmes. Foi o que ocorreu em 19 de março de 1958, quando a Federação dos Círculos Operários convidou os trabalhadores a assistirem gratuitamente o filme "*Preferí a liberdade*", que seria exibido no Cine Santos Dumont (Sede da União Popular Cristo Rei), uma "gentileza" do governador Flávio Marcílio, em homenagem a data do padroeiro dos Círculos Operários.

O cine São José, pertencente ao Círculo Operário de Fortaleza, foi fechado por ordem de D. Antônio de Almeida Lustosa, porque suas sessões tinham fins comerciais, incompatíveis com as "*normas e linha de conduta traçada pelo círculo*". Paulo Cysne Rios, diretor do C.O de Fortaleza, esclarece o ocorrido manifestando aceitação da decisão do arcebispo pois este

²⁶⁸ **A Fortaleza**, ano IX, nº 451, 27/02/1960.

²⁶⁹ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 394, 29/01/1959.

“...propunha-se tão somente salvaguardar o patrimônio moral e espiritual do *Círculo Operário*”. Apesar da expressa obediência, o circulista lamenta o prejuízo material causado a entidade, tendo em vista que o cinema era sua principal fonte de renda. Conclui solicitando a Arquidiocese que reconsidere o fato uma vez que, se a intenção era salvar as almas ingênuas do operariado das mensagens perniciosas das más fitas, isto não foi possível pois há outras casas de cinema onde a “*ganância dos exibidores supera o mais elementar critério na programação dos filmes para as massas*”.²⁷⁰

O teatro foi outra expressão de cultura e lazer intensamente estimulada pelas entidades circulistas. Embora nem todo *Círculo* pudesse organizar uma companhia teatral, as peças montadas principalmente pelas educadoras circulistas, eram encenadas em momentos de festas ou comemorações. Segundo informa *A Fortaleza*, ao *Círculo Operário de Piedade* estava vinculado o Conjunto Teatral Cearense, considerado de utilidade pública pelo Município de Fortaleza, através da Lei nº 1.064, de 11/07/1956. Esse Conjunto Teatral, sempre que solicitado por outros *Círculos* ou por associações católicas apresentava peças de seu repertório fosse em momentos festivos ou com objetivo de granjear fundos financeiros para essas entidades. Apresentando o relatório de suas atividades no ano de 1959, o Conjunto divulgou o número de 47 apresentações. Somente em benefício da construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus foram onze:

- 1- Sem Deus Tudo é mentira;
- 2- Jaçanã;
- 3- Os transviados;
- 4- Almas de aço;
- 5- Os dois sargentos;
- 6- Poder do Amor;
- 7- Na hora da canção pegar menino;
- 8- Justiça de Deus;
- 9- A vida de São Francisco;
- 10- O último Natal;
- 11- O Mártir do Calvário.²⁷¹

As peças aludem temas essencialmente religiosos e põem em evidência a experiência de mártires da Igreja como exemplo de vida, a ser

²⁷⁰ *A Fortaleza*, ano VII, nº 349, 22/02/1958.

²⁷¹ *A Fortaleza*, ano IX, nº 447, 30/01/1960.

seguido pelos cristãos. As mensagens exaltam os dons e as virtudes cristãs. O teatro assume dessa maneira um importante suporte pedagógico na proposta doutrinária circulista, dando ao lazer um caráter instrutivo com base na doutrina e tradição católica.

Mesmo que os Círculos Operários fossem entidades de caráter civil e houvesse sido estipulado nos documentos circulistas que eles não dependiam diretamente da hierarquia eclesiástica “*em assuntos de sua finalidade imediata, como são: a economia, administração, técnica, método, iniciativas temporais, área de ação*”²⁷², essa autonomia era relativizada quando se determinava a presença obrigatória do assistente eclesiástico como membro da direção do Círculo, com poderes para vetar qualquer decisão que comprometesse a fé, a moral e a doutrina católica. Como nenhum assunto podia fugir a necessária conexão com a moral cristã, a ascendência do assistente eclesiástico e de seus superiores na orientação do Círculo Operário era determinante, e é nesta condição que pode-se compreender a relação entre as organizações circulistas e a hierarquia católica.

O combate ao alcoolismo foi incessantemente apregoado pelos circulistas, com apoio do clero católico. A carta pastoral de D. Antônio de Almeida Lustosa alertando sobre os males do alcoolismo, lançada em 1953, foi publicada ao longo de várias edições d’*A Fortaleza* no ano de 1954. Eusébio Mota de Alencar, circulista e redator deste jornal, explicou que a importância da exposição da carta pastoral na imprensa dos trabalhadores decorre do fato de que “... *é no seio da massa operária, onde, infelizmente, mais campeia o terrível vício.*”²⁷³

Essa vigilância sobre o cotidiano da vida operária, o lazer, a habitação, o cuidado com as crianças, a conduta no trabalho, no espaço doméstico, a expressão da religiosidade, manifestava a visão circulista de que era preciso tomar o operário em sua totalidade. Para dar concretude ao ideal que sustentavam, carecia elaborar uma proposta que englobasse essa totalidade.

3 – As reuniões e os passeios circulistas: *unir e confraternizar*

²⁷² **Manual do Círculo Operário.** CNOC. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1939.

²⁷³ **A Fortaleza**, ano IV, nº 166, 07/02/1954.

Dentre as atividades que funcionavam com fins pedagógicos, no sentido mesmo da formação do sócio circulista dentro dos princípios do movimento, estavam as reuniões gerais e as reuniões das lideranças, sendo que nestas últimas participavam apenas os presidentes de Círculos Operários e assistentes eclesiásticos. Para as primeiras a Federação orientava que o Círculo estabelecesse uma metodologia específica, que pudesse proporcionar êxito para os objetivos a que se destinava, qual seja: *informar, instruir e formar*. Essa modalidade tinha portanto, um caráter diferenciado da Assembléia. De acordo com as indicações da Federação, ela deveria ter a duração máxima de 2 horas, dividindo-se em duas partes: uma formativa e informativa e a outra recreativa. A exortação do Assistente Eclesiástico, que cuidaria da parte doutrinária não deveria ultrapassar 15 minutos.²⁷⁴ O momento recreativo ficava a cargo de grupos teatrais e alunos das escolas circulistas que, orientados pelos educadores do Círculo Operário apresentavam números musicais, interpretavam peças ou declamavam poesias, veiculando mensagens de caráter moral enunciado pelo circulismo.

Quanto às reuniões de dirigentes circulistas a intenção era estreitar os laços entre os diversos Círculos Operários, unificando suas ações com vistas ao fortalecimento do movimento circulista no Estado. No entanto, observou-se que apenas entre os círculos da capital foi possível mantê-las com regularidade. No interior, somente quando a Federação se encarregava de organizar e convocar os Círculos Operários de uma mesma região, é que ocorriam as reuniões entre as lideranças circulistas. No caso do município de Fortaleza, que chegou a contabilizar mais de vinte entidades circulistas, localizadas nos bairros da Capital, foi possível inclusive formar a União dos Presidentes de Círculos Operários de Fortaleza. A aproximação geográfica dos Círculos Operários e o constante apoio da Federação é que tornou possível a constituição desta União.

As reuniões da União dos Presidentes ocorriam mensalmente e a cada mês era escolhido um Círculo Operário para sediar o encontro. Nestes momentos trocavam experiências, partilhavam as atividades programadas nas unidades circulistas, discutiam os problemas gerais do movimento e as aflições

²⁷⁴ **A Fortaleza**, ano VII, nº 368, 19/07/58.

de cada uma das organizações. Era visto também como oportunidade para granjear apoio para alguma empreitada, fosse ela pleiteada pela Federação ou mesmo por qualquer Círculo Operário integrante da União.

O que ocorria nestas reuniões de presidentes era divulgado na Coluna “*O que vai pelos Círculos*” do jornal *A Fortaleza*. Em muitas edições encontramos o fazer cotidiano circulista. Pode-se entrever o entusiasmo com os programas, embalados por um “*ideal de fraternidade humana*”, que os tornavam voluntários a serviço deste ideal. Concedo a palavra a Francisco Messias Pinheiro, do Círculo Operário de Cristo Rei, que registrou num artigo as impressões sobre esse fazer circulista, por ocasião da reunião da União dos Presidentes no Círculo Operário de Mucuripe:

Soubemos na oportunidade que o C. de Mucuripe distribui 50 sopas duas vezes por semana aos velhinhos daquele bairro. Grande obra essa do C. O. de Mucuripe. Mas acontece que dessa sopa surgiu um romance entre dois anciões. A essas alturas já deve ter acontecido o enlace matrimonial. O broto tem 70 primaveras e a menina 60. É um acontecimento raro. Meus parabéns para os nubentes. Parabéns para quantos fazem circulismo em Mucuripe. Para frente com o ideal que reluz.²⁷⁵

O *passoio circulista* era um outro tipo de atividade que além de propiciar lazer, funcionava também como um meio através do qual se estreitavam os laços entre circulistas de municípios diferentes ou até mesmo entre aqueles dos diversos Círculos e núcleos circulistas de Fortaleza. Esses eventos eram agendados antecipadamente por cada Círculo, para que houvesse planejamento tanto por parte do Círculo visitante quanto por aquele que o recepcionava.

O Círculo visitante era sempre bem recebido pelo anfitrião. Os momentos que marcavam o evento eram principalmente, a missa, o desfile pelas ruas da cidade e o encontro para o café. A programação era em geral composta de uma parte religiosa e outra recreativa. O jornal *A Fortaleza* informava com antecedência o passeio circulista e, posteriormente como este havia transcorrido. Propagar esses eventos era uma maneira de incentivar os demais círculos a promoverem a “*Fraternização do ideal circulista*”. Ao divulgar

a visita dos circulistas de Piedade a Aquiraz, o jornal ressalta que esse encontro “... possibilitará um intercâmbio real e efetivo entre os operários da Capital e do Sertão.”²⁷⁶

Em um momento especial, o passeio circulista funcionava como uma demonstração da força arregimentadora do movimento. Exemplo desse fato foi a realização de um destes passeios ao município de Cascavel, em 30 de setembro de 1951. A Federação articulou vários Círculos Operários da capital com o objetivo principal de plantar a semente circulista em Cascavel, “de vez que esse é um dos poucos municípios cearenses que ainda não tem uma dessas agremiações.”²⁷⁷

O passeio circulista ao município de Baturité em 25 de fevereiro de 1951, tinha, dentre outros, fins políticos bem definidos. Um número expressivo de 1200 circulistas da capital foi levado em trem especial, com apoio da Rede de Viação Cearense até este município²⁷⁸. Após assistirem a missa, ação obrigatória em todo passeio, os visitantes foram aos principais pontos da cidade e por fim participaram da solenidade de posse do prefeito, Tenente Miguel Elgy de Távora Arruda. Essa relação de proximidade com os governantes era mantida como símbolo da cooperação para o estabelecimento da ordem. Era também uma demonstração da gratidão pelos “favores” recebidos e um aceno para continuarem mercedores destes.

Afora as visitas feitas pelas unidades circulistas entre si, dentro do próprio Estado, a Federação dos Círculos Operários no Ceará também cuidava do conagraçamento interestadual do circulismo, visitando Círculos Operários de outros Estados para prestigiar atividades diversas. Exemplo de tal fato foi a visita ao Círculo Operário de Pau dos Ferros, no vizinho Estado do Rio Grande do Norte, em fevereiro de 1952.²⁷⁹

Havia o passeio anual promovido pela Federação a uma unidade circulista interiorana. O passeio era exclusivo para os circulistas da capital, proibida a participação de pessoas estranhas ao movimento. Os cartões ficavam à venda na Sede da FCOC Os caravaneiros participavam de grandes

²⁷⁵ **A Fortaleza**, ano VIII, Nº 424, 25/08/1959.

²⁷⁶ **A Fortaleza**, ano VII, nº 371, 09/08/58.

²⁷⁷ **A Fortaleza**, ano II, nº 52, 29/09/51.

²⁷⁸ **A Fortaleza**, ano I, nº 24, 24/02/51.

²⁷⁹ **A Fortaleza**, ano II, nº 69, 09/02/52.

concentrações com os circulistas locais. Os dirigentes circulistas aproveitavam a ocasião para conversar sobre questões relativas ao movimento tanto em âmbito estadual quanto nacional.

Em todos os passeios, os organizadores não deixavam de reforçar a dupla finalidade destes eventos. Enfocavam que o sadio lazer associava-se ao conagraçamento. Funcionavam também como uma manifestação pública do quão era salutar o movimento. Deste modo, ao promoverem as concentrações públicas e outros eventos, os circulistas pretendiam contagiar aqueles que estavam alheios ao movimento, procurando atraí-los para o circulismo. Francisco Messias Pinheiro, do Círculo Operário de Cristo Rei (Fortaleza) reafirma as finalidades dos passeios realçando sua importância *“...para que possamos mostrar a essa gente indiferente que o circulismo educa, constrói e defende a nossa pátria da miséria que ronda a massa de incautos e tudo faz pela justiça social e um Brasil Operário e Cristã.”*²⁸⁰

O Círculo Operário de Navegantes, a exemplo de outros, organizava anualmente uma tradicional romaria ao município de Canindé (CE). Desta feita o objetivo tinha um forte conteúdo religioso, não limitando-se aos interesses organizativos do circulismo.

O Círculo Operário que dispunha de uma Ala Feminina bem organizada, tratava logo de deixar a cargo das circulistas a responsabilidade com a propaganda e outros afazeres indispensáveis ao êxito do passeio ou da romaria. Dispondo de uma banda ou grupo teatral cuidavam de preparar números artísticos a serem apresentados no município a ser visitado. Era uma forma de evidenciar o desempenho do círculo em setores diversos. Além disso tornava alegre e descontraído o passeio circulista.

4 – As Páscoas coletivas

A páscoa tem um relevante sentido simbólico para os cristãos. O período preparatório que antecedia o tempo pascal era repleto de rituais, tais como: penitências, jejuns, confissões, abstinências, comunhão, etc,. Sem querer adentrar nas diversas experiências do culto religioso cristão-católico,

²⁸⁰ **A Fortaleza**, ano IX, nº 436, 24/10/1959. Relatório da Caravana Circulista a Aracati em outubro de 1959.

que não é objeto de nosso estudo, assinalamos que, alguns desses atos são sobremaneira importantes para compreender em parte o que eles representavam como estratégia na aproximação entre patrões e operários, bem como para o fortalecimento dos valores cristãos, especialmente nos períodos da páscoa coletiva.

Durante a *Semana Operária na Fortaleza*, realizada no ano de 1925, um convite era feito aos operários e trabalhadores para participarem da páscoa rendendo tributos a Igreja Católica. As conferências ficaram a cargo do pe. Manuel Macedo. Foram cinco dias de retiro espiritual, missa campal no Altar da Coluna do Cristo Redentor, e que contou com a participação de mais de mil pessoas. Segundo o jornal *O Nordeste*, a Páscoa dos Operários neste ano foi um “*Expressivo atestado da fé católica dos trabalhadores cearenses.*”²⁸¹

A páscoa coletiva dos operários da Fábrica de Tecidos São José era sempre realizada em 19 de março, data em que os católicos veneram São José, que além de ser padroeiro dos Círculos Operários, era também o santo protetor da fábrica que levava o seu nome. A associação neste caso era mais que oportuna, pois, tanto os operários quanto os patrões da Fábrica São José estavam sob o amparo e as bênçãos do mesmo santo. Em 1954 houve um tríduo preparatório iniciado em 16 de março. Com os operários, participavam da preparação os patrões e suas famílias. No final do expediente de trabalho o Pe. João Linhares pregava pelo menos trinta minutos. A missa foi realizada no âmbito da Fábrica e para engrandecer o evento divulgou-se que:

Tomaram parte no banquete eucarístico 520 comungantes, inclusive empregadores. Esteve presente o revmo. Pe. José Arimatéia Diniz, Assistente Eclesiástico da Federação dos Círculos Operários do Ceará e supervisor das páscoas coletivas que, falando aos presentes, congratulou-se com os operários e patrões da Fábrica de Tecidos São José pelo êxito alcançado com a páscoa de 1954, sob a chuva torrencial que caía no momento, derramada por São José patrono daquela casa.²⁸²

Os discursos enalteciam a relação harmoniosa entre patrões e operários e a necessidade de cada uma das partes colaborar para que a ordem

²⁸¹ **O Nordeste**, ano III, nº 878, 03/06/1925.

²⁸² **A Fortaleza**, ano IV, nº 171, 28/03/1954.

social permanesse inalterada. Finalizando as sessões congratulatórias, houve bênção da usina termo elétrica e os trabalhadores foram “*beneficiados com lauto café*” no SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social).

Observa-se neste caso que os empregadores seguem à risca as orientações da hierarquia católica e circulista, que pleiteavam a possibilidade de conformar o espírito dos trabalhadores, disciplinando-os. Portanto, mesmo em face do salário ínfimo que recebiam, das longas e extenuantes jornadas de trabalho, desde que o patrão sentasse ao seu lado no mesmo banquete, esta seria uma demonstração de que, embora patrões e empregados se diferenciasssem na relação capital/trabalho, comungavam os mesmos ideais cristãos e nesse particular eram semelhantes.

Ainda para oferecer um outro exemplo demonstrativo acerca da questão, abordo a greve dos tecelões ocorrida em 1950, quatro anos antes da tão benéfica páscoa coletiva dos trabalhadores e patrões da Fabrica São José. O artigo anunciava: *A greve dos Tecelões: um exemplo e uma advertência aos empregadores*. O articulista responsabilizava os empregadores por descumprirem as leis trabalhistas, principalmente no tocante ao repouso semanal remunerado, o que contribuía para o deflagrar da greve. Embora não participassem diretamente das discussões e reivindicações operárias que exigiam o “*fim das perseguições e o pagamento de nove dias*” (acredito referir-se ao repouso semanal), o movimento circulista veiculava através d’*A Fortaleza*, as opiniões a respeito da situação e apresentavam sugestões aos empregadores, sobre como estabelecer relações de cordialidade com os operários, como substituto e compensação, inclusive, ao pagamento de baixos salários:

Observa-se que muitas das vezes, a própria deficiência do ordenado é compensada pelo gesto amigável do patrão que cumprimenta com a maior cordialidade os seus trabalhadores, que lhes fala uma linguagem amigável, que se interessa pela família do trabalhador, que finalmente trata com humanidade os que servem a empresa.²⁸³

Continuando, o articulista adverte ainda que ao agirem dessa forma estarão contribuindo para o fortalecimento dos inimigos da Igreja, qual sejam,

os comunistas. Entendiam que nesses momentos eles sempre estavam a apregoar e incitar a luta de classes, “destruindo” os ensinamentos da Igreja. Admoestando os patrões e tecendo severas críticas aos comunistas, conclui lúgubre:

(...) lamentamos constatar o fato de patrões que concorrem com atitudes injustas e impensadas. (...) para que se gere um ambiente de rebeldia, capaz de determinar uma greve, aproveitada pelos traidores comunistas, para perturbar as relações de colaboração que devem existir entre o capital e o trabalho.²⁸⁴

Talvez o fato das fábricas têxteis terem sido sacudidas pelas greves em 1950, tenha levado os empregadores e as organizações orientadas pela Ação Católica, tal como a JOC e os Círculos Operários, a investirem com mais empenho nos anos posteriores, na realização das páscoas coletivas nestes estabelecimentos. A origem do movimento jocista encontra-se na Bélgica. Segundo Muraro²⁸⁵ o jocismo no Brasil, restringiu-se aos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, no período de 1935 e 1938 em razão do desenvolvimento industrial dessas regiões. Em 1948, com a presença do idealizador do jocismo, Monsenhor Cardijn, na Primeira Semana de Estudo Nacional da JOC em São Paulo, o movimento foi oficializado.

O Manual do Círculo Operário estabelece claramente como deve ser o entendimento entre jocistas e circulistas de modo que as duas organizações, cujos fins não divergem, possam usufruir os benefícios dessa ação conjugada. A relação entre a JOC e os Círculos Operários no Ceará era bastante expressiva, fato que contribuía para o fortalecimento do programa social católico no meio operário.²⁸⁶ Além disso, a ampla divulgação destes momentos através do jornal *A Fortaleza*, objetivava disseminar essas práticas, como exemplo da boa vontade existente entre patrões e operários.

²⁸³ **A Fortaleza**, ano I, nº 3, 16/09/1950.

²⁸⁴ *Idem*, p. 2.

²⁸⁵ MURARO, Francisco Valmir. **Juventude Operária Católica**. São Paulo: Brasiliense. Coleção tudo é história. 1985.

²⁸⁶ Segundo **A Fortaleza**, ano III, nº 126, 26/04/1953, a JOC chegou ao Ceará em 1951. E por ocasião do III Congresso dos Círculos Operários do Ceará, realizado de 18 a 21 de dezembro de 1952, foi aprovada uma resolução que estabelecia a cooperação entre a JOC e os Círculos Operários na formação do operariado cearense.

Embora a páscoa coletiva dos operários da fábrica têxtil Progresso houvesse ocorrido em 11 de março de 1954, a divulgação foi feita n' *A Fortaleza* somente em primeiro de maio do corrente ano. O jornal noticia os rituais, que seguiam basicamente a mesma programação do que fora realizado na Fábrica São José. Expõe ainda a longa trajetória da fábrica, que tendo na gerência Thomaz Pompeu de Sousa Brasil Neto, faz uma saudação aos operários no dia Primeiro de Maio, sem contudo deixar de queixar-se da baixa produtividade destes, em vista que:

Os trezentos e cinqüenta operários são bons, dedicados, esforçados, e sobretudo, honestos. Entretanto, carecem de melhores conhecimentos técnicos, razão porque a produção de cada trabalhador podia ser muito mais elevada.²⁸⁷

A Fortaleza registrou a páscoa coletiva dos operários da Usina Ceará, cuja programação foi constituída de uma parte litúrgica, a cargo do padre Abdon Valério. Houve ainda um momento político, no qual discursaram empregados e empregadores e um momento artístico. Todos os atos da programação foram realizados no próprio local de trabalho.²⁸⁸

Em primeiro de maio de 1954, foi realizada a páscoa coletiva dos servidores municipais de Fortaleza. O ritual religioso contou com a participação de autoridades civis e religiosas.²⁸⁹ Após a comunhão geral, foi servido café para todos. Uma “cortesia” do prefeito municipal. Também os servidores estaduais, federais e autárquicos tiveram a sua páscoa coletiva em 11 de junho. A programação ritualística seguiu os passos das anteriores. Desta feita, o café servido aos comungantes ficou por conta do governador Raul Barbosa, que ocupava o cargo de Presidente da Comissão Central da Páscoa.

Outro aspecto que se evidencia nas páscoas coletivas é a aproximação já aludida anteriormente entre os poderes temporal e espiritual, além da vinculação estabelecida com a classe patronal. Os trabalhadores aparecem aos olhos dos seus “benfeitores” como colaboradores na produção da riqueza e

²⁸⁷ **A Fortaleza**, ano IV, nº 175, 1º de maio de 1954.

²⁸⁸ **A Fortaleza**, ano IV, nº 179, 30/05/1954.

²⁸⁹ Presentes no evento estavam o prefeito de Fortaleza, Paulo Cabral acompanhado de seu secretariado e o Arcebispo metropolitano, D. Antônio de Almeida Lustosa. Encontramos n' **A Fortaleza**, ano I, nº 19, 20/01/1951, que ocorreu uma manifestação de apreço ao prefeito

receptores da caridade alheia. O cultivo das virtudes cristãs, como o amor ao próximo, a caridade e a justiça, acarretaria a aproximação entre as classes, funcionando como redutor dos conflitos sociais, uma vez que todos estavam irmanados pelo amor filial em Cristo. As páscoas coletivas significavam a reconciliação de trabalhadores e patrões. Era a expressão da concretude de um ideal traçado pela sociologia cristã, enunciada na fórmula de Toniolo²⁹⁰, sobre o que se poderia almejar construir em termos da relação capital / trabalho. Essa fórmula encontrava-se nos materiais de divulgação da doutrina e nos estatutos dos Círculos Operários, como princípio norteador da ação circulista.²⁹¹

5 – Ritos de consagração aos protetores celestes do circulismo

Considero que a expressão civil-religiosa seja também apropriada para caracterizar as organizações circulistas, uma vez que, embora tivessem estatutos civis, assemelhavam-se às organizações religiosas pelo fato de adotarem muitas das práticas cristãs e de estarem sob a orientação da Ação Católica. Diante desse fato, e mesmo para garantir a legitimidade de suas ações junto aos trabalhadores e operários, os Círculos foram instigados a desfazerem a concepção de que eram associações religiosas.

Alguns dos ritos que integravam o cotidiano circulista conferiam aos Círculos uma feição nitidamente cristã, e estavam presentes em vários e diferentes momentos: nas festas cívicas ou religiosas, nas datas significativas da história do movimento, nas atividades cotidianas e nos momentos de lazer.

O primeiro Círculo Operário do Ceará, o *Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de São José*, de Fortaleza, nasce sob a proteção de São José, o operário de Nazaré. De acordo com o Manual dos Círculos Operários todas as entidades circulistas deveriam homenagear os protetores do circulismo: o Sagrado Coração de Jesus, São José e Nossa Senhora

Paulo Cabral, saudado como amigo dos circulistas de Fortaleza, sendo o mesmo pertencente ao quadro social do Círculo Operário de Monte Castelo, como sócio honorário

²⁹⁰ Sociólogo cristão italiano.

²⁹¹ **Estatuto do Círculo Operário de Limoeiro do Norte** – Cap. I, Art. 3º - Para colimar estes ideais, o Círculo se estribará nos seguintes princípios, como base firmes e inabaláveis; (...) 4º - A fórmula de Toniolo: *O TRABALHO CADA VEZ MAIS DOMINANTE, A NATUREZA CADA VEZ MAIS DOMINADA, O CAPITAL CADA VEZ MAIS PROPORCIONADO.*

Medianeira de Todas as Graças como advogada e rainha. Solicitando amparo e proteção para “... *promover o bem estar temporal e a cristianização dos trabalhadores da nossa querida pátria.*”²⁹², os circulistas prometiam aos seus padroeiros trabalhar para o reino:

(...) conquistando para vós os nossos companheiros de trabalho, para que reineis nas oficinas e nas fábricas, nos escritórios e nas repartições, nos meios de transporte marítimo, nas minas, em todos os recantos onde se trabalhe.”²⁹³

Por razões metodológicas e que serão justificadas na ocasião, os ritos dedicados a São José serão analisados com mais acuidade no momento em que for discutido o Primeiro de Maio circulista. Os rituais de entronização da imagem de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, São José e o Sagrado Coração de Jesus nas sedes dos Círculos Operários, ocorriam em meio a grandes festividades. O Círculo Operário de Parangaba, por exemplo, realizou a entronização do quadro da Medianeira durante a festa junina de 1953.²⁹⁴

No município de Morada Nova, o Círculo Operário local realizou a inauguração da Escola Nossa Senhora Medianeira, com uma programação repleta de números artísticos e cânticos de louvor, uma prova da intensa devoção circulista à rainha e advogada dessas organizações. O dia 31 de maio era dedicado a Nossa Senhora Medianeira.

Na semana que antecedia a magna data da devoção circulista, *A Fortaleza*, lembrava aos Círculos Operários a necessidade de organizar as festas comemorativas em homenagem a Santa. Imprescindível na programação, a realização da missa em devoção à Medianeira. Os terços poderiam ser rezados numa solenidade pública, no caso de uma reunião circulista ou no espaço privado do lar, reunindo a família para pedir as bênçãos da Medianeira.

²⁹² **Manual do Círculo Operário**, CNOC, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939.

²⁹³ *Idem*, p. 334.

²⁹⁴ **A Fortaleza**, ano III, nº 135, 28/06/1953. Ainda de acordo com a notícia divulgada pelo jornal, muitas das unidades circulistas do Ceará já haviam realizado esse ritual de entronização da imagem da Medianeira.

Durante o III Congresso dos Círculos Operários do Ceará, realizado no período de 18 a 21 de dezembro de 1952, um dos pontos altos da programação foi a entronização do quadro do Sagrado Coração de Jesus, da Medianeira e de São José, na sede d'A *Fortaleza*. A presença de representantes de Círculos Operários de todo o Estado e ainda, a participação do Assistente Eclesiástico da CNCO, padre Leopoldo Brentano, conferiram ao evento um profundo sentido de religiosidade.

Interessante perceber que a forte devoção à Medianeira manifestava-se em momentos vários da vida circulista. Durante as eleições nos Círculos Operários as chapas eram registradas com um título que as diferenciava das demais. Era bastante comum encontrar em cada eleição circulista uma chapa denominada N. S. Medianeira, bem como aquelas denominadas, N. S. de Fátima, N. S. Aparecida, etc. Nesses casos, indico a possibilidade de que, para os candidatos à Direção do Círculo Operário, era bem mais vantajoso designar sua chapa com o nome tão imaculado e bem aceito pelos circulistas. É provável que os concorrentes pensassem também nos benefícios eleitorais que a Santa poderia canalizar, sem é claro, perder de vista as vantagens advindas do fato de estarem sob a proteção da rainha e advogada dos Círculos, para, no caso de ganhar a eleição, ” *poderem com mais facilidade vencer as dificuldades*” , conforme designou o V Congresso Nacional dos Círculos Operários.²⁹⁵

Para compreendermos melhor a história da devoção circulista à N. S. Medianeira, recorremos ao artigo escrito pelo padre Inácio Vale, publicado n'A *Fortaleza*.²⁹⁶ Segundo o padre Vale, a devoção nasce na Diocese de Santa Maria no Rio Grande do Sul, no final da década de 1920. A fundação da Congregação Mariana com o título de Medianeira de Todas as Graças ocorreu em 15 de agosto de 1928. No início, as romarias se limitavam ao município de Santa Maria, mas a partir dos anos de 1940 transformaram-se em romaria estadual.

É no Congresso Operário de 1937, evento que assinalou o processo de unificação das organizações circulistas no Brasil, que foi aprovada uma deliberação tornando N. S. Medianeira – Rainha e advogada dos Círculos

²⁹⁵ **A Fortaleza**, ano VII, nº 367, 12/07/1958.

²⁹⁶ **A Fortaleza**, ano VII, nº 367, 12/07/1958.

Operários. Esse fato foi bastante significativo para a expansão do culto à Medianeira. Segundo o padre Inácio Vale “*é por meio dos círculos operários que a devoção se espalha*”. Já em 1939, a CNOOC solicita que o Concílio Nacional do Episcopado oficialize a Medianeira como Padroeira dos Círculo. A devoção era notadamente mais forte no Rio Grande do Sul. Exemplo disso é que no primeiro de maio de 1950, em comemoração ao Dia do Trabalho, cem mil pessoas aclamavam a Medianeira em Porto Alegre, fato que fez o Prefeito entregar as “*chaves da cidade*”.

Durante o V Congresso Nacional dos Círculos Operários, realizado no Rio de Janeiro em 1950, reunindo delegados de todo o país, “*A primeira tese do Congresso versou precisamente sobre o trabalho do circulismo pró devoção à Medianeira e pró dógma da Mediação Universal.*” No final do Congresso foram estatuídos os seguintes pontos:

- 1 – (...) diante da experiência feita durante 15 anos, reconhecia que a finalidade espiritual e principal do circulismo é a devoção à Medianeira de Todas as Graças e por meio desta devoção salvar da ruína as massas proletárias;
- 2 – Reconhecia e proclamava que os círculos operários que mais se esforçavam pela devoção à Medianeira, progrediam admiravelmente e mais facilmente venciam as suas dificuldades;
- 3 – O Congresso resolveu lançar uma grande Cruzada de Missas em honra e nas intenções da Virgem Medianeira para apressar o advento do Dogma da Mediação;
- 4 – Ordenou que em todas as obras construídas pelos círculos se colocassem a imagem da Medianeira com estas palavras:IPSA FECIT.²⁹⁷

Redimir os trabalhadores do estado de pobreza material em que se encontravam, “resgatá-los da ignorância” associada ao analfabetismo e ainda propiciar-lhes a salvação espiritual através do acolhimento e prática dos valores cristãos, era uma tarefa hercúlea. Era esse o propósito circulista: extinguir a luta de classes, concebendo a possibilidade de humanização da relação capital/trabalho.

Para a concretização de um projeto desta dimensão, contar com a colaboração dos governos era suficiente apenas no tocante à assistência

²⁹⁷ **A Fortaleza**, ano VII, nº 367, 12/07/ 1958.

material. Contudo, para sensibilizar esses mesmos governantes a contribuírem com a causa circulista, e ajudá-los a combater o “inimigo vermelho” satanizado pela Igreja Católica, buscaram auxílio em seus protetores celestes.

No Ceará, a devoção a São José, patrono dos Círculos Operários, ganhou mais notoriedade que a veneração a N. S. Medianeira. O fato pode ser explicado em razão de ser São José, Patrono do Estado do Ceará, e ainda porque “... *sob sua tutela acha-se a Arquidiocese de Fortaleza, que a ele confia todos os seus negócios, sob sua inspiração foi fundado o 1º círculo operário do Ceará, sob seu patrocínio encontra-se o movimento circulista brasileiro.*”²⁹⁸

O artigo “operário modelo” escrito em homenagem a São José, ressalta as virtudes do operário de Nazaré que de acordo com a opinião do articulista é exemplo para todo trabalhador e operário cristão.²⁹⁹ Instrui-se também os operários e trabalhadores a reverenciar São José como patriarca da família. A ele, principalmente os “chefes de família” deveriam fazer as rogativas solicitando a proteção de todos os seus membros. Em outro artigo intitulado “*Mensageiro Divino*” rememora-se a devoção a São José em todo o mundo cristão católico. Sua imagem sempre associada à obediência, à aceitação passiva dos planos de Deus e a dedicada operosidade, é saudada como a bússola que serve de orientação para um mundo sacudido por tantas turbulências:

(...) Em nossos dias, o tributo de homenagem filial ao esposo da Virgem Maria, prestado pelos povos de todos os países onde a Igreja de Cristo triunfou, evidencia-se na freqüência com que, ao sacramento do batismo, o nome de José passa às futuras gerações. (...) O trabalho, no entanto, como uma sentença do alto, se torna agradável para os que não almejam senão ser instrumentos dos desígnios celestiais, como aconteceu a São José.³⁰⁰

²⁹⁸ A Fortaleza, ano IV, nº 170, 19/03/1954.

²⁹⁹ Idem, p. 3.

³⁰⁰ **A Fortaleza**, ano VII, nº 352, 19/03/1958.

Ao apresentar a figura bíblica do santo operário, protetor celeste dos trabalhadores, a doutrina circulista institui uma mística que consolida o ideal propugnado pelo movimento: cristianizar o mundo do trabalho, propondo, em primeiro lugar, a harmonização das relações no processo produtivo; e no tocante à questão social, concebê-la para além dos marcos econômicos, como uma questão de ordem moral. É sobretudo durante as comemorações referentes ao dia do trabalho que se faz notar de maneira mais perceptível a relevância do culto a São José.

6 – O Primeiro de maio circulista

As comemorações alusivas ao dia do trabalho realizadas pelos circulistas, em muito se diferenciaram daquelas organizadas pelos sindicatos, especialmente os que tinham vinculação ideológica às diretrizes socialista, comunista ou anarquista.

A começar pela maneira como o Primeiro de Maio era celebrado pelas diferentes organizações, encontramos divergências quanto às formas que expressariam condignamente tão importante data para as classes trabalhadoras. No estudo sobre a imprensa operária, realizado por Adelaide Gonçalves, alguns dos discursos sobre o Primeiro de Maio, expressos em vários desses jornais, fazem a “...*crítica às sociedades de tradição beneficente e os círculos operários católicos que querem “comemorar a data com música, foguetes e foguetões”*³⁰¹ Além, estudando outros artigos sobre o Primeiro de Maio, que seguem corroborando a idéia de que a data simboliza um *parto doloroso* para a classe operária, e como tal, os ritos em sua memória deveriam recobrir-se de luto, Adelaide Gonçalves analisa o discurso de Gastão Justa que:

(...) em sua página *Movimento Operário*, vai mais longe no propósito de heroificação dos mártires de Chicago, articulando a memória do rito aos símbolos do cristianismo,

³⁰¹ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 10, 01/05/1921. IN: PEREIRA, Adelaide Maria Gonçalves. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos de 1920**. Florianópolis, 2001, Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina

ressalta o Primeiro de Maio na dimensão do luto e do martírio , “o calvário dos modernos Cristos” (...)³⁰²

Festejar ou prantear o Primeiro de Maio? Comemorar com “*música, foguetes e foguetões*” como faziam os circulistas ou “...*guardar e respeitar o dia de hoje como o mais lutuoso de quantos existam nas páginas de sua história, referente à conquista das suas reivindicações!*”³⁰³? Não havia consenso entre os trabalhadores cearenses e nem mesmo entre os trabalhadores de outras regiões ou países, a respeito de como as manifestações no Primeiro de Maio deveriam ocorrer. Essas dissensões tiveram início na origem da constituição do Primeiro de Maio, quando em 1891, o Congresso da Internacional em Bruxelas, aprovou algumas resoluções que:

(...) além de ampliar o conteúdo programático da manifestação, a resolução continha outra inovação. Falava de “comemorar” o Primeiro de Maio. O movimento passara a reconhecê-lo oficialmente não só como uma atividade política, mas como uma festa.³⁰⁴

A determinação da Internacional recebeu forte oposição dos anarquistas que concebiam o Primeiro de Maio como um dia de luta e de luto. Eric Hobsbawm indagando como teria se formado a “*idéia de um feriado de classe, ao mesmo tempo de luta e diversão(...)*”³⁰⁵ segue especulando suas raízes, esquadrinhando os tradicionais rituais do ano, associados aos ciclos da natureza, realizados no hemisfério norte, para compreender a idéia de *festa* num ritual da classe trabalhadora, que invocava e convocava à luta de classes.

Ainda que a pesquisa de Hobsbawm sobre o nascimento do Primeiro de Maio seja instigante, essa discussão não será aqui aprofundada, senão nos aspectos em que interessa especificamente a temática. Contudo, explicito a sua pertinência, pois, a necessidade de elucidar algumas questões suscitadas pela crítica feita pelos jornais cearenses de influência anarquista aos Círculos Operários, instigou-me a trazer à superfície as origens dessas divergências de

³⁰² Idem, p. 330.

³⁰³ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 10, 01/05/1921. IN: PEREIRA, Adelaide Maria Gonçalves. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos de 1920**. Florianópolis, 2001, Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina

³⁰⁴ HOBBSAWM, Eric. *Pessoas Extraordinárias. Resistência, rebelião e jazz*. Trad. Irene Hirsch Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

concepção. Acredito que, as razões que motivaram os circulistas a comemorarem o Primeiro de Maio como festa cívico-religiosa têm raízes nas tradições culturais marcadas pela presença de rituais de forte conteúdo religioso. Adoto, nessa perspectiva, o conselho de Catroga ao indicar que não se deve reduzir o entendimento dessa manifestação “aos parâmetros exclusivos da história política ou da história social.”³⁰⁶

A afirmativa de Hobsbawm sobre “...a pouca influência do modelo religioso, mesmo nos países em que as massas eram profundamente religiosas e impregnadas dos modos de ser das igrejas”³⁰⁷ é contrariada nos rituais promovidos pelos trabalhadores circulistas cearenses nas comemorações do Primeiro de Maio. Suas “generalizações” são também contestadas pelos operários portugueses que transformaram as comemorações do Primeiro de Maio em “acontecimento-espetáculo”, influenciado pelos rituais religiosos, durante o período de 1894 e 1897. Ainda segundo Catroga, o Primeiro de Maio assumiu o caráter de luto e festa, razão pela qual sofreria críticas especialmente por parte dos anarquistas e sociais-democratas.³⁰⁸

Para Catroga, enquanto os radicais defendiam uma manifestação de cunho revolucionário, os reformistas procuravam celebrá-la com ênfase no cunho festivo/funerário considerando que esta forma “seria mais adequada à socialização de apelos emancipadores, sobretudo numa sociedade povoada de analfabetos há muitos habituados ao espetáculo público de inspiração religiosa ou cívica”.³⁰⁹ Pode-se aferir que a posição dos reformistas partia da elaboração de uma tática que tinha por fim aglutinar o maior número possível de trabalhadores, trazendo para o interior do ritual as tradições culturais como forma de mediação do novo rito operário.

O Primeiro de Maio como rito operário tomou a dimensão universal das grandes festas religiosas. Se sua criação intimidava por pretender ser um acontecimento simultâneo em nível internacional, a escolha da data é bastante controvertida. Após enveredar pelos possíveis caminhos que levam ao

³⁰⁵ Idem, p. 177.

³⁰⁶ CATROGA, Fernando. **O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756 – 1911)**. Coimbra: Livraria Minerva, 1999, p.212

³⁰⁷ HOBBSAWM, Eric. *Pessoas Extraordinárias. Resistência, rebelião e jazz*. Trad. Irene Hirsch Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

³⁰⁸ CATROGA, Fernando. **O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756 – 1911)**. Coimbra: Livraria Minerva, 1999.

entendimento das origens do Primeiro de Maio, passando em revista a contribuição dos anarquistas, dos americanos e dos guesdistas, Michelle Perrot afirma que sua escolha “...é mais enigmática e desde então tem sido intrigante. Não corresponde inicialmente a nenhuma comemoração definida. Poder-se-ia ver aí uma vontade de ruptura, uma Hégira inaugurando uma nova era”.³¹⁰

Mesmo negando o conteúdo classista com o qual revestia-se o Primeiro de Maio, os circulistas não podiam ignorar o significado e a magnitude que a data representava para os trabalhadores. Não havia outra alternativa senão incorporá-la ao calendário circulista. Contudo, era necessário despojá-la de seu caráter “materialista” conferindo-lhe um novo sentido.

Consagrar o trabalho e exaltar as virtudes do trabalhador, do operário que aceita a sua condição social sem sublevar a ordem no mundo do trabalho era a razão principal das comemorações circulistas no Primeiro de Maio. Para tanto, construíram uma forte articulação com o poder oficial, simbolizando a colaboração do movimento na promoção de relações harmônicas entre capital e trabalho. Em 1951, a Delegacia Regional do Trabalho incumbiu-se de organizar os festejos oficiais no Dia do Trabalho. A Federação dos Círculos Operários participa dos eventos junto com autoridades civis, militares e eclesiásticas. Outras organizações, como o SESI, a Federação do Comércio do Estado do Ceará, a Federação Cearense de Desportos são colaboradoras na programação.

Entretanto, apesar de participarem dos festejos oficiais, os Círculos Operários da capital realizavam uma manifestação independente na Praça Cristo Redentor. Ao que tudo indica seguiam as orientações da hierarquia do movimento circulista, ou seja, da Federação dos Círculos Operários. Participavam dos eventos programados pelas organizações governamentais, para afirmar o compromisso cívico de respeito à legalidade, à ordem social, mas preparavam uma festa específica, evocando nos ritos religiosos, proteção e graças.

³⁰⁹ Idem, *ibidem*.

³¹⁰ PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, pp. 127-164.

A *Fortaleza* noticia, no dia 05 de maio de 1951 uma *Manifestação Cívica dos Círculos Operários*, que teria acontecido de forma *independente*, ou seja, paralela a que fora organizada pela Delegacia Regional do Trabalho. E mesmo para essa independente manifestação, o jornal enfatiza a presença das *altas autoridades* e que apenas um operário - Francisco das Chagas - do Círculo Operário de Monte Castelo, usou a palavra. O discurso do operário recebeu saudações de louvor, visto que sua “... *oração despertou o entusiasmo entre os presentes, pela veemência com que defendeu os princípios sociais cristãos frente ao comunismo*”³¹¹

Nos atos comemorativos ao Dia do Trabalho o ataque ao comunismo recebia maior ênfase, pois os circulistas entendiam ser esse um momento especial de confronto entre os propósitos defendidos pelo cristianismo e aqueles preconizados pelo comunismo. Um artigo do circulista Joaquim Nogueira Dantas, membro do Círculo Operário de Piedade (Fortaleza), versando sobre “*Cristianismo, Socialismo e Circulismo*”, comenta aspectos dessas doutrinas, apontando o circulismo como instrumento do cristianismo para a salvação dos homens. Ressaltava que o socialismo pregava a subversão e empunhava a bandeira da luta de classes, sendo portanto inconciliável com o programa circulista. Observava ainda que, a exemplo de Jesus Cristo que escolheu os seus discípulos entre “*gentinhas do povo*”, assim também são escolhidos os circulistas, cuja missão também está em consonância com a dos apóstolos:

“(...) assim o circulismo no Brasil, escolhido também de “*gentinha do povo*” para reformar os costumes atuais de um povo sem moral, sem honestidade e sem fé, mostrando com o seu exemplo de homens tementes a Deus, livres nas suas consciências e convictos de que desse modo, estarão contribuindo para o seu bem estar, o da família, dos seus consócios e para a grandeza do Brasil”³¹²

A visão salvacionista veiculada pelos circulistas, estava relacionada aos valores morais sustentados pelos setores mais conservadores da sociedade. Reconheciam-se como exemplos aqueles que fugiam aos bons costumes e também como portadores da força restituidora desses mesmos

³¹¹ **A Fortaleza**, ano I, nº 32, 05/05/1951.

costumes. Os Círculos Operários do interior do Estado também celebravam o Primeiro de Maio, seguindo pelo menos nos discursos, a mesma tônica em relação ao embate com o comunismo e a apresentação do circulismo como projeto que luta para promover a relações entre capital e trabalho, destituída de conflitos sociais. O Círculo Operário do Crato, através do secretário da entidade, Euclides F. de Lima, envia nota ao jornal, enaltecendo as festividades do Primeiro de Maio promovidas pelos circulistas, acrescentando que:

Os círculos operários harmonizam os seus associados, dando-lhes verdadeiro conhecimento para a solução dos problemas que se relacionam com as questões do capital e o trabalho, sem que seja necessário provocar greves, agressões e humilhações.³¹³

No discurso do circulista, a greve aparece como recurso contraproducente, já que o fim almejado é a harmonia entre patrões e operários. De maneira geral, a greve era encarada como um instrumento que provocava enormes prejuízos: “*sofrimento para os grevistas, atropelos para o povo e depredações de equipamentos e propriedades públicas*”³¹⁴. Embora cientes da gravidade da questão social, dos conflitos entre capital e trabalho advertiam que a radicalização não era viável porque desestabilizava a ordem social. Propunham as negociações e conciliações como alternativa nos momentos de conflitos.

Para exemplificar como ocorriam essas negociações, abordo uma das ocasiões em que a Federação dos Círculos Operários foi convidada a mediar os conflitos entre operários e empregadores da Empresa de Tecidos de Maranguape, que havia demitido e recusado o pagamento de indenização às operárias Maria de Lourdes Paulina de Lima, Maria Nunes de Moura e Teresinha Rufino de Sousa. Foi organizada uma mesa redonda na sede do Círculo Operário, onde os trabalhadores aproveitaram o momento para denunciar as condições de trabalho.

De acordo com os operários, a Empresa de Tecidos Maranguape exigia uma cota de produção, mas, as máquinas constantemente falhavam,

³¹² Idem, p. 3.

³¹³ **A Fortaleza**, ano I, nº 34, 19/05/1951.

³¹⁴ **A Fortaleza**, ano XII, nº 543, 21/07/1963.

impossibilitando-os de produzir o que era imposto; faltava ventilação e havia um único banheiro para atender 50 homens e outro para 100 mulheres; denunciaram ainda que os vestiários não tinham portas e que a água para beber era “... retirada de um tanque em quartinhas e as vezes falta”³¹⁵. Por fim o jornal transcreve uma das falas das operárias presentes à sessão, que sintetiza a situação em que viviam os operários da fábrica em poucas palavras, afirmando em tom de lamento que “somos mais subjugados que os negros cativos”³¹⁶

No final da sessão com os operários, o Assistente Eclesiástico da Federação dos Círculos Operários, padre Arimatéia Diniz propõe uma conversa com os patrões para buscar uma saída “harmoniosa” para as questões que foram denunciadas. A busca do entendimento pacífico entre as partes era sempre a alternativa apresentada pelos circulistas, especialmente por aqueles que integravam a cúpula do movimento.

No ano de 1952, os atos circulistas em comemoração ao Primeiro de Maio foram realizados de maneira simples, sem grande pompa, tanto pelas unidades da capital, quanto pelos Círculos do interior. Um evento significativo para os circulistas neste dia foi a entrega de diplomas da Primeira Turma de líderes sindicais, no Teatro José de Alencar. O curso havia sido instalado em fevereiro de 1951 e era mantido pela Comissão do Fundo Sindical. As aulas eram ministradas por Ubirajara Índio do Ceará, Mozart Soriano Aderaldo e Lauro Maciel, como já referido anteriormente.

No ano seguinte as organizações circulistas não receberam convite para participarem dos festejos oficiais realizados pela Delegacia Regional do Trabalho. Ressentida com o fato, a Federação dos Círculos Operários promoveu uma grande concentração no teatro José de Alencar, onde, além dos discursos houve a apresentação de números artísticos e o espírito circulista foi enaltecido com o cântico do hino dos trabalhadores brasileiros e o hino nacional. Em resposta à Delegacia Regional do Trabalho pelo fato de não haver sido convidada a participar da solenidade oficial a Federação afirma que:

³¹⁵ **A Fortaleza**, ano IV, nº 187, 24/07/1954.

³¹⁶ Idem.

Embora as autoridades trabalhistas finjam desconhecer a existência dos Círculos Operários do Ceará, que congrega quarenta e cinco mil trabalhadores, os circulistas cearenses levarão a efeito a sua grande festa de exaltação à dignidade do trabalho.³¹⁷

Ainda que os Círculos Operários fossem entidades colaboradoras dos órgãos governamentais e dos patrões, foram excluídos das manifestações oficiais em 1953. A situação não é facilmente compreensível tendo em vista que, nestas ocasiões e em outras similares, essas entidades referendaram as políticas patronais e governamentais, restando o acirramento da luta de classes. Então por que isso aconteceu? A partir do depoimento verificamos que os órgãos oficiais incumbidos da responsabilidade de organizar os festejos alusivos ao Primeiro de Maio desdenharam a participação circulista nos eventos.

É possível que, em razão dos Círculos Operários ocuparem a posição de mantenedores da ordem social, atuando como amortecedores dos conflitos, apaziguando as relações entre as classes, não despertou qualquer preocupação do governo, tampouco dos empresários no que diz respeito à necessidade de cooptá-los.

Os Círculos Operários buscavam se afirmar como organizações civis que atuavam em defesa dos direitos dos trabalhadores. No entanto, a forte ligação com a hierarquia eclesiástica, se por um lado fortalecia o movimento com o apoio recebido pela Igreja Católica, por outro lhe dava o caráter de cunho apenas religioso, a serviço das paróquias. Essa situação desfavorecia os Círculos Operários, fazendo-os perder crédito junto aos trabalhadores, na perspectiva de instrumentos de defesa de seus interesses. Uma manifestação do episcopado cearense sobre a obra dos Círculos Operários como colaboradores das Paróquias, é um demonstrativo dessa situação em sua Cruzada anticomunista:

Os círculos operários – preservando grande números de famílias, expostas ao perigo de serem envolvidas nas malhas comunistas - prestam ótimo e providencial serviço às nossas paróquias. Sejam eles objeto de particular atenção de nossos vigários, a fim de que os circulistas

³¹⁷ **A Fortaleza**, ano III, nº 127, 01/05/1953.

conservem o espírito de acatamento à Igreja e de defesa contra a funesta ideologia. Procure-se fundar o Círculo onde não exista e animá-lo onde já existe.³¹⁸

Como se verifica, para alguns membros do clero os Círculos são recomendados pela importância do trabalho de “catequese” que fazem junto às famílias. A atuação circulista junto às classes trabalhadoras não é citada no documento do episcopado cearense. Observa-se ainda que as dioceses estimulavam que a criação desses órgãos ou o seu fortalecimento estivessem a cargo dos párocos e não dos trabalhadores. Essa situação coloca o movimento circulista sob tutela da Igreja Católica na doutrinação dos trabalhadores.

A ênfase na ação doutrinária dos Círculos Operários é ainda mais expressa por ocasião do Tríduo Preparatório para o Dia do Trabalho organizado pela Federação dos Círculos Operários no período de 28 a 30 de abril de 1954. Durante o tríduo, foram realizadas três mesas redondas, e o convidado especial foi o Dr. João Gonçalves de Sousa, oficial de Gabinete do Ministro da Agricultura. No primeiro dia, foram postos em debate *os problemas do sindicalismo (sindicato único/pluralidade), salário mínimo, greves (justificativas e limitações)*; no segundo dia, discutiu-se os *fundamentos doutrinários dos Círculos Operários (dignificação do trabalho, liberalismo e totalitarismo nas relações entre capital e trabalho)*; no último encontro, o tema escolhido foi o *Operário Cristão e o problema político – a descoberta e a formação de líderes*.³¹⁹

Todos os debates foram realizados na sede do Círculo Operário de Fortaleza. Para alcançar um maior número de assistentes, as palestras foram transmitidas pela Ceará Rádio Clube. No Primeiro de Maio, organizou-se uma grande concentração circulista na Praça da Sé, em frente ao Palácio Arquiepiscopal. Missa e discursos foram o conteúdo do evento, que se configurou como um ato cívico-religioso. A presença de autoridades civis e religiosas agradava bastante as lideranças circulistas. A presença de uma autoridade vinculada ao governo federal conferia um certo status ao evento e simbolizava o prestígio das organizações nas esferas do poder. *A Fortaleza*

³¹⁸ **A Fortaleza**, ano III, nº 132, 07/06/1953. Nota do Episcopado Cearense.

³¹⁹ **A Fortaleza**, ano IV, nº 174, 25/04/1954.

destaca as mensagens do Prefeito Paulo Cabral, do governador Raul Barbosa e de D. Antônio de Almeida Lustosa, endereçadas aos trabalhadores cearenses, na qual ressaltam a dignidade do trabalho e a “*necessidade do trabalhador se afastar das falsas doutrinas e defender as tradições cristãs e as instituições democráticas*”³²⁰

O Primeiro de Maio circulista foi paulatinamente assumindo a feição de um ato religioso, consagrado à dignificação do trabalho. Porém, quando o Papa Pio XII institui a data como *Festa Litúrgica de São José(Padroeiro Universal da classe obreira)*³²¹, os circulistas aderem com mais vigor a sua organização, uma vez que a maior autoridade episcopal a havia instituído. Na verdade, antes mesmo que o Dia do Trabalho fosse reconhecido pela Igreja Católica como momento de glorificação a São José, os trabalhadores cearenses já realizavam a festa, rendendo homenagens ao santo operário. Dessa forma, a determinação papal veio apenas corroborar o que os circulistas cearenses já haviam proclamado: a transformação litúrgica do Primeiro de Maio em oposição ao seu caráter revolucionário e de apelo à luta de classes.

O ato assumiu uma dimensão simbólica transcendente. Os circulistas cearenses comemoravam-no como o *dia do santo operário*. Para trabalhadores portugueses a data representava o “*dia santo dos operários*”.³²² O paralelo confirma a assertiva de que apesar do caráter universal desse rito operário, em diferentes regiões, o Primeiro de Maio não se revestiu do conteúdo revolucionário tão ensejado pelos militantes mais radicais do movimento, nem tampouco estava imune às tradições culturais de inspiração religiosa conforme defende o historiador Eric Hobsbawm.

Os circulistas buscavam despojar o Primeiro de Maio de seu sentido materialista e pagão para transformá-lo num dia santificado. Justificando a atitude do Papa Pio XII em sacralizar o Primeiro de Maio, D. Antônio de Almeida Lustosa, arcebispo de Fortaleza, assim se reporta:

³²⁰ **A Fortaleza**, ano IV, nº 175, 01/05/1954.

³²¹ **A Fortaleza**, ano VI, nº 273, 21/04/1956, divulga que atendendo as determinações do Santo Padre no 1º de maio as comemorações serão em homenagem a São José. O jornal não cita a data em que o Papa Pio XII decretou o ato, mas os circulistas cearenses celebrarão o Dia do Trabalho em honra de São José, o santo operário.

³²² CATROGA, Fernando. **O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756 – 1911)**. Coimbra: Livraria Minerva, 1999, p.235.

E o carpinteiro que teve como aprendiz, Jesus adolescente – o filho de Deus – avulta para cristianizar a oficina, o trabalhador humilde, os instrumentos que industrializam a matéria, as canseiras do artesão, a família que luta no grangeio da subsistência, a felicidade da vida honesta e simples do lar operário.³²³

Na disputa política pelos símbolos da classe, a Igreja se curva à universalização da data. Contudo, quer desvesti-la do sentido luto/luta. Apela ainda para o conteúdo internacionalista ao apresentar São José como o padroeiro universal dos operários.

Além de Patrono dos Círculos Operários, São José é agora glorificado, e simboliza a nobilitação do trabalho. Convertendo a fadiga em felicidade, o “santo operário” é exemplo e mediador na aproximação entre criatura e criador. A grandiosidade da celebração deste Primeiro de Maio – Festa de São José Operário, expressou-se na *Parada da Enxada* organizada pelo Círculo Operário de Itapipoca. Dela participaram centenas de trabalhadores e trabalhadoras.

Com enxada em punho, crianças, jovens, homens e mulheres desfilaram pelas ruas do município, onde, durante o ritual ocorreu a benção das enxadas. Abençoar as ferramentas de trabalho adquire uma dupla dimensão simbólica: por um lado significava a exaltação ao trabalho, pois “ *Tudo o que o trabalhador realiza está impregnado da dignidade da pessoa humana ... e modelados no exemplo do divino Operário, ganham as alturas de uma grandeza sobrenatural e divina*” e por outro, a benção simbolizava a redenção da fadiga que elas representavam.³²⁴

O desfile com enxadas fazia parte de um ritual já instituído pelo Círculo Operário de Capistrano de Abreu. Embora não tenha conhecimento das origens da *Festa da Enxada* que ocorria em Capistrano de Abreu (CE), encontramos n’*A Fortaleza*, que o evento era de grande magnitude. À frente do desfile, a Bandeira Nacional e a Bandeira Circulista simbolizavam a mobilização dos trabalhadores na construção do “*Brasil operário e cristão*”, objetivo que constava no Hino dos Trabalhadores Brasileiros, sempre entoado em todos os eventos.³²⁵ Não encontrei registros anteriores a 1956 da realização da *Parada da Enxada* em Itapipoca, o que nos permite supor que a

³²³ **A Fortaleza**, ano VI, nº 274, 01/05/1956.

³²⁴ **A Fortaleza**, ano XI, Nº 491, 13/05/1962.

mesma tenha sido organizada inicialmente neste mesmo ano. Conduzir com orgulho seus instrumentos de trabalho e requerer sobre eles as bênçãos da Igreja traduzia o respeito aos valores que dignificavam o trabalho e a reverência ao operário de Nazaré.

Em todo Ceará, os Círculos Operários comemoraram o Primeiro de Maio reafirmando a devoção ao Padroeiro Universal dos Trabalhadores. A Federação dos Círculos Operários organiza um tríduo preparatório, e desta feita, com objetivo exclusivo de conferir um sentido nitidamente cristão ao Dia do Trabalho.

Como o Primeiro de Maio fora estatuído pelos socialistas, comunistas e anarquistas, a Igreja Católica ensejava alterar-lhe o sentido, considerando que os princípios defendidos por essas correntes eram incompatíveis com a doutrina católica. De acordo com o artigo publicado n' *A Fortaleza*:

(...) a Igreja, pela inteligência do atual Pontífice, acabou por dignificar a Festa Universal do Trabalho, dando-lhe um Patrono celestial: São José operário. Muitos círculos eram da opinião que o Catolicismo deveria fixar uma data própria para a aludida comemoração, de preferência o dezanove de Março, consagrado ao esposo da Virgem Santíssima, cuja humilde condição de carpinteiro em Nazaré nenhum cristão ignora, ou o quinze de maio, aniversário da divulgação das notáveis Encíclicas "*Rerum Novarum*" e "*Quadragesimo Anno*", a primeira considerada a "*carta magna do Trabalho*" e a segunda seu complemento.³²⁶

Veja-se que já vinha sendo gestada, dentro das organizações que recebiam orientação católica, uma proposta para uma alteração sensível dos rituais em comemoração ao Primeiro de Maio. A idéia de uma data própria não logrou êxito pois, cientes de que as classes trabalhadoras universalizaram a data, e que em alguns países o Primeiro de Maio foi integrado "*...como peça central na vida da classe operária e da identidade dos trabalhadores...*"³²⁷ era mais profícuo tentar mudar-lhe o caráter, mas mantendo o reconhecimento da instituição da data. Para justificar tal atitude o artigo exalta o espírito magnânimo do Papa ponderando que:

³²⁵ **A Fortaleza**, ano I, nº 13, 24/12/1950.

³²⁶ **A Fortaleza**, ano VII, nº 356, 01/05/1958.

³²⁷ HOBBSAWM, Eric. *Pessoas Extraordinárias. Resistência, rebelião e jazz*. Trad. Irene Hirsch Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

O Papa Pio XII não quis, entretanto, criar cisões na grande família trabalhista de todo o mundo, (...) em sua sabedoria inspirada do Alto, o atual soberano pontífice julgou mais acertado dignificar o Primeiro de Maio instituindo a Festa de São José Operário.³²⁸

O que ocorre no Ceará é, pois, algo que além de controverso - como em outros locais - guarda uma certa singularidade. Como dito anteriormente, nesse Estado, uma parcela significativa dos trabalhadores, pelo menos aqueles associados às organizações circulistas, conferiram um caráter religioso aos rituais referentes ao Primeiro de Maio. Em 1958, a Federação dos Círculos Operários ao divulgar a programação do Dia do Trabalho tenciona:

(...) dar um sentido coletivista e cristão às homenagens que na data de hoje são dedicadas aos obreiros do mundo, num trabalho de alto alcance social que é justamente impedir que tais comemorações se revistam de cunho meramente político, de propaganda subversiva às ideologias que procuram levar a confusão no seio da massa trabalhadora.³²⁹

Como ocorrera nos anos anteriores, a missa em ação de graças constava na abertura dos festejos. A passeata rumo à Praça Cristo Redentor constituía uma outra parte significativa do evento. Mas, o ponto alto das comemorações do Primeiro de Maio circulista em Fortaleza, no ano de 1958, foi a aposição de uma placa de mármore na Coluna do Cristo Redentor com os nomes dos três mestres operários, que dirigiram os trabalhos de construção do monumento, no ano de 1922. A idéia de homenagear Antônio Machado, Domingos dos Reis e Severino Moura (Chuva Branca), partiu do padre Guilherme Waessen na ocasião em que se comemorava o 43º aniversário do Círculo Operário de Fortaleza, em fevereiro de 1958. Ficou acertado que, pelo seu significado para os trabalhadores, a data para a realização da homenagem seria o dia Primeiro de Maio.

A placa com os nomes dos operários circulistas tinha um forte apelo simbólico. Não era apenas uma homenagem aos três operários, mas uma

³²⁸ **A Fortaleza**, ano VII, nº 356, 01/05/1958.

³²⁸ **A Fortaleza**, ano VII, nº 356, 01/05/1958.

³²⁹ **A Fortaleza**, ano VII, nº 356, 01/05/1958.

afirmação e exaltação das habilidades dos trabalhadores que, embora não houvessem freqüentado escolas ou universidades, não estavam aquém dos técnicos ou dos engenheiros. A compreensão da necessidade e da vontade de demonstrar para os trabalhadores e de maneira geral, para a opinião pública, que os operários eram dignos de respeito e admiração, está expressa em um artigo, escrito logo após a aprovação da proposta:

A Coluna do Cristo Redentor, (...) foi construída há três décadas, por mãos de modestos operários, sem engenheiros ou arquitetos, mas tão somente por operários então filiados ao C.O de Fortaleza, orientados por três mestres de obra, no caso dos trabalhadores, Domingos dos Reis, Antônio Machado e Chuva Branca. Depois de inaugurada surgiram rumores que a coluna iria ruir, em virtude de não ter sido feita de acordo com os preceitos da Engenharia. A verdade é que a obra continua erecta e altaneira a desafiar o tempo e os rumores de quem não acredita na capacidade profissional dos trabalhadores do Ceará.³³⁰

Durante todo o mês de maio o jornal *A Fortaleza* divulga relatórios e boletins sobre as comemorações do Primeiro de Maio nos diversos Círculos Operários do interior do Estado. O semanário circulista noticiou circunstanciadamente as festividades organizadas pelo Círculo Operário de Santana do Acaraú (CE) para este dia. Nesse município, os circulistas iniciaram as preparações na última semana de abril, realizando cinco reuniões, que objetivavam ampliar a participação dos trabalhadores, entusiasmando os participantes e contagiando todos para a grande festa.

As reuniões começavam com a chegada dos tambores anunciando a presença da bandeira circulista. O assistente eclesiástico recitava junto com o povo o terço e a oração de São José, composta por Pio XII. Parte importante da reunião eram os ensaios de cânticos para a santa missa do dia da festa e de vivas para o desfile e a concentração. O resultado dessas reuniões foi tão significativo que a “...cada dia era maior a freqüência e crescente o entusiasmo popular”.³³¹ No dia 30 de abril, na abertura do novenário mariano, os circulistas conduziram a imagem da Virgem de Fátima para o Alto da

³³⁰ **A Fortaleza**, ano VII, nº 349, 22/02/1958.

³³¹ **A Fortaleza**, ano VII, nº 360, 31/05/1958.

Liberdade, entoando cânticos, presenciando-se neste momento, *“fervorosa concentração cívico-religiosa”*.

Para os circulistas de Santana do Acaraú, o Primeiro de Maio de 1958 seria uma data inesquecível, dada a grandeza da programação para este dia. Já nas primeiras horas do dia, a amplificadora paroquial fez uma alvorada despertando as pessoas e convidando-as a se prepararem para as atividades festivas e religiosas. A liturgia foi planejada para incluir a participação dos trabalhadores, que *“...nas várias partes da missa cantaram hinos apropriados”*³³² Dedicada especialmente aos trabalhadores, a celebração foi encerrada com a leitura do ato de consagração ao *Sagrado Coração de Jesus, à Nossa Senhora Medianeira e a São José*, protetores dos circulistas. A oração de São José foi recitada por todos, pois era um ato especial de homenagem ao santo operário.

Após a celebração, os circulistas se prepararam para o distinto momento programado pela organização. Não somente os circulistas, mas também as demais pessoas que se deslocaram para ver o evento, esperavam ansiosas pelo *“ empolgante desfile simbólico pelas principais ruas da cidade”*. A narrativa do desfile, feita pelo jornal é demasiado extensa, porém de grande valor para a compreensão da dimensão simbólica do evento.

Para adornar o percurso e recepcionar os circulistas que portavam os distintivos, emblemas, cartazes e bandeiras, foram organizadas duas filas formadas por crianças, moças, rapazes, senhoras e senhores, *“componentes da família operária”*. Todos traziam bandeiras brancas, onde estavam inscritos *“dizeres sugestivos”*. Prontos para o desfile que tinha à frente um cartaz homenageando São José – patrono dos trabalhadores, os circulistas adentraram com:

(...)Tambores anunciando a passagem da bandeira nacional, em seguida um cartaz informava: “ O Círculo Operário luta pela educação do operário e de sua família. Dá teu nome para Circulista”. A bandeira do Círculo caminhava representando a marcha vitoriosa do circulismo. A frase magistral de Pio XII era conduzida em cartaz: *“A Igreja sem a classe operária não é a Igreja de Jesus Cristo”*.

³³² **A Fortaleza**, ano VII, nº 360, 31/05/1958

Tambores precediam a bandeira da Santa Sé, símbolo das gloriosas lutas do papado em favor da redenção operária.³³³

A condução das bandeiras nacional, circulista e da Santa Sé, à frente do desfile, exteriorizava simbolicamente os valores que os circulistas abraçavam: servir a pátria, lutando pela manutenção da ordem social, mas, reivindicando um lugar para os trabalhadores e operários, como construtores de sua grandeza; defender e divulgar os objetivos do Círculo Operário, uma vez que a organização era um meio de garantir direitos sociais, proporcionando educação para o circulista e sua família; agir em conformidade com os princípios da Igreja, concebendo-a como a instituição protetora dos operários e, portanto, merecedora das homenagens que lhes prestavam num dia tão significativo para os trabalhadores. A apologia ao trabalho e a demonstração da altivez dos trabalhadores e operários foi apresentada por um outro grupo de circulistas que:

(...) conduziam instrumentos de trabalho fazendo guarda de honra ao retrato de São José, alvo das significativas homenagens daquele dia. O desfile terminava com a representação da nobreza do trabalho cristão. Operários conduziam uma grande cruz de madeira trazendo ao centro os dizeres: “operário cristão: *Sê honesto! Sê forte! Jesus Cristo foi operário também!*”.³³⁴

Assim é que os circulistas do interior cearense festejaram o Primeiro de Maio de 1958. Esse foi um ano de estiagem, impondo sofrimento aos trabalhadores do campo e da cidade. Os agricultores pouco fizeram uso das ferramentas de trabalho no cultivo da terra. Quando muito, as utilizaram nas frentes de serviço emergenciais oferecidas pelo governo para minimizar a fome. A seca afetava a todos os trabalhadores, seja pela impossibilidade de realizar o plantio, seja pela aumento substancial dos preços. Recorrer a São José, operário, render-lhe homenagens, suplicar o “milagre da chuva”, não era pura e simplesmente uma manifestação específica da data consagrada ao trabalhador, mas uma constante atitude, repetida com vigor a cada ano, e que no Primeiro de Maio, revestiu-se de um sentido mais amplo.

³³³ **A Fortaleza**, ano VII, nº 360, 31/05/1958.

³³⁴ Idem.

Não apelavam somente para o santo protetor da família, para o esposo da Virgem, mas, para o trabalhador, o operário santo e homem. Rogavam não pela remissão dos pecados, mas para se libertarem dos infortúnios gerados pela falta de trabalho e de pão. Exortados pelo sacrifício de Jesus crucificado, ostentavam os instrumentos de trabalho, confiantes que o santo operário lhes daria fortaleza para resistir as vicissitudes da vida e mantê-los inabaláveis em sua fé, honrados pelo trabalho, respeitados pelos preceitos que defendiam.

Apesar d'A *Fortaleza* divulgar apenas os eventos organizados pelos Círculos Operários nas comemorações do Primeiro de Maio, é importante ressaltar, que muitos circulistas também estavam vinculados a entidades sindicais, e isso leva a considerar a possibilidade de que esses trabalhadores participassem paralelamente tanto das atividades cívico-religiosas promovidas pelos Círculos, quanto da programação de cunho classista realizada pelos sindicatos.

Manter-se a distância da programação comunista para o Primeiro de Maio era a ordem estabelecida pela hierarquia circulista. Apesar da expressa proibição, alguns membros do movimento cogitaram a possibilidade de participar dos eventos promovidos pelos comunistas em 1960. O convite foi levado à Federação dos Círculos Operários pelo circulista Raimundo Medeiros Sobrinho, sócio do Círculo Operário de Montese (Fortaleza). Os organizadores da concentração de operários e estudantes comunistas a ser realizada na Praça Clóvis Beviláqua, convidavam a Federação a enviar um representante do movimento circulista para discursar na solenidade. Raimundo Medeiros chegou mesmo a sugerir o nome de Manuel Cavalcante, interventor do Círculo Operário de Arraial Moura Brasil, para representar os trabalhadores circulistas no evento. A decisão foi adiada para a reunião seguinte. Na semana imediatamente anterior ao Primeiro de Maio, a Federação divulgou a programação circulista para a data, e nesta não constava qualquer participação circulista em atos públicos promovidos pelos conhecidos "agitadores do povo".

A aproximação entre trabalhadores circulistas e comunistas era considerada impensável. Os caminhos apontados pelos comunistas às classes trabalhadoras com vistas à sua emancipação em muito diferiam do projeto apresentado pelos Círculos Operários. Deste modo não foi possível coadunar,

mesmo em momentos singulares como no Primeiro de Maio, os ritos circulistas aos de qualquer outra corrente de matriz socialista ou comunista.

É notório que o dia do trabalho enquanto rito das classes obreiras foi disputado por grupos de diferentes correntes ideológicas, sendo que, cada uma destas tentava imprimir-lhe a feição que melhor expressasse seu projeto político. O rito operário, cujas origens se encontram numa sociedade industrial, era portador de um conteúdo ideológico vinculado às lutas do operariado fabril nos grandes centros urbanos. Esse rito, ao ser incorporado pelos trabalhadores circulistas cearenses, especialmente os agricultores, com pouca ou nenhuma experiência em organizações classistas, porém habituados as cerimônias de cunho religioso e cívico, encontrou um forte obstáculo à orientação revolucionária.

Esse fato pode ser explicado tanto em virtude da cultura dos trabalhadores do campo encontrar-se fortemente enraizada nas tradições dos cultos e ritos católicos, quanto em face da orientação político teológica do projeto circulista para esses trabalhadores. Destarte, enquanto as correntes de esquerda no movimento operário criticavam acidamente a posição conciliatória dos circulistas e refutavam os seus festejos relacionados ao dia do trabalho, por assemelharem-se às liturgias religiosas, a hierarquia do movimento fortalecia o seu conteúdo religioso e buscava nos elementos da tradição católica, afirmá-lo como manifestação de fé.

Quarta Parte – A Imprensa circulista como centro irradiador.

*O nome é o homônimo da Capital e também uma das grandes virtudes. Assim, Fortaleza material e moral! Conjugadas simbolicamente na epígrafe de um periódico a serviço da classe operária.*³³⁵

Nesta parte, analiso o jornal *A Fortaleza*, órgão da Federação dos Círculos Operários do Ceará, que, dentre as fontes empíricas que compõe o *corpus documental* desta pesquisa, assumiu importância fundamental no acompanhamento dos percursos diversos trilhados pelos circulistas cearenses e mesmo dos grandes marcos que assinalaram a trajetória do circulismo em âmbito nacional. Neste estudo focalizo *A Fortaleza* como fonte e objeto do conhecimento na medida em que investigo caminhos percorridos pelos Círculos Operários no Ceará, divulgado no semanário e, sua ação político-pedagógico enquanto veiculador de uma projeto doutrinário destinado a formação dos trabalhadores, segundo os princípios e a doutrina social da Igreja Católica.

Quando localizei e iniciei a investigação histórica d'*A Fortaleza*, dentre as indagações feitas, uma apresentava a necessidade imperiosa de situar o semanário circulista. Imprensa operária? Imprensa burguesa? Imprensa católica? Pode parecer implausível que tenha se estabelecido uma dúvida dessa natureza, uma vez que o jornal se apresentava como um órgão “à *serviço da classe operária*”.

Ocorre que, refletindo sobre características específicas da imprensa dos trabalhadores, tomando como referência alguns paradigmas formulados por Sílvia Araújo³³⁶, tratando da imprensa sindical, deparei-me com a exigência de uma apreciação mais profunda que atentasse para aspectos pouco aparentes dos projetos que expressam. Embora *A Fortaleza* se apresentasse como imprensa operária, fez-se propagadora de maneira bastante intensiva da doutrina católica, no tocante às suas diretrizes para instituir a paz social no mundo do trabalho, fato que poderia associá-la à imprensa católica, e como

³³⁵ *A Fortaleza*, ano I, nº 01, 02/09/1950.

³³⁶ ARAÚJO, Sílvia M. P. de. **Quando ler jornais é mais que informação – exercício de pesquisa: a constituição do objeto nas páginas sindicais**. Curitiba:PET/Curso de Ciências Sociais/UFPR, 1997.

veiculadora dos projetos governamentais, com ênfase no combate ao comunismo e na defesa da ordem e disciplina social. Esses matizes estabeleceram um diferencial entre *A Fortaleza* e outros periódicos da chamada imprensa operária, e instigou-me a adotar uma posição de dúvida metódica quanto a sua caracterização.

Ainda no que concerne a consideração sobre o tipo de imprensa que pode ser caracterizada como operária, César Oliveira apresenta a assertiva que, desta modalidade inclui-se “*a imprensa produzida no âmbito diverso e multifacetado da globalidade do movimento operário*”³³⁷. Seguindo, o autor adverte que se consideramos que o movimento operário é um campo de múltiplas experiências, o pesquisador deve agir de modo criterioso, o que possibilita compreendê-lo

Para além da expressão política e sindical, tais como as que concernem ao movimento associativo das classes trabalhadoras não-sindical e não-político e que envolve sociedades de socorros mútuos, sociedades recreativas, de instrução, filarmônicas, cooperativas de produção e consumo.³³⁸

O conceito e as observações de César Oliveira foram demasiado importantes para a compreensão dos liames entre *A Fortaleza* e demais produções da imprensa dos trabalhadores, quando partimos do pressuposto de que no universo do associativismo operário podemos encontrar diferentes projetos que vão “*além da expressão política e sindical*”.

Guardando diferenças sensíveis em relação a outros tipos de agremiação e disputando com estas a arregimentação dos trabalhadores, os Círculos Operários e a imprensa circulista apresentavam uma agenda específica para o mundo do trabalho. Jessie Jane tratando dessa diferenciação afirma que:

O programa de trabalho dos Círculos Operários expressava uma aguda leitura da realidade operária e pretendia constituir-se como um centro de produção intelectual, moral, social e material, por meio da construção de

³³⁷ OLIVEIRA, César. **Antologia. Imprensa operária portuguesa (1837-1936)**. Lisboa: UGT/ Perspectiva e Realidade, 1984, p.5

³³⁸ Idem.

escolas, realização de conferências, montagem de uma rede informativa (falada e escrita).

A constituição de um forte aparato midiático que fosse capaz de chegar aos mais longínquos recantos e apresentar-se as mais diversas categorias de trabalhadores estava vinculado às estratégias elaboradas pelo movimento em face da plataforma que anunciava e pela qual concebia ser possível a vitória sobre outros atores que disputavam o movimento operário. A educação instrutiva e doutrinária vista como instrumento de redenção material e moral da classe operária significava em seu aspecto doutrinário, a vitória sobre os comunistas. Reportando-se ao jornal *O Trabalho*, órgão da Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul, padre Brentano afirma ser este um “*órgão genuinamente operário, de orientação construtiva, promove a aproximação entre empregadores e empregados, defende a ordem e exalta a sociologia cristã*”.³³⁹ Sobre a importância no investimento em educação e a imprensa como instrumento a seu serviço, prossegue explicando que:

Sendo a educação operária uma das finalidades dos círculos operários, a imprensa não poderia ficar à margem das minhas cogitações como meio de formação e orientação (...) tendo em vista formar a consciência, não só circulista, mas também de todos aqueles que é possível atingir, direta ou indiretamente, estendendo-se ao público em geral.³⁴⁰

A educação figurava na agenda das organizações operárias, independente da natureza de sua filiação doutrinária. No estudo de Adelaide Gonçalves sobre a imprensa dos trabalhadores cearenses, a autora analisa projetos educacionais elaborados por diferentes grupos que atuavam junto ao operariado tendo em vista que “*A demanda por educação, instrução e uma incontida sede de saber, no meio operário, constituem também expressões de sua pertença ao mundo, de manifestações de sua consciência de classe*”³⁴¹. Adelaide Gonçalves enfoca a *Educação libertária* proposta pelos anarquistas e a educação como instrumento de controle social, empreendida pelo Estado e a

³³⁹ Apud SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

³⁴⁰ Idem, p.201.

³⁴¹ GONÇALVES, Adelaide. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos de 1920**. Florianópolis, 2001, Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

Igreja Católica. O estudo sobre o segundo projeto é que interessa especificamente a questão aqui aludida.

Preocupada em veicular um programa educacional dentro dos parâmetros estabelecidos pela sociologia cristã, a Igreja Católica ataca resoluta a imprensa socialista acusando-a de “*imprensa sem religião*”, “*imprensa ímpia*”, “*disseminadora de idéias perniciosas*”, ao tempo em que exige a constituição de uma imprensa que instruisse dentro dos princípios católicos, fato que evidencia quanto “*É clara a compreensão da hierarquia eclesial quanto à formação da opinião pública e a necessidade de uma imprensa de matriz doutrinária católica*”³⁴². Para elucidar ainda mais a visão da Igreja sobre a importância de uma imprensa católica, cartas pastorais aduzem o jornal como potente instrumento que:

(...) tem por missão manifestar os abusos dos depositários dos destinos das nações; é o jornal que ilumina, esclarece e dirige a opinião pública, enveredando-a para o bem e arredando-a do mal; (...) é o jornal finalmente que, tornando-se hoje em dia um elemento da vida para a sociedade, é o grande fator do movimento e desenvolvimento do pensamento humano, com muito mais eficácia do que o livro, porque familiarizou-se com toda a classe de pessoas, desde o sagaz político ao grosseiro operário e desde a pudica donzela até a gárrula ancila.³⁴³

Ao tratar da preocupação do movimento circulista com a “*boa imprensa*”, é indispensável que relacionemos esta questão à posição assumida pela Igreja Católica neste campo, uma vez que os Círculos Operários recebiam orientação direta da Igreja Católica nas questões doutrinárias.

Para as questões inicialmente levantadas acerca do jornal circulista *A Fortaleza*, adotei como referência teórico-metodológica, paradigmas explicativos formulados por pesquisadores que realizaram trabalhos tomando a imprensa como objeto do conhecimento. Procurei amoldá-los aos objetivos traçados nesta proposta de estudo para o esquadramento do jornal nos seguintes aspectos:

- qual seu posicionamento frente àqueles em nome de quem se reportava;

³⁴² Idem.

- como atuava junto às elites e que discurso elaborava para credenciar-se como jornal “à serviço da classe operária”;
- como se relacionava com o circulismo em nível nacional, com outras organizações da Ação Católica que atuavam no movimento operário e com organizações sindicais;
- que ações desenvolvia frente a seu público e qual mensagem veiculava;
- como enfrentava, na disputa pela orientação dos trabalhadores, o comunismo, considerado o mais pernicioso inimigo;
- que estratégias construía para viabilizar a arregimentação dos círculos operários, promover sua expansão e continuidade no tempo.

Alguns desses aspectos foram abordados nas partes anteriores desse estudo. Nesta última, procuro trazer um entendimento acerca de duas questões de ordem doutrinária que eram pilares importantes do circulismo: o conagraçamento das classes sociais e o combate ao comunismo. Assim, apresento a posição da imprensa circulista cearense, em especial no papel que ela desempenhou na articulação de uma política de colaboração entre as classes, tentando dizimar o discurso classista de outras entidades associativas, conclamando os trabalhadores a negarem a luta de classes e optarem pela proposta cristã de harmonia social; o projeto e o discurso anticomunista, operacionalizado junto aos trabalhadores e outros segmentos sociais e veiculado pela imprensa dos Círculos Operários.

Devo salientar que, por tratar-se de uma imprensa que guarda similaridade em relação a imprensa burguesa, a imprensa católica e a outros órgãos da imprensa operária, apresenta uma certa complexidade no processo de análise. Falo de uma fonte que até a presente pesquisa ainda não foi “visitada” por pesquisadores, e por último, um jornal que se apoiava no projeto social cristão, segundo a qual a ordem e a justiça social seriam instauradas sem a necessidade de se estabelecer conflitos entre capital e trabalho.

O circulismo cearense publicara anteriormente, um jornal denominado *A Folha Circulista*. O ano de seu lançamento, a periodicidade de suas edições, a época em que foram suspensas suas atividades ou qualquer outra

³⁴³ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo (org.). **Os Bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Loyola/CEPEHIB, 1983, p. 43.

informação desta natureza, são dados não localizados nos arquivos pesquisados. A referência a esse jornal dos Círculos Operários do Ceará, encontra-se em Jessie Jane. Apresentando uma breve relação de órgãos da imprensa circulista, a autora diz que “*Os jornais ou boletins não tinham necessariamente regularidade. Muitas vezes a publicação era suspensa e, ao ser retomada, surgia com outro nome*”.³⁴⁴ Em nenhum número pesquisado d’*A Fortaleza* encontrei qualquer referência a *Folha Circulista*, no entanto isso não significa que não possa ter ocorrido a este órgão o que sucedeu com outros jornais.³⁴⁵

A imprensa escrita não foi o único instrumento do circulismo cearense. A Federação dos Círculos Operários mantinha um programa denominado *Hora Circulista* na Ceará Rádio Clube, emissora localizada em Fortaleza. O programa ia ao ar aos domingos, às dezoito horas. Numa sessão informativa do jornal *A Fortaleza*, a Federação divulgava sucintamente a *Hora Circulista* como um “*programa que fala diretamente ao operário*”. Dos assuntos tratados no programa pouco se tem conhecimento.

Raras foram às vezes em que *A Fortaleza* divulgou antecipadamente ou posteriormente algum desses temas, salvo quando uma autoridade civil ou eclesiástica ou mesmo uma pessoa “*distinta*” era convidada a participar do programa. Apenas a título de exemplo, cito que, em 1954, durante o Tríduo preparatório para o dia do trabalho, a FCOC convidou o dr. João Gonçalves de Sousa, oficial de Gabinete do Ministro da Agricultura, para participar da mesa redonda, na qual foram discutidos assuntos relacionados a organização dos trabalhadores, a relação capital/trabalho e outros de interesse dos circulistas. Os debates aconteceram na sede do Círculo Operário de Fortaleza e foram

³⁴⁴ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 270.

³⁴⁵ Ao iniciar a pesquisa ocupei-me em perscrutar nos diversos materiais empíricos e trabalhos acadêmicos consultados, sobre a existência de órgãos da imprensa circulista cearense. N’**A Fortaleza**, ano IV, nº 173, 11/04/1954, encontrei uma notícia parabenizando o jornal **A Verdade** de Baturité, município cearense. O redator d’*A Fortaleza* felicitava *A Verdade* pelo 38º aniversário. Informava ainda que seu proprietário era o comendador Ananias Arruda, presidente do Círculo Operário de Baturité. Esse jornal havia sido fundado em 08 de abril de 1917. Sendo seu proprietário o presidente do círculo operário local, creio que este órgão tenha se colocado a serviço do circulismo, pelo menos em âmbito municipal. Ainda sobre a imprensa cearense Ver: STUDART, Barão de. **Para a história do Jornalismo cearense 1821-1924**. Fortaleza: Typ. Moderna, 1924; NOBRE, Geraldo. **História da Associação Cearense de Imprensa, 1925 –1975**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1976; _____ **Introdução à história do jornalismo cearense**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974.

transmitidos pela Ceará Rádio Clube. Programas de rádio destinados a divulgação das atividades e do programa circulista era uma estratégia empregada por várias organizações circulistas. Encontro em Damião Farias uma abordagem das atividades educativas desenvolvida pelos Círculos Operários de São Paulo, nas quais as “palestras”, os “jornais” e o programa de rádio, também denominado “*Hora Circulista*” eram meios de divulgação das temáticas trabalhadas junto ao operariado.

A primeira edição d’A *Fortaleza* data de dois de setembro de 1950. O seu nascimento ocorre no décimo ano de existência da Federação dos Círculos Operários do Ceará. Era um jornal de circulação semanal, editado primeiramente aos sábados e posteriormente aos domingos.

O grupo de redatores e o diretor geral eram pessoas que ocupavam cargos de direção na Federação dos Círculos Operários, dentre eles o jornalista Geraldo Nobre e Mauro Benevides da União da Mocidade Católica (UMC). Punham-se a seu serviço circulistas devotados à causa do movimento. Publicava-se ainda, artigos de autoridades eclesiais e governamentais. Constantes também eram as matérias sobre o circulismo local redigidas pelos circulistas, numa coluna especial “*Escrevem os Trabalhadores*”.

O jornal circulou com certa regularidade até os anos de 1980. Após esse período as publicações rarearam e houve a redução do número de páginas e uma mudança substancial em sua formatação.

Apesar da constante regularidade em suas publicações, não raras foram as interrupções e não curtos os períodos inativos, chegando a três ou quatro meses. A primeira paralisação de suas atividades aconteceu por causa de um incêndio nas oficinas onde era impresso o jornal. As outras que se sucederam foram em razão da falta de recursos.

Para essa parte, especificamente, fiz um recorte temático com destaque para a seguinte: *Coluna Circulista*, onde encontrei a abordagem de variados assuntos, respeitante a problemas específicos enfrentados no cotidiano do trabalho circulista. A título de exemplo podemos citar: queixas em torno do não pagamento das mensalidades, fato que criava dificuldades para sustentação dos Círculos Operários, reclamação acerca do desinteresse dos sócios e outras matérias de caráter doutrinário, com vistas à orientação e instrução através das encíclicas papais, cartas pastorais e outros documentos

eclesiásticos, ou com o objetivo de combater outras doutrinas religiosas como o protestantismo e espiritismo.

No *Circulismo em marcha*, foi possível acompanhar o trabalho desenvolvido pelos Círculos da capital e do interior e mesmo do circulismo em nível nacional. Esta coluna foi relevante em todo o processo desta pesquisa. Em *Escrevem os trabalhadores*, pude observar como o jornal ao reservar um espaço específico para a contribuição de outros circulistas, propiciava a participação direta de outras pessoas que não faziam parte do corpo editorial do jornal, fato que evidencia ser esta mais uma estratégia de sustentação da folha.

Nos *editoriais*, a temática abordada estava quase sempre relacionada à conjuntura local, à questões de ordem político-econômica ou à doutrina católica. Na *Doutrina Social da Igreja*, tratava-se especificamente das orientações dos antístites e dos Sumos Pontífices para o mundo do trabalho. Havia ainda uma série de artigos de cunho doutrinário, dirigidos ao operariado no sentido de disciplinar suas ações, modelar comportamentos e inculcar os valores morais católicos.

Decerto que não menos importantes são os *Tópicos*, que abordavam temas nacionais e internacionais relacionados à economia, política, questões trabalhistas; *A SEMANA EM REVISTA*, com ênfase na divulgação das ações administrativas no plano municipal, estadual e nacional e a *Coluna Católica*, que buscava inculcar valores morais do catolicismo partindo da interpretação dos evangelhos.

Outras matérias como os anúncios, a página esportiva, o *Informativo 'A Fortaleza'*, eram seções destinadas a informar os leitores sobre horário dos transportes rodoviários e ferroviários; horários das missas nos domingos e dias santificados nas Paróquias de Fortaleza; dia e hora das sessões dos Círculos Operários de Fortaleza, plantão farmacêutico, telefones úteis e locais da feira livre. *A coluna cinematográfica*, que além de divulgar os filmes em cartaz nos cinemas de Fortaleza, censurava alguns pelas cenas violentas ou "indecentes". Essa coluna e a questão do cinema para os circulistas tem um significado pedagógico relevante. Sua análise mais demorada está circunscrita na terceira parte deste estudo.

Apresentando um formatação similar aos demais jornais e com um conteúdo que tencionava dar conta das questões gerais de interesse público, *A Fortaleza* se equiparava, nestes aspectos, a chamada grande imprensa. Essa preocupação foi exteriorizada de maneira evidente em 1961, quando o grupo responsável resolveu apresentá-lo em formato tablóide. A reação negativa dos leitores publicada pelo jornal apareceu assim: “*os críticos dizem que A Fortaleza vai se constituir uma exceção entre os órgãos da Imprensa desta Capital*”. Apesar das críticas, *A Fortaleza* saiu com este novo formato durante o ano de 1961 e o primeiro semestre de 1962.³⁴⁶

Num demonstrativo do desejo de transformar o jornal num grande veículo da imprensa escrita do Estado, Raimundo Pires Oliveira, gerente d’*A Fortaleza*, lamenta que o órgão circulista, devido os poucos recursos que dispunha, não tenha conseguido “*acompanhar o progresso que se observa na imprensa cearense..*”. Explica que o jornal não é amplamente noticioso por ser um semanário, porém ressalta que, quanto à sua essência “*...em nenhum momento fugimos ao dever que nos propusemos de defender: os postulados cristãos esposados pelos círculos operários*”³⁴⁷

No intento de situar o leitor, informo que localizei *A Fortaleza* na sede da Federação dos Círculos de Trabalhadores Cristãos do Ceará – antiga Federação dos Círculos Operários do Ceará.³⁴⁸ Pesquisei *A Fortaleza* desde o seu lançamento, em setembro de 1950 até 1963, com exceção para o ano de 1957 que não se encontra nos arquivos da Federação. Faz-se necessário ainda, explicitar que não ocupei-me em observar as mudanças operadas no semanário ao longo do tempo. O que atentei em particular foi para a posição adotada pelo jornal diante de determinadas conjunturas político-econômicas.

Partindo do entendimento que os Círculos Operários constituíam uma das formas de intervenção da Igreja Católica no movimento operário, não se pode conceber a imprensa circulista desvinculada da doutrina católica, pois a orientação espiritual – cargo exercido pelo assistente eclesiástico- abrangia todos os setores do trabalho desenvolvido pelos Círculos, Federações e a

³⁴⁶ A edição d’*A Fortaleza* era em geral impressa em 08 páginas. No formato adotado em 1961, a impressão comum constava de 16 páginas.

³⁴⁷ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 392, 10/01/1959.

própria Confederação. Assim é que encontro n'A *Fortaleza* aspectos que o aproximam da imprensa de orientação religiosa, tanto pela presença de uma *Coluna Católica* que apresentava o calendário litúrgico anual, trazendo textos bíblicos e, seguido adiante de uma reflexão cujo objetivo era a catequização, quanto pela disseminação da doutrina social da Igreja para o restabelecimento da paz social. Desse modo era constante a recorrência aos ensinamento das encíclicas que tratavam da questão social, numa coluna denominada *Doutrina Social da Igreja*.

A cooperação com o Estado e o patronato visualizava-se através de artigos que versavam sobre questões de interesse da pátria, ordem e disciplina como fator de equilíbrio social, a necessidade dos operários colaborarem com os governos e com os patrões para o progresso da nação, o combate sistemático ao comunismo visto como ameaça à pátria e a Igreja, significando ainda a submissão do operariado a um regime de opressão e terror.

Em relação aos interesses, propostas e agenda da classe trabalhadora *A Fortaleza* se auto-proclamava auxiliadora dos injustiçados, dos pobres e desvalidos que não tendo a quem recorrer encontravam nos Círculos Operários assistência material, moral e espiritual, e na imprensa circulista o “porta-voz” que denunciava as mazelas que os vitimavam.

Embora apresentando-se modesto, o jornal se considerava um suporte na propagação do trabalho circulista e órgão importante no “*levantamento moral*” dos trabalhadores. A data de seu aniversário coincidia com a semana da pátria. As comemorações revestiam-se de um duplo significado: reforçar a importância do combate ao comunismo como projeto que punha em risco a liberdade da pátria e renovar o compromisso com a doutrina católica, baluarte na luta contra a exploração desumana que sobre eles recaía. Em seu oitavo aniversário o jornal expõe os objetivos do trabalho desenvolvido pela imprensa circulista numa cruzada formativa e informativa:

Na verdade, nossas pretensões são aparentemente modestas. Resumem-se em divulgar a atividade profícua desenvolvida pelos círculos operários do Ceará, e, complementarmente, na prestação de informações do

³⁴⁸ A Federação dos Círculos de Trabalhadores Cristãos do Ceará agrega ainda alguns círculos operários em atividade, localizados principalmente nos bairros da capital cearense. Sua sede atual situa-se à Avenida Imperador, nº 192.

interesse dos associados dessas agremiações. (...) A Fortaleza é o órgão que leva a todos os circulistas a mensagem auspiciadora de uma nova era, dando-lhes a consciência de sua própria força moral; por isso, este se constitui um jornal diferente, com uma missão verdadeiramente nobre. O que expedimos em conceitos nestas linhas aplicam-se também ao programa radiofônico “*Hora Circulista*”, que, por feliz coincidência, festeja, igualmente seu aniversário. Há dez anos a F.C.O.C, graças à cooperação das emissoras associadas de Fortaleza, leva os seus conselhos e sua palavra de encorajamento aos operários cearenses, através das ondas hertzianas. A serviço de uma causa universal, estamos, no entanto, voltados permanentemente para a nossa querida pátria – O Brasil, atentos a preservação da liberdade, cuja conquista hoje comemoramos e cuja perda significará o desrespeito ao direito das nações – herança de Deus – e a vitória da tirania.³⁴⁹

Depreende-se do exposto que sua atuação não contemplava apenas questões locais, direcionando-se no plano universal, para a defesa de valores caros à doutrina cristã e, que no momento encontravam-se ameaçados pelos “*inimigos vermelhos*”. Em âmbito nacional e regional promovia aqueles que eram depositários de uma “nova ordem social”, os Círculos Operários, e verberava contra os agentes responsáveis pela demolição desses valores, na visão do jornal, representados pelos comunistas.

Em todas as edições do semanário, estavam expostas denúncias diversas: corrupção política; aumento abusivo dos preços de gêneros alimentícios básicos; improbidades administrativas; não respeito às leis trabalhistas por parte dos patrões e dos governos; gestões que descuravam das carências dos mais pobres; órgãos públicos ineficientes e que eram mais sorvedouros do dinheiro público; defasagem salarial; desemprego; fome; ausência de projetos governamentais que evitassem as nefastas conseqüências das secas; ausência do Estado nos setores sociais deixando milhares de trabalhadores que, sem acesso a educação, saúde, moradia e emprego ficavam a mercê da própria sorte, salvo aqueles que encontravam amparo junto aos Círculos ou outra entidade que pudesse oferecer algum tipo de assistência.

³⁴⁹ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 375, 06/09/1958.

Quase sem exceção, em todas as edições consultadas, havia algum tipo de matéria que versava sobre os males do comunismo. Eram comuns os artigos tratando da cruzada norte-americana para vencer a infiltração dos “vermelhos” na América Latina ou obstaculizar sua expansão pelas diversas regiões do planeta. Os Estados Unidos são reverenciados como a vanguarda destemida na luta contra os inimigos da Igreja, do operariado, da pátria, da humanidade enfim. Em outros, encontro a denúncia do terrorismo soviético movido contra os clérigos da chamada “*Igreja do silêncio*”. Observa-se ainda a exposição da situação do trabalhador soviético caracterizado como um escravo do Estado, no intento de fazer um alerta às classes trabalhadores sobre o perigo que os rondava.

Os Círculos Operários constituíam uma modelo de associativismo que, no campo social, buscavam harmonizar patrões e empregados, tentando equilibrar interesse conflitantes, amparando-se nas encíclicas sociais – substrato doutrinário do circulismo – para fundamentar sua intervenção no movimento operário. Não se trata portanto de uma organização classista, pois que:

No movimento circulista cabiam todos aqueles que realizavam atividades produtivas, patrões e empregados. Porém, os patrões tinham apenas o *status* de sócios beneméritos, reforçando o princípio da utilidade social da propriedade presente na *Quadragesimo anno*.³⁵⁰

Numa avaliação pouco ponderada, a posição adotada pelo semanário poderia parecer como simples dubiedade. Contudo, guardando coerência com os princípios basilares do movimento circulista, *A Fortaleza*, manteve sua linha de trabalho em consonância com esses objetivos. Apresento, para dar maior clareza acerca do trabalho deste órgão, uma nota intitulada *BILHETE AO LEITOR*, em edição comemorativa aos dez anos de vida do semanário, onde são reafirmadas as finalidades e as razões de sua existência:

³⁵⁰ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 216.

Voltamos á circulação hoje numa edição comemorativa do nosso décimo aniversário de fundação, ocorrido no dia 2 último.

Dez anos de lutas e dificuldades. Até incêndio nas oficinas em que era impresso o jornal tivemos de arrostar. Progredimos um pouco. Não o quanto desejávamos. Ainda falta muita a palmilhar. Mas, os percalços do caminho que nos resta percorrer não nos amedrontam. Arrastaremos as dificuldades com ânimo forte. Não desejamos correr. Mansamente, esperamos, conter os obstáculos.

Voltamos á liça animados, sobretudo, a promover o bem-estar da classe operária. Desejamos fazer com que os trabalhadores se instruam. Queremos incutir nos assalariados a parcela de responsabilidade que tem no progresso do Brasil. Pretendemos ser o porta-voz dos trabalhadores nas lutas justas que empreenderem por melhoria de condições. Não nos filiamos a partidos políticos. Não marchamos com a esquerda ou com a direita, mas com a sã doutrina católica. E por ela e com ela estamos de novo no campo de batalha.

Precisamos, contudo, da ajuda de todos os trabalhadores. Que ela não nos falte é o que esperamos.³⁵¹

Do exposto, o que se observa é a afirmação contundente da missão assumida pelo jornal circulista na defesa dos trabalhadores, reafirmando a condição de porta-voz destes, a preocupação em desvincular-se dos grupos políticos – sejam de esquerda ou direita – e a filiação à doutrina católica, sendo essa a grande motivação para continuarem a árdua tarefa do jornalismo circulista, com sua singularidade no campo da comunicação social dirigida aos trabalhadores.

1 – Missão do circulismo : unir e congregar.

Apesar de proclamar que o jornal não marcha com a esquerda ou com a direita, na leitura dos artigos, colunas e editoriais vê-se o conteúdo conservador e a defesa dos interesses das elites. E mesmo quando afirmava

³⁵¹ **A Fortaleza**, ano X, nº 463, 07/09/1960. A edição anterior havia sido impressa em 14 de maio de 1960. Foram quase quatro meses sem circulação devido problemas financeiros enfrentados pelo jornal. Nesta edição comemorativa um artigo discorre sobre a situação do jornal e a disposição para mantê-lo em circulação, apontando como alternativa “(...) pôr as suas páginas à disposição dos anunciantes, preocupando no entanto, em selecioná-los, pois o que se anunciam nem sempre conduz à orientação cristã dos círculos operários.”

que atuava como “porta-voz” dos trabalhadores, salvo raras exceções, adotava uma posição de defesa, sem hostilizar qualquer ação patronal, mesmo que essa violasse os direitos dos trabalhadores. Por vezes, o jornal tentava dissimular essa posição, uma vez que, em determinadas situações era praticamente impossível ficar no meio- termo, sendo flagrante a contradição nos seus discursos. Essa postura era justificada pelo jornal, tomando como fundamento o princípio circulista: promover a harmonização entre capital e trabalho.

Os jornais circulistas sempre recorriam a esse princípio do movimento quando tinham de explicar ao público o porquê da atitude conciliatória, mesmo em face de grave ataque promovido pelos patrões à dignidade e aos direitos dos trabalhadores. Em *O Clamor*, órgão da Confederação Nacional dos Círculos Operários tem-se:

(...) O Circulismo no Brasil nunca entendeu de se prestar a isso. Sempre manteve na sua bandeira a divisa do entendimento mútuo entre patrões e operários, sempre pugnou pelo conagraçamento das classes. (...) o circulismo é de luta, é reivindicatório, combate pela melhoria da classe operária. Mas, pela sua doutrinação. Mas pela persuasão; mas pela arregimentação e formação social dos operários, que devem vir a ser capazes de tomar nas suas próprias mãos os destinos da classe.³⁵²

Dentre tantos outros, trago um exemplo patente dessa situação, quando por ocasião da construção de um açude no município cearense de Pentecostes, no ano de 1951, cuja mão-de-obra era composta por trabalhadores “*flagelados das secas*”, uma comitiva formada pelo jornalista Carlos Lacerda, diretor da *Tribuna da Imprensa*, padre Arimatéia Diniz, assistente eclesiástico da Federação dos Círculos Operários do Ceará, Pereira Miranda, diretor do DNOCS no Ceará, além de fotógrafos e redatores d’*A Fortaleza* visitou as obras e o local onde estavam acampados os trabalhadores e suas famílias, conceituado pelo jornal como “*Campo de Concentração*”. Uma extensa matéria denunciando as condições de trabalho, o elevado preço das

³⁵² Transcrito d’*A Fortaleza*, ano IV, nº161, 31/12/1953.

mercadorias, a precária moradia e falta de assistência aos trabalhadores em Pentecostes, foi publicada após a visita:

(...) não há roupas, há trapos. Quanto à habitação, quem quiser ter uma idéia do que sejam as barracas em que se abrigam (?) aqueles milhares de infelizes, imagine grandes chiqueiros de porcos (de porcos, sim senhor!). construídos em séries, alinhados em grandes extensões de terra e recobertos com folhas secas, ramos de árvores ressequidos. (...) longe de nós o pensamento de fazer críticas diretas a quem quer que seja, principalmente os responsáveis diretos por Pentecostes. (...) O papel da imprensa é apontar falhas, sugerir medidas, pedir providências em benefício da coletividade.³⁵³

Embora revelando em tom de denúncia as miseráveis condições a que estavam submetidos os trabalhadores, o jornal exime-se de responsabilizar quem quer que seja pela situação, e de imediato justifica sua posição apoiando-se no conceito de qual deve ser o papel da imprensa.

Em outro momento, o jornal fica numa situação bastante delicada, quando teve que denunciar a demissão sem justa causa de vários operários. Primeiro, o jornal não publicou o número de demitidos, segundo, omitiu o nome da empresa e para não causar maior indignação junto à opinião pública não expôs claramente os motivos alegados pela empresa para a demissão. Após apresentar o fato, em nota breve diz o seguinte:

Deixamos de declinar o nome da empresa e dos responsáveis diretos pelo incidente porque nós batalhamos pelo conagraçamento entre patrões e operários e não para acirrar ódios. A demissão, essa atitude, além de desumana, ilegal, foi estapafúrdia.³⁵⁴

Raras foram as ocasiões em que um ou outro articulista elaborava uma crítica ao patronato em razão das condições em que se encontravam o operariado. Quando tal fato ocorria, havia o cuidado em salvaguardar a classe proprietária, ressaltando que, o alvo desta imprensa eram os *“maus patrões”*. A queixa assumia um caráter de admoestação. Era preciso alertar os patrões que, ao descurarem em oferecer melhores condições de trabalho e salários

³⁵³ **A Fortaleza**, ano I, nº 47, 18/08/51.

³⁵⁴ **A Fortaleza**, ano IV, nº 162, 10/01/1954.

“*mais justos*” aos seus trabalhadores eles atentavam contra a doutrina da Igreja e, ainda colaboravam com os comunistas pois criavam o ambiente propício à desordem social. J. C. Lima, assistente social da Federação dos Círculos Operários do Ceará, assim se reporta aos “*maus patrões*”:

Tais patrões são os maiores fomentadores de greves e criadores de comunistas, os maiores inimigos da Igreja e incineradores dos documentos pontifícios, verdadeiros diques contra a ação desumanizadora, de paz cristã e serviço social.³⁵⁵

No período de realização das páscoas coletivas, o jornal divulgava os dias, horários e a paróquia em que haveria a confraternização das diferentes categorias³⁵⁶. Quanto aos operários fabris, em muitas fábricas a liturgia era realizada no próprio local de trabalho. Sobre o assunto, um editorial que enfatizava o exemplo dado pelos trabalhadores cearenses, encontrei:

As páscoas coletivas de trabalhadores das fábricas de Fortaleza demonstra que, no Ceará, os homens de trabalho estão sendo conduzidos por aquelas verdades e aqueles princípios, contribuindo para um ambiente de harmonia favorável à solução de todos os problemas humanos e sociais.³⁵⁷

Essa questão, embora abordada anteriormente quando tratei dos ritos circunistas, é um forte demonstrativo da obstinação do movimento em levar a efeito os seus princípios. Enfoco ainda, para melhor entendimento da proposta de harmonização social levada à cabo pelos Círculos Operários e divulgada por sua imprensa, que, em ocasiões especiais as edições comemorativas alusivas ao dia de São José, Primeiro de maio, aniversário do jornal e Natal, ou ainda em momentos extraordinários, a edição chegava a 10 ou 12 páginas. Nessas

³⁵⁵ **A Fortaleza**, ano I, nº 11, 18/11/1950.

³⁵⁶ Para exemplificar, n' **A Fortaleza**, nº 403, 19/03/1959, localiza-se a seguinte notícia: *Páscoas Coletivas para o mês de março do ano corrente: “ dia 19- Fábrica de Louças-Fábrica de Tecidos São José – Homens da Piedade – Círculo Operário de Fortaleza – Donas de Casa de Salete – Homens de Antônio Bezerra – Domésticas de São Gerardo. 22 – Comerciantes e Comerciaras – Domésticas de Santa Luzia – Homens dos Remédios – Homens do Tauape – Homens do Carlito Pamplona.”* Informe dessa natureza eram veiculados anualmente no período de realização das páscoas coletivas.

³⁵⁷ **A Fortaleza**, ano IX, nº 452, 05/03/1960.

ocasiões o grupo editorial ansiava não apenas pelo acréscimo no número de páginas, mas também dos exemplares, de modo a abranger mais leitores.

Para tal empreitada recorriam às empresas requerendo a colaboração dos capitalistas para a edição especial. Em um desses momentos, nas comemorações referentes ao dia de São José – patrono dos Círculos Operários – o circulista Eusébio Mota Alencar, na coluna *Escrevem os trabalhadores*, comenta:

O nosso jornal “A Fortaleza” em alentada edição especial, circula hoje também de modo engalanado com uma homenagem sincera e espontânea aos homens de mão calosa. Para essa edição, que por ser especial torna-se muito mais cara tivemos que recorrer aos nossos bons amigos da indústria e do comércio para que colaborassem com os trabalhadores dando uma pouquinho do muito que possuem em troca de anúncio para ajudar na tiragem dessa edição e é a esses bons amigos de boa compreensão, que nossa edição especial com os louvores ao nosso celeste patrono juntamos também os nossos sinceros agradecimentos aos que nos ajudaram; a esses homens de boa vontade, muito obrigado.³⁵⁸

Assim é que, os donos do capital, a expensas de uma política de financiamento das atividades circulistas se transformavam em benfeitores do movimento e dos operários. Essa era a visão veiculada pelo jornal. Entendo pois que, congregar operários e patrões não era apenas um princípio a ser defendido, mas um modo de amparar o movimento nas áreas onde atuava, custeando alguns programas circulistas. Daí também decorre a dificuldade de fazer ou apoiar uma crítica mais contundente dirigida a qualquer fábrica ou empresa. Na divulgação de uma reclamação feita por um operário da *Fábrica de Tecidos Progresso* de Fortaleza, o trabalhador- cuja identidade não foi revelada, declara que:

Os patrões só querem é ter grandes lucros e não olha pras melhoras da gente e quando a gente vai reclamar, não ouve direito o que a gente quer. (...) e eu não quero senão que trate os operários como gente, homens de corpo e alma. Nós somos pobres, mas nós enriquecemos os patrões.³⁵⁹

³⁵⁸ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 403, 19/03/1959

³⁵⁹ **A Fortaleza**, ano VI, nº 287, 11/08/1956.

Ainda que a denúncia feita pelo operário fosse relevante para o conhecimento das relações de trabalho no âmbito da fábrica, da forma desumana como eram tratado os operários, e ainda da consciência que o trabalhador tinha de serem eles os produtores da riqueza apropriada pelo patrão sob a forma de lucro, o jornal se resguarda de fazer qualquer crítica, limitando-se a comentários irrelevantes e que assumia uma feição desqualificativa da denúncia, pois reportava-se a ausência de conhecimentos gramaticais por parte do trabalhador.³⁶⁰ Ao aludir a relação capital/trabalho afirma que *“Este operário tem razão. É preciso haver harmonia entre patrão e operário, um depende do outro.”*

Em outra edição, reportando-se ao mesmo assunto, o jornal explica mais uma vez sua posição, porém, desta vez colocando-se em defesa da Fábrica com a seguinte declaração: *“Estamos zelando pelo bom nome desta fábrica. Fora disto nada nos interessa, pois temos que lutar pela humanização do trabalho e levantamento do trabalhador que é um filho de Deus”*³⁶¹

Em 1962, as agitações políticas, notadamente a mobilização operária e camponesa, era fator de crescente preocupação da elite brasileira. A ação da Igreja Católica no apaziguamento dos conflitos sociais era um poderoso instrumento do qual lançavam mão as elites econômicas e o governo. Sem negligenciar do agravamento da questão social, principalmente nas grandes cidades onde os conflitos eram mais acentuados, a colaboração entre o patronato e a Igreja se tornou evidente através de várias ações.

O propósito de restabelecer a paz social, conciliando patrões e operários, arregimentou a Ação Católica para atuar também junto aos empresários. Com esse intuito, apóia e presta assistência a *Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa*. Sobre essa organização encontrei notícias apenas n’*A Fortaleza*, quando o padre Charbonneau – assistente espiritual da ADCE de São Paulo – visitou Fortaleza para lançar a semente da organização nesta capital. A convite dos comerciantes e industriais locais, padre Chabornneau ministrou palestras sobre a *Doutrina Social Cristã*. Em entrevista concedida para *A Fortaleza*, divulga os objetivos da ADCE, onde diz:

³⁶⁰ Explica o comentarista que, os erros gramaticais presentes no texto são de responsabilidade do próprio trabalhador, pois o jornal publicou da maneira como havia sido escrito.

Quero falar aos circulistas dessa associação de patrões, para que os operários saibam que a consciência dos patrões cristãos está despertando também para os seus deveres para com os operários, e é a Igreja, através da palavra dos Papas que vem lembrando aos patrões esses deveres. (...) é uma associação que funciona em colaboração com os próprios operários.³⁶²

A instalação da Associação de Dirigentes Cristãos de Empresas do Ceará, ocorreu em 22 de outubro de 1962 e significou o fortalecimento de vínculos já existentes entre a Ação Católica e a burguesia neste Estado. Além disso, contribuiu, ao lado de uma outra organização dos trabalhadores cearenses de ampla base – o *Trabalhador Unido* – para o processo de recrudescimento da ofensiva circulista contra os comunistas e sindicatos classistas, considerados aliados dos “*agitadores vermelhos*”.

2 – O combate ao “inimigo vermelho”

A luta contra o comunismo, anarquismo e socialismo no Brasil, foi promovida por vários grupos e segmentos sociais. Aliados aos detentores do poder econômico, ao Estado, ou a Igreja Católica, promoveram em seus campos específicos de atuação, uma ação conjunta contra o “*inimigo comum*”. As origens desse combate tem raízes anteriores à Revolução Russa de 1917, e com esta amplia-se e se torna mais evidente. A Revolução pôs os capitalistas de todo o mundo em vigília e prontos a atacá-lo de todas as formas e por todos os meios possíveis.

Sobre o anticomunismo, enquanto aspecto do conservadorismo das elites brasileiras, Rodrigo Patto apresenta dentre outras questões, as suas matrizes (Catolicismo, Liberalismo e Nacionalismo)³⁶³, onde é possível visualizar os alicerces que lhe forneceram o substrato doutrinário. Destas matrizes, atentei especialmente para o catolicismo, por ser a doutrina pela qual

³⁶¹ **A Fortaleza**, ano VI, nº 289, 25/08/1956.

³⁶² **A Fortaleza**, ano XI, nº 495, 19/08/1962.

³⁶³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**, São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 2002.

estavam informados os Círculos Operários e da qual eles se tornaram instrumentos na cruzada anticomunista.

O que significava para os católicos lançar-se em luta contra o comunismo e que princípios doutrinários opunham o catolicismo ao comunismo? Que estratégias foram elaboradas pela Igreja para atuar neste campo de batalha? É ainda de Rodrigo Patto que trago elementos a respeito dessas questões:

(...) Para as lideranças católicas o comunismo era um inimigo irreconciliável da Igreja, um desafio à sobrevivência da religião ao qual só podiam responder com luta.

.....
 Para alguns intelectuais católicos o comunismo era o último desdobramento das transformações da modernidade, atualização para o século XX dos “erros” iniciados no período da Renascença. (...) A ação dos revolucionários comunistas significava uma continuação da obra destruidora da Reforma, movida pelo mesmo desejo de aniquilar a “verdadeira” Igreja e a ordem social espelhada em seus ensinamentos.³⁶⁴

Partindo dessa concepção, o autor propõe que o anticomunismo católico significava não apenas uma batalha contra um programa que pretendia uma revolução social, mas contra um projeto cujos valores e princípios afrontavam os pilares do catolicismo e propugnava a sua derrocada. A oposição do comunismo frente aos valores do catolicismo evidencia-se em seu discurso e ação que:

(...) negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; propunha a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristãs; pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família; defendia a igualdade absoluta contra as noções de hierarquia e ordem, embasadas em Deus.³⁶⁵

Os Círculos Operários expressavam o conservadorismo da tradição católica. Inspirando-se em sua doutrina, se consideravam portadores do projeto de salvação da classe operária, fosse no plano material, moral ou espiritual. Ao alinharem-se à frente anticomunista sentiam-se cumprindo a missão cristã para

³⁶⁴ Idem, p. 18-19.

³⁶⁵ Patto, op. cit., p. 20.

qual foram designados: construir uma “nova ordem social”, refutando neste processo as propostas que propugnavam a luta de classes, a desordem social ou que significavam a transgressão dos preceitos historicamente defendidos pela cúpula eclesiástica.

Com base nessa concepção, é possível compreender o discurso e a ação anticomunista desenvolvida pelos Círculos Operários no Ceará, sabendo-se que esta ação constituía a plataforma do movimento circulista nacional. Rigidamente hierarquizados, os Círculos Operários recebiam orientações diretas da Federação e esta da Confederação Nacional dos Círculos Operários. A maioria das campanhas, mobilizações e eventos de propaganda anticomunista eram encetados e dirigidos pela CNCO.

Havia uma rede ampla de participantes e colaboradores. Entidades leigas integrantes da Ação Católica, sindicatos, empresas e o próprio Estado constituíam-se em potenciais agentes para onde recorriam os círculos operários em todas as ocasiões em que era imperioso lançar-se contra os comunistas.

O anticomunismo circulista no Ceará tem registro na década de 1920. Através dos jornais da imprensa operária de matriz socialista ou anarquista, encontro suas raízes. A luta entre as “*hostes brancas*” e o “*credo vermelho*” foi deflagrada especialmente em Fortaleza. Contudo não se restringiu à capital, efetuando-se também em outros municípios cearenses, como demonstra Carlos Augusto dos Santos, em seu trabalho sobre os comunistas no município cearense de Camocim.

O estudo enfoca as forças que se levantaram contra os “*vermelhos*”, indicando que, dentre os oponentes dos comunistas em Camocim a Igreja se apresentava como o mais poderoso. O autor ao abordar a mobilização anticomunista se refere ao Círculo Operário como:

(...) outra forma de se “agremiar” os trabalhadores, desenvolvida principalmente como um apêndice do trabalho da Igreja na organização dos operários, para não perdê-los para o comunismo, apareceram no Círculo Operário de Chaval, então distrito de Camocim e região produtora de sal,

com a proposta de “prestar todo o gênero de benefícios e defesa de seus sócios.”³⁶⁶

Embora o autor considere ser o Círculo Operário apenas um apêndice da Igreja, em sua análise há a evidência de que a hierarquia católica buscava através dele construir um dique à infiltração comunista no meio operário em Camocim. O Círculo será o espaço privilegiado para cristianizar a classe operária, portanto, adversário em potencial dos militantes comunistas. Tal era sua importância neste campo que, quando ocorre a fundação do Círculo Operário de Chaval, a imprensa circulista noticiou de maneira entusiástica o auspicioso fato uma vez que o acontecimento:

(...) é de grande significação, tendo-se em vista que Camocim, infelizmente, é um dos focos de agitação comunista no interior cearense. Assim o Círculo Operário exercerá um papel educativo, vindo demonstrar, através de seu programa de realizações, qual o regime que, realmente, é amigo do trabalhador, amparando-o em suas necessidades.³⁶⁷

Recuando um pouco mais, encontro no jornal *Voz do Graphico*, órgão da Associação Graphica do Ceará, registros dos confrontos iniciais entre circulistas e socialistas libertários. Estes últimos faziam ácidas críticas a organização circulista, dirigindo-se especialmente ao presidente do Círculo Operário e o assistente eclesiástico. Por ocasião do aniversário de José Agostinho, presidente do Círculo Operário, os circulistas doaram-lhe a quantia de 300\$000 em agradecimento aos serviços prestados ao Círculo. Ocorre que, ao tomar conhecimento do fato, a *Voz do Graphico* noticia:

(...) Ele, o beatífico presidente dessa não menos beatífica sociedade operária, não podia ver passar o dia do seu aniversário sem que não tivesse uma prova da gratidão dos seus carneiros, que constituem a legião dos trabalhadores mansos e pacientes, dispostos a sofrerem toda a sorte de privações e misérias por amor aos conselhos por ele ministrados depois de receber algumas injeções do seu conselheiro-mor, o padre Feitor, diretor espiritual do referido Círculo. E foi o que fez.

³⁶⁶ SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim – Ce. (1927-1950)**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2000.

³⁶⁷ **A Fortaleza**, ano I, nº 43, 21/07/1951.

Eis a aí, portanto, para que servem muitos dos nossos trabalhadores: sacrificam a si e aos seus, tirando, podemos dizer, um pouco de pão da boca de seus filhinhos para serem agradáveis aos que vivem unicamente a explorá-los, sem jamais sentirem compaixão pelos seus minguados salários, ganhos à custa de tantos sacrifícios e depois de um penoso combate numa jornada de 9 a mais horas de trabalho contínuos!³⁶⁸

A resposta dos dirigentes circunistas e sócios da associação veio imediata. Veiculada através de órgãos da imprensa que se alinhavam aos interesses da elite, como o *Diário do Ceará* e o *Correio do Ceará*, provocavam um longo bate-rebate. Nota-se que os socialistas libertários atuavam no sentido de “desmascarar” os que dirigentes e orientadores do Círculo Operário tentando “conscientizar” os circunistas para resgatá-los da condição de subserviência e exploração a que estavam submetidos. O que de fato ocorria era a disputa entre distintos projetos no interior do movimento operário ou para ele voltadas.

Atenta aos embates, buscando compreender suas dimensões e as posições tomadas pelas partes, encontro numa edição da *Voz do Graphico* uma forte indignação de seus editores, respondendo a “*carneirada inconsciente do circo*”, que andava a combater o ideal pelo qual lutavam os socialistas libertários. A investida objetivava ridicularizar os circunistas valendo-se de um símbolo significativo do movimento: o *Hino dos Trabalhadores Cristãos do Ceará*, entoado nas reuniões e desfiles. O jornal publica o Hino, acompanhado de uma paródia como resposta ao ultraje do “*padre Feitor & Cia.*” Apresento a estrofe do Hino em que há uma conclamação à luta pela derrocada do socialismo e a estrofe da paródia que o corresponde:

HINO

Avante ó povo, o Cristianismo
Ao Socialismo (bis)
Derrotará
Ao Socialismo sim derrotará (3 vezes)
Viva a Fé católica do Ceará

PARÓDIA

Avante ó povo que o socialismo
Ao catolicismo

³⁶⁸ *Voz do Graphico*, ano I, nº 13, 12 /11/1921.

derrotará!
E desde as faldas do Ocidente
A's do Oriente ele dominará!³⁶⁹

Já a disputa entre comunistas e católicos no seio do movimento operário se agudiza ante os processos eleitorais. Nesses momentos, tentando impedir que os comunistas galgassem os postos de representantes do povo, a Igreja acionava toda a sua estrutura. Exemplo significativo é a organização da LEC, em fins de 1932, cujo principal objetivo era ganhar a adesão de muitos candidatos constituintes, ao programa da Liga Eleitoral Católica, composto por dez pontos básicos³⁷⁰.

Tendo que limitar-se ao princípio estatutário, segundo o qual deveriam “*Conservar-se acima e fora da política partidária*” e paralelamente, seguir as determinações da Ação Católica na orientação dos eleitores, os Círculos Operários assumiam posições contraditórias e mesmo conflitantes durante os períodos eleitorais.

As campanhas políticas se transformavam em momentos propícios à propaganda anticomunista, funcionando mesmo como “estratégia eleitoral” para os partidos que aglutinavam os setores mais conservadores da sociedade. Sobre o assunto é pertinente recorrer a análise de Rodeghero sobre o imaginário anticomunista e sua relação com a Igreja Católica no Rio Grande do Sul. A autora observa que enquanto “*estratégia eleitoral*” o anticomunismo está entre outras coisas, relacionado à conjuntura do pós-1945 pois “... com o

³⁶⁹ **Voz do Graphico**, ano II, nº 18, 28/01/1922. Íntegra do Hino dos Trabalhadores Cristãos e a paródia encontram-se nos anexos.

³⁷⁰ LIMA, Alceu Amoroso. **Indicações políticas: da revolução à constituição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. p. 133-153. Neste trabalho Amoroso Lima elabora um quadro comparativo entre a Constituição de 1891 e 1934, realçando a vitória da LEC nesta última. Os dez pontos considerados relevantes no programa Lecista e incorporados a Constituição de 1934 são: “1º- *Promulgação da Constituição em nome de Deus*; 2º- *Defesa da indissolubilidade do laço matrimonial, com assistência as famílias numerosas e reconhecimento de efeitos civis ao casamento religioso*; 3º- *Incorporação legal do ensino religioso facultativo, nos programas das escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais da União, dos Estados e dos Municípios*; 4º- *Regulamentação da assistência religiosa facultativa às classes armadas, prisões, hospitais, etc.*; 5º- *Decretação de legislação do trabalho inspirada nos preceitos da justiça social e nos princípios da ordem cristã*; 6º- *Defesa dos direitos e deveres da propriedade individual*; 7º- *Liberdade de sindicalização, de modo que os sindicatos católicos, legalmente organizados, tenham as mesmas garantias dos sindicatos neutros*; 8º- *Reconhecimento do serviço eclesástico, de assistência espiritual às forças armadas e às populações civis, como equivalente ao serviço militar*; 9º- *Decretação de lei de garantia da ordem social, contra quaesquer atividade subversiva, respeitadas as exigências das legítimas liberdades políticas e civis* e 10º- *Combate a toda e qualquer legislação que contrarie, expressa ou implicitamente, os princípios fundamentais da doutrina católica.*”

*anúncio da Guerra Fria, o mundo passara a ser encarado como um palco de batalha entre dois sistemas: o capitalismo e o comunismo, a liberdade e a tirania*³⁷¹ Embora o PCB continuasse atuando mesmo nos períodos em que se encontrava na ilegalidade, não era exatamente o medo do *“inimigo vermelho”* que suscitava o discurso e a ação anticomunista, mas a possibilidade de provocar o eleitorado a posicionar-se através do voto. O anticomunismo revestia-se assim de um vigoroso conteúdo apelativo e demagógico, largamente utilizado nas diversas campanhas eleitorais.

Durante a campanha para as eleições de 1947, o anticomunismo refloresce com vigor. A Ação Católica no Ceará manifestando apoio à candidatura do general Onofre Gomes Muniz pelo Partido Social Democrático opunha-se ao candidato da União Democrática Nacional, desembargador Faustino Albuquerque, por considerá-lo candidato dos comunistas. Mesmo que o candidato udenista negasse veementemente qualquer relação com o Partido Comunista, as acusações continuaram devido o fato do PCB ter conclamado os trabalhadores a sufragar o nome de Faustino Albuquerque.

A campanha católica expandiu-se por todas as dioceses, com a participação ativa do clero e dos leigos engajados nas entidades que formavam a Ação Católica. Francisco Moreira Ribeiro esclarece que a campanha anticomunista capitaneada pela Arquidiocese de Fortaleza, representada por D. Antônio de Almeida Lustosa pôs em marcha um vasto programa nas grandes cidades, organizando seminários e palestras. Como instrumentos de sua ação, contou com a participação *“... de todas as instituições sob sua influência como os Círculos Operários, o Centro Social Arquidiocesano, União dos Moços Católicos, para travar o que ela denominava de “avanço das forças satânicas de Moscou”*.³⁷²

Ora Insinuando, ora afirmando categoricamente que se tratava de uma candidatura apoiada pelos comunistas, a hierarquia eclesiástica almejava obter

³⁷¹ RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anti-comunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Passo Fundo: Ediupf, 1998. 148 p.

³⁷² RIBEIRO, Francisco Moreira. **O PCB no Ceará: ascensão e declínio – 1922 – 1947**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará / Stylus Comunicações. 1989. 170 p.

o êxito das campanhas anteriores. Não obstante, a oposição à candidatura de Faustino Albuquerque não conseguiu a adesão de todo o clero.³⁷³

Os Círculos Operários integraram a campanha ostensiva contra o candidato udenista. As disputas entre religiosos e comunistas, durante esse pleito eleitoral, atingiram o ápice entre os trabalhadores católicos. Francisco Ribeiro informa que o apoio do PCB a candidatura de Faustino Albuquerque “*seria finalmente oficializado em editorial publicado em O Democrata, dia 13.01.47, há apenas seis dias da realização do pleito.*”³⁷⁴ À manifestação pública dos comunistas os Círculos Operários da Capital responderam com uma grande concentração, intitulada “*Comício de Fé e de Religiosidade*”, com vistas a favorecer a candidatura de Onofre Muniz, em 15 de janeiro de 1947.³⁷⁵

Enviar questionários aos candidatos foi um dos recursos utilizado pela Ação Católica tanto nas eleições de 1947 quanto nas posteriores. O questionário indagava o candidato a respeito de seu compromisso com os princípios católicos e quanto a sua disposição em lutar contra o comunismo. Em relação às eleições de 1947, embora a publicação das respostas de Faustino de Albuquerque tenha sido retardada, “*como parte do jogo de má vontade*”, promovido pela Ação Católica, o jornal O Povo (01/01/1947), defensor da candidatura udenista, apresentou para a tranqüilidade dos eleitores católicos, os motivos que garantiam a “*idoneidade moral*” de Faustino Albuquerque. São os seguintes:

1º - Porque é católico e ninguém o nega e aí estão os vigários das paróquias a que pertenceu para atestá-lo.

2º - Porque respondeu com clareza e suficiência o questionário da Ação Católica de Fortaleza.

3º - Porque sem ser interrogado por ninguém, declarou (...) que garantiria apoio às forças morais e espirituais do Ceará...

4º - Porque (...) antes de qualquer consulta da Ação Católica (...) fez profissão de fé anti-comunista, antitotalitária (...)

³⁷³ NOCA, Francisco Wilson. **Sermões, matracas e alcatrão: religiosos e comunistas na luta pelo poder (1946-1950)**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1996. p.71-82. Embora seja visível a preferência do alto clero para o candidato pessedista, o autor apresenta o clero cearense dividido entre as duas candidaturas.

³⁷⁴ RIBEIRO, Francisco Moreira. **O PCB no Ceará: ascensão e declínio – 1922 – 1947**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará / Stylus Comunicações. 1989. p.91.

³⁷⁵ NOCA, Francisco Wilson. **Sermões, matracas e alcatrão: religiosos e comunistas na luta pelo poder (1946-1950)**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1996.

afirmando que não tinha compromissos, como não os tem, com o partido de Prestes.³⁷⁶

Como medida de precaução e alertando para as dissensões decorrentes da atividade político-partidária nos Círculos Operários, *A Fortaleza*, com a aproximação do pleito, publicou várias matérias sobre o tema. Advertiu que, “*manter-se fora e acima*” da disputa partidária era o caminho a ser seguido pelos circulistas, evitando assim que se instaurassem facções dentro das organizações e que num processo gradativo fosse gerando “*queixas, protestos, desarmonia, desagregação e morte do círculo*”³⁷⁷. Outro motivo que devia ser considerado era o fato do Círculo Operário ser uma entidade que a um só tempo, solicitava e oferecia colaboração, dos governos, dos representantes do povo filiados a diferentes partidos, com exceção para aqueles que defendiam o credo vermelho e as pessoas que de alguma forma poderiam prestar serviços ao Círculo.

Os dirigentes circulistas em apologia ao voto, apregoavam que este era um importante instrumento do trabalhador. A “*arma branca*” a ser empregada em benefício dos interesses da coletividade. A eleição se configurava como o momento oportuno para a escolha entre o “bem” e o “mal”. O bom circulista deveria estar atento para esse momento decisivo onde ele comungaria os ideais de salvação da pátria e o fortalecimento da tradição católica brasileira. O ato de votar passa a ser uma missão na qual os eleitores cientes de seu valor, estavam incumbidos da tarefa de salvaguardar a nação das “*pretensões maléficas*” de indivíduos “*egoístas, apátridas e fratricidas*”. O voto metamorfoseia-se e a cabine eleitoral transforma-se em altar votivo da pátria. Os caracteres negativos atribuídos àqueles que o utilizam como mercadoria se dissolvem diante da possibilidade de transformá-lo em potência na edificação da pátria cristã, em vista que:

Dessa escolha surgirão os verdadeiros delegados da confiança do povo os seus interpretes fieis, os defensores intemoratos da nacionalidade, os guardiães intemeratos do patrimônio coletivo, a salvaguarda dos direitos individuais, a cidadela indestrutível da civilização.

³⁷⁶ Apud NOCA, Francisco Wilson. **Sermões, matracas e alcatrão: religiosos e comunistas na luta pelo poder (1946-1950)**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1996, p. 146.

³⁷⁷ **A Fortaleza**, ano III, nº 144, 30/08/1953.

Eis porque o momento de votar é o da suprema decisão dos nossos destinos, como expressão coletiva.
Transformemos a cabine no altar onde sacrificaremos os nossos interesses e preferências particulares, em holocausto a causa sublime da pátria cristã³⁷⁸.

Sendo a eleição um momento de escolha, em que se impõe a necessidade de se fazer uma opção, os Círculos Operários eram orientados a seguirem os princípios do movimento nessa matéria. Manter-se fora e acima da disputa política para não privar-se de apoios importantes era sempre a palavra de ordem. A entidade circulista deveria ser *“simpática a toda autoridade e a todos os cidadãos.”* Contudo, como os Círculos Operários tinham interesse na eleição de alguns candidatos, o dilema seria resolvido seguindo as orientações da CNCO, segundo as quais a campanha seria realizada com o objetivo de *“...orientar os seus sócios, porém, sempre dentro de um critério apartidário, quanto a nomes de candidatos que tenha prestado serviços relevantes ao movimento circulista.”*³⁷⁹

Nas eleições de 1954, os Círculos Operários receberam generosas subvenções ordinárias e extraordinárias, oriundas dos cofres federais e estaduais. A divulgação da subvenção era geralmente acompanhada do “benfeitor” que a havia pleiteado. Tratava-se de deputados estaduais, federais ou senadores, que, ou eram candidatos à reeleição ou estavam apoiando alguma candidatura. O objetivo era cooptar as lideranças circulistas e os associados, que, por gratidão, iriam sufragar o nome do candidato.

Neste cenário, ocorre o restabelecimento da Liga Eleitoral Católica. Saindo em defesa da Liga em artigo intitulado *“Nós, eles e a política”*, o articulista criticava as pessoas que viam a LEC como uma organização que renascia fracassada e outros que a consideravam apenas como um partido político. Para ele, a Liga teria uma importante função nas eleições de 1954 e suas orientações deveriam ser seguidas pelos católicos, pois:

(...) só é católico quem quer. Sendo tem que obedecer a Igreja na pessoa dos seus chefes. Assim nada mais justo e lógico, como dizíamos, de que a Igreja indicar aos católicos

³⁷⁸ **A Fortaleza**, ano VIII, Fortaleza, nº 379, 02/10/1958.

³⁷⁹ Parágrafo 2º do Artigo 53º do Estatuto da CNCO. In: **A Fortaleza**, ano IV, nº 179, 30/05/1954.

as pessoas que merecem os votos dos católicos. Não só indicar, a Igreja tem o direito de impor, de exigir, até, acrescentamos.³⁸⁰

Respondendo a questões sobre a função da LEC, padre Leopoldo Brentano esclarece que o trabalho dessa organização não se restringiu ao processo eleitoral, havendo ainda o acompanhamento dos candidatos que assumiram compromisso com a Liga, observando sua postura diante da aprovação de leis que estivessem de acordo com os postulados católicos ou não. Advertiu que a LEC exclui preliminarmente qualquer candidato que se identifique com o PCB, e no tocante ao socialismo e os partidos que o propagam *“merecem repulsa dos católicos, por professarem a ação invasora e absorvente do Estado na vida econômica.”*³⁸¹

Na coluna *“Escrevem os Operários”*, o circulista Ubiratan Castelo Branco conclama todos que fazem o movimento e os católicos de maneira geral para votarem nos candidatos apontados pela LEC, negando o voto aos *“...apátridas, sanguinários, ateus comunistas, ou a seus admiradores socialistas; os diabólicos espíritas, os farisaicos e endinheirados maçons, os cegos e errados protestantes”*³⁸²

A idéia era impedir que qualquer candidato que professasse preceitos que divergiam da Igreja Católica pudesse receber votos de seus integrantes dos católicos. Reforçando a necessidade da obediência devida à hierarquia eclesiástica, puderam com facilidade orientar os circulistas e demais católicos no processo eleitoral. No intuito de justificar que a obediência era um critério importante para o êxito de um programa, a Coluna Política d'A *Fortaleza*, aponta que neste aspecto *“...podemos imitar o exemplo dos nossos inimigos vermelhos na obediência cega às determinações que vêm de cima”*³⁸³

³⁸⁰ **A Fortaleza**, ano IV, nº 174, 25/04/1954.

³⁸¹ BRENTANO, Pe. Leopoldo. **Catecismo do Eleitor**. In: **A Fortaleza**, ano IV, nº 174, 25/04/1954.

³⁸² **A Fortaleza**, ano IV, nº 174, 25/04/1954. Na edição nº 196, em 25/09/1954 A Fortaleza publica a lista dos candidatos condenados pela LEC. Candidatos a prefeito: Acrísio Moreira Rocha e Ari de Sá Cavalcante. Este último “... pela sua ostensiva ligação com os comunistas, não pode ser votado pelos católicos.” Os deputados federais dos partidos UDN, PTB e PR: Ernesto Miranda, Sabóia de Albuquerque, Crisanto Moreira da Rocha, José Ramos Torres de Melo e Antônio Perilo de S. Teixeira também foram execrados pela Liga Católica.

³⁸³ **A Fortaleza**, ano IV, nº 177, 16/05/1954.

Tentando se desviar de problemas que pudessem ocasionar em última instância o fechamento de qualquer das unidades circulistas e almejando manter a disciplina hierárquica, a Federação dos Círculos Operários do Ceará divulgou através d'*A Fortaleza* que não seria permitida a propaganda partidária nas sedes dos Círculos Operários e ainda que, ficaria impedido de candidatar-se e fazer propaganda, todo circulista que ocupasse cargo de Direção. Quanto às eleições para renovação da diretoria dos Círculos, a Federação avisa às entidades a ela filiada, que as mesmas não poderão realizar eleição no período compreendido entre julho e outubro de 1954. Justifica que o propósito desta decisão é “...evitar que a política partidária influa nas decisões dos associados prejudicando a boa marcha do movimento”.³⁸⁴

Para veicular as mensagens de orientação eleitoral, *A Fortaleza* publicava artigos, entrevistas com grandes nomes do circulismo nacional, integrantes de *Mocidade Católica*, do *Centro Artístico Cearense* e conselhos da Arquidiocese através da LEC. Para atrair a atenção dos leitores, transmitia em forma de cordel suas orientações. Em *Falando sero*, primeira participação do Zé do Arraiá, n'*A Fortaleza*, o personagem fala ao povo através de versos simples, valendo-se de uma linguagem informal, comumente atribuída ao rude trabalhador, ao “*matuto*” sertanejo:

Falando sero.

(...)

Se você é um home sero,
(ou é muié de vergonha),
num pense in vendê seu voto
que é coisa feia, medonha.

.....

Um circulista que é direito
Num vende seu voto, não:
dá de graça aos candidato
da nossa Federação.

Nós num vota in gente ateu,
Protestante ou espiritista,
Que é tudo da merma raça
dos peste dos comunista.³⁸⁵

³⁸⁴ **A Fortaleza**, ano IV, n^o 183, 26/06/1954.

³⁸⁵ **A Fortaleza**, ano IV, n^o 191, 21/08/1954.

Nesse lançamento inicial do cordel, duas mensagens são repetidas insistentemente: não transformar o voto em objeto de troca e votar nos candidatos indicados pela Federação, que eram os apresentados pela LEC. Em *Saba iscuiê*, reforça-se a exigência moral de sufragar os candidatos indicados pela Federação, não creditando confiança em qualquer candidatura rejeitada pela LEC. Veja-se:

Aqui tou eu outra vêis,
meus colega circulista,
prumode continuá
a conversa cum vocêis
Eu sube que apreciario
minha recumendação
prumode isso arrezuví
deitá outra falação.

Circulista de vergonha
seu voto num vai vende
mais porém os candidatos
será que sabe iscuiê?

.....

Inventam que os “candidato
populá” é nosso amigo,
que protege os pobrezinho
e salva nós do perigo...

.....

circulista! pra cumprir
cum a nossa obrigação
acatem só as orde
da nossa Federação!³⁸⁶

O último lançamento do cordel intitulado “*É mio privinir*”, foi publicado na semana da eleição, fazendo referências à nota oficial publicada pela LEC com os nomes dos candidatos indicados e negados pela Liga. Reafirma a orientação de negar o voto aos candidatos apoiados pelos comunistas, a exemplo do Ari de Sá, considerado o “*candidato querido*” dos “*pestes dos comunistas*”, provando assim estarem obedecendo e respeitando às determinações da hierarquia católica e do circulismo:

Circulistas, meus colegas,
tá chegando a hora H,

³⁸⁶ **A Fortaleza**, ano V, nº 195, 18/09/1954.

que nós vai se decidi
in quem nós deve votar.

Sua nota oficiá
a LEC já publicou;
conforme já se esperava,
munta gente condenou.

.....

Vamo guardar nosso voto
pra gente de distinção,
aprovada pela LEC
e pela Federação.

“É mais mió privinir
do que arremediá”
de que vale arrendê-se
dispois da cousa passá?³⁸⁷

.....

As eleições de 1954 tiveram resultado positivo para os Círculos Operários cearenses, em especial para os localizados em Fortaleza. Três circulistas candidatos a vereadores foram eleitos: Mauro Benevides da UMC (União da Mocidade Católica) e redator d’*A Fortaleza*, Roberto Carvalho Rocha também redator do semanário circulista e Valter Cavalcante Sá, presidente do Círculo Operário de Monte Castelo. A eleição deste último é um demonstrativo da não obediência às determinações da CNOC e da FCOC no campo político-partidário.

É importante ressaltar que neste pleito o governador eleito Paulo Sarasate, acena para os Círculos Operários manifestando em comentários publicados no semanário, sua admiração pelas organizações circulistas. Esse depoimento do governador eleito não passou despercebido entre os circulistas. Num artigo intitulado “*O circulismo e o futuro governo*”, aparece a seguinte observação:

(...) têm razões soberbas os circulistas de estar alegres com aquelas declarações, sobretudo porque elas são um reconhecimento, por parte da alta autoridade, do trabalho silencioso e digno dos dirigentes do movimento em seus vários setores de ação.³⁸⁸

³⁸⁷ **A Fortaleza**, ano V, nº 197, 02/10/1954.

³⁸⁸ **A Fortaleza**, ano V, nº 215, 05/02/1954.

Ao que parece os dirigentes circulistas estavam se reportando não apenas ao trabalho específico desenvolvido pelos Círculos Operários, mas também a atuação eleitoral feita aberta e declarada ou de forma sub-reptícia em favor da candidatura de Paulo Sarasate, como candidato indicado pela Liga Eleitoral Católica.

Embora nas eleições de 1958 a LEC não tenha sido ressuscitada, a Ação Católica no Ceará³⁸⁹ não se absteve do processo. Padre Arimatéia Diniz, Assistente Eclesiástico da FCOC, entrevistou Virgílio Távora (UDN) e Parsifal Barroso (PTB) então candidatos ao governado do Estado, para conhecer a formação cristã destes, e assim “*orientar a posição dos trabalhadores católicos que integram o movimento circulista.*”³⁹⁰

Cada um dos candidatos entrevistados responderam as seis perguntas seguintes: primeira – se o candidato aceitaria aliança com o Partido Comunista; segunda – se o candidato aceitaria aliança com os inimigos da Igreja; terceira – se eleito chamaria esses elementos para o governo; quarta – se dispunha-se a lutar na Ação Católica contra o comunismo; quinta – se eleito faria defesa dos princípios cristãos para a família, como a não aceitação do divórcio e a defesa do ensino religioso nas escolas e sexta – se assumiria compromisso com a obra circulista prestando assistência material e moral. Às três primeiras perguntas os dois candidatos responderam “não” e disseram “sim” para as três últimas.³⁹¹

Para os candidatos a prefeito e vice *A Fortaleza* enviou questionário com as mesmas perguntas já feitas aos candidatos que disputavam o governo do Estado. As respostas foram divulgadas pelo jornal, que mostrou-se satisfeito com a disposição dos candidatos, pois estes haviam se comprometido

³⁸⁹ Integram a Ação Católica no Ceará: **HAC** (Homens da Ação Católica); **LUC** (Liga Universitária Católica); **LFAC** (Liga Feminina da Ação Católica); **LAGF** (Liga Agrária Católica Feminina); **LICF** (Liga Independente Católica Feminina); **LOCF** (Liga Operária Católica Feminina); **LUCF** (Liga Universitária Católica Feminina); **JMC** (Juventude Masculina Católica); **JEC** (Juventude Estudantil Católica); **JIC** (Juventude Independente Católica); **JOC** (Juventude Operária Católica); **JUC** (Juventude Universitária Católica); **JFC** (Juventude Feminina Católica); **J AFC** (Juventude Agrária Feminina Católica); **JECF** (Juventude Estudantil Católica Feminina); **JICF** (Juventude Independente Católica Feminina); **JOCF** (Juventude Operária Católica Feminina); **JUCF** (Juventude Universitária Católica Feminina). N'A Fortaleza, ano VII, nº 349, 22/02/1958, é divulgada a nomeação dos dirigentes destes órgãos pelo Arcebispo de Fortaleza.

³⁹⁰ **A Fortaleza**, ano VII, nº 355, 11/04/1958.

publicamente na defesa dos princípios cristãos, em combater e obstaculizar a ação comunista e por último em colaborar com os Círculos Operários.³⁹²

Para impedir que sucedesse nas eleições de 1958 o que havia sido presenciado em 1954, quando dirigentes de Círculos Operários, contrariando as orientações das entidades máximas do circulismo, lançaram suas candidaturas, a CNCO publicou um Boletim sobre as eleições. O documento apresentava basicamente as mesmas determinações anteriores, com mudança apenas no ponto sobre a candidatura de dirigentes circulistas. Nas eleições de 1954, havia uma proibição clara a respeito deste ponto. Observando que não houve aceitação por parte dos circulistas, a CNCO resolve moderar e estabelece que, sendo candidato, o dirigente deverá afastar-se do cargo.

Apesar das resoluções da CNCO, a Federação dos Círculos Operários do Ceará enredava-se no processo eleitoral, numa prática que vinha experienciando há anos. Não faltava quem não acusasse a Federação de contrariar as determinações circulistas ao se envolver na disputa político-partidária. Diante de uma situação bastante delicada, temendo as advertências da CNCO, *A Fortaleza*, em defesa da Federação, publica uma nota dirigindo-se aos partidos políticos:

Apelamos para os dirigentes dos Partidos políticos do Ceará, no sentido de não envolver o nome da Federação dos Círculos Operários do Ceará e do movimento circulista em intrigas políticas pois, aquela entidade só tem um interesse: trabalhar pelo maior engrandecimento dos círculos operários e pelo bem da classe operária no nosso Estado. Assuntos políticos compete aos políticos resolverem.³⁹³

Nesta campanha eleitoral de 1958, o discurso anticomunista foi produzido por candidatos vinculados ao circulismo e membros da hierarquia eclesiástica. Alardeada como estandarte desfraldado contra o comunismo a Carta Pastoral de D. Antônio Castro Mayer, que *A Fortaleza* intitula “*A imprensa (Contra o mito)*” – *contra o mito de uma sociedade sem classes* –

³⁹¹ Idem.

³⁹² **A Fortaleza**, ano VIII, nº 377, 20/09/1958. Eram candidatos a prefeito de Fortaleza: Flávio Marcílio, Ari Cavalcante Sá e Coronel Cordeiro Neto. Para vice- prefeito concorriam: Denizard Macedo, Aécio de Borba, Cláudio Martins, Antônio Girão Barroso e Sólón Farias.

³⁹³ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 377, 20/09/1954.

dispõe sobre cinco pontos: 1º respeitar às determinações da Igreja Católica como corpo místico de Cristo; 2º atentar para a oportunidade de influir, por meio do voto, para a defesa e incremento da civilização cristã no Brasil; 3º recusar apoio a todo partido cujo programa contrarie os preceitos da religião cristã; 4º respeitar à propriedade privada, pleiteando o reconhecimento de sua função social e 5º negar a possibilidade de uma sociedade sem classes, pois trata-se de um “mito” que contraria fundamentalmente a doutrina da Igreja Católica.

Nestes, observei as prescrições aos católicos quanto à importância do voto como arma a serviço do “*triunfo dos princípios católicos*”. Ressalvando que embora a Igreja “*não tenha a menor preferência partidária*”, o católico, por dever de consciência moral, não pode votar em partidos contrários a doutrina da Igreja no que diz respeito a defesa da família, mas precisamente da indissolubilidade do vínculo conjugal, do ensino religioso nas escolas, hospitais, prisões e forças armadas. Sobre esse assunto o prelado foi breve e objetivo. O tema que se dedicou a escrever longamente foi a questão da propriedade privada como direito natural e o “*mito de uma sociedade sem classes*”:

(...) a Igreja é tutora da Lei Natural e, como tal, protege em toda a sua amplitude, o direito de propriedade. Não pode Ela consentir que sob qualquer pretexto de afirmar a função social inerente a propriedade, se chegue ao extremo de restringir, mutilar ou até eliminar o caráter privado desse direito. Tanto vale dizer que um programa comunista ou socialista não poderia ser apoiado por um católico, ainda que parecesse respeitar a religião e a família.

.....

(...) conforme os sábios e amorosos desígnios da Providência, a sociedade deve ser formada por classes desiguais, que cooperem para o bem comum segundo os ditames da justiça e da caridade. A Igreja, protetora da Lei Natural, intervém na questão social, não para fomentar a luta de classes, favorecendo os interesses exclusivos desta ou daquela categoria social, mas, para restabelecer entre elas harmonia, co-existência e eqüitativa cooperação.³⁹⁴

Desnecessário comentar o conteúdo anticomunista desta Carta Pastoral. Cabe no entanto, observar que ao enfrentar o programa comunista,

³⁹⁴ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 378, 27/09/1958. O jornal informa que D. Antônio Castro Mayer é Bispo Diocesano de Campos.

paralelamente, reforça princípios fundamentais da doutrina circulista, quais sejam, a negação da luta de classes e a defesa da colaboração harmoniosa entre patrões e operários. Muitos membros da elite eclesiástica, considerando a Igreja Católica “*depositária das verdades imutáveis*”, apresentam-na como autoridade incontestada, fato que constrói a justificativa para que seus postulados possam ter aceitação por grande parte da população. Assim, ao afirmar que, pensar numa sociedade sem classes é apenas um mito, está presente a tentativa de descredenciar os comunistas e socialistas, responsabilizando-os de atentarem contra a Lei Natural, e em decorrência dessa posição, contra a Igreja Católica.

O combate renhido ao comunismo se faz observar semanalmente no jornal circulista em 1958. Especialmente num momento em que os governos municipais e o estadual enfrentavam agitações no campo e nas cidades em decorrência da crise que se alastrava por todo país e agravava-se no Ceará, porque a seca, como um fator a mais, contribuía para o seu recrudescimento, os comunistas são acusados de incitar a revolta popular. Aproveitando-se da campanha eleitoral, os Círculos Operários, com especial ênfase para os situados na região metropolitana e a FCOC promoveram uma algazarra anticomunista. Objetavam o indiferentismo das pessoas durante o processo eleitoral, censuravam todos os que consideraram responsáveis pelos tempos difíceis que vivenciavam, reprovando-os em discurso enérgico. Observe-se o teor dessas críticas no seguinte artigo:

Para trás os ingratos, para trás os conformados, para trás os displicentes, os “mãos estendidas” e os “inocentes úteis” e mais ainda os que por um prato de lentilhas, vendem a consciência, e a liberdade de crê na família cristã brasileira. Não bastou o sofrimento, a traição e o vilipêndio da família brasileira em novembro de 35, como centenas de famílias foram vilipendiadas e irmãos trucidados dormindo.

Traidores comunistas já falam em praça pública como presenciei em plena rua do Ouvidor a Guilherme Rocha. Jornais pregando traição abertamente; politiqueros mancomunados com os vis traidores pregam a nova camuflagem dos comunistas que é a tal frente nacionalista. Nacionalistas! Como são vis essas hienas esses porcos satanizados, estes empreiteiros de desordem no mundo.

Aqui é o Brasil, e este não será uma vitima com foi a valorosa Hungria³⁹⁵.

Em consonância com o pensamento da hierarquia circulista, segundo o qual o combate ao comunismo não poderia ser feito apenas com “*refutações faladas e escritas, ou somente com a polícia, mas tirando-lhe a causa que é o mal estar social e a miséria entre o povo*”³⁹⁶, o circulista Jonas Carlos da Silva, candidato a deputado federal, em artigo publicado n’*A Fortaleza* afirma que:

(...) pretendemos liquidar com a doutrina vermelha, enchendo o estômago do nosso povo e não com perseguição e cadeia, pois aplicar perseguição e cadeia no campo da ideologia é demonstrar fraqueza, covardia incapacidade de luta.³⁹⁷

Havia a compreensão entre os líderes circulistas que lutar contra inimigo tão poderoso requeria uma ampla atuação. Se as propostas comunistas encontravam eco junto à população em face da depauperação das massas trabalhadoras, era vantajoso oferecer-lhe assistência material; ao discurso classista, confrontar um apelo cristão à amizade, amor ao próximo, harmonia, ordem e disciplina. O circulismo não haveria de negligenciar nenhum setor onde pudesse se infiltrar a propaganda comunista. Ocorrendo tal fato, contra essa “*propaganda maléfica*” levantar-se-ia a imprensa circulista, cuja trajetória de luta contra o comunismo, era motivo de homenagens aos que se dedicaram nesta empresa.

Anualmente, na primeira edição do mês de setembro, comemorando o nascimento d’*A Fortaleza*, era publicada uma ou mais matérias abordando a função social da imprensa circulista, com destaque para o fato desta folha ter se tornado um baluarte do sodalício católico na luta contra os comunistas. Além, estampavam sem modéstia as homenagens ao semanário circulista, enviadas por assinantes, colaboradores e pessoas que ocupavam importantes postos no poder:

³⁹⁵ **A Fortaleza**, ano VIII, Fortaleza, nº 379, 02/10/58. *Coluna Escrevem os Trabalhadores*.

³⁹⁶ **MANUAL DO CÍRCULO OPERÁRIO**, CNCO, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1939, p. 258.

³⁹⁷ **A Fortaleza**, ano VIII, nº 376, 13/09/1958.

E se um voto me é dado, formular, nesta emergência de quase uma década de bons serviços prestados ao Circulismo cearense, há de ser no sentido de que jamais em tempo algum, abduquem os seus responsáveis do sadio idealismo que norteou os seus fundadores, nem se distanciarem um milímetro sequer e a nenhum preço, da estrada real dos magnos postulados da doutrina social da igreja, vasada nas encíclicas papais – sólidos alicerces sobre que se ergue o Circulismo, o qual haja de – sempre pôr-se com toda a veemência e com a pujança de suas convicções, às investidas capciosas e falácias melífluas do marxismo deletério sob qualquer rótulo com que se nos apresente. Mesmo o de nacionalismo...³⁹⁸

Em muitos círculos operários, principalmente os que se encontravam nos municípios interioranos, pelo menos até meados da década de 1950, um significativo número de associados sequer ouvira falar do comunismo. Não obstante, numa ação que beirava a histeria, a Federação implementava um programa de luta contra os comunistas que agregava todas as organizações circulistas. Atestado dessa posição da Federação foi a conclamação aos Círculos Operários de todo o Estado para aderirem a *Cruzada Brasileira AntiComunista*, no início da década de 1950.

Nas eleições de 1962, muitos candidatos valeram-se do anticomunismo como lema para suas campanhas. Alguns abraçavam o anticomunismo por convicção e outros apenas para tirar proveito eleitoral. N'A *Fortaleza* a propaganda de alguns candidatos “*amigos do circulismo*” era veiculada. Trago a título de exemplo o apelo de um candidato:

OPERÁRIO CATÓLICO!

O comunismo tira a liberdade do operário oferecendo-lhe, em troca, trabalho forçado ou fuzilamento:
Vote em quem combate o comunismo!
Vote em Themístocles de Castro e Silva,
Candidato do Círculo Operário de Uruburetama.
Basta escrever na Cédula Única o nº 1530.

Em alguns períodos, o alarde anticomunista feito pelos circulistas e outros órgãos da Ação Católica representou um certo fanatismo por parte dessas organizações. Porém, a partir de 1961 a ofensiva contra os “*vermelhos*”

³⁹⁸ **A Fortaleza**, ano VIII, Nº 429, 2/09/1959. Artigo assinado por Dr. José Fernandes.

encontra fundamentos na conjuntura política que fornecia indícios da propagação de uma onda esquerdista no plano interno e externo.

Na América Latina, a ascensão de Castro e a implementação de uma política antiimperialista gerou a investida norte-americana sobre as nações do continente, consistindo na adoção de uma política que objetivava impedir a expansão do comunismo. Internamente, o governo Jânio Quadros aproximando o Brasil das nações não-alinhadas ao bloco capitaneado pelos Estados Unidos, recebeu uma forte reação dos setores conservadores. A questão tornou-se mais séria com a sua renúncia e a chegada de João Goulart a presidência. Suspeito de ser aliado dos comunistas, desde o início de seu governo, Jango teve de enfrentar a oposição dos conservadores que temiam o fortalecimento dos comunistas.

A arregimentação dos blocos anticomunistas se verifica em todo país. Por outro lado recrudesceram as lutas no campo e na cidade. Goulart é acusado de permitir a infiltração comunista nos diversos escalões do governo e até nas Forças Armadas. Não foram poucas as entidades surgidas neste momento em defesa dos princípios “*democráticos e cristãos da pátria Brasil*”. Rodrigo Patto analisou a organização e a plataforma dos blocos anticomunistas que atuaram no período que ele denominou como o “*Segundo Grande surto*” situado entre 1961 e 1964. Afirma que neste época:

(...) Amedrontados pela impressão de que os inimigos estavam se fortalecendo, os grupos comprometidos com o anticomunismo começaram a se organizar. Nos anos imediatamente anteriores ao golpe de 1964, uma miríade de entidades anticomunistas estruturou-se, compondo um número difícil de precisar.³⁹⁹

Semeando o medo do “*perigo vermelho*”, as organizações anticomunistas forneceram as justificativas para os conservadoras golpistas em 1964. O papel da imprensa foi preponderante neste processo. Aliada dos grupos conservadores, a maioria dos jornais incorporou a propaganda anticomunista contribuindo sobremaneira para a vitória dos golpistas.

³⁹⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**, São Paulo:Perspectiva, FAPESP, 2002.

A *Fortaleza* manteve a posição de combate aos comunistas, alinhando-se aos demais órgãos da imprensa burguesa. Neste período, há uma preocupação do jornal circulista em tratar de assuntos políticos nacionais, reproduzindo o discurso de outros jornais em relação à nova conjuntura inaugurada com o governo Jânio Quadros. Na tentativa de esclarecer os leitores sobre os perigos do comunismo para a pátria, a família e a religião, era também veiculada a necessidade de reconhecer quem eram os elementos comunistas. O propósito anunciado era impedir que os trabalhadores fossem “*inocente úteis*” passíveis das manipulações e maquinações dos vermelhos. Atente-se pois, para uma das edições d’*A Fortaleza*, na qual o articulista apresenta a “*Marca Ideológica*” que identifica o comunista:

Quando o leitor conversar com uma pessoa cujas idéias políticas desconheça, verifique se ela é:

(...)

02. Anti lacerdista;
03. Antiamericana do Norte;
04. A favor da abolição da propriedade;
05. Contra o trabalho e partidário da greve injusta;
06. Contra a democracia;
07. Contra a liberdade de agir, pensar e crer;
08. Pela autodeterminação dos povos, exceto quanto à China, Bulgária, Cuba, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental e demais países que vivem sob o domínio da Rússia;
09. Contra as religiões, por considerá-las ópio do povo;
10. Pela subversão da ordem pública;
11. Pela desunião das Forças Armadas;
12. Pela estatização das empresas em geral;
13. Pró Fidel Castro, carcereiro de milhões de cubanos, pelo “crime” de desejarem eleições livres e a expulsão dos invasores soviéticos. (...)
19. Pela criação e desenvolvimento dos Centros de Cultura Popular; (...)
21. A Favor do muro da vergonha.

Na hipótese de a pessoa ser enquadrada em todos esses itens, aposte o que tiver na carteira e diga que o interlocutor é comunista, segundo as diretrizes soviéticas ora em vigor no Brasil.⁴⁰⁰

O articulista busca elaborar um retrato da moral e conduta dos comunistas qualificando-os como inimigos da propriedade, defendida pela

⁴⁰⁰ **A Fortaleza**, ano XII, nº 531, 1º de maio de 1963. Artigo escrito por Itamar Espíndola.

Igreja como direito natural; hostis a democracia, a religião e a liberdade em seu amplo aspecto; aversos ao trabalho; subversivos e favoráveis aos regimes ditatoriais cubano e soviético. O quadro enfatiza um conjunto de valores e atitudes condenadas pela doutrina social católica, indicando que o indivíduo que apresenta tal perfil deve ser mantido a distância do convívio social, face a sua periculosidade para a família, a sociedade e a pátria.

No primeiro triênio dos anos de 1960, um intenso debate em torno da sindicalização dos trabalhadores urbanos e rurais ocupa cada vez mais espaço nas páginas do jornal circulista. Em torno da categoria dos trabalhadores rurais havia o temor que a ação comunista em Pernambuco através das Ligas Camponesas orientadas por Francisco Julião ecoasse também no Ceará. A Federação dos Círculos Operários do Ceará promovia debates, conferências, cursos de líderes e outras atividades, no intuito de combater o programa comunista. Analisando o dever moral e a missão do operário cristão junto ao sindicato, adverte que:

Se os trabalhadores católicos se afastam do seu sindicato, se este estiver entregue às mãos de anticatólicos ou indiferentes quem o impedirá de deixar aquela linha de conduta ideal? Quem o impedirá de cair nas mãos destas doutrinas e ver desrespeitada a justiça e a equidade, de grupos que, sutilmente, dele se utilizam para a propagação de credos subversivos e anticristãos?

Se os filhos da luz abandonam a vida social, que há de tomar conta dela, senão os filhos das trevas?⁴⁰¹

Sindicalizar-se assume um propósito de consciência moral. Torna-se imperioso que o trabalhador católico perceba o significado de sua missão patriótica enquanto sócio do sindicato. Assim como no Círculo Operário, cristianizar o sindicato transforma-se em objetivo a ser perseguido, considerando que:

Infelizmente no Brasil os sindicatos não vem conseguindo suas finalidades, porque ainda não visam plenamente seus objetivos. Predominam neles, interesses políticos ideológicos e partidários.

Por omissão dos trabalhadores cristãos, os maiores e os mais fortes sindicatos do Brasil estão dominados por longos anos por uma minoria e dirigidos por uma igual minoria que

⁴⁰¹ **A Fortaleza**, ano XI, N° 464, 22 a 28/01/1961.

não visa o bem comum nem mesmo o bem da classe como é do seu dever.⁴⁰²

A organização do *Trabalhador Unido* no Ceará, entidade de ampla base, que congregava sindicatos e Círculos Operários, foi a alternativa encontrada para fortalecer o projeto conservador católico. Estabelecendo uma poderosa aliança entre diversas associações com duas finalidades explícitas: disputar a fundação de sindicatos com a esquerda e impedir a penetração dos comunistas no meio operário, o TU enviava através d'A *Fortaleza*, constantes apelos e mensagens dirigidos aos trabalhadores cearenses e ao Poder Público, atentando para as inquietações políticas no mundo operário.

Acenando para as Forças Armadas como o sustentáculo da ordem pública, mantenedoras do regime e defensoras dos interesses da pátria, as organizações que compunham o TU pediam “*cadeia para os agitadores*” e afirmavam a confiança no militar brasileiro como “*o garante da democracia cristã*”.

Conclamando os “*patrões e operários de boa vontade*” e todos os cristãos dispostos a empenhar-se nesta nova cruzada a FCOC e o TU advertem que não há tempo para mais discursos. É chegado o momento da ação, e não será com congressos e debates que se “... *enfrentará a insídia moscovita, que vai se apoderando do Brasil. É com atos*”. Para fundamentar a urgência de uma atuação expressiva apoiando-se em ações e não em palavras, reportam-se ao caminho indicado por Suzane Labin, autora de *Em cima da hora*.⁴⁰³ A escritora francesa, que esteve no Brasil por ocasião do lançamento deste livro, participou de várias palestras tratando das estratégias de enfrentamento ao comunismo:

(...) agir, adotando os mesmos processos que os comunistas adotam: apossar-se da imprensa, dos rádios, da televisão, das universidades, dos sindicatos, através de pessoas devidamente preparadas. Esclarecer as massas com slogans contundentes. E sobretudo gastar muito dinheiro. Os russos dispendem 3 bilhões de dólares por ano para a propaganda anti-democrática.

⁴⁰² Idem.

⁴⁰³ LABIN, Suzanne. **Em Cima da Hora**. Rio de Janeiro: Record, 1963.

Que os que amam a democracia e nela encontram amparo, façam o mesmo em favor da democracia.⁴⁰⁴

Foi nesse cenário político, construído no período pré-golpe militar, que o circulismo travou seus últimos embates com os militantes comunistas em defesa da cristianização do operariado e suas organizações. Esse estudo circunscribe-se no período iniciado com a fundação do primeiro Círculo Operário do Ceará e finaliza com o processo de inflexão no circulismo cearense e de outros estados do nordeste desenhado na conjuntura dos primeiros anos da década de 1960.

A *Fortaleza* foi porta-voz do movimento circulista, animando-o, arregimentando os trabalhadores no campo e na cidade para expandirem os Círculos, fortalecerem seu programa e ampliarem a base social de sua atuação.

A publicação da doutrina católica ocupou importantes páginas da folha e, com fundamento nesses preceitos orientou a formação de lideranças para atuarem nos sindicatos. Constantes apelos foram feitos pela imprensa circulista cearense para que os trabalhadores aderissem as organizações sindicais, pois eram estas as que legalmente representavam os trabalhadores. Contudo, embora não requeresse o sindicato confessional, propugnava sua cristianização. Buscava influir nestas entidades através das lideranças formadas no movimento e informadas de seus princípios norteadores, pois “*Se os filhos da luz abandonam a vida social, quem há de tomar conta dela, senão os filhos das trevas?*”⁴⁰⁵

Constantemente *A Fortaleza* dirigia fortes apelos a sociedade civil, convidando-a para o embate enérgico contra o comunismo ateu, visto como o inimigo mais pertinaz do circulismo. Atacava os “maus costumes”, a “má imprensa” e o desvirtuamento moral da sociedade. Auto-afirmava-se o baluarte da moral cristã, consagrando em suas páginas o ensinamentos do catolicismo social, como única doutrina a serviço da redenção da classe operária.

O ideário do semanário circulista tencionava a concretização dos princípios cristãos defendidos pelo catolicismo para o mundo do trabalho.

⁴⁰⁴ **A Fortaleza**, ano XIV, nº 557, 27/10/1963.

⁴⁰⁵ **A Fortaleza**, ano XI, nº 464, 22/01/1961. O artigo intitula-se “O cristão e o Sindicato”. Publicação circulista.

Perseguia a evolução social como projeto cujo fim último era o estabelecimento da justiça social. Esta seria o resultado da humanização da relação capital/trabalho, cujo esteio era a doutrina social da Igreja Católica, espaiada nas encíclicas papais. Sustentava a possibilidade da harmonia entre as classes, partindo da noção de interdependência entre elas e dos valores cristãos que lhes davam referência.

Conservadora e conciliadora, tentava sorver qualquer conflito que indicasse pôr em perigo a ordem social. Ciosa em aplacar os acirramentos no campo do trabalho, combatia implacavelmente os que se opunham a tradição católica e ao projeto de harmonia entre as classes. Conquanto se apresentasse como órgão a serviço da classe operária, foi indubitavelmente um potente escudo para aqueles que exploravam e oprimiam os trabalhadores, e neste aspecto em particular, *A Fortaleza* experimentou situações que conflitavam com a própria doutrina social cristã, pondo em xeque elementos importantes de sua plataforma política.

Considerações Finais

A investigação sobre a organização circulista no Ceará, que resultou neste estudo, teve um percurso repleto de surpresas e alterações de ordem diversa. No primeiro momento, delimitei a pesquisa ao município de Limoeiro do Norte, localizado numa região interiorana deste Estado. Conquanto, a medida que avançava na busca de documentos e fontes, deparava-me com os circulistas expandindo sua organização por todo o Estado do Ceará, disputando com os sindicatos e os partidos vinculados as correntes de esquerda a orientação dos operários e trabalhadores cearenses.

Certamente, a verificação dessa expansiva e intensa atividade circulista no Ceará foi o principal estímulo para alargar o campo da pesquisa que passou a abranger os Círculos Operários no Estado. Há porém outras questões que propiciaram essa nova perspectiva e dentre elas, o estudo da literatura específica do movimento, demonstrando a existência de algumas lacunas na sua trajetória histórica no Brasil.

Sem a pretensão de preencher todas essas lacunas, mas sobretudo objetivando contribuir para ampliar a compreensão do fazer circulista para além do eixo sul/sudeste e para as regiões onde a “questão social” estreitamente vinculada ao mundo urbano industrial ainda não se fizera sentir de maneira contundente, perscrutei, palmilhando alguns dos caminhos, trilhas e atalhos a experiência dos circulistas cearenses ao longo de quase cinco décadas.

A literatura circulista proporcionou o entendimento das práticas do movimento em variadas regiões, compondo um quadro rico e diverso sobre o fazer circulista. Essas pesquisas apresentam ângulos diferenciados, porém guardam algumas similitudes quanto à metodologia, que de maneira geral tem como eixo a análise da estrutura do movimento. Como as pesquisas estão concentradas no sul e sudeste do país e dão ênfase a sua organização no meio urbano industrial, acredito que o estudo do circulismo no meio rural possa trazer luzes sobre suas particularidades, formas de atuação e programa específico, se for o caso.

Nesse estudo, procurei demonstrar, mesmo que de forma panorâmica, o circulismo nos municípios interioranos onde predominavam os trabalhadores rurais. Debrucei-me especialmente sobre o trabalho circulista voltado para a

sindicalização dos trabalhadores nestas regiões. Contudo, há outras nuances do circulismo rural que merecem aprofundamento. É possível que o estudo específico sobre a organização dos Círculos Operários localizados em regiões onde a situação social e o universo cultural desses trabalhadores, permeada por diferentes relações de trabalho, tradições e costumes, em comparação ao operariado urbano, possa fornecer novas interpretações sobre o movimento e sobre como se articulavam os trabalhadores rurais em suas formas de associativismo.

Ainda sobre esse aspecto em particular, devo assentir que por vezes perdi-me no entrecruzamento de alguns caminhos que apontavam diferentes direções, indicando, a despeito do propósito da hierarquia do movimento, a não uniformidade da ação circulista no Ceará em face das necessidades e situações específicas de suas unidades circulistas localizadas na capital e no sertão.

Quanto à revisão na periodização do circulismo no Brasil, este estudo propõe outro marco de suas origens e indica a necessidade de uma reflexão sobre sua trajetória histórica. Procurou ainda fazer emergir experiências outras que se mantiveram na obscuridade ou foram negligenciadas. Essas experiências tiveram ainda sua importância minimizada face a articulação de um movimento de cunho nacional e um projeto político que se propunha homogeneizador e portador das mais eficazes e potenciais estratégias, programas e discursos, para a arregimentação do operariado cristão.

Esse projeto político-teológico, liderado pela hierarquia católica circulista, partindo do Rio Grande do Sul, impôs marcos e mitos, efetivou, às custas do sacrifício de muitas agremiações cristãs, fossem Círculos Operários ou outras similares, a constituição de um novo molde para as entidades operárias católicas: o modelo dos Círculos Operários. Embora houvesse recebido contribuição significativa destas organizações com larga experiência no seio dos trabalhadores, o Congresso Operário Católico, ocorrido em novembro de 1937, tratou de descredenciá-las, ressaltando que os interesses particulares e regionalistas, tratados simploriamente como “preconceitos”, haviam sido “vencidos” .⁴⁰⁶

⁴⁰⁶ O Congresso Operário Católico Nacional, realizado em novembro de 1937 no Rio de Janeiro teve uma importância capital para a organização católica no meio operário. Neste evento,

Compreendo que para entender a feição que tomou o movimento circulista nacional é necessário verticalizar a investigação sobre as entidades amalgamadas a partir de 1937, anuindo a denominação de Círculos Operários. Dentre essas organizações, estão os Centros Operários Católicos, as Uniões Operárias, as Ligas Operárias e os Círculos de Operários e Trabalhadores Católicos de São José.

Beatriz Loner, no estudo sobre a construção da classe operária gaúcha, registra a atuação da Igreja Católica na constituição de entidades benemerentes, dentre elas a Sociedade Beneficente Católica União Operária Pelotense, que reunia apenas trabalhadores do sexo masculino, visando afastá-los das “influências nocivas”. Para Loner, essa entidade “...*iniciada talvez antes de 1914, perdurou até 1927, pelo menos, e foi precursora dos Círculos Operários.*”⁴⁰⁷ São pois nessas associações de operários e trabalhadores, organizadas de forma dispersa em diferentes regiões do país e lideradas por leigos católicos ou membros do clero, que pode-se encontrar os liames da amálgama que redundou na unificação dessas entidades em Círculos Operários.

Encontrei no circulismo cearense fortes e estreitos vínculos com a Igreja Católica. O movimento estava rigidamente hierarquizado e mantinha-se obediente às decisões do clero que constituía grande parte de sua cúpula. Foi sem dúvida alguma um grande aliado da Igreja Católica no processo de ampliação de sua base social. Constituiu ainda a base sobre a qual a Igreja Católica firmou-se para investir no programa de sindicalização a partir de meados da década de 1950.

A relação entre Círculos Operários e sindicatos indicou a preocupação latente no movimento circulista com a sindicalização dos trabalhadores, promovendo através de programas específicos como a ELO (Escola de Líderes Operários) e a ELIRUR (Escola de Líderes Rurais), a formação das lideranças para o sindicato. Em particular, esse investimento no sindicato demonstra a disputa de diferentes projetos na orientação ideológica da luta e organização

considerado pelo Pe. Leopoldo Brentano como terceiro marco do circulismo, as agremiações operárias de orientação católica foram “planificadas” para utilizar o termo que foi atribuído por Brentano para designar o caráter assumido por essas entidades com as resoluções do Congresso.

dos trabalhadores. Os sindicatos rurais no Ceará receberam forte influência da formação circulista, fato que carece de análise mais profunda, donde seja possível inferir a dimensão dessa conexão.

Ponto comum em todas as pesquisas acerca do circulismo é a referência ao seu conteúdo educativo pedagógico. Educação formal e instrução moral fundem-se num propósito de grande amplitude: transformar os trabalhadores em homens e mulheres úteis, dignificando-os através do trabalho; investir na cristianização das relações capital/trabalho; propor afastá-los das doutrinas “nocivas” e discipliná-los por meio de um conjunto de ações no campo da cultura e através da assistência material, amparados no poder estatal e eclesiástico. Foi uma pedagogia fundamentada nas práticas de controle e subordinação. Estabeleceu metas de longo alcance e formulou importantes estratégias políticas, apresentando-se como alternativa para a “questão social”.

Além de um conjunto de ações por meio das quais acercava-se dos trabalhadores nos diferentes espaços, exerceram uma vigilância sobre os costumes e as tradições, os vícios, as festas e as diferentes formas de lazer, refutando atitudes e idéias quando estas estivessem em desacordo com a doutrina cristã. A pedagogia do exemplo foi amplamente utilizada a serviço da introjeção dos valores morais na formação dos trabalhadores.

Em particular, procuraram assenhorear-se do rito universal dos trabalhadores, transfigurando-o. O Primeiro de Maio, como data-símbolo das lutas operárias, momento singular na proposição da conciliação das classes, assumiu caráter diferenciado no movimento circulista cearense. Ao seu sentido reivindicativo, enquanto rito de luto e de luta, o circulismo cearense transformou-o em festa cívico-religiosa. Aos mártires de Chicago antepôs São José, o protetor celeste e universal dos trabalhadores. Esse fato não revela apenas as estratégias políticas do circulismo, mas a dimensão de um projeto político-teológico que considerava-se depositário das “verdades imutáveis”, enquanto representação do corpo místico de Cristo.

Embora o circulismo cearense tenha mantido um programa de rádio (Hora Circulista) para veicular suas mensagens e propostas, o veículo de

⁴⁰⁷ LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária:Unitrabalho, 2001.

comunicação que significativamente possibilitou a ampla divulgação doutrinária e arregimentação dos circulistas foi o semanário *A Fortaleza*. Com a sua criação em 1950, a Federação dos Círculos Operários no Ceará traçou um programa de distribuição do jornal, que objetivava fazê-lo chegar as mais distantes unidades circulistas, de maneira que os associados pudessem ter acesso aos programas e campanhas encetados pelo movimento.

A Fortaleza se apresentava ainda como instrumento a serviço da orientação das lideranças circulistas. São muitos os artigos, editoriais e notas que a folha indicava como material a ser estudado e debatido pelos circulistas, pois prestavam-se a formação moral e intelectual de seus membros. O conteúdo do semanário abrange questões que não foram aprofundadas neste estudo. As políticas públicas e a referenda da Igreja Católica a esses projetos são comumente apresentadas pelo semanário. O caso do PLAMEG (Plano de Metas do Governo) de Virgílio Távora é apenas um exemplo das propostas implementadas pelos chefes do executivo, que encontram n' *A Fortaleza* sustentação e apoio da hierarquia católica cearense.

Como a investigação n' *A Fortaleza* circunscreveu-se à periodização delimitada por esse estudo, ou seja, não ultrapassou o ano de 1963, acredito que as edições posteriores possam indicar os caminhos que tomaram os Círculos Operários no Ceará durante a ditadura militar, possibilitando interpretações mais claras sobre a situação do movimento neste período e a posição assumida pela Igreja Católica. Vislumbra-se também a possibilidade de conhecer se houve um redirecionamento das ações circulistas em seu campo de atuação específico e na área sindical, já que muitos sindicalistas foram cassados.

Creio também que seja possível, ao acompanhar sua trajetória no pós-1964, encontrar indícios que apontem as razões de sua decadência nas décadas seguintes, pois de fato o circulismo cearense, neste período, entra num processo de refluxo. Essas questões ficam como indagações para futuras pesquisas sobre o circulismo especificamente, ou outras correlatas.

No que concerne ao programa anticomunista levado a cabo pelas organizações e grupos conservadores neste Estado, os Círculos Operários se transformaram em centros irradiadores desse projeto. Organizaram e veicularam uma das maiores propagandas de massa contra o comunismo,

articulando sindicatos e associações leigas, promovendo debates, cursos de formação e palestras que redundou numa campanha de grandes proporções fazendo-se presente tanto na capital quanto no interior.

É importante assinalar que o circulismo cearense tornou-se um dos principais adversários da esquerda no Ceará. Alimentou uma forte oposição ao programa comunista, perseguiu-os em praticamente todos os locais onde fosse noticiada a organização de um “núcleo bolchevista”. Promoveu ainda “*a expulsão de circulistas filiados à liga Operária camponesa, como exemplo a todos aqueles refratários aos postulados do circulismo*”,⁴⁰⁸ demonstrando ser implacável na defesa de seus ideais “supremos”.

O estudo da organização circulista no Ceará, possibilitou vislumbrar a multiplicidade do fazer e da cultura operária mediante suas formas de atuação, programas educativos e doutrinários, plataforma de luta, relação com o Estado mediada pela Igreja Católica e o posicionamento ante outros projetos políticos vinculados a matrizes ideológicas de cunho anarquista, socialista ou comunista.

As diferentes formas de agremiação(mutualistas, beneficentes, classistas, recreativas) para onde confluíam os trabalhadores, demonstram que a constituição da classe operária não obedece um desenvolvimento linear, mas recebe influência das condições econômicas, políticas e culturais em que se encontram e das lutas implementadas para sua transformação. Observa-se ainda que esse processo está sujeito às variações regionais, informadas por elementos culturais específicos. Encontro em Beatriz Loner uma análise sobre a função dessas organizações no processo de construção da classe, que muito contribui para a compreensão do papel especial dessas múltiplas associações e o ponto de intersecção entre elas. Dentre as diversas ações por elas operacionalizadas, a autora relaciona a criação da idéia de:

“... um grupo ou coletividade, unido entre si, mas separado dos demais por outros valores e comportamentos, com interesses específicos, ajudando, pois, na diferenciação externa e na criação da similitude interna.”⁴⁰⁹

⁴⁰⁸ **A Fortaleza**, ano XI, nº 481, 06/08/1961.

⁴⁰⁹ LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária:Unitrabalho, 2001, p.39.

Assim os Círculos Operários se constituíram como organizações portadoras de uma mensagem e projeto específico. Propuseram a defesa do operariado cristão, reivindicando melhores condições de trabalho, salários que garantissem uma vida digna para o trabalhador, educação e moradia. Contudo, com base na doutrina católica, entendiam que a formação moral dos trabalhadores e operários era preponderante para o estabelecimento da ordem social e, portanto, refutaram a idéia de luta de classes.

Dessa posição resulta a preocupação com a formação dos trabalhadores e operários, de base ou liderança, para o ingresso no sindicato. Os circulistas compreendiam que havia uma luta comum entre Círculos Operários e sindicatos. Estes últimos, de maneira geral, apresentavam uma plataforma política classista, potencializavam as reivindicações alçando os patamares da radicalização, culminando em greves e manifestações que na visão dos circulistas acirravam os ânimos e desestabilizava a ordem social. A estratégia dos circulistas era, como afirmou Jessie Jane *“...montar um cerco aos sindicatos, por meio de uma organização cultural e religiosa marcada pelos princípios do corporativismo católico.”*⁴¹⁰

O projeto circulista transcendeu a luta por melhores condições materiais de vida para os trabalhadores. Concebeu, que o soerguimento material, moral e espiritual dos trabalhadores e operários, somente poderia ocorrer se paralelamente ocorresse a colaboração do patronato.

Obstinado em promover a harmonia entre as classes, o circulismo fundamentava sua atuação político-teológica na doutrina social católica e almejava não apenas a redenção dos trabalhadores da miséria material em que se encontravam, mas a conversão dos patrões ao projeto de cristianização do mundo do trabalho, coroando no desenvolvimento harmônico da sociedade.

Para compreender o movimento circulista é necessário observar o sentido de sua atuação no campo da cultura, como expressão de um projeto político-teológico. Adjudicar aos Círculos Operários apenas a função de fortalecer a hierarquia católica no processo de luta pela sindicalização dos trabalhadores, ou como mais um programa de cunho caritativo impulsionado

⁴¹⁰ SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

pela Igreja, destitui o movimento do que realmente é a sua essência: um projeto que inseriu-se no universo cultural dos trabalhadores e operários, estabeleceu metas para a formação cultural e moral destes e organizou estratégias para a sua aceitação requerendo adesão e legitimidade. Destarte, para tornar inteligível as dimensões desse projeto é importante considerar essas perspectivas que lhe foram peculiares.

Fontes

Arquivos

Arquivo de História Eclesiástica – Seminário da Prainha – Fortaleza – CE.
Arquivo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte – CE.
Arquivo Episcopal – Limoeiro do Norte – CE.
Arquivo do Circulismo Cearense – Federação dos Círculos de Trabalhadores Cristãos – Fortaleza – CE.
Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Fortaleza – CE.
Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC – Departamento de História , UFC, Fortaleza – CE.

Jornais

Ceará Socialista (Órgão do Partido Socialista Cearense). In: GONÇALVES, Adelaide (org.). Ceará Socialista: ano 1919. Edição Fac-Similar. Florianópolis: Insular, 2001.

Ano I, nº 04, 03/08/1919; nº 08, 31/08/1919.

Jornal A Fortaleza (Órgão da Federação dos Círculos Operários de Fortaleza), Fortaleza. Consultado nos arquivos da Federação dos Trabalhadores Cristãos do Ceará. Excetuando o ano de 1957, pesquisei todas as edições do jornal, no período compreendido entre a data do seu lançamento em setembro de 1950 até dezembro de 1963. As edições referentes ao ano de 1957 não se encontram na F.C.T.C.C.

O Nordeste (Órgão de orientação católica, vinculado ao Arcebispado Metropolitano de Fortaleza), Fortaleza.

Consultado no Setor de História Eclesiástica do Seminário da Prainha.

Ano I, Nº 12, 04/07/1922; Nº 14, 14/07/1922; Nº 22, 24/07/1922; Nº 25, 27/07/1922; Nº 30, 02/08/1922; Nº 38, 11/08/1922; Nº 45, 21/08/1922; Nº 66, 16/09/1922;

Trabalhador Graphico (Órgão do Sindicato dos Trabalhadores Graphics). Edição fac-similar. In: GONÇALVES, Adelaide e BRUNO, Allyson (orgs.) Fortaleza: Editora UFC, 2002.

Ano I, nº 04, 10/05/1930; nº 13, 12/07/1930; nº 19, 23/08/1930; nº 25, 04/10/1930.

A Voz do Graphico- Órgão da Associação Gráfica do Ceará. Edição fac-similar. In: GONÇALVES, Adelaide e SILVA, Jorge E. (Orgs.). São Paulo: Imaginário, 2000.

Ano I, nº 2, 06/01/1921; nº 14, 26/11/1921.

Ano II, nº 18, 28/01/1922; nº 20, 25/02/1922.

Documentos

ABC do Circulismo – Fortaleza: tipografia América. Direitos reservados a Federação dos Círculos Operários do Ceará. Cordel de autoria do Padre Manuel Edmilson Cruz. 1950.

Acordo Firmado entre os Círculos de Operários e Trabalhadores Católicos de Fortaleza e Círculos filiados e a Arquidiocese de Fortaleza.

Arquivo das correspondências expedidas e recebidas pelo Círculo Operário de Limoeiro do Norte nos anos de 1964 a 1966.

Atas do Núcleo Operário de São Raimundo – Círculo Operário de Limoeiro do Norte. Período: novembro de 1960 a novembro de 1965

Jubileu de Prata da CNCO – VIII Congresso Nacional dos Círculos Operários, realizado em julho de 1962. Instruções gerais; Regimento Interno; Temários; Regulamento dos Grupos de Debate; Relatório; *Projeto de Lei nº 1.039 – D de 1948*. Dispõe sobre a participação dos empregados nos lucros da Empresa. Desarquivado pelo Dep. Paulo de Tarso;

Boletim de Instruções. Emitido pela Federação dos Círculos Operários do Ceará.

Boletim Informativo do 36º Congresso Eucarístico Internacional

Boletim Informativo do Primeiro Congresso Sindical – Trabalhista do Ceará. Realizado em Fortaleza em setembro de 1945. Organizado pelas entidades sindicais e associativas de empregados e empregadores de indústria, comércio e agricultura do estado do Ceará.

Carta Pastoral de Dom Manuel da Silva Gomes – Saudando seus Diocesanos. 08 de Dezembro de 1912.

Declaração de Princípios – Programa de Reivindicação – Plano de Ação: VIII Congresso Nacional dos Círculos Operários. CNOC. 1962.

Documentos Pontifícios sobre Questões Sociais. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1967. Câmara dos Deputados.

Encíclica Mater et Magistra. (Papa João XXIII) . São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

Estatutos do Círculo Operário de Limoeiro do Norte. Aprovados em seção de Assembléia Geral, realizada em 11 de maio de 1941. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele.

Estatutos do Círculo de Trabalhadores Cristãos de Floresta. Reformados em 16 de janeiro de 1965 com registro em cartório de Registro especial de título e Documentos, no livro nº 10, folhas nº 93, número de ordem 1760.

Estatuto e Regimento Interno da Federação de Trabalhadores Cristãos do Ceará. Reforma aprovada em Assembléia Geral Extraordinária realizada em 06 de junho de 1969.

Estatutos do Círculo Operário de Piquet Carneiro.

Livro de Atas do Círculo Operário de Limoeiro do Norte, Ano de 1963.

Manifesto dos Trabalhadores – F.C.O.C. 31 de maio de 1962. Arquivo: STR – Limoeiro do Norte.

MANUAL DO ATIVISTA SINDICAL. FCOSP. São Paulo: Edição Saraiva, 1964.

MANUAL DO CÍRCULO OPERÁRIO. CNOC. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1939.

Panfleto de Convocação para a concentração cívico-religiosa. Realizada em 15 de novembro em comemoração a proclamação da República. Não há referência a data .

Regimento Interno do I Congresso Regional dos Círculos Operários do Norte – Nordeste. Realizado no período de 01 a 06 de outubro de 1963, em Fortaleza.

Tese sobre Sindicalismo Rural – Federação dos Círculos Operários de Alagoas. Apresentada no I Congresso Regional Norte/Nordeste. Arquivo: STR – Limoeiro do Norte.

MANUAL DO ATIVISTA SINDICAL. FCOSP. São Paulo: Edição Saraiva, 1964.

MANUAL DO CÍRCULO OPERÁRIO. CNOC. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1939.

Bibliografia

Livros, Artigos, Dissertações e Teses.

ALMEIDA, Maria das Graças A. A. de. **A construção da verdade autoritária.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

ALMEIDA, Paulo Roberto. **Círculos Operários Católicos: práticas de assistência e de controle no Brasil.** São Paulo, 1992. Dissertação de mestrado em história. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ÁVILA, Fernando Bastos de (Pe.). **O pensamento social cristão antes de Marx: textos e comentários.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

AZZI, Riolando. **História da Educação Católica no Brasil: Contribuição dos Irmãos Maristas.** Vol. 2. São Paulo, Edições Loyola, 1997.

BARBIAN, Hilário. **Círculo Operário e sindicalismo em Ijuí-RS (1923-1946).** Florianópolis, 1991. dissertação de mestrado em história Universidade Federal de Santa Catarina.

BARRETO, Álvaro. Uma avaliação da produção historiográfica sobre os Círculos Operários. In: **Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, nº 7, julho, pp.127-147. Porto Alegre:UFRGS, 1997.

BATALHA, Cláudio H. M. **Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: Algumas reflexões em torno da formação da classe operária.** Cad. AEL, v.6, n. 10/11, 1999

_____. **Identidade da Classe Operária no Brasil (1880-1920): Atipicidade ou Legitimidade?** Revista Brasileira de História. S. Paulo, v.12, nº 23/24; pp 111-124, set. 91/ago.92

_____. Historiografia da Classe Operária no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar,(org.) **Historiografia Brasileira em perspectiva.** São Paulo: contexto, 1998.

_____. **O Movimento Operário na Primeira República.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

- BRUNEAU, Thomas. **O Catolicismo Brasileiro em época de transição**. São Paulo, Edições Loyola. 1974.
- CARONE, Edgard. **Movimento Operário no Brasil (1877 – 1944)**. São Paulo: Difel, 1984.
- CASTRO, Marcos de. **Dom Helder, o bispo da esperança**. Rio de Janeiro, Graal, 1978.-
- COSTA, Emília Viotti da. Novos Públicos, novas políticas, novas histórias: do reducionismo econômico ao reducionismo cultural: em busca da dialética. **Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, nº 10, dezembro. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- CRIPPA, Adolpho (coord.) **As idéias filosóficas no Brasil**. São Paulo: Convívio, 1978.
- DIEHL, Astor. **Círculos Operários no Rio Grande do Sul: um projeto social-político (dos anos trinta à 1964)**. Porto Alegre: Edpucrs, 1990.
- FARIAS, Damião Duque de. **Em defesa da ordem: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.
- FERRERAS, Norberto O. **No país da cocanha: aspectos do modo de vida dos trabalhadores de Buenos Aires (1880-1920)**. Campinas, 2001, Tese de doutorado em História. UNICAMP.
- FIGUEIREDO, Rafael Dalla Rosa. A comemoração do 1º de maio desenvolvida pelo COP, no período de 1930 à 1945. **História em Revista**, Pelotas, v. 7, 157-168, dezembro/2001.
- FLEURI, Reinaldo Matias (org.) **Movimento Popular Política e Religião**. São Paulo Edições Loyola 1975.
- FONTANA, Josep. **História: análise do passado e projeto social**. São Paulo: EDUSC, 1998. Trad. Luiz Roncari.
- FRENCH, John e CLUFF, Mary L. Pedersen. As mulheres e a mobilização operária na época de pós-guerra em São Paulo, 1945-1948. **História Social, Campinas-SP**, n. 7, p. 171-211, 2000.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação e movimento operário no Brasil**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1987.

- GONÇALVES, Adelaide. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos de 1920**. Florianópolis, 2001, Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina.
- HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho. Novos estudos sobre a história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3º ed. – 2000
- _____. **Pessoas extraordinárias. Resistência, rebelião e jazz**. Trad. Irene Hirsch Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- IGLESIAS, Francisco. **História e Ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- JAMES, Daniel. O que há de novo, o que há de velho? Os Parâmetros Emergentes da História do Trabalho Latino-Americana. IN: ARAÚJO, A. (org.) **Trabalho, cultura e cidadania**. São Paulo: Scritta, 1997.
- JUNIOR, Agenor Soares e Silva. **“A Cidade Disciplinada”: A Igreja Católica e os Trabalhadores Urbanos em Sobral-Ceará (1920-1925)**. Recife, 2002. Dissertação de mestrado em História. UFP.
- JÚNIOR, Raimundo Cordeiro Barroso. **A Legião do Trabalho: política e imaginário no Integralismo cearense(1931-1937)**. Fortaleza, 1992, Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará.
- LARA, Sílvia H. Escavidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. **Proj. História**, São Paulo, nº 16, p.24-38. Fev./98.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Indicações Políticas: da Revolução à Constituição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- _____. **Contra Revolução Espiritual**. Spinola & Fusco Editores, Minas Gerais- Cataguazes- 1932.
- _____. **A família no mundo moderno**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1967.
- LIRA, João Mendes (Pe.). **Subsídios para a História Eclesiástica e Política do Ceará**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1984.
- LONER, Ana Beatriz. **Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Editora e Gráfica Universitária: Unitrabalho, 2001.
- LUSTOSA, Dom Antônio de Almeida. **Terra Martirizada**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958.
- MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil(1916-1985)**. Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: editora brasiliense, 1989.

- MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. **Igreja e movimento operário no ABC(1954-1975)**. São Paulo- São Caetano do Sul: Hucitec,1994.
- MICELI, Sérgio. Fontes para o estudo da elite eclesiástica brasileira, 1890-1940. O que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1986-1990.
- MIRANDA, Carlos. A questão Social e os Círculos Operários do Recife. **Clio**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Nº16, 1996.
- MIRANDA, Júlia. **O Poder e a Fé; discurso e prática católicos**. Fortaleza, Ed UFC, 1987.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. **O Trono e o Altar: As vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará (1817-1978)**. Fortaleza, BNB, 1992.
- _____ **O Integralismo no Ceará: Variações Ideológicas**. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará, 1986.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anti-comunismo no Brasil (1917-1964)** , São Paulo:Perspectiva, FAPESP , 2002.
- NOCA, Francisco Wilson. **Sermões, Matracas e Alcatrão: religiosos e comunistas na luta pelo poder (1946-1950)**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1996.
- MURARO, Valmir Francisco. **Juventude Operária Católica (JOC)**. São Paulo; Brasiliense, 1985.
- OCHOA, Maria Glória Wormald. **As origens do movimento sindical de trabalhadores rurais no Ceará 1954-1964**. Fortaleza, Edições UFC. 1989.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi e outras. **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão Nacional na Primeira República**.São Paulo, Editora Brasiliense,1990.
- PADIM, D. Cândido e outros. **Missão da Igreja no Brasil**. São Paulo Edições Loyola. 1973.
- PEREIRA, Adelaide M. Gonçalves e Jorge E. Silva (orgs.). **A Imprensa Libertária do Ceará(1908-1922)**. São Paulo: Imaginário, 2000.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História. Operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

- PETERSEN, Sílvia R. Ferraz. Ainda o movimento operário como objeto de historiográfico. **Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, nº 8, dez., p. 62-78. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
-
- _____. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: ARAÚJO, Ângela M. de Castro(org.). **Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira**. São Paulo: Scritta, 1997, pp.85-103.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz e LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho (1870-1937)**. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1992.
- PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. **Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia**. São Paulo: Ática, 1997.
- PINHEIRO, Sinó. Fragmentos, Fortaleza, 1936.
- PONTE, Sebastião Rogério Barros da. A Legião Cearense do Trabalho. In: PORTELLI, Hugues. **Os socialismos no discurso social católico**. Trad. Helena de Albuquerque M. Livramento. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anti-comunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul(1945-1964)**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- RIBEIRO, Francisco Moreira. **O PCB no Ceará: ascensão e declínio - 1922 – 1947**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará / Stylus Comunicações. 1989
- SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade vermelha: a militância comunista em Camocim- CE(1927-1950)**. Rio de Janeiro: 2000. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 160 p.
- SOUTO, Anna Luiza Salles. Movimentos Populares Urbanos e suas formas de organização ligadas à Igreja. **Ciências Sociais Hoje**. Nº2, Brasília: ANPOCS, 1983.
- SOUSA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
-
- _____. **Valentim, O guardião da memória circulista (1947-1958)**. Campinas, 1992. Dissertação de mestrado em história. Universidade Estadual de Campinas.

- SOUZA, George Evergton Sales. **Entre o Religioso e o Político: Uma história do Círculo Operário da Bahia. Salvador, 1996.** Dissertação de Mestrado em História. UFB.
- SOUZA, Simone (coord.). **História do Ceará.** UFC/ Fundação Demócrito Rocha. 1989.
- TRINDADE, Hélió. **Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30.**São Paulo, Difel, 1979.
- VIANNA, Luiz Werneck. **Liberalismo e Sindicato no Brasil.** 4ªed., ver. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999
- VILLAÇA, Antonio Carlos. **O Pensamento Católico no Brasil.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 175.

ANEXOS

ANEXO I**RELAÇÃO DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS DA CAPITAL E INTERIOR DO
CEARÁ*****CÍRCULOS DA CAPITAL**

AEROLANDIA – Fundado em 3/6/56. Sede alugada á rua Djalma Petit, 204, Sócio inscritos: 440, quites: 356. Oferece assistência dentária e médica.

ANTÔNIO BEZERRA – Fundado a 3/06/49 Sede própria localizada na rua Martins Neto, 195. Sócios Inscritos: 538. Sócios Quitos: 205. Mantém escolas e oferece assistência médica e dentária.

ARRIAL MOURA BRASIL – Fundado a 15.10.51. Sede própria localizada na Travessa João Felipe, 102. Sócios Inscritos: 1.350. Sócios Quitos: 820. Mantém escolas primárias e de corte e costura. Oferece assistência médica e dentária.

FERROVIÁRIOS – Fundado a 06/07/49 – Endereço: Imperador, 596. Sócios Inscritos: 638. Sócios Quitos: 132. Mantém assistência médica e dentária.

FLORESTA – Fundado a 18/11/34. Sede própria na Av. Dr. Theberge, 710. Sócios Inscritos: 1.645. Sócios Quitos: 1.440. Escola de Alfabetização e corte e costura. Assistência médico-dentária e farmacêutica em cooperação com outras entidades.

* As informações sobre existência e localização dos Círculos Operários que constam nesta relação foi divulgada no Jornal **A Fortaleza**, ano VIII, nº 394 e 395 , de 29/01/1959 e 01/02/1959, respectivamente. Outras foram encontradas de forma esparsa nos diversos números pesquisados neste jornal.

FORTALEZA – Fundado a 14/02/15. Sede própria. Endereço: Praça Cristo Redentor s/n. Sócios Inscritos: 1.640. Sócios Quitos: 1.440. Mantém as seguintes escolas: primária, corte e costura.

LA SALETE – Fundado a 06/01/35. Sede própria na rua Anízio Teixeira s/n. Sócios Inscritos: 3001. Sócios Quitos: 2400. Mantém assistência médica e dentária.

MECEJANA – Fundado a 19/10/41. Não tem sede própria. Endereço – Rua Cel. Joaquim Bezerra, s/n. Sócios inscritos: 800. Sócios Quitos: 600. Mantém escolas.

MONTE CASTELO – Fundado a 15/05/47. Sede própria na Av. Benjamin Barroso, n.100. Sócios Inscritos: 1378. Sócios quites: 820. Mantém: escola primaria, de corte e costura e arte culinária. Oferece assistência médica e dentária.

MONTESE – Fundado a 13/03/53. Sede própria localizada na rua Adrien Boris s/n. Sócios Inscritos: 428. Sócios Quitos: 296. Mantém escola e oferece assistência dentária.

MUCURIBE – Fundado a 14/09/47. Possui sede própria, na Av. Leite Barbosa, 3984. Sócios Inscritos: 1650, quites: 1050. Mantém escolas e presta assistência médica e dentária.

NAVEGANTES – Fundado a 12/02/48. Sede alugada na rua Sto. Inácio n. 586. Sócios Inscritos: 508. Sócios quites: 508. Oferece assistência médica e dentária.

NAZARÉ – Fundado em 02/03/47 – Sede própria na rua Samuel Uchôa s/n. Sócios Inscritos: 1018. Sócios quites: 1370. Oferece assistência médica e dentária.

OTAVIO BONFIM – Fundado em 27/06/48. Possui sede própria no valor de Cr\$ 500.000,00. Sócios Inscritos: 3500. Sócios Quitos: 1370. Mantém escola e presta assistência médico-dentária.

PADRE ANDRADE – Fundado em 19/03/57. Sócios inscritos: 489. Sócios Quitos: 250. Endereço: K-7. Mantém escola de alfabetização e oferece assistência médica.

PARANGABA – Fundado a 04/11/23. Sede própria na rua Caio Prado, 165. Patrimônio: Cr\$ 700.000,00. Possui treze núcleos. Sócios Inscritos: 3.200, Sócios Quitos: 2.250. Mantém assistência médico-dentária e escolas.

PARANGABUÇU – Fundado a 13/04/47 – Sede em construção. Endereço Rua Major Pedro Sampaio nº 1.063. Sócios Inscritos 1.511. Sócios Quitos: 635. Mantém escolas de alfabetização e de corte e costura. Oferece assistência médica e dentária em cooperação com a Federação dos Círculos Operários.

PIEIDADE – Fundado a 17/09/49. Sede própria na rua Visconde do Rio branco, nº 2254. Sócios Inscritos 1.300. Quitos: 1.200. Mantém escola de corte e costura. Oferece assistência médica e odontológica em cooperação com a Federação dos Círculos Operários.

PIRAMBU – Fundado em 22/01/1961. Antes era núcleo do C. O de Navegantes.

SÃO GERALDO – Fundado em 22/09/1963. Assistente Eclesiástico: Pe Mauro Herbster.

S. JOÃO DO TAUAPE – Fundado a 04/08/46. Sede própria localizada à rua Manoel Salazar nº 342. Sócios inscritos: 720. Sócios quites: 480. Mantém escola de alfabetização e presta assistência médica-dentária.

UNIÃO POPULAR CRISTO REI – Fundado em 18/01/31. Com sede própria localizada à rua Franklin Távora, 142. Fone 1.61.34. Valor Cr\$ 2.150.000,00.

Mantém escola de alfabetização e oferece assistência médica. Dispõe do Berço do pobre.

CIRCULOS DO INTERIOR

ACARAPE – Fundado a 27/07/47

ACARAU – Fundado a 19/05/35. Dispõe de orfeon.

ACOPIARA – Fundado a 08/12/40. Sede própria na rua Cel. Raimundo Pinho, 226. Sócios Inscritos: 1.381. Sócios quites: 1.203. Mantém assistência médica e dentária e escolas de alfabetização. Possui ainda mausoléu onde ficam os restos mortais dos circuilistas.

ALTO SANTO – Fundado em 1962.

AMONTADA - Fundado em 09/08/1959.

APUIAIRÉS - Fundado a 10/08/47.

AQUIRAZ – Fundado a 13/06/54. Sede própria na Praça Dr. João César s/n. Sócios inscritos: 644, quites: 336. Mantém escolas de alfabetização e oferece assistência médica, dentária e ambulatorial.

ARACATI – Fundado a 07/11/20. Sede própria na Av. Cel. Alexandre Matos Costa Lima, 697. Sócios inscritos: 1.350, quites: 1.050. Mantém escola de alfabetização e presta assistência médica. Possui cinema. A sede esta avaliada em Cr\$ 700.000,00. Fundou em 1951 um núcleo em Santa Teresinha.

ARACOIABA – Fundado a 01/10/44.

ARACATIAÇU – Fundado a 12/07/44. Sede própria. Sócios Inscritos: 1.081, quites: 718. Mantém escola de alfabetização e oferece assistência farmacêutica.

AURORA – Fundado a 29/06/54. Sede própria na rua 7 de setembro s/n. Sócios inscritos: 1.420, quites: 806. Mantém escolas de alfabetização e oferece assistência dentária e farmacêutica.

BARBALHA – Fundado a 19/03/32. Sede própria. Valor: Cr\$ 200.000,00. Sócios inscritos: 1.300, quites: 650. Mantém escolas de corte e costura e banda de música.

BATURITÉ – Fundado a 13/01/24. Sede própria localizada na Praça Matriz, 147. Sócios Inscritos: 825, quites: 256. Mantém assistência médica e dentaria; escolas de corte, costura, culinária e de alfabetização.

BREJO SANTO – Fundado a 19/03/50. Sede própria na rua Cel. Manuel Inácio s/n. Sócios inscritos: 335, quites: 277. Mantém escolas de alfabetização e oferece assistência médica, dentária e farmacêutica.

CAMPOS SALES – Fundado a 19/03/46. Sede própria no valor de Cr\$ 60.000,00. Sócios inscritos: 120, quites: 90. Mantém escolas e oferece assistência médica e dentária.

CARIRIAÇU – Fundado a 19/03/47. Sede própria no valor de Cr\$ 200.000,00. Sócios Inscritos: 800, quites: 380. Mantém escolas de alfabetização e oferece assistência médica e dentária.

CARIÚS – Fundado a 09/11/47. Sede própria localizada na rua 15 de Novembro. Sócios Inscritos: 120, quites: 37.

CARIRÉ – Fundado a 25/02/44. Sócios Inscritos: 400, quites: 100. Oferece assistência médica e dentária.

COREAÚ – Fundado a 09/07/39. Sede própria no valor de Cr\$ 800.000,00. Sócios Inscritos: 677, quites: 507. Mantém o Ginásio Nossa Senhora da Piedade e oferece assistência dentária.

CRATEÚS – Fundado a 19/03/45. Sócios inscritos: 1.000, quites: 510. Mantém escolas e oferece assistência médica. Possui Caixa de crédito aos associados.

CRATO – Fundado a 11/04/39. Sede própria localizada na rua Pedro II. Sócios Inscritos: 3.000, quites: 2.683. Mantém escolas e oferece assistência médica, dentária e farmacêutica. Possui uma cooperativa de consumo.

GUARACIBA DO NORTE – Fundado a 04/10/41. Sede própria. Sócios inscritos: 320, quites: 150.

GUARAMIRANGA – Fundado em 1962.

CHAVAL – Fundado a 01/07/51. Mantém escolas e presta assistência Social.

GROAIRAS – Fundado a 03/10/57. Mantém escolas e presta assistência médica.

GUANACÉS – Fundado a 15/11/52. Sede própria.

CURÚ – Fundado a 15/11/50. Mantém escolas e presta assistência médica.

ICÓ – Fundado a 06/01/47. Sede própria. Sócios inscritos: 510, quites: 400. Mantém escolas e oferece assistência médica, dentária e farmacêutica.

IBIAPINA – Fundado a 19/03/42. Sede própria. Em 1951 tinha 800 sócios.

INDEPENDENCIA – Fundado a 29/06/49. Sede própria localizada na Praça do Mercado, s/n. Sócios Inscritos: 400, quites: 120. Mantém escolas.

IGUATÚ – Fundado a 01/11/36. Sede própria na rua Cel. Belizário, s/n. Sócios Inscritos: 590, quites: 510. Mantém escolas e oferece assistência médica e dentária. O *túmulo do operário* foi construído em janeiro de 1951.

IPÚ – Fundado a 17/01/32. Sócios inscritos: 893, quites: 200. Mantém assistência médica e dentária. Possui silos para armazenagem de cereais.

IPUEIRAS – Fundado a 19/03/32. Sede própria no valor de Cr\$ 600.000,00. Mobiliário no valor de Cr\$ 100.000,00. Sócios Inscritos: 1.200, quites: 790. Mantém escolas e oferece assistência Médica e dentária. Tem ainda uma banda de musica no valor de Cr\$ 120.000,00.

ITAPAGÉ – Fundado a 01/01/51. Sócios inscritos: 1.200, quites: 750. Mantém escolas e presta assistência médica. Dispõe de um túmulo operário, onde são enterrados os restos mortais dos circelistas.

ITAPEBUÇU – Fundado a 15/05/50.

ITAPIPOCA – Fundado a 02/10/42. Sede própria no valor de Cr\$ 1.000.000,00. Sócios Inscritos: 559, quites: 3.896. Possui 64 escolas em funcionamento, com 3.500 alunos; dois centros de iniciação profissional; presta assistência médica e dentária. Possui 40 bandeiras circelistas. A Casa do Professor foi construída em 1961. Vários dos seus núcleos possuem sede própria.

JAGUARIBE – Fundado a 11/09/46.

JARDIM – Fundado a 20/10/37. Sede própria. Sócios Inscritos: 977; quites: 457. Mantém escolas e assistência médica e dentária; possui uma banda de musica e dispõe de 4 máquinas agrícolas para atender os circelistas.

JATI – Fundado a 19/03/32. Sede própria. Mantém escolas.

JUAZEIRO DO NORTE – Fundado a 13/04/29. Sede própria no valor de Cr\$ 800.000,00. Sócios Inscritos: 1.889, quites: 1.846. Mantém escolas e presta

assistência médica e dentária. Tem uma banda de música no valor de Cr\$ 70.000,00.

JUCÁS – Fundado a 14/05/53. Sócios inscritos: 160, quites: 105. Mantém escola de alfabetização.

LAVRAS DA MANGABEIRA – Fundado a 01/11/40. Endereço: Trav. São Vicente, s/n. Sócios inscritos: 245; quites: 100. Mantém escolas e oferece assistência médica e dentária.

LIMOEIRO DO NORTE – Fundado em 1928. Foi reorganizado 11/05/41 após um período de inatividade. Sede própria no valor de Cr\$ 1.000.000,00. Sócios Inscritos: 800; quites: 560. Mantém Liceu de Artes e Ofícios, cursos de alfabetização e curso de datilografia. Oferece assistência médica e dentária.

MADALENA - Fundado a 27/08/1950. Sócios inscritos: 350; Quitas: 150; Mantém escolas e assistência pecuniária aos associados;

MARACANAÚ – Fundado a 31/08/52. Sede própria na rua Antônio Alencar, s/n, Sócios Inscritos: 1.570, quites: 600. Possui escolas.

MARANGUAPE – Fundado a 01/05/38. Sede própria na Praça da Bandeira. Sócios Inscritos: 1.065, quites: 350. Mantém escolas e oferece assistência médica e dentária. Em 1951 fundou um núcleo circulista em Santo Antônio de Pitaguari.

MARCO- fundado a 1º de maio de 1945. Tem sede própria e mantém escolas.

MARTINÓPOLE- C. O . Rural de. Fundado a 14 de maio de 1957.

MASSAPÊ – Fundado a 15 de maio de 1949. Sede própria a rua Antero Coelho s/n. sócios inscritos: 97; quites 68; mantém escolas e presta assistência médico – dentária.

MILAGRES - Fundado a 08/02/1953. Sócios inscritos: 102; quites: 80;

MILHÃ – CÍRCULO OPERÁRIO RURAL DE. Fundado em maio de 1961.

MOMBAÇA – Fundado a 1º de maio de 1945. Sócios inscritos :560; quites:275; mantém escolas;

MONSENHOR TABOSA – Sócios inscritos: 187; quites : 87; mantém escolas e assistência médico-dentária;

MORADA NOVA – C. O RURAL DE. Fundado em 06/08/1944. Sede no valor de Cr\$ 200.000,00; sócios inscritos: 800; quites: 240; mantém escolas de alfabetização. Presta assistência médico- dentária; dispõe de oficina para construção de caixões funerários. Possui outro prédio na fazenda “Seleção”. Dispõe de silos para armazenar os produtos agrícolas dos associados.

MORRINHOS – Fundado em 1º de Maio de 1959.(centésimo círculo operário do Ceará).

MULUNGU – Fundado a 06/07/1952. Sede própria à Praça da Matriz. Sócios inscritos: 200; quites: 158; mantém assistência dentária;

NOVA RUSSAS- Fundado a 19/03/1941. Sede própria no valor de Cr\$ 600.000,00; Sócios inscritos: 3.859; quites: 3750; mantém um Ginásio, um Hospital, uma Farmácia no valor de Cr\$ 700.000,00; uma Fábrica de Mosaicos, terrenos, uma Carteira de Crédito com movimento superior a Cr\$ 2.000.000,00.

NOVO ORIENTE - Fundado a 19/07/1954.

PACAJÚS - Fundado a 7/11/1949; Sede própria no valor de Cr\$ 150.000,00. Sócios inscritos : 150; quites: 110;

PACATUBA - Fundado a 19/03/1919. Sede própria. Sócios inscritos : 350; quites; 159; mantém escolas e presta assistência médico-dentária;

PARAMBU - Fundado a 22/07/1951.

PARACURU – Fundado em 1960. Sócios fundadores: 104. Categoria: trabalhadores do campo e pescadores.

PENTECOSTES - Fundado a 29/01/1953; Sócios inscritos: 293; quites: 103; mantém escolas e oferece assistência médico-dentária e farmacêutica.

PEREIRO – Fundado em 29/06/1960. Sócios fundadores: 700. Categoria: trabalhadores rurais. Mantém escola noturna para alfabetização de adultos, com matrícula de 65 alunos em 1960.

PIQUET CARNEIRO - Fundado a 19/03/1949. Sócios inscritos: 297; quites: 249; mantém escolas.

PORANGA – Fundado a 26/09/1954. Sócios inscritos: 1643; quites: 987; mantém escolas e uma Carteira de Crédito com movimento superior a Cr\$ 110.000,00.

QUIXADÁ - Fundado a 15/08/1951.

QUIXERAMOBIM – Fundado a 15/10/1933. Prédio próprio no valor de Cr\$ 200.000,00. Mantém escolas e presta assistência médico-dentária.

QUIXELÔ – Fundado a 1º de Janeiro de 1959. Na época Quixelô era distrito de Iguatú.

QUIXERÉ – Fundado em 27/11/1960.

REDENÇÃO- Fundado a 18/10/1925. Sede própria a Rua Pe. José Távora. Sócios inscritos: 310; quites: 74; mantém escolas de alfabetização, corte e costura; presta assistência médico-dentária;

RERIUTABA- Fundado a 11/08/1948.

RUSSAS – Fundado a 07/09/1946. Possui Sede própria. Sócios inscritos: 286; quites: 112; mantém escolas.

SÃO BENEDITO – Fundado a 19/03/1929. Sede própria. Sócios inscritos: 2100; quites: 1700; mantém assistência médico-dentária.

SÃO GONÇALO DO AMARANTE – Fundado a 01 de maio de 1962.

SANTANÓPOLE - Não há indicativo de data de fundação. A Fortaleza, ano I, nº 43, 21/07/1951, divulga que este Círculo tem 6 núcleos: 1- sede; 2- Boa Saúde; 3- Dom Vital; 4- Nova Olinda; 5- Jurema e 6- Conceição.

SANTA QUITÉRIA – Fundado a 27/06/1937.

SANTANA DO ACARAÚ - Fundado a 03/09/1940. Possui sede própria. Mantém escolas de alfabetização e de corte e costura. Sócios inscritos: 350; quites: 150.

SANTANA DO CARIRI – Fundado a 18/11/1943.

SENADOR POMPEU – Fundado a 06/01/1940. Possui Sede própria à Rua Rui Barbosa nº 43, mantém escolas e presta assistência médico-dentária. Sócios inscritos: 570; quites: 270; possui mausoléu para os circulistas.

SOBRAL – Fundado a 1º de janeiro de 1921. Prédios próprios: 03; Sócios inscritos: 609; quites: 397; mantém escolas de alfabetização, corte e costura; tem ainda 01 escola profissional; presta assistência médico-dentária; dispõe de Lactário; possui uma serralha completa no valor de Cr\$ 500.000,00.

SOLONÓPOLE – Fundado a 15/10/1953. Sede própria. Sócios inscritos: 140; quites: 120.

TAMBORIL - Fundado a 19 /03/1929. Possui Sede própria. Sócios inscritos: 1646;quites: 1001. Mantém escolas de alfabetização e corte e costura. Possui uma Fazenda na localidade de Canaã; possui ainda Lactário, Farmácia e Carteira de Crédito.

TIANGUÁ - Fundado a 12/11/1931. Sede própria. Sócios inscritos: 200; quites: 100.

UBAJARA - Fundado em 12/07/1959.

VIÇOSA DO CEARÁ - Fundado a 06/07/1932.

ANEXO II

Hino do Círculo Operário de Sobral*

Do trabalho indefesos romeiros,
E da igreja e da Pátria soldados,
Nos adornam trez nomes sagrados:
Operários, Crhistãos, Brasileiros.

CÔRO

Abraçamos contentes a escola
Cujos mestres – trabalho e virtude –
Um – aos corpos dá vida e saúde,
Outro – as penas das almas consola.

Somos todos – que nobre incentivo
Para os nossos pesados labores! –
Campeões do progresso, factores
Da riqueza e do bem colectivo.

Nossas blusas grosseiras e pobres
Guardam peitos sinceros e honrados
Não invejam de certos os brocados
Nem as sedas dos ricos, dos nobres.

Diligentes, activos e honestos
Nos misteres dos nossos offícios
A indolência evitamos os vícios
Sempre todas as classes funestos.
Nossos árduos deveres cumprindo
Na officina, no lar no templo,
Servirá nossa vida de exemplo
A quem for nossos passos seguindo.

E no fim destas luctas penosas,
Da Victória teremos as palmas,
E no seio de Deus nossas almas
Viverão para sempre ditosas.

O hino foi escrito pelo padre Antônio Tomáz na década de 1920.

Fonte: JUNIOR, Agenor Soares e Silva. **“A Cidade Disciplinada”: A Igreja Católica e os Trabalhadores Urbanos em Sobral-Ceará (1920-1925)**. Recife, 2002. Dissertação de mestrado em História. UFP.

ANEXO III

Hino dos Trabalhadores Brasileiros*

Companheiros, cerremos fileira!
Olhos fitos no ideal que reluz;
Empunhemos a nossa bandeira,
Cujas cores abraçam a cruz!
Ardorosos na luta, queremos
O operário fazer respeitar;
Contra as forças do mal defendemos
Nosso Deus, nosso pão, nosso lar!

Estrilho:

Nós trazemos um lema que encerra
Um programa de paz e de amor,
Pois queremos que acabem na terra
A opressão, a injustiça, o terror.

Nós não somos mendigos ou escravos,
Mas pioneiros de um grande porvir;
Nós iremos com audácia de bravos,
Nova ordem social construir.
Vencerá nossa marcha gloriosa!
Vem depressa marchar, meu irmão!
Surgirá da jornada afanosa
Um Brasil operário cristão!

* Fonte: **MANUAL DO CÍRCULO OPERÁRIO**. CNOC. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1939

ANEXO IV

Canção circulista*

O Círculo Operário
Nos tempos atuais
Encerra qual sacrário
Os nossos ideais:
Os homens do trabalho
Num bloco só fundir,
Co' o próprio braço e malho
Forjar o seu porvir.

De Deus a lei divina
Inspira a nossa lei,
De Cristo a sã doutrina
Orienta a nossa grei;
Trabalho é nosso lema,
Respeito, ordem e paz;
Da cruz o sacro emblema
Nossa Bandeira traz.

Queremos garantias,
De lei e proteção;
Queremos moradias,
Trabalho e instrução ;
Um são distributismo
Regule o capital ;
Com brio e dinamismo
Sirvamos nosso ideal.

Lutemos, camaradas,
Jamais descoroçar!
Busquemos, de mãos dadas,
O nosso bem estar ;
Sozinhos, desunidos,
Não somos de temer ;
Marchando sempre unidos,
Formamos um poder.

Aos sindicatos, viva!
A escola um viva igual!
Um viva á cooperativa!
Um viva ao pessoal!
Pró Circulo Operário,
O' sócios, trabalhar;
Cumprí o seu fadário
De glórias sem par!

